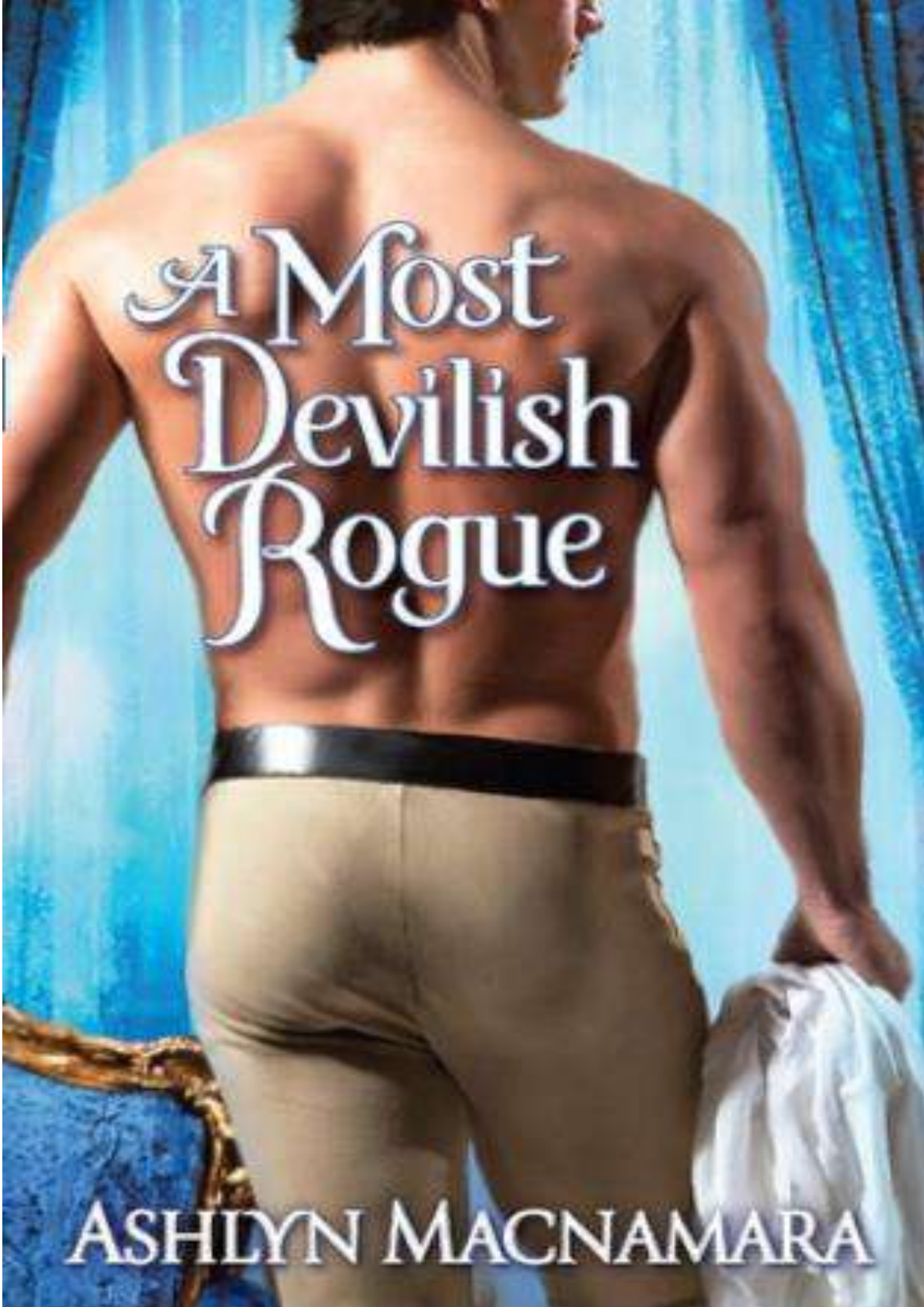

A Most Devilish Rogue
Ashlyn Macnamara

O Trapaceiro Mais Diabólico

Ashlyn Macnamara

(Série Mais 02)

Tradução Independente

Para Kathlelen

Você me ajudou a sair de uma enrascada neste em mais de uma maneira.



Sinopse



Anos atrás, quando Isabelle Mears ainda era uma jovem senhorita apaixonada demais para saber mais, ela entregou sua inocência a um homem desonroso. Embora arruinada e expulsa da sociedade, ela trabalhou duro para proteger seu filho ilegítimo, Jack. Tendo renunciado aos homens em sua vida tranquila, mas digna, Isabelle não está preparada para o desejo profundo que a dilacera quando um belo estranho resgata seu indisciplinado filho de seis anos das ondas do oceano.

George Upperton é um homem com problemas com dívidas, mulheres e uma família intrometida. Ele é, ao que tudo indica, o último cavalheiro por quem Isabelle deveria ser atraída. Mas a solidão é uma amante difícil e a cautela dá lugar ao desejo... embora Isabelle esteja convencida de que a felicidade não pode ser encontrada nos braços de um malandro tão diabólico. Somente quando Jack é sequestrado Isabelle descobre a verdadeira profundidade da devoção de George — e até onde um bom homem pode ir para lutar pela mulher cujo amor é tudo o que importa.

Capítulo 1



Londres, 1820

SE A chave para anunciar más notícias tivesse uma hora específica, a amante de George Upperton sabia quando fazer a entrega.

— O quê? — Alguma emoção estranha invadiu a névoa da felicidade pós-coito, e ele rolou para o lado. — Por um momento, eu poderia jurar que você me disse que estava grávida.

Lucy Padgett fechou as pálpebras de cílios longos. O cabelo loiro avermelhado caia sobre os ombros nus e seios enquanto ela abaixava a cabeça. — Eu disse.

Como um soco no estômago, sua afirmação tirou o ar de seus pulmões. Ele franziu a testa e se apoiou em um cotovelo. — Você tem certeza? Isso seria uma piada muito ruim.

Ela deitou de costas, os braços cruzados, e seus olhos se abriram, cintilando com fogo azul. — Piada? — Seu tom melódico usual endureceu como gelo. — Isso não é uma piada. Como você pode ter o coração tão frio a ponto de me questionar?

— Eu só… — O punho ainda estava plantado em seu estômago. Ele se acomodou na boca do estômago, duro e pesado, mas conseguiu se expandir até que respirar se tornou uma tarefa árdua. Ele puxou uma golfada de ar pelo nariz e tentou novamente. — Achei que demorava um pouco até que uma mulher soubesse.

— Já se passaram dois meses desde a última vez que tive meu ciclo. Eles nunca se atrasaram antes.

George contou os dias em sua cabeça. Dois meses… oito semanas… Muita coisa poderia acontecer a um homem nesse tempo. Em seu caso particular, muita coisa aconteceu. O suficiente para tirar pensamentos de Lucy de sua mente alegando que ela estava indisposta.

— Eu pensei…

Ela não ia gostar de seu próximo comentário, mas caramba, ele tinha que dizer. Não era provável que eles passassem o resto da noite de uma forma mais agradável. Não depois de seu anúncio. O mero pensamento de se envolver em esportes de cama adicionais agora fazia aquele peso em seu estômago torcer até que ele sentiu vontade de lançar suas contas.

— Achei que você tivesse tomado os cuidados habituais.

— Precauções? — Ela puxou o lençol do colchão e se enrolou nele, da mesma forma que se cobriu de indignação. — Precauções? — ela guinchou uma nota alta na sílaba final. — Você sabe muito bem que os cuidados usuais não são garantia. Da última vez que olhei, não gerei um pirralho sozinho. Tive ajuda.

George não tinha ideia de como responder a isso. Ela estava certa, é claro, mas a verdade era que ele nunca havia considerado o assunto. Ele presumiu que ela se protegeu porque isso é o que as mulheres sábias de sua posição faziam… garantia que nenhuma consequência desagradável pudesse custar-lhes seu protetor.

A sensação de peso se intensificou até que gotas de suor surgiram em sua testa. Quão frio ele se tornou. Que cínico. Ele afastou a imagem de Lucy embalando um menino minúsculo de olhos cinza com ondas de cabelo castanho claro. O filho dele. Quem diria? Claro, ele não poderia rejeitar a pobre mulher em um momento como este. A amarga experiência ensinou-lhe como era a rejeição.

— Não faz sentido discutir sobre o assunto agora que é tarde demais. — Ele ficou surpreso com o quão razoável soou, a voz baixa, firme, quase reconfortante. Quase o deixou à vontade.

Por pouco.

A ideia de criar um filho o fez querer encontrar um esconderijo bem organizado em seu armário de bebidas e lá permanecer pelas próximas décadas.

Maldição, ele não podia pagar por isso. Ele mal podia pagar Lucy, especialmente porque ela revelou um gosto bastante extravagante no que dizia respeito a seu guarda-roupa. A última conta de sua modista o mandou direto para seu clube.

Ela olhou para ele. — O que você planeja fazer sobre isso?

— Fazer? — Dane-se se ele sabia. A garrafa de conhaque na sala de estar o chamava no momento. Era uma sereia triste, tão sedutora quanto Lorelei.

— Você… você não quer que eu o crie quer? — ela fungou. — Vou exigir alguma forma de compensação. De que outra forma vou viver? Certamente não encontrarei outro cavalheiro, uma vez que estiver gorda com sua roupa.

— Não, não, claro que não. — Ele jogou as pernas para o lado da cama e tirou o roupão da pilha de roupas no chão. Como ele o havia derramado alegremente uma hora antes. Quão cegamente. — Quando você mencionou compensação, o que você tinha em mente?

Ele prestou muita atenção em seu roupão enquanto esperava sua resposta. Ele deslizou os braços por mangas pesadas de veludo. Mais fácil se concentrar no peso do tecido em seus ombros do que testemunhar sua avaliação calculada do que ela poderia ganhar com ele.

Mas ele devia a ela agora, não é? Ele sentiu o prazer do corpo dela e agora deve pagar um preço muito mais alto do que jamais imaginou.

— Vou precisar da casa, é claro.

— Claro. — ele repetiu. Ele já estava com o aluguel atrasado.

— E vou precisar manter a cozinheira e minha empregada. Ah, e um novo guarda-roupa. — Ele a imaginou marcando itens nos dedos. Ele não conseguia olhar. — Em alguns meses, não poderei usar meus vestidos.

O peso em seu estômago despencou e ele afundou no colchão. Ele cobriu a boca com uma mão até ter certeza de que seu jantar ficaria onde devia antes de deslizar os dedos pelo queixo. — Lucy, minha querida, eu queria te dizer… Quer dizer, eu realmente deveria ter dito algo antes. Isso é totalmente minha culpa. Mas honestamente…

As palavras não vinham. George Upperton era conhecido entre seu círculo de amigos como um sagacidade primordial, mas agora, quando mais importava, ele não conseguia invocar os meios para revelar a verdade.

— Como você ousa! — Ela saltou da cama, arrastando o lençol junto com ela.

— Seu patife absoluto. Como você poderia?

Ele olhou de soslaio para ela. Seu rosto tinha ficado de um vermelho profundo que contrastava horrivelmente com seu cabelo ruivo dourado. — Como ouso o quê?

— Acabei de anunciar que estou em uma condição delicada e você tem a coragem colossal de me despachar?

Nada delicado, ele quase bufou. As notas que ela tinha acabado de atingir com aquele grito eram quase puras o suficiente para quebrar o cristal ou fazer os cães próximos uivarem. Lucy era tudo menos delicada. Mas então o resto de sua acusação o atingiu no estômago. — Despachar você? Eu não sou tão frio assim. O que eu estava tentando te dizer…

Uma batida na porta do quarto o interrompeu. — Que diabo?

Lucy olhou para ele com os olhos arregalados e puxou o lençol com mais firmeza sobre os seios. As batidas aumentaram até que a pesada prancha de carvalho chacoalhou nas dobradiças.

George apertou o cinto, levantou-se e caminhou pela sala. — Aqui agora. Qual é o significado…

Ele abriu a porta e se viu cara a cara com um homem alto de cabelos escuros. Um sobretudo surrado cobria um colete de linho áspero e calças largas.

Atrás do intruso, a empregada de Lucy se encolheu. — Com licença, senhor, mas ele insistiu.

George estreitou os olhos e olhou por cima do ombro para Lucy. — Posso perguntar o que esse homem está fazendo, exigindo entrada em seus aposentos particulares?

— Não vim aqui procurando por ela — rosnou o recém-chegado. Ele agarrou George pela frente de seu roupão e o chicoteou. — Vim aqui te procurar.

Ele? Que diabo? George forçou um sorriso nos lábios. — Você poderia facilmente ter me encontrado em minha casa durante o horário normal de visitas. Agora você me pegou completamente despreparado para companhia. Suponha que possamos persuadir a empregada a colocar a chaleira no fogo, mas infelizmente já terminamos os biscoitos.

Enquanto avançava ruidosamente, ele avaliou o estranho… uma velha estratégia sua que o livrou de uma série de situações difíceis. O rosto do homem era quadrado, coberto por uma barra de sobrancelhas escuras com uma linha firme de boca na base. Nada de familiar nisso. Certamente nenhum de seus credores. Seus credores tinham um melhor senso de estilo.

O estranho deu uma sacudida em George. — Eu não vim prestar minhas homenagens.

— Sim, estou tendo essa impressão. — Ele permitiu que a indiferença infundisse seu tom. Era muito difícil inspecionar as unhas quando um grande idiota segurava um pela lapela. — Mas suponha que, antes de me espancar, você me diga quem é e explique porquê. Então, posso ou não aceitar como um homem, dependendo se concordo ou não com você.

Outra sacudida, esta forte o suficiente para fazer seus dentes de trás baterem. — Você falas demais.

— Foi o que me disseram. — Ele sorriu… vitorioso, ele esperava… enquanto fechava a mão em punho. Ele aprendeu o truque quando era estudante. Faça o oponente pensar que ele tentaria sair da luta com seu charme até que o oponente sucumbisse a uma falsa sensação de segurança. Essa estratégia, combinada com um senso inato de quando se abaixar, salvou seu nariz em mais de uma ocasião. — Não consigo evitar, no entanto. Tenho tendência a tagarelar quando ameaçado. Entende? Lá vou eu de novo.

— Cale a boca e ouça. Você colocou minha irmã em uma condição delicada e estou aqui para ver você pagar.

— Irmã? — Apesar de tudo, ele lançou outro olhar na direção de Lucy. — Você nunca disse que tinha família. — Uma família de ossos muito grandes, a julgar pela aparência de seu irmão. Lucy deve ser uma exceção. — Minha querida, você está escondendo de mim.

No instante em que as palavras saíram, algo semelhante a uma marreta bateu em sua mandíbula. Sua cabeça estalou para trás. A dor explodiu do ponto de contato e sacudiu seu corpo. O chão se inclinou e ele cambaleou para trás, caindo aos pés da cama.

Certo. Lucy poderia esperar. É hora de se concentrar no perigo que corria.

Ignorando o zumbido em seus ouvidos, ele se levantou e avançou, mas seu oponente estava claramente em melhor prática quando se tratava de socos. Apesar de seu tamanho, o irmão de Lucy dançava levemente na ponta dos pés, o punho esquerdo levantado para bloquear, enquanto o direito pairava ameaçadoramente na altura do queixo.

George fintou para a esquerda antes de golpear com a direita, mas seu oponente antecipou o movimento e saiu do alcance. O golpe encontrou mero ar, e George cambaleou mais uma vez, sem equilíbrio, sua guarda baixando. Outro soco passou zunindo por sua orelha, mas o segundo golpe o acertou diretamente no queixo.

Estrelas dançaram diante de seus olhos e a sala cambaleou. Ele tropeçou de lado em algo macio e flexível. Lucy o firmou, mas ele não permitiria que ela o distraísse novamente. Ele manteve o olhar fixo em seu oponente, que ficou para trás no momento, com o rosto vermelho, talvez, mas sua respiração estável e regular.

O bastardo arrogante.

Com um rugido, George se lançou.

— Roger! — Lucy gritou.

George ignorou a moça ingrata e foi para a garganta de Roger. O macaco se esquivou, mas George o antecipou e refletiu o movimento, agarrando seu inimigo pela cintura e puxando-o para o chão. Ele aplicou seu peso na barriga do outro homem, plantou a mão em sua garganta e puxou o punho para trás.

— George! Pare! Agora!

O choro apavorado de Lucy o fez hesitar um pouco mais. Roger levantou seu peso e a mão de George escorregou. A próxima coisa que ele soube foi que a parte de trás de sua cabeça atingiu o piso de carvalho implacável. O peso de Roger o derrubou e forçou o ar de seus pulmões. Ele engasgou, mas não puxou nada. A escuridão envolveu as bordas de sua visão.

— Pare. — ele resmungou. O peso em seu peito diminuiu apenas o suficiente. — O que você quer de mim?

— Isso é bastante simples. — Roger rosnou. Nem mesmo sem fôlego, o canalha. — Você deve fazer o certo pela minha irmã.

Uma sacudida crua de pânico atravessou seu intestino. Roger não poderia insistir em um casamento, não quando vários protetores o precederam na cama de Lucy. — O que isso deveria significar?

— Simples. Você a colocou em apuros. Você vai tirá-la disso. A compensação adequada deve abafar as coisas.

— Isso é chantagem.

Roger sorriu, uma espécie de sorriso malicioso que interrompeu as linhas quadradas de seu rosto. — Isso é um bom negócio. E você poderia ter evitado totalmente o assunto se mantivesse seu pau no bolso.

— Se eu tivesse mantido… Que tal tudo…

Roger apertou ainda mais a garganta de George e o sacudiu. — Os outros não foram pegos agora, foram?

— Ela pode ficar com a casa, e eu pagarei uma quantia para cuidar de sua manutenção. Além disso… — Ele não podia admitir sua verdadeira situação financeira. Não com um macaco sentado em seu peito.

— Além disso, você vai desembolsar uma boa soma. Minha irmã merece uma vida decente.

* * *

— Queixo para cima, querida, quase chegamos.

George suprimiu a vontade de revirar os olhos para a mãe. Caramba, como a mulher podia sorrir tanto depois de horas empurrando uma carruagem pelo interior de Kent, abarrotada com suas irmãs?

Ele trocou um olhar com Henrietta. — E não muito cedo, — disse ele. — eu mal posso suportar a emoção. Iremos deixar de ser embalados nesta carruagem para ser embalados em uma casa com muitas pessoas.

Como ele temia a ideia de uma festa no campo, mesmo que o anfitrião fosse seu amigo mais antigo. Pior do que uma baile, porque as coisas ruins duravam dias

em vez de meras horas. Ele só podia escapar para a sala de jogos à noite, enquanto o resto do dia ele teria que encontrar meios mais criativos de evitar as tentativas casamenteiras de sua mãe.

O sorriso da mãe não vacilava em nada. — Sarcasmo não combina com você. Quantas vezes devo dizer isso? Seria melhor você ter uma aparência brilhante. Eu imagino que você atrairia uma noiva se fizesse isso.

Seu olho esquerdo estremeceu, como sempre acontecia quando sua mãe tocava no assunto do casamento. — Vou manter isso em mente, caso deseje atrair uma. O que você recomenda? Algo assim?

Ele fez uma careta exagerada que sem dúvida expôs seus dentes de trás. Deus sabia que suas bochechas doeriam em breve se ele mantivesse a expressão. Não ajudou em nada o fato de ele ter mexido em alguns hematomas no processo.

— Pare neste instante. — a mãe o repreendeu, mas a mulher, que Deus a ajudasse, nunca conseguiu soar severa. — Pena que você teve que aparecer com a cara toda espancada. Por que vocês homens insistem em bater uns nos outros está além da minha compreensão.

— É esporte. — Ele explicou o estado de seu rosto com uma pequena mentira sobre um incidente em seu clube de boxe. A verdade só daria vapores a mãe.

— Seja como for, tenho certeza de que você conhecerá sua futura esposa nesta festa. Veja se não.

— Ah sim, e Henny… — piscou para a irmã —… ao mesmo tempo anunciará seu noivado com o cavalariço. Ora, acho que um casamento duplo no Natal será a coisa certa.

A mãe fez uma tentativa corajosa de franzir as sobrancelhas, mas uma explosão de risos arruinou o efeito. — Você é completamente incorrigível.

— Mas infinitamente divertido.

— E se você jogasse esse feitiço em algumas moças…

Ele ergueu a mão. — Madame, acredito que não sou o único incorrigível neste meio de transporte.

— Absurdo. — A mãe jogou a cabeça para o lado, e as penas de seu gorro

esfregaram o rosto de sua irmã Catherine. — Estou simplesmente determinada. Existe uma diferença.

Determinada e obcecada foram os termos que imediatamente saltaram para a língua de George, mas ele os engoliu de volta. Claro que sua mãe queria vê-lo casado. Era o que as mães faziam quando seus filhos atingiam a idade apropriada. Infelizmente, a ideia dele de uma idade apropriada não concordava com a dela por pelo menos dez anos. Pelo amor de Deus, ele tinha apenas vinte e nove anos.

Ele chamou a atenção de Henrietta. Sua boca se contraiu em um sorriso que dizia tudo. Melhor você do que eu. Mas mamãe logo voltaria sua atenção para a filha mais velha. Sem dúvida no momento em que chegaram ao salão de baile onde Revelstoke hospedava seu pianoforte. Juntamente com o que Catherine fingia ser uma cantora…

Apesar de si mesmo, ele estremeceu. Ele rezou para que Revelstoke tivesse providenciado um bom estoque de conhaque. Ele iria precisar em grandes quantidades se a mãe insistisse em que suas filhas fizessem parte do entretenimento.

A carruagem parou no início de uma estrada extensa. A massa de pedra de Shoreford House rosa cinza contra um fundo de céu azul. Gritos vieram do pátio, seguidos por um baque pesado quando os degraus foram baixados. George saltou de seu assento, pronto para tirar sua mãe e irmãs do transporte.

Uma brisa suave trouxe o sabor salgado do Canal, misturado com um peso terreno que flutuava dos estábulos. O sol do final de agosto batia suavemente em sua nuca.

— Eu não posso acreditar que você realmente veio.

George se virou para encontrar Benedict Revelstoke se aproximando da casa principal, com um sorriso no rosto. Mas quando ele se aproximou da carruagem, seu olhar percorreu os hematomas no rosto de George e ele franziu a testa. — Eu estava prestes a perguntar até onde sua mãe torceu seu braço para convencê-lo a vir, mas vejo que ela recorreu a meios mais drásticos de persuasão.

George apertou a mão de seu velho amigo. — Faça-me um favor e não chame atenção para isso. Se eu tiver que aguentar mais compressas geladas e piar

femininos, é melhor ir para a cama definitivamente.

— Não sei como você vai evitar. Assim que Julia der uma boa olhada em você…

— Pensei ter ouvido meu nome. — A esposa de Benedict apareceu um pouco além de seu ombro, cambaleando para fora da casa na esteira de uma barriga proeminente. — Fofocando sobre mim pelas minhas costas, não é?

Revelstoke pegou sua mão e puxou-a para perto. Seus dedos se entrelaçaram como se eles não pudessem suportar por um instante separados. Por um momento, eles olharam nos olhos um do outro, e naquele breve espaço de tempo, eles desapareceram em seu próprio reino, onde apenas o par deles existia. Durou menos de dois segundos, mas uma conversa inteira pareceu se passar entre eles.

Lutando contra a vontade de revirar os olhos, George pigarreou. Deus o ajude se algum dia ele se tornar tão apaixonado.

Julia se adiantou para inspecioná-lo mais de perto. — Meu Deus, o que você fez na sua cara?

Revelstoke ergueu as sobrancelhas e encolheu os ombros.

George certificou-se de que sua mãe estava bem ocupada em orientar os criados com a bagagem antes de responder. — Saiu do lado errado de uma discussão bastante vigorosa, mas não tenha medo. Parece pior do que é.

— Vou pedir a Cook que faça um cataplasma para tirar o hematoma.

Ele balançou sua cabeça. — Não se preocupe por minha causa. Tenho certeza de que ela tem o suficiente para supervisionar com uma casa cheia de convidados pela próxima semana.

— Não é nenhum problema. Ela adquire uma mistura especial de ervas de uma mulher da aldeia. Um de nossos filhotes teve problemas há algum tempo, mas as ervas fizeram sua mágica e ele está de volta como novo. Ultrapassa o resto deles de uma ponta a outra do pasto, e sem esforço.

— Quer me dar um remédio que usa em cavalos? Acho que vou passar, obrigado. Só me faça o serviço de não contar suas ideias para minha mãe.

Com uma risada, Julia pediu licença e saiu para cumprimentar as irmãs

Upperton. Logo o ar se encheu de conversas agudas.

George inclinou a cabeça na direção da casa principal. — Você parece terrivelmente feliz.

Revelstoke balançou a cabeça. — Sempre com uma frase floreada, eu vejo. — Ele deu alguns passos na direção da casa. — Você está pensando em me dizer o que realmente está fazendo aqui?

— Estou participando de uma festa no campo a seu convite. Por que mais eu teria vindo a não ser para passar alguns dias rusticando aqui com seus convidados? Não consigo pensar em nada que eu preferiria estar fazendo.

Revelstoke lançou-lhe um olhar de esguelha. — Engane outro. Ao que parece, você se meteu em uma encrenca ou outra, então ou você veio aqui para se esconder ou quer que eu o tire disso.

— Você não tem cavalos que gostaria de exibir? — George acenou com a mão na direção dos estábulos. — Uma nova égua de cria? Talvez aquele que produziu o próximo campeão em Ascot?

Revelstoke deu um tapinha em seu ombro. — Tão ruim, não é? Talvez você prefira tomar uma bebida no meu escritório enquanto as senhoras se acomodam. E se você tiver algum pecado específico que gostaria de confessar, eu ouvirei.

— Nunca gostei muito de religião. Muitas distrações contam contra você, você sabe. Mas se o vigário oferecesse conhaque a seus paroquianos, ele poderia descobrir que tinha um rebanho mais fiel. — Eles subiram os degraus da frente na esteira de dois lacaios fazendo malabarismos com um baú. A visão o lembrou de suas irmãs e do conselho de sua mãe para embalar seu guarda-roupa inteiro. — Quem você convidou para este encontro?

— Todo mundo, mas Julia achou que devíamos mostrar um pouco de hospitalidade. Se eu puder interessar alguns dos homens em adquirir alguns cavalos enquanto eles estão aqui, tudo pode valer a pena. Ela convidou sua irmã, é claro, e meu irmão, e já que vamos receber um conde e um marquês, naturalmente metade da sociedade educada achou por bem implorar um convite, quer quiséssemos vê-los ou não.

George suprimiu um gemido. — Isso significa que minha mãe vai insistir em colocar minhas irmãs em exibição. Diga-me que seu piano está desafinado. Eles podem realmente soar decentes pela primeira vez.

— Na verdade, Julia mandou alguém dar uma olhada.

— Melhor pedir outra caixa de conhaque, que eu possa reservar para meu uso pessoal.

Revelstoke fechou a porta de seu escritório e caminhou até uma mesa lateral onde uma garrafa de cristal lapidado estava cheia de um rico líquido âmbar. Ele serviu duas medidas saudáveis e entregou a George um copo. George olhou para as profundezas rodopiantes e considerou engolir o álcool de uma vez. Não, é melhor não beber demais, senão ele pode confessar mais do que o necessário.

Revelstoke bateu os copos e ergueu sua bebida. — Vamos. O que trouxe você aqui e neste estado?

— Parece que minha patroa se esqueceu de me dizer uma ou duas coisas. Como o fato de ela ter um irmão que não aprecia muito a irmã ser uma mulher mantida.

— Não é como se você fosse o homem que a arruinou. — Revelstoke ergueu uma sobrancelha. — Você a arruinou?

— Claro que não, e você nem deveria ter que perguntar. Eu traço o limite para desencaminhar inocentes. — Ele olhou pela janela para a vegetação além da hachura dos montantes. Ao longo de uma cerca caiada, éguas pastando cercadas por seus potros saltitantes. — Eu não sou o primeiro protetor de Lucy, e certamente não serei o último.

— Então por que o irmão dela teria um problema particular com você?

George tomou um gole de seu conhaque para ganhar tempo. — Não vim aqui para discutir meus problemas com minha amante.

O olhar que Revelstoke deu a ele comunicou claramente seu ceticismo. — Então por que você está aqui?

— Eu não posso visitar um amigo da velha escola, especialmente considerando que você nunca veio à cidade? — Ele colocou o copo em uma mesa de

carvalho polido. — Ora, você praticamente me forçou a fazer a caminhada até este canto esquecido de Kent.

— A última coisa que espero de você é comparecer a algo tão respeitável como uma festa no campo, especialmente considerando que as chances de suas irmãs nos torturarem com seu talento musical são grandes. Então o que é?

Revelstoke o conhecia muito bem, maldito homem. — Como vai o negócio de criação de cavalos?

— Está florescendo. — Ele acenou com a cabeça em direção à cena pastoral logo além da janela. — Peça a Julia para mostrar a você sobre o lugar mais tarde, e você verá todas as melhorias que fizemos com os lucros. Mas você não está mais interessado em comprar um cavalo do que em uma festa no campo.

George agarrou seu copo para uma bebida fortificante. — Eu queria saber, já que você está indo tão bem, se seria possível fazer um empréstimo para mim.

Revelstoke desviou sua atenção da janela. — Quanto você precisa?

Outro bocado. Seu último. — Cinco mil libras.

Revelstoke cuspiu seu conhaque. — Cinco mil? Meu Deus, homem. O que o faz pensar que posso dar-me ao luxo de lhe dar esse tipo de rudeza?

— Você tem como me emprestar mil, digamos, ou quinhentos?

— Ouso dizer que você tem uma chance melhor, sim. — Ele marchou de volta para o aparador em busca da garrafa de vidro lapidado. — Mas o que diabos você tem feito para precisar de tanto dinheiro?

George estudou o padrão do carpete Axminster. — Isso e aquilo. Posso ter me metido um pouco fundo demais nas cartas, acima de tudo.

Revelstoke olhou seu copo recém servido antes de lentamente colocá-lo de lado. — Atrevo-me a perguntar o que tudo o mais compreende?

George encolheu os ombros. — Uma amante cujos gostos vão para os caros, principalmente. Ela insistiu em um endereço bastante moderno, e eu não paguei o aluguel.

Revelstoke fixou seu olhar em George. — Você não acha que é hora de desistir

desse tipo de vida e se estabelecer?

George olhou para as vigas do teto. Escuro e pesado, como o resto da sala. — Ah não. Não comece você também. Já é péssimo que minha mãe esteja planejando jogar na minha direção todas as jovens candidatas que comparecerem, não preciso de você falando poeticamente sobre as virtudes da vida de casado. Além disso, você não pode me dizer que manter uma esposa e filho não é menos caro do que manter uma amante.

— Mas isso é. Não há necessidade de manter endereços separados, para começar. Não há necessidade de ocupar duas casas.

George balançou a cabeça de um lado para o outro. — Você se tornou prático desde que ficou com as pernas algemadas. É totalmente chato.

— Com a mulher certa…

— Aqui está, parecendo minha mãe de novo. Serei o primeiro a elogiá-lo por seu excelente gosto para noivas. Pelo menos você teve a clarividência de escolher uma com inteligência e bom senso. Infelizmente, não há muitas outras como a sua Julia. Você terá que entender que este mero mortal não possui sua sorte nesse departamento.

Revelstoke revirou os olhos. — Agora você está apenas sendo absurdo.

— Absurdo ou não, um noivado não vai resolver meus problemas financeiros. Não, a menos que você tenha convidado uma ou duas herdeiras que possam estar dispostas a ignorar minha longa lista de deficiências. — Ele fez uma pausa apenas o tempo suficiente para permitir que Revelstoke respondesse, sabendo muito bem que seu amigo não mantinha as conexões sociais adequadas para atrair tal herdeira.

Diante do silêncio de Revelstoke, ele continuou. — Já que nenhuma herdeira parece estar à espera, você pode me dizer quais cavalheiros entre seus convidados podem ser persuadidos a jogar algumas mãos de uíste.

— Você não aprendeu nada com sua situação atual? — Revelstoke afastou o copo. — Você está com problemas porque jogou muitas mãos. Outro jogo não vai tirar você disso. Pode até afundá-lo mais.

— Então como você propõe que eu coloque em minhas mãos cinco mil? Eu

preciso ser direto e rápido.

Uma linha gravada entre as sobrancelhas de Revelstoke. — Isso é mais do que uma amante exigente.

— O que te faz dizer isso?

— Porque se esse fosse o seu único problema, você entregaria a dispensaria e acabaria com isso. Então, talvez você me diga o verdadeiro motivo pelo qual precisa de tanto dinheiro, e vou considerar um pequeno empréstimo.

— Você está certo. — George pegou a garrafa e encheu o copo de Revelstoke antes de se servir de outra medida. Falar sobre aquela noite inevitavelmente trouxe à mente as visões de um antigo amigo de escola. Alguém que estivera em apuros muito piores do que George… piores o suficiente para levar um homem a colocar uma pistola na boca e puxar o gatilho. Com a memória, George estremeceu. — Você se lembra de Summersby?

Revelstoke fez uma pausa, o copo a meio caminho dos lábios. — Eu ouvi. Droga de tragédia, essa.

— Você sabe por que ele fez isso? — Quando Revelstoke balançou a cabeça, George continuou. — Credores que o perseguiam. Ele se afundou demais e não conseguiu pagar.

— E ele com mulher e filho pequeno. — Revelstoke balançou a cabeça mais uma vez, desta vez em censura. — É o tipo de coisa que quero dizer. Você foi longe demais…

— As dívidas não são minhas — interrompeu George. — São de Summersby. Pretendo pagar até o último vintém. Não há razão para que sua família sofra. Eles já passaram pelo suficiente.

Revelstoke colocou o copo de lado com um baque e deu um tapinha no ombro de George. — Louvável de sua parte. Nunca pensei que diria isso, mas é nobre.

— Dificilmente. — George soltou um latido áspero. Algum outro homem poderia ter pensado que fosse uma risada, mas Revelstoke o conhecia muito bem para confundir o som. Foi dor, pura e simples. — Pretendo arruinar cada um deles, começando pelo Conde de Redditch.

Revelstoke soltou um assobio baixo. — Summersby se envolveu com aquela gente?

— Infelizmente. — Embora ele possa ser um dos homens mais ricos da alta sociedade, Richard Marshall, o Conde de Redditch, aparentemente nunca conseguia colocar as mãos em algo tão rude. Se um homem caísse em conflito com ele na mesa de jogo, o conde invocava o poder de toda a família para garantir o pagamento de qualquer dívida. E foi precisamente onde Summersby cavou seu buraco muito fundo.

— Você pode estar mirando um pouco alto demais. Se você veio aqui com a intenção de encontrá-lo, temo que a família seja muito bem conectada para gente como nós.

George havia suspeitado disso. — Não importa. Se você conseguir alguns fundos, posso trabalhar para transformá-los em mais. Assim, quando eu voltar para a cidade, estarei pronto para os desgraçados.

— Receio que você tenha alguma dificuldade aqui. — Revelstoke bateu mais uma vez no ombro dele. — O pai de Julia, entende. Ela não quer que ele seja tentado, então ela me pediu para deixar todos os cavalheiros saberem que ela está proibindo jogar pesado durante a festa.

Capítulo 2



GEORGE desceu o caminho dividido em canteiros de flores e arbustos. Sem jogo à dinheiro. Ridículo, mas ele poderia ter adivinhado. O pai de Julia quase arruinou sua família há quatro anos com suas dívidas. Bem, George daria um jeito de contornar a restrição, se pudesse interessar alguém… de preferência alguém com bolsos cheios… em algumas mãos de piquete. Eles poderiam ir para a aldeia próxima.

O cascalho da ervilha rangeu sob suas hessianas, mas não alto o suficiente para abafar o barulho infernal vindo do salão de baile. Catherine acertou mais uma nota fora da tom, e o lamento retiniu em seu cérebro.

Ele nem se incomodou mais em estremecer. A ação era infrutífera. Depois que suas irmãs começavam a ensaiar, o melhor remédio para a dor era uma garrafa grande de conhaque, de preferência ingerida no País de Gales. Se ele começasse a andar agora, poderia chegar a Cardiff em uma ou duas semanas, mas isso não resolveria seus problemas financeiros.

Um cão de caça, branco com manchas pretas, caminhou em sua direção para farejar. George coçou o pescoço da besta distraidamente enquanto mais atrocidades musicais assaltavam seus ouvidos. O cachorro soltou um gemido queixoso.

Maldição, não havia lugar seguro? Se ele não escapasse logo, sua cabeça começaria a latejar pior do que se ele tivesse bebido várias garrafas de gim Whitechapel na noite anterior. Outra nota falsa, e o cão jogou a cabeça para trás e uivou.

— Eu sei como você se sente, meu velho. — George murmurou.

Ele levou os dedos às têmporas e esfregou. Deus, ele precisava ir embora. A corrente pulsante já latejava em sua cabeça, fraca por enquanto, mas não permaneceria assim por muito tempo. O ar com perfume floral não fez nada para

evitar a próxima pontada. Ele saiu em um ritmo mais rápido.

O jardim terminou abruptamente em uma sebe alta. Do outro lado, as éguas pastavam no meio de pastagens ondulantes, enquanto seus potros se beliscavam e chutavam os calcanhares em círculos estridentes. Ele seguiu a cerca até o penhasco onde um caminho serpenteava até uma enseada protegida.

Lá, pelo menos, o rugido e o assobio das ondas cortariam o miado da casa. Lá, ele poderia encontrar um toque de paz por algumas horas, se fosse rápido o suficiente para evitar uma feroz enxaqueca.

Seus pés calçados com botas tinham acabado de alcançar a faixa plana de seixos quando ele os viu. A luz do sol refletiu em um par de cabeças douradas. Uma criança, um garotinho de não mais de seis anos, corria pelas ondas, gritando quando a água fria batia em seus pés descalços. Uma jovem caminhava atrás dele. Seus olhos vigilantes desmentiam a facilidade de seu andar.

Uma forte rajada de vento do Canal agarrou seu chapéu. Com um grito, ela agarrou-o, dedos longos enrolando-se em torno da borda no último momento antes que o vento o arrebatasse. Depois de uma tentativa infrutífera de prender o pedaço frágil de palha à cabeça, ela o deixou cair nas costas pelas fitas. Seu cabelo se soltou das amarras em longos cachos soltos. Como a criança, seus pés estavam descalços e as bainhas úmidas de suas saias batiam em seus tornozelos.

George prendeu a respiração. Ele não deveria olhar, mas não conseguiu evitar. Quando ela ria das travessuras do menino, o som dobrava como a nota pura de um sino de igreja em uma manhã gelada de inverno. Os ecos podiam se espalhar por quilômetros através do ar fresco. Eles caíram em suas orelhas sitiadas como um bálsamo curativo.

O menino trotou na arrebentação, deixando as ondas o perseguirem, enquanto sua irmã… ela não poderia ser outra coisa, ela era tão jovem… recuava, sempre atenta. A postura de seus ombros denunciava a prontidão para agir.

A dupla ainda não havia notado a presença de George, e ele se conteve, sentindo que de alguma forma havia caído em um momento de descuido. Nenhuma jovem gostaria que um cavalheiro a pegasse descalça, com o cabelo solto e o chapéu balançando. Quem era ele para estragar o momento, forçando-a a adotar a

formalidade exigida pela presença de um estranho?

Não apenas um estranho, mas um homem, e ela dificilmente estava acompanhada.

Ele realmente deveria voltar para a casa principal, mas a perspectiva de suportar o desempenho de suas irmãs manteve seus pés plantados no local. Aqui, o ar estava abençoadamente livre de notas falsas e o único grito de alegria de uma criança.

Uma criança, segurava tudo. Uma criança, como a que Lucy estava carregando. O pensamento bateu em sua cabeça como a cacofonia do canto de suas irmãs. Ele tilintou e se chocou. Ele nunca pediu para ser pai. Ele não estava pronto, droga. O que ele faria com outra alma que o buscasse em busca de apoio, orientação, proteção? Ele não tinha a menor ideia de como era ser pai. Ele nunca teve um exemplo adequado.

Um grito atraiu sua atenção de volta para o menino… um tipo diferente de grito, impregnado de medo, ao invés de alegria. O grito da jovem se seguiu, sua nota lamentosa afogada no rugido das ondas.

A cabeça encharcada da criança balançou na superfície por um momento antes de desaparecer. Ele entrou muito longe. Uma onda o pegou.

George não parou para pensar. Ele nem se importou com suas botas. Ele disparou pela praia, as pedras rolando sob seus pés, e mergulhou na arrebentação. A aderência gelada da água anestesiou suas pernas com o contato. Seu peito se contraiu e ele lutou para engolir em seco. Agora não era hora de congelar. Ele devia continuar. Devia alcançar a criança.

Pronto. A cabeça do menino veio à tona, o cabelo loiro escurecido e encharcado e caindo nos olhos redondos de medo.

George mergulhou, estendeu a mão e agarrou-se a nada além de água fria. Na segunda tentativa, seus dedos roçaram em algo sólido… uma mãozinha. Ele a agarrou e puxou o menino para cima. A criança deu uma olhada nele e agarrou seu sobretudo.

— Calma aí, filho. Eu peguei você. — De alguma forma ele forçou as palavras

entre dentes batendo.

O menino colocou os braços em volta do pescoço de George e se agarrou enquanto lutava para voltar para o chão sólido. Onda seguida de onda; cada um o alcançou na tentativa de arrastá-los para baixo. A necessidade de segurar um corpo trêmulo o impedia de usar os braços na luta. O solo derretia sob seus pés, ameaçando derrubá-lo a cada passo e deixá-lo à mercê do mar.

A jovem lutou para ficar ao lado dele. Eles se encararam, com as ondas na altura da cintura, enquanto ele engolia o ar e ela estendia a mão para o menino. Seus olhos escuros contrastavam com a brancura de seu rosto. Eles endureceram, presos em algum lugar entre o brilho e o medo.

— Dê-me ele aqui — disse ela, dura e abrupta. Desdenhosa.

Bem. O mínimo que ela podia fazer era agradecê-lo por arruinar um par de calças perfeitamente boas em água salgada e gelada para que ele pudesse resgatar seu irmão.

— Certamente… senhorita. — Uma onda bateu nele, empurrando-o para frente. Ele se lançou para recuperar o equilíbrio e empurrou-a para o lado. Em outra respiração, ele se endireitou. — Assim que estivermos em terra, eu ficaria feliz.

Olhando mais de perto, ela era mais velha do que parecia à primeira vista. Seu rosto dava a ilusão de uma mulher mais jovem… desenhado em linhas delicadas até um queixo pontudo, parecia quase uma fada.

Ele balançou sua cabeça. Imagine, uma ideia tão fantasiosa, especialmente agora que suas sobrancelhas se abaixaram para um brilho total que enfatizava um conjunto duplo de linhas acima de seu nariz. Eles foram gravados profundamente o suficiente para colocá-la além da idade de uma senhorita de escola. Seu corpete encharcado acentuava as curvas mais generosas do que ele havia pensado. Curvas lindas, firmes e arredondadas.

Apesar do perigo, ela alcançou novamente. As pontas dos dedos tremiam e ela segurou os lábios em uma linha firme, como se quisesse suprimir uma vibração ecoante ali. Levantando o menino mais alto contra o peito, ele lutou para se livrar das ondas. Ela correu atrás dele e arrancou a criança de suas mãos.

Ela o puxou para o peito, fechando os olhos, e respirou fundo, estremecendo. Suas mãos se apertaram, até que o menino soltou um gemido e se contorceu em suas mãos. Ele lutou para se libertar e escorregou para o chão.

— Jack! — disse ela bastante bruscamente.

— Não há razão para gritar com o menino. — George sentou-se com força na praia e respirou fundo. A água martelou dentro de suas hessianas, e uma brisa desagradável afundou seus dentes em suas roupas encharcadas, mastigando a pele. Até o ponto em seu peito onde Jack se agarrou a ele esfriou. — Ele passou um susto. Dê a ele uma chance de se recuperar.

— Jack, precisamos ir para casa. Agora.

ISABELLE tamborilou os dedos contra a coxa para mascarar seu tremor. Tão perto. Ela esteve tão perto de perdê-lo.

— Venha, Jack. — ela tentou novamente, mas seu tom recusou-se a suavizar.

Foi aquele maldito homem, aquele estranho. Ele surgiu do nada para mergulhar na água e salvar Jack quando o medo dela tomou conta. Ela deveria ser grata; ela devia agradecê-lo, mas o aborrecimento por ter sua privacidade invadida mesclado com a velha cautela. Isso manteve seu sangue bombeando forte, muito tempo depois que deveria ter diminuído.

Se ao menos Jack a deixasse segurá-lo por um momento ou uma hora, mas ele voltou sua atenção para o homem, olhando para ele como se pensasse em mantê-lo. Criança obstinada.

Com um suspiro, ela marchou e estendeu a mão. — Peço desculpas pelo transtorno, senhor. Prefiro não levar isso adiante.

— Não é nenhum problema. — O homem mudou de posição, apoiando-se nos cotovelos. Seu sobretudo encharcado colou-se ao peito. Seu peito muito largo coberto por ombros largos.

Isabelle baixou os olhos, mas isso não era muito mais seguro. As ondas molharam suas calças até que grudaram em suas coxas. Ela colocou os braços em volta da cintura para evitar um ataque de calafrios. Ela não tinha nada que olhar para o corpo de um homem. Mais especialmente, ela não tinha nada que notar seus

dedos longos e afilados ou a mecha de cabelo malandro que caía sobre sua testa. Sua cor combinava com o bronzeado das pedras úmidas que ladeavam a costa. Não importava que seu rosto estivesse machucado, um olho inchado e roxo.

Pior ainda, ele estava olhando de volta, seu olhar viajando pelas linhas de seu corpo em uma avaliação franca. Sem dúvida, seu vestido encharcado deixava pouco para a imaginação; agarrava-se a sua forma da mesma forma que suas vestes. Seu olhar pousou nos pés dela. Ela enrolou os dedos dos pés contra as pedras.

Seus pés descalços. Oh, como ela poderia ter se esquecido tanto de si mesma? Seus sapatos e meias foram descartados na praia, onde ela os deixou em um acesso de menina. Por alguns breves momentos, ela quis correr ao longo da costa tão despreocupada quanto Jack. Por aqueles momentos, ela desejou reviver seus dias inocentes.

Quando ela descobriria que nunca poderia voltar?

Por fim, Jack desviou sua atenção do estranho. Ele virou o rosto para ela… e sorriu. O próprio diabo iluminava aquele sorriso.

— Seu patife. — murmurou ela.

Seu sorriso se alargou, mas ele ainda se recusava a ir até ela. Com o rosto brilhando de admiração, ele se aproximou de seu salvador. — Qual é o seu nome?

Isabelle engasgou. — Jack, onde estão suas maneiras?

A risada retumbou do fundo do peito do estranho, um som estranhamente reconfortante. Ela empurrou a ideia de lado. Ela também não devia pensar isso dele.

— Você pode me chamar de George.

— Certamente não o fará. — disse Isabelle. É hora de cortar isso pela raiz. — É impróprio chamar os superiores por seus nomes de batismo.

O estranho… ela se recusava a pensar nele como George… piscou para ela. Piscou! — Como você sabe que esse não é o meu sobrenome?

Ela apertou os lábios. Por alguma razão inexplicável, eles quiseram abrir um sorriso. — Mesmo assim, é impróprio, Sr.…

— Muito bem. É Sr. Upperton para você. — Ele se agachou, trazendo seu rosto

ao nível de Jack. — Mas você pode me chamar de George quando ninguém estiver ouvindo. Agora, devo chamá-lo de Jack ou você prefere algo um pouco mais formal? Você não seria o Senhor de uma coisa ou outra, seria?

— Não. — O sorriso do menino mostrou a lacuna entre os dentes da frente. — Apenas Jack.

— Bem, apenas Jack, suponha que você me diga o nome de sua irmã, e seremos devidamente apresentados.

Uma sacudida desagradável percorreu a coluna de Isabelle, e seu coração batendo forte abafou o rugido das ondas. — É Isabelle.

Oh, por que ela deixou escapar seu nome de batismo depois de sua insistência no decoro? Por um momento terrível, ela esperou o protesto, o desafio, a contradição. Jack piscou para ela, sua testa enrugada. O desafio, tal como era, veio de um lugar totalmente diferente.

— Devo presumir que deseja que eu o chame pelo seu nome de batismo? — O Sr. Upperton perguntou.

— Srta. Mears serve. — Outra resposta apressada. Se ela tivesse parado para pensar, ela poderia ter reivindicado o título de Sra., mas o Sr. Upperton parecia ter um efeito estranho em sua mente. Teria tornado as coisas muito mais fáceis se o Sr. Upperton acreditasse que ela era casada ou, pelo menos, viúva. Ele não faria perguntas difíceis. Ele não faria suposições. Ele não questionaria sua moral.

A irritação formigou em sua nuca. Por que ela deveria se importar com o que o Sr. Upperton pensava? Ela não estava prestes a fazer amizade com ele. Depois de hoje, ela provavelmente nunca mais o veria… e tanto melhor.

O corte de suas roupas, sua qualidade, o couro fino de suas botas diziam a ela tudo o que ela precisava saber. Ele era um jovem da cidade, sem dúvida estava hospedado na mansão na encosta do penhasco, e ela sabia por experiência amarga que o tornava perigoso.

— Eu prefiro muito mais Isabelle. — Um sorriso se espalhou por seu rosto, revelando dentes brancos e uniformes. — Combina melhor com você. Mears parece quase comum, como se você fosse uma mera Isabelle, mas eu duvido que você se

contentaria em ser uma mera qualquer coisa.

Oh sim, ele era perigoso, certo, dotado de uma língua rápida e inteligente. Ela sucumbiu a um encantador de língua prateada antes e pagou o preço. Nunca mais.

Ela ergueu o queixo e tencionou a mandíbula. — Não te dei permissão para me chamar pelo meu nome de batismo.

Ele se pôs de pé lentamente. Ela reconheceu o que era o gesto… uma tentativa de nivelar o campo. Ele não poderia tolerar ela de pé sobre ele. Ele, por outro lado, elevou-se sobre ela. Ela sempre foi pequena, mas a altura imponente do Sr. Upperton a fazia se sentir como se fosse mais próxima do tamanho de Jack.

— Sim, madame. — Ele infundiu nas palavras um calafrio aristocrático e oficioso. Uma rejeição, quase um corte. Oh, como ela se lembrava disso. Quão feliz ela estava vivendo longe do julgamento, da superioridade. A hipocrisia absoluta.

Mas ele continuou a olhar fixamente, e seu olhar penetrou até que ela imaginou que sentia queimando por dentro, a sensação ao mesmo tempo familiar e perturbadora. Sob o fogo de seu escrutínio, ela mudou seu peso de um pé para o outro, perfeitamente ciente de que suas saias encharcadas grudavam em suas pernas e a abrasão de pequenas pedras contra seus pés descalços. Ela cerrou os dentes para impedi-los de bater.

Jack olhou de um para o outro. — Mamãe?

Ela fechou os olhos enquanto o sangue corria para suas bochechas. Querido Deus, agora ela realmente não conseguia enfrentar aquele estranho. Não agora que Jack havia deixado o segredo escapar.

— Mamãe? — Um puxão na saia a obrigou a enfrentar o filho. — Não deveríamos dizer obrigado por me salvar?

Ela cobriu o topo de sua cabeça com a palma da mão e alisou seu cabelo loiro pingando. — Certamente querido. — Rangendo os dentes, ela fez uma reverência. — Perdoe-me, senhor. Eu me esqueci completamente de minhas maneiras. Estou muito grata por você ter salvado Jack no mar.

— De modo nenhum.

Algo em seu tom atraiu seu olhar. Ele a observou de perto, avaliando mais

uma vez. Reavaliando, assim como ela sabia que ele faria. Seu olhar foi da mão esquerda nua para Jack e de volta para o rosto dela. Calculando sua idade.

Todos sabiam, assim que descobriam a verdade. E ainda…

Ela não se sentia como se ele a estivesse julgando. A única impressão que teve foi de curiosidade. Graças a Deus. Graças a Deus ela não teria que aturar mais. Ela não achava que poderia lidar com isso, não depois do susto que ela acabara de ter. Seu tremor aumentou e ela cerrou os punhos.

— George? — Jack perguntou alegremente. Isabelle abriu a boca para advertilo, mas ele já havia tropeçado em frente. — Foi divertido.

— Divertido? — Ela forçou a palavra a passar pelos lábios trêmulos. O medo de tirar o fôlego veio substituir todas as preocupações com o decoro. Ela quase o perdeu. Devia ter visto sua cabecinha loira desaparecer sob as ondas enquanto ela estava parada, paralisada. — Você quase se afogou.

— É melhor você ouvir a sua mãe. — George disse suavemente. Ela não se atrevia a olhar para ele, não agora que ele reconhecia a verdade. — Ela está trabalhando muito para não deixar transparecer, mas tenho certeza que você deu a ela um susto que ela não vai querer reviver tão cedo.

Seus olhos se fixaram nos dele. Ela não se conteve. Como ele viu? Ele era um completo estranho. Ela não sabia nada sobre ele ou suas intenções. Ela não queria seu escrutínio ou sua percepção. E ela certamente não o queria perto de Jack, não quando sua admoestação gentil fez seu filho piscar com força para o chão, com a nuca vermelha. Gracioso, o homem não tinha gritado, não tinha repreendido, não tinha ameaçado. Ele expressou uma verdade bastante simples, e Jack ficou ali, quieto e arrependido, mas, que diabo, se a lição não tivesse caído.

— Quantos filhos você tem? — A pergunta escapou antes que ela pudesse impedir.

Sr. Upperton piscou. — O que? O que te faz perguntar tal coisa?

— É só… — Oh, por que ela cedeu à curiosidade? A última coisa que ela precisava era encorajá-lo. Ele pode ter a impressão errada… de que ela estava procurando por um protetor. — Você é tão bom com crianças, achei que poderia ter

alguns seus.

Bom Deus. Por que não sair e perguntar se ele era casado? Ela dificilmente poderia ter sido mais descarada.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula e suas bochechas escureceram ligeiramente. — Eu? Bom com crianças? Isso é uma piada. — Para provar isso, ele deu uma risadinha. O som carregava apenas o suficiente de uma vantagem para fazê-la suspeitar que era forçado. — Eu não sou casado, e eu não tenho nenhum obstáculo que eu conheça.

Ela se encolheu. Claro, ele só estava tentando fazer luz e se esqueceu de si mesmo, mas isso não impedia que uma pontada de vergonha a dominasse. A nuca dela queimava com isso. — Venha, Jack. Já tomamos o tempo suficiente deste cavalheiro. Devíamos ir para casa.

— Posso acompanhá-los?

Escolta? Como se eles estivessem trocando gentilezas no terraço de alguma matrona da sociedade e ela tivesse insinuado que gostaria de ver um pouco mais do jardim? Deus me livre. De qualquer forma, seis anos se passaram desde que sua vida se parecia com algo do tipo. E exatamente tal proposta a colocara em uma grande dificuldade.

Além disso, ela ainda mantinha algum orgulho. Ela não podia permitir que um cavalheiro tão bom testemunhasse o que sua vida havia se tornado, se ele prestasse atenção às fofocas ou não. Se ele viu ou não através da farsa de seu nome e descobriu sua verdadeira identidade. — Eu dificilmente acho que isso seja necessário.

— Não seria nenhum problema, garanto.

Ela o olhou, alerta para qualquer sinal de que ele pudesse considerá-la um alvo fácil. Afinal, para ele, ela havia levantado a saia uma vez. Na realidade, ela foi enganada, mas ele não saberia disso. — Temos administrado muito bem por conta própria, obrigada.

— Você mora na aldeia? Eu pensei… no início… você poderia ser uma convidada de Lorde Benedict.

Uma brisa forte vindo do Canal chicoteava suas saias, batendo-as contra suas

canelas. Ela se abraçou para afastar o frio repentino. — Por favor, eu não sonharia em incomodá-lo mais. Devemos voltar para casa. Não gostaria que nenhum de nós adoecesse.

* * *

— MAMÃE? Mamãe! Você está andando rápido demais.

Isabelle pressionou a mão no esterno e parou. Sua respiração era ofegante. Ela praticamente corria e não percebeu.

Jack trotou subindo a encosta da praia, com as pernas curtas bombeando. Ela esperou até que ele a alcançasse antes de puxá-lo para um abraço forte. Toda a emoção que ela não ousou mostrar na frente de um estranho foi derramada na força de seu aperto. Mais uma vez, seu coração bateu em uma cadência desesperada contra suas costelas, quando o terror voltou.

— Mamãe. — protestou ele. Logo, ele a empurrou. Água pingava de suas calças e seu cabelo estava molhado em tiras lisas. Ela precisaria persuadi-lo a sentar-se quieto enquanto ela penteava os nós antes que secasse e a situação se tornasse desesperadora. Se Biggles tivesse assado biscoitos, ela teria uma chance razoável, pelo menos enquanto os doces durassem.

— Venha, vamos colocar nossos sapatos e meias antes de voltar para a aldeia. — Ela lutou contra a dor na garganta para manter o tom rápido. Hoje em dia, ele tolerava apenas alguns cuidados maternos. — Rápido agora.

Ele se jogou no meio do caminho e amassou as meias nos pés incrustados de areia. Com o nariz enrugado, ele trabalhou a malha grossa sobre tornozelos e canelas úmidos. Sua garganta se apertou ao vê-lo realizar as tarefas mais mundanas logo depois…

Tarde demais, ela fechou os olhos. Tarde demais para excluir a imagem. Em sua mente, ela reviveu o momento terrível quando a onda o engolfou. Todo aquele cabelo loiro, tão brilhante ao sol, desapareceu como uma chama sendo apagada. Num piscar de olhos. Desaparecido. A parte de trás dos olhos ardia como se tivessem sido expostos à água do mar.

— Mamãe? — Ele puxou a saia dela. — Você não vai colocar os sapatos?

— Oh… Oh, sim.

Ela mal podia voltar para a aldeia descalça, como uma mendiga. Suas roupas sujas já eram ruins o suficiente. Mas ela poderia se vestir com as melhores sedas e a esposa do açougueiro iria olhar para ela. Não que ela pudesse comprar carne com muita frequência, de qualquer forma.

Ela se sentou em uma pedra e colocou uma meia ao longo da perna. Seus pés estavam tão mal quanto os de seu filho. A areia seca formigou entre os dedos dos pés.

— Precisamos ficar perto de casa amanhã — disse ela enquanto calçava os sapatos.

— Ah, mamãe.

— Você teve seu feriado hoje. — Ela pegou a mão dele e saiu pelo caminho. — Amanhã devemos trabalhar.

Ele esticou o lábio inferior. A expressão não era um bom presságio.

— Você pode ajudar Biggles no jardim. Aposto que você pode arrancar mais ervas daninhas do que ela.

— Eu não quero arrancar ervas daninhas.

Bem, droga. Normalmente, a perspectiva de colocar as duas mãos no solo e colocar o máximo possível de terra em sua camisa era o suficiente para transformar trabalho em diversão.

— Nem sempre podemos fazer o que queremos. — Quantas vezes ela o lembrava disso ao longo dos anos? Metade do tempo, ela sentiu que estava se lembrando tanto quanto Jack. — Se você é um bom menino e não reclama, contarei uma nova história. Um que você nunca ouviu antes.

Seu lábio inferior recuou um pouco. — Haverá um dragão nele?

— Pode haver.

— Você vai me falar sobre as pessoas que moram na casa grande?

Ela olhou por cima do ombro. À esquerda, o contorno da mansão na colina se desenhava contra um céu espalhado por nuvens. — Não sei se consigo fazer isso e

um dragão. — Os únicos dragões que ela associou aos feudos rurais eram as grandes damas da sociedade.

Ela alongou seu passo. Eles precisavam voltar para casa. O aglomerado de moradias, cada uma cuidadosamente caiada com telhados de telhas brilhantes, ficava a menos de meia milha à frente, na base de uma encosta suave. Na extremidade oposta, um edifício maior se mantinha acima do resto. A pousada, embora mais frequentemente do que não abrigava os moradores para uma cerveja e um pouco de fofoca no final de um longo dia.

Ela caminhou em direção a sua cabana, um prédio solitário nos limites da cidade. Ele se destacava pelo design.

— George veio da casa grande, não é?

— Sim, acredito que sim. — Ele não poderia ter sido um convidado na pousada. Ele teria compartilhado o caminho de volta para a aldeia com eles. — E você não deve se referir a ele pelo nome de batismo. Não é… adequado.

Meu Deus, ela quase disse de bom tom, e essa era a última coisa que ela queria que Jack perguntasse. Por necessidade… por suas próprias ações… ela colocou essa vida firmemente para trás.

Capítulo 3



— ONDE você esteve? Está quase na hora do chá. — Com as mangas arregaçadas e os braços polvilhados com farinha, Biggles parou sobre o pedaço de massa que ela estava amassando. Seus olhos se arregalaram. — Nossa! O que aconteceu com vocês?

Isabelle entrou na cozinha, respirando profundamente seu aroma… fermento e farinha e fumaça de madeira, cortados com o cheiro de lavanda. Cachos da planta… seu ganha-pão… pendurados nas vigas do teto para secar. — Jack teve uma aventura no mar.

— Céus! — Biggles circulou a mesa e se agachou até que seu rosto enrugado ficasse no nível do menino. — Você está bem? Olhe para você, todo sujo.

Jack estufou o peito. — Eu não fiquei com medo, honestamente. E George me puxou para fora.

Biggles olhou para Isabelle. Ambas as sobrancelhas desapareceram sob sua franja de cachos acinzentados desordenados.

— Eu disse a Jack que ele não deve se referir a um cavalheiro pelo seu nome de batismo. — Isabelle disse.

— Mas ele disse que eu podia. — insistiu Jack. — Ele me deu licença, ele deu.

Biggles brincou com o colarinho do menino. — Vá e vista roupas secas. Quando você voltar, terei um biscoito pronto para você.

Quando Jack se afastou para se trocar, a velha se ergueu. — Cavalheiro, não é?

— Eu deveria me trocar também. — As bochechas de Isabelle queimaram, e ela abaixou a cabeça para esconder a reação, mas não rápido o suficiente para o olho penetrante de Biggles.

— Você vai secar bem perto do fogo. É melhor você me contar o que

aconteceu.

Isabelle se virou para a lareira e deixou as chamas aquecerem suas bochechas. Se ela corasse mais profundamente, não iria mostrar. — Simples o suficiente. Levei Jack para brincar ao longo da costa e uma onda o pegou. Um cavalheiro apareceu e puxou Jack antes que ele se afogasse.

Ela entrelaçou os dedos para esconder o tremor repentino. Uma onda de terror renovado a engolfou com a lembrança de quão perto ela esteve de perder seu filho. A imagem de sua pequena cabeça loira desaparecendo sob aquela água cinza gelada passou por sua mente.

Ela veria isso pelo resto de sua vida, pois parte dela sempre questionaria… se ela estivesse sozinha, ela teria conseguido salvar seu filho? Seu pai nunca aprovou o banho de mar. Ela teria enfrentado o medo para mergulhar sob as ondas até que o encontrasse? Será que seus ombros teriam força para puxá-lo para fora?

Ela colocou os braços em volta da cintura para afastar um frio repentino.

— Pronto, pronto, senhorita. — Biggles colocou a mão pesada em seu ombro e apertou. — Tudo está bem quando acaba bem. Nenhum dano foi feito, então é melhor não pensar em coisas que poderiam ter acontecido.

Isabelle assentiu. Ela já ouvia os ditados de Biggles há anos. Como uma jovem mãe lutando com os desafios de aprender a cuidar de um bebê, e então um menino curioso e de crescimento rápido, ela ouviu Biggles repeti-los com frequência. Os velhos ditados foram tão eficazes quanto sempre foram para acalmar a mente acelerada de Isabelle… isto é, de forma alguma.

Biggles deu alguns tapinhas extras em seu ombro antes de voltar a assar. — De onde você acha que este senhor veio, e na hora certa também? Não conheço ninguém na aldeia, chamado George.

Isabelle a observou cravar a base das mãos na massa, girando e pressionando em um ritmo experiente. — Apenas o boticário.

— Mas ele não atende por George, não é? Ele finge ser o Sr. Putnam, quer deva ser ou não. — Biggles pontuou este pronunciamento com um aceno de cabeça que fez os babados tremerem em seu boné.

Isabelle sorriu com a demonstração de lealdade. Ela suspeitava que o boticário apenas insistia em tal nível de formalidade com ela. Ela poderia ser boa o suficiente para vender para ele sachês feitos com sua lavanda por alguns centavos extras, mas essa era a extensão de sua boa vontade. Além disso, ela não valia a pena.

Ela empurrou o pensamento de lado. Melhor ela acalmar a curiosidade de Biggles antes que a mulher fizesse muitas perguntas investigativas. — De qualquer forma, não foi o boticário.

— Acho que não. Ele não molharia a barra das calças para o vigário.

Um silêncio expectante caiu. — Acho que ele veio da mansão — Isabelle completou por fim.

Os braços de Biggles pararam. — Oh, esse tipo de cavalheiro.

Isabelle desviou os olhos do escrutínio de Biggles. — Sua posição social dificilmente tem importância.

— Certamente que sim, se o homem for forte.

Isabelle cerrou os dentes. Biggles estivera com ela por muito tempo… seu único companheiro nas noites insones de preocupação quando Jack estava doente, a única voz de experiência em sua vida… para ela ficar furiosa com as implicações. — O homem pode muito bem ter sido forte, como você disse, mas está muito, muito além de mim, e portanto não importa se ele tem dez mil por ano ou nada. Provavelmente nunca o verei novamente.

* * *

— E onde você esteve?

No meio do pátio do estábulo, George congelou. Henrietta se levantou, os braços cruzados, olhando-o de cima a baixo como se ele fosse um colegial recalcitrante e ela sua tutora.

— Fui até a água. — disse ele. — Não achei que fosse proibido.

— Você está fugindo de novo. O que você fez? Tentou se afogar?

— Ora, ora. — Ele olhou para suas roupas encharcadas. Nem mesmo seu valete poderia salvá-las, ele temia. — Mamãe não me pressionou tanto.

— Ainda.

Embora as apresentações musicais de suas irmãs provavelmente o levassem nessa direção mais cedo do que os planos de sua mãe para casá-lo. Mas ele não poderia insultar Henrietta com tal observação. Até ele conhecia o limite.

— Eu não culparia você, sabe. — Ela revirou o olhar para o céu. — Ela está me empurrando para Marcus Chatham.

— Chatham? — Ele caminhou ao lado dela, e eles caminharam em direção à entrada dos criados. — Ele não é um sujeito tão mau.

— Ele cheira a charuto e conhaque.

— Ele cheira? E como você saberia, a menos que estivesse totalmente perto demais?

Uma carranca franziu a testa. — Não é preciso estar mais perto do que o decoro exige para tomar conhecimento disso. A pessoa sente o cheiro no momento em que entra em uma sala.

— Bem, é um cheiro masculino decente. Não pode ter um homem com cheiro de rosas ou lavanda ou qualquer dessas coisas femininas.

Ela bateu em seu cotovelo. — E o que você sabe disso? Você é tão ruim quanto.

— Eu imploro seu perdão. — Ele fingiu inspirar. — Neste exato momento, certamente não estou cheirando a conhaque. — Uma situação que ele pretendia remediar o mais rápido possível.

Ela torceu o nariz. — Você cheira a algas marinhas.

— Sim, mas você notará que alga marinha e charuto não cheiram nada parecido.

— Não importa. Antes que a noite termine, você deve cheirar completamente a ambos.

— Se tem o mesmo efeito nas outras jovens que em você, talvez eu deva adotá-lo como estratégia.

Ela parou diante da porta e cruzou os braços. — Humph.

— Qual é a diferença para você ficar no pátio do estábulo para evitar atenção indesejada?

Suas bochechas coraram. Hah. Ele a pegou.

— Estava procurando você, se quer saber. Mamãe sentiu sua falta. Prudence Wentworth chegou com vários de seus amigos e ela queria ser apresentada.

George suprimiu um gemido. — Apresentada? Eu já a encontrei uma vez, e isso foi mais do que suficiente.

— Não para ela, para seu primo. Sua prima mais nova e solteira. — Henrietta especificou.

— Essa prima… ela herdou aquele nariz infeliz?

Henrietta deu um tapa nele novamente. — Sinceramente. Há mais em uma garota do que sua aparência. Você deveria pelo menos falar com ela e ver se você não tem uma ou duas coisas em comum.

Ele parou de comentar que pelo menos no quarto ele poderia apagar as velas para que ele não tivesse que olhar para a criatura. — Não gostaria de me casar com uma mulher que compartilhe dos meus interesses. Seria muito indecente.

— Quais são esses interesses? — Ela ergueu uma única sobrancelha, numa excelente imitação de, bem, ele mesmo. — Gosta de cartas?

— Entre outras coisas… que não vou compartilhar com uma irmã solteira.

Ela fungou. — É muito injusto, sabe.

— O que?

— Espera-se que os homens solteiros ganhem experiência em certos assuntos, enquanto as meninas solteiras devem permanecer ignorantes ou correr o risco de ruína.

Ele congelou. Um formigamento indesejado arrepiou os cabelos de sua nuca. — O que você sabe sobre tais assuntos? Por Deus, se algum homem avançou, eu o desfiarei.

Ela piscou para ele, seus olhos azul-acinzentados redondos e sinceros. — Eu sei muito pouco, é uma pena, então você pode se acalmar. Você não enfrentará

ninguém com a mira de uma pistola. Não por minha causa.

— Você está bem? — Afinal, ela atingiu uma idade em que certos homens podem não considerá-la casável, mas perfeitamente aceitável como amante. Ou se o homem que a abandonou no ano de sua estreia de repente voltasse da Índia…

— Totalmente.

Ele apertou os lábios. Aos vinte e cinco anos, sua irmã se dirigia com firmeza para o encalhe e parecia preferir as coisas assim. Ela nunca dançou com o mesmo parceiro duas vezes, nunca encorajou cavalheiros a visita-la. Na verdade, desde o rompimento desastroso de seu noivado, ela não recebia pretendentes. — Então por que trazer o assunto à tona?

— Uma observação, nada mais. Mas você tem de admitir que os homens têm mais liberdade na juventude.

— Você está lendo aquela megera de novo.

Os cantos da boca de Henrietta se curvaram. — Srta. Wollstonecraft? E se eu tiver?

— As pessoas vão pensar que você é um idiota.

— E se eu estiver? — Ela dispensou a ideia com uma das mãos. — Isso dificilmente significa algo, pois eu tomei uma decisão. Não pretendo me casar.

— Não vai casar? — Ele abriu a boca e fechou-a várias vezes até que lhe ocorreu que devia parecer um peixinho dourado.

Ela o considerou friamente. — Você está prestes a expressar uma opinião? Nesse caso, aconselho-o a ter cuidado, ou posso interpretar qualquer comentário que você fizer como hipócrita.

Ele tinha visto muitos exemplos da mente rápida de sua irmã mais nova ao longo dos anos, mas ele não gostava de ter essa inteligência voltada para ele, especialmente quando ela levava a melhor sobre ele. — Mamãe deveria proibir você de ler. Isso a tornou muito inteligente para o seu próprio bem.

— Se você tem permissão para continuar solteiro, não vejo por que não posso fazer o mesmo. — Ela acenou com a cabeça uma vez, como se isso decidisse o assunto.

— Henny, tenha piedade do seu irmão. Se mamãe souber disso, ela será totalmente implacável.

Ela o encarou com um olhar duro. — Sim, bem, você precisa se casar e continuar com o nome da família, enquanto eu me tornaria nada além de um receptáculo para a semente de algum homem.

Ele soltou um suspiro enquanto repassava as palavras dela em sua mente. Sim, ela acabara de se chamar receptáculo. — Meu Deus, Hen, ouça-se.

— Você não pode negar que é verdade, não é?

— O que… o que você planeja fazer com seus dias, então?

— Imagino que posso me dedicar a inúmeras boas obras. — ela colocou um dedo no queixo. — Na verdade, posso ganhar meu sustento. Ouvi dizer que Lady Epperley está procurando uma companhia paga.

— Companhia paga? Eu não vou permitir. Como chefe de família, proíbo. Companhia paga. Como se não pudéssemos manter os nossos.

Henrietta ficou imóvel e seu rosto empalideceu, exceto por uma mancha vermelha em cada bochecha. Isso nunca é um bom sinal. — O quem vem a seguir? Você vai me obrigar a casar com o primeiro homem adequado que aparecer? Não. Enquanto você permanecer solteiro, não pode me forçar a seguir esse caminho. É justo, e você não pode negar.

George soltou um suspiro. — Você está dizendo que eu só preciso escolher uma noiva e você vai parar com essa bobagem?

Ela sorriu… um pequeno sorriso perverso que enviou uma dor desagradável percorrendo seu estômago. Da última vez que ele sentiu algo parecido, ele tinha acabado de receber a palavra de que seu amigo Summersby estava em graves dificuldades, e veja como isso acabou. O homem estava morto por suas próprias mãos. — Dada a sua relutância, acho que dificilmente posso perder com tal perspectiva.

— Perspectivas? — disse uma nova voz. — Eu diria que as perspectivas são apenas favoráveis. O que você disse?

George se virou. Um homem se aproximou… ou mais precisamente, um dândi.

Seu colarinho era tão rígido, sua gravata tão intrincadamente amarrada, seu cabelo tão artisticamente despenteado, que seu valete deve ter levado horas para conseguir o efeito. George vasculhou sua memória, mas não se lembrava de ter visto o sujeito em nenhum de seus lugares habituais. Se eles já foram apresentados em uma mesa de jogo, George tinha ficado muito louco para lembrar o nome do outro.

Radiante, o recém-chegado parou diante de Henrietta e seu sorriso se alargou. — As perspectivas estão se tornando mais favoráveis a cada segundo, eu diria.

Henrietta lançou-lhe um olhar ainda mais fulminante pela longa prática em rechaçar a indesejável atenção masculina. — Fomos apresentados?

— Ouso dizer que isso é um erro que pretendo ver corrigido. — Ele lançou a George um olhar esperançoso, enquanto Henrietta o encarava com um olhar de peixe.

Ele se permitiu um movimento astuto de seus lábios, uma expressão que sua irmã interpretaria corretamente como seu sorriso de vingança fraternal. Ela havia causado isso sozinha, uma vez que insistiu em provocá-lo sobre sua posição sobre o matrimônio. — Minha irmã, Srta. Henrietta Upperton.

O que quer que mais George possa dizer sobre este homem, ele se curvou de forma bastante impressionante em um movimento suave da cintura, como se eles estivessem no meio de um salão de baile, em vez de do lado de fora da entrada empoeirada dos criados. O ato ocupou muito espaço, entretanto, e Henrietta foi obrigada a recuar um passo.

— Reginald Leach ao seu serviço.

Graças a Deus, o homem teve a clarividência de se nomear e poupar George de um momento embaraçoso. Não que eles já tenham sido apresentados. Furioso ou sóbrio, George jamais teria esquecido um nome tão ridículo.

Henrietta inclinou a cabeça educadamente, mas quando se endireitou, chamou a atenção de George. Um canto de sua boca se contraiu, o único sinal externo da risada que ela certamente estava segurando.

— E como é — continuou Leach — que eu ainda não tive a oportunidade de

conhecê-la?

— Não posso dizer, senhor, só não saio muito em sociedade. — Seu tom era cortês, mas ela cuidadosamente guardou qualquer calor para si mesma.

— Não sai na sociedade? Meu Deus, que desperdício. Devemos remediar essa questão neste instante. — Ele ofereceu o braço, e quando ela se recusou a pegá-lo, ele apressou-se, imperturbável. — Posso apresentá-la a qualquer número de encantadoras jovens senhoras e senhores. Eu ouvi dizer que um bom número está presente, começando com o Marquês de Enfield e o Conde de Highgate e até a Srta. Prudence Wentworth. Eu ouvi dizer que Lady Epperley pode até mesmo se retirar de suas propriedades para aparecer. Inédito de ocorrência, isso.

— Oh, de fato, — George brincou. — Diga-me, você ouviu algum boato de Hector Poore planejando comparecer?

Leach desviou sua atenção de Henrietta. — Meu Deus, não. Ele teve que deixar o país. Perseguido por credores. Com sorte, ele escapou para o continente com uma muda de roupa, mas é claro, sem um valete para atendê-lo, ele está mal. — ele sacudiu a cabeça para dar ênfase. — Bem mal, na verdade.

Droga, lá se foi sua melhor chance de ganhar alguns fundos extremamente necessários. Poore era famoso por seu jogo forte, uma vez que ele tinha sua parte de conhaque… forte e temerário.

Henrietta acenou com a mão na frente do rosto. Se ela estivesse no salão de baile, ela teria usado seu leque. — Bem, tenho certeza que tudo isso é muito fascinante.

Leach sorriu para ela. — Não é mesmo?

— George deve achar isso, mas atrevo-me a dizer que ele acha a notícia de Poore uma decepção.

— Por que diabos você diria isso? — George tentou infundir em seu tom uma medida de tédio igual ao de Henrietta.

Ela estudou as unhas por um momento antes de passá-las ao longo do ombro. — Imagino que você esperava jogar a algumas mãos de piquete enquanto estivesse aqui.

George piscou. Como, em nome de Deus, ela sabia algo sobre isso?

— Você joga, Srta. Upperton?

— Claro que não. — George intercedeu antes que Henrietta pudesse responder. — Pelo menos não para qualquer tipo de aposta.

Sua interrupção lhe rendeu a expressão mais estranha, um brilho acompanhado por um brilho que ele sabia que não significava nada. Sua irmã estava prestes a fazê-lo pagar por apresentá-la a Leach… com interesse.

Combinado, sem dúvida.

— Meu irmão tem razão. — Henrietta enfiou os dedos na curva do cotovelo de Leach. — Eu não jogo. Mas eu deveria amar a oportunidade de aprender com alguém tão experiente.

— Eu deveria estar encantado. — Leach sorriu para ela, sua expressão parecida com a de uma criança em uma confeitaria. — Encantado mesmo.

George se aproximou e encarou Leach com uma carranca digna de qualquer irmão mais velho protetor. Ele já havia recebido muitos deles em sua juventude para dominar a arte. — Talvez esse conhecimento seja melhor repassado pela família.

— Bobagem, George. Eu disse que gostaria de aprender com alguém que sabe do que se trata.

Droga. Não apenas juros compostos, mas taxas usurárias. — Aqui agora, o que te dá a ideia de que não?

Henrietta deixou passar um momento antes de responder. — Quando foi a última vez que você ganhou?

— Ah, excelente ponto, Srta. Upperton. — Leach sorriu tão abertamente que George teve que conter o desejo de enfiar os dentes do homem em sua garganta impecavelmente engravatada.

E o faria também, se Leach fizesse qualquer tipo de avanço impróprio em direção a Henrietta. Não que Henny fosse tolerar isso. Ela era inteligente o suficiente para ver além desses aristocratas. Mas então ela estava retribuindo o sorriso do idiota, e que diabo, por que suas bochechas estavam coradas? Depois da conversa que eles acabaram de ter, como ela ousava?

Ele seria condenado se visse sua irmã casada com um simplório tão bem-vestido. Inferno, o homem provavelmente elogiaria os talentos musicais de Henny. — Mamãe não disse que queria que você vigiasse Catherine? Certificar-se de que ela recebeu o tipo certo de apresentação? Esse tipo de coisa?

— Oh, tenho certeza que mamãe queria que você fizesse isso. — Ela nem mesmo olhou em sua direção, tão fascinada estava em Leach.

Leach. E que tipo de nome era esse? Não era algo que precisava ser transmitido por qualquer esforço da imaginação. Ele deveria ter entrado no comércio, ou melhor, se tornado um médico. — Agora…

O som de alguém pigarreando o interrompeu. Ele se virou para encontrar um lacaio pairando ao lado de um canteiro de flores. Pobre homem, ele teve que percorrer o caminho indireto para encontrar sua presa. — Sr. Upperton, esta mensagem acaba de chegar endereçada a você. Aparentemente, é muito urgente.

George olhou o pedaço dobrado de papel na bandeja do lacaio. Nem parecia urgente. Na verdade, parecia bastante frágil. Uma brisa forte do oceano poderia arrebatá-lo a qualquer momento. Ele se pegou desejando que esse mesmo evento ocorresse. Então ele poderia voltar a garantir que sua irmã não aceitasse nenhuma proposta de idiotas com nomes absurdos.

Então ele poderia ignorar alegremente qualquer notícia terrível que aquele pequeno pedaço de papel inocente contivesse. Pois seu instinto lhe dizia que era terrível. Muitos dos chamados cavalheiros gostavam de cobrar seus desafios exatamente com essas notas.

Ele caminhou em direção ao servo. O homem de libré se levantou, seu rosto inexpressivo… apenas cumprindo seu dever. Claro. A suavidade por si só pesava ainda mais no estômago de George. Se fosse uma boa notícia, o homem teria ocasião de sorrir, ou pelo menos relaxar o queixo.

Fingindo indiferença, George pegou o pedaço de papel e abriu-o lentamente, como se não importasse nada o que o bilhete continha… certamente não como se estivesse relutante em lê-lo.

Ah, sim, uma cobrança certamente, ou alguém sendo desafiado. Deus, e nenhum dos pequenos também. Ele realmente devia a Barnaby Hoskins quinhentos

guinéus? Ele devia estar completamente embriagado naquela noite, pois não se lembrava disso. Ele, no entanto, reconheceu a assinatura do velho bastardo, preto no branco, tão claro quanto o sol brilhando no Canal. E então seu olhar desviou ainda mais para uma segunda assinatura, e o peso morto em seu intestino acendeu.

O rabisco desconhecido, uma vez que ele o decifrou, soletrou Roger Padgett.

Capítulo 4



PADGETT. O gorila, irmão mais velho de Lucy. Maldito seja, como ele encontrou George na Kent selvagem? E por que ele adquiriu a cobrança de Hoskins?

A montaria de George, a maldita coisa, avançou, uma tentativa de alcançar seus companheiros, sem dúvida. Ele apertou as rédeas e mudou seu peso de volta na sela, mas o cavalo desgraçado jogou a cabeça e bateu as patas no chão. Revelstoke garantiu a ele que a criatura era gentil, mas a cavalgada da manhã apenas provou que o mestre era um mentiroso. Isso, ou o cavalo era um especialista em engano. De qualquer maneira, a besta estava definitivamente no controle.

Ele apertou os olhos ao longo do caminho à frente. Árvores invadindo, suas folhas já com bordas vermelhas e douradas, se aproximaram. O resto do grupo já havia cavalgado para fora de vista. Tanto para uma companhia saudável. Até sua irmã o abandonou ao destino… ou pelo menos às suas reflexões. Pior, se alguns dos cavalheiros decidissem fazer corridas, George não estaria disponível para apostar no vencedor.

— Ei, sua maldita coisa. — Mais uma vez puxou as rédeas e recostou-se. A besta parou abruptamente, permitindo a George uma lufada de ar fresco do final do verão, tingido com o cheiro de sal. — Melhor. Agora, pelo menos, fique parado por tempo suficiente para deixar um homem pensar.

Mas o cheiro do mar veio à mente no dia anterior e as imagens de uma praia isolada encimada por penhascos altos. Não, não isso. Ele balançou sua cabeça. Ele precisava descobrir o que Roger Padgett estava fazendo, e como ele iria sair dessa bagunça.

Como se aquele pequeno movimento de sua cabeça fosse algum tipo de sinal compreendido apenas por equinos, seu cavalo bufou e empinou. O mundo se inclinou. Por um instante, George teve uma sensação de falta de peso, mas então seu

traseiro atingiu o chão com uma pancada de rachar os dentes. Seu cavalo ingrato girou e galopou para os estábulos, a terra tremendo sob o estrondo de seus cascos.

George respirou fundo. — Maldito, maldito, nojento, desgraça do desgraçados.

Por que ele permitiu que Revelstoke o convencesse a subir na besta em primeiro lugar era um mistério completo e absoluto. Ele teria feito muito melhor se deitar na cama, só então ele teria que suportar o casamento de sua mãe quando ele finalmente apareceu para o café da manhã. No momento, sentado no meio de um caminho de freio, o cóccix doendo e uma pedra afiada acertando-o na bunda, ele calculou que teria uma chance melhor com sua mãe.

Com pelo menos uma milha entre ele e a mansão, ele poderia muito bem partir a pé. Ele se levantou e se limpou. Um conjunto perfeitamente bom de peles de veado arruinadas e, claro, ele não poderia se dar ao luxo de substituí-las até que resolvesse a questão de sua amante e seu irmão.

Maldita moça. Não, não. Ele não deveria pensar nela nesses termos. Ela não engravidou sozinha. Mas uma criança. O que ele faria com uma criança? Lucy, pelo menos, deveria cuidar da maior parte, mas esperava-se que ele fizesse visitas e, acima de tudo, contribuísse o suficiente para garantir o futuro da criança.

Ele tentou evocar uma imagem, não de um bebezinho, mas de um menino, talvez da idade de Jack. Um pouco mais tolo, mas cheio do diabo com um sorriso rápido, uma língua afiada e um brilho de travessura em seus olhos cinzentos. Uma onda de destemor, também, o suficiente para enviá-lo disparando para o oceano, mesmo que ele não soubesse nadar… assim como Jack.

George se lembrou do peso constante da criança em seus braços, a mordida dos dedos pequenos apertando sua nuca, o tremor reprimido. Não, o velho Jack não ia deixar transparecer que estava com medo. O patife, ele precisava de um homem prestes a lhe ensinar coisas úteis como nadar e se defender quando ele chegasse à escola.

Mas então Jack não iria para a escola, iria? Certamente não para um lugar como Eton, onde ele teria que se defender sozinho ou seria consumido pelo sistema. Sorte para Jack, talvez, que ele evitasse tal educação, mas o menino ainda precisava

de um pai.

George balançou a cabeça. Por que ele estava se preocupando? O rapaz não era seu filho, enquanto em poucos meses Lucy o apresentaria com seu próprio pacote de responsabilidades. O pensamento pesou em seu estômago. Graças a Deus ele renunciou ao café da manhã cedo. Ovos, arenques defumados, rins e tudo o mais eram suscetíveis de voltar para dar lugar ao peso da paternidade iminente.

— O que você vai fazer agora?

George começou. A voz, familiar e jovem, viera de algum lugar acima. Ele olhou através dos galhos de um carvalho próximo. Jack sentou-se em um galho, os pés descalços balançando pelo menos dois metros acima do caminho. — Como você conseguiu chegar aí em cima?

— Escalando. — Jack balançou um pé manchado. — O que significa maldito?

— Agora não vá repetir isso para o sua… — Ele olhou em volta. — Onde está Isabelle?

— Quer dizer mamãe? Ela está em casa.

Casa? Ontem, ele presumiu que moravam na aldeia, mas isso devia ser a um quilômetro de distância. Jack e sua mãe certamente não moravam na propriedade de Revelstoke. — E ela sabe que você está aqui?

— Não acho que ela saiba. — Algo no tom do garoto… uma nota dura… fez George parar.

— Por que você não sai dessa árvore e nós vamos vê-la? — Ele colocou as mãos na cintura como se o gesto lhe emprestasse uma medida de autoridade. — Ela vai se preocupar se sentir sua falta, e você já deu um susto suficiente ontem.

— Estou chateado com ela. — Um toque de petulância surgiu nas palavras de Jack. — Ela disse que não vai me levar de volta para a praia depois de ontem.

— Ah. — Ele estendeu a mão para o menino, esperando que ele entendesse a dica e se abaixasse, mas Jack simplesmente ficou sentado ali, braços cruzados e sobrancelhas baixas. — O que acontece com as mulheres, sabe, é que elas precisam de tempo para superar uma coisa dessas. Se você esperar alguns dias, ela pode mudar de ideia.

— Eu não quero esperar. Eu quero ir agora. — Então sua expressão se suavizou, e ele se inclinou para os braços de George à espera. — Você não me levaria, não é?

— Isso dificilmente seria bom da minha parte. — George deixou o menino escorregar para o chão. Pequeno, mas robusto, ele. — Temo que teremos que respeitar os desejos de sua mãe por enquanto. Que tal te levar de volta para casa? Você vai me dizer onde você mora?

— Aposto que quando você era pequeno, sua mãe deixava você fazer todo tipo de coisa.

— Certamente que não. — Ele se conteve antes de acrescentar que se safou o suficiente com coisas proibidas sozinho. Jack era inteligente o suficiente para descobrir isso sozinho. Ele quase não precisava de mais encorajamento.

— Então o que você fazia para se divertir?

— O mesmo que a maioria dos meninos. Eu provocava minhas irmãs.

Jack estendeu a mão e arrancou um galho perdido do chão. — Não tenho irmãs.

— Não há outros meninos da sua idade na aldeia?

Jack encolheu os ombros. — Só o filho do vigário, e ele não pode brincar comigo. Não que eu queira. Ele é muito chato.

* * *

ISABELLE correu o dedo indicador pelo delicado forro do capô, com cuidado para não deixar sua pele áspera pelo trabalho danificar o tecido. Seda, branca e pura e virginal. Dispendioso. Muito além de suas possibilidades. Como os vestidos de baile que ela pegou quando saiu de casa, ela podia ter vendido a peça inteira por até uma coroa, mas a única vez que ela o usou, ela prendeu a parte externa em um galho. O máximo que ela podia fazer agora era salvar o que pudesse.

Ela pegou uma agulha, respirou fundo e começou a tirar o forro do canudo gasto, um ponto cuidadoso de cada vez. Algum chapeleiro apressado passou horas até que seus dedos doeram e o pescoço teve cãibras por causa da costura meticulosa ao criar este gorro.

Tudo para que uma jovem que estivesse se apresentando pudesse usá-lo por algumas horas no Hyde Park antes de jogá-lo de lado. Durante a sua única temporada reduzida, Isabelle não tinha pensado muito nas garotas da loja. Agora, enquanto ela desfazia a obra delas, ela apreciava seus esforços. O tecido fino se transformaria em algumas caixas sofisticadas para suas ervas.

Uma batida na porta a fez pular. — Droga.

Ela não podia se dar ao luxo de dar um puxão no tecido com um deslize da agulha. Este pedaço de gorro era o último do lote. Por meio de uma gestão cuidadosa, ela vivia com os rendimentos de seus vestidos de baile nos últimos seis anos, seus recursos cada vez menores complementados pelas ervas que ela poderia vender. Ela colocou o gorro suavemente no chão antes de se levantar.

— Quem está aí? — Quem realmente a visitaria? Nenhuma das esposas da aldeia, certamente. Quanto aos homens… Ela estendeu a mão para a tesoura.

— Sra. Weston. — veio a chamada abafada do outro lado da porta.

Isabelle soltou um suspiro. A esposa do vigário, uma perspectiva relativamente segura, isto é, desde que Jack obedecesse à seu última ordem e ficasse longe do filho da mulher. Apesar da semelhança de idade, os dois meninos pareciam incapazes de se dar bem. Seja qual for a verdade da questão, quaisquer lágrimas e lamentações eram invariavelmente culpa de Jack.

Ela abriu a porta para encontrar a outra mulher parada calma e fria logo além da soleira. Uma distância adequada. Combinava com sua postura ereta, o respeitável boné que cobria sua nuvem de cabelos escuros e seu vestido de manhã muito apropriado que caía em pregas precisas até os pés.

Isabelle resistiu ao desejo de alisar suas saias ásperas. — Perdão. Como você pode ver, eu não esperava visitas.

— Eu vim por causa do Peter.

Isabelle fechou os olhos por um momento. — O que Jack fez com o menino agora?

— Oh, isso não tem nada a ver com Jack.

Isabelle conteve um suspiro. Aparentemente, ela não estava prestes a ser

tratada com uma ladainha das deficiências de seu filho… resultado de seu nascimento cruel, sem dúvida. Não que a Sra. Weston fosse alguma vez tão rude a ponto de fazer uma declaração tão direta, mas a implicação sempre estava por trás de suas palavras. Suas conexões familiares podem não ser dignas do beau monde, mas a língua da mulher podia açoitar tão doce e educadamente quanto qualquer decano da alta sociedade.

— É meu garoto. — ela continuou. — Ele está mal de novo.

— Mandou chamar o médico? — A esposa do vigário, afinal, deveria poder pagar uma opinião médica bem informada.

— Oh, eu não acho que isso justifique o médico. — A Sra. Weston avançou para a sala. — Não quando aquela infusão que você me deu da última vez funcionou.

Da última vez, ela ofereceu uma garrafa de uma das cervejas Biggles, já que a tinha em mãos. — É o estômago de novo?

— Sim, dói para ele.

— Mas não o suficiente para o médico?

A Sra. Weston empalideceu. — O médico insiste em sangrá-lo, e eu não acho…

Isabelle hesitou. Nesse ponto, pelo menos, ela concordou. Uma rápida olhada em seu armário aberto, por outro lado, disse a ela que Peter talvez tivesse que enfrentar a lanceta, afinal. — Parece que estou sem remédio para o estômago.

— Oh, você faria outra receita? — A Sra. Weston procurou no bolso. — Eu posso pagar.

Alguns xelins brilharam tentadoramente em sua palma enluvada. Eles talvez comprassem um osso do açougue, o suficiente para dar sabor a um ensopado de vegetais aguado e lembrá-la do gosto da carne. — Claro. Vou levar assim que estiver pronto.

— Por favor, apresse-se. Eu odeio vê-lo todo pálido e dolorido.

A Sra. Weston colocou as moedas na mesa e saiu. Biggles havia caminhado até uma aldeia vizinha para visitar um velho amigo, mas certamente Isabelle havia aprendido o suficiente para preparar um remédio estomacal simples sem supervisão. Ela só precisava de um pouco de ulmeira, poejo e hortelã-pimenta, mas

ela já sabia que não havia hortelã pendurada nas vigas. Eles haviam esgotado seu estoque.

— Jack? Jack, tenho uma tarefa para você.

Sem resposta. Ela tamborilou os dedos contra a coxa. Ela devia saber que a casa estava muito quieta. Ele provavelmente tinha saído.

Ela levantou a janela que dava para o jardim dos fundos. Uma profusão de cores flutuou em caules graciosos ao sol da manhã. Borboletas flutuavam de flor em flor.

— Jack? Onde quer que você esteja se escondendo, saia imediatamente.

Nada ainda. Esse menino. Um fio frio de inquietação percorreu sua barriga. Uma imagem dele no café da manhã, mal-humorado, colocando mingau na boca, passou por sua mente. E se ele a tivesse desafiado e voltado para a praia sozinho?

Ele era totalmente capaz. Ele era tão travesso quanto qualquer garoto de sua idade, cheio de idiotices às vezes e tão teimoso, bem, tão teimoso quanto sua própria mãe. Maldição, ela não tinha tempo para isso. Ela teria que devolver o dinheiro à Sra. Weston. Mas ela não podia correr o risco.

Erguendo as saias, sem se preocupar com o gorro, ela disparou pela porta e desceu a rua em direção ao caminho para a costa. Logo sua respiração disparou em jorros irregulares, suas costelas esmagadas contra o espartilho. O sol do final de agosto a pressionava, mas, apesar do calor, uma gota fria de suor escorria entre suas omoplatas.

E se uma onda o tivesse levado de novo? E se ele tivesse sido puxado para as garras geladas do Canal? As lágrimas turvaram sua visão com o pensamento de seu pequeno corpo sendo jogado de onda em onda em correntes impiedosas. Seu Jack, ao mesmo tempo robusto e frágil, forte o suficiente para não mostrar seu medo e ainda assim não era páreo para o poder de toda aquela água.

Cegamente, ela tropeçou no cal esfarelado que levava à praia. Quando seus pés escorregaram em seixos rolantes, ela respirou fundo para se preparar e abriu os olhos.

Nada, exceto o grito triste de uma gaivota solitária. O vento soprava ao longo

da costa vazia, seu assobio constante sublinhado pelo ritmo implacável das ondas.

Seus joelhos dobraram e ela caiu contra a parede de pedra em suas costas. Um soluço a sufocou e ela pressionou o punho contra a boca para conter o lamentável lamento. Ela deveria ter mantido uma vigilância mais próxima. Já deveria ter procurado um aprendizado para ele. Um menino de seu tamanho poderia encontrar qualquer número de tarefas servis dentro de sua capacidade que o manteriam ocupado.

Ela precisava abandonar a noção de que o neto de um conde estava acima dessas coisas. Sua família a expulsou, e com razão, por causa de Jack. Ela falhou em representar a senhorita adequada da sociedade, e agora ela falhava na maternidade.

Um grito vindo do caminho acima alcançou seus ouvidos. Oh Deus. Alguém estava prestes a descobrir sua vergonha novamente. Não querendo enfrentar quem quer que fosse, ela olhou para a vasta extensão de seixos que se estendia da face do penhasco até as ondas batendo na costa. Tão enganosamente gentil hoje, tão calmo. Até mesmo a costa imaculada zombava dela na perfeição de sua suavidade. Nem um único indício de pegada marcou a superfície.

Não é uma pegada?

Ela cerrou os punhos. Maldição, se o menino não estava aqui, para onde ele tinha ido? Ela se virou e a fonte dos gritos ficou clara. Jack e o Sr. Upperton seguiram descendo a encosta.

— Jack! — Ela correu até o filho. A sensação de pânico de acelerar o coração ficou quente. — Onde diabos você esteve?

Ele começou a trotar em sua direção, mas parou, seu sorriso desaparecendo. Sua sobrancelha se franziu em incerteza. Ela raramente era dura com ele. Biggles alegava que ela não era severa o suficiente. Ela sabia que deveria ser, mas cada vez que se esforçava para ser mais firme, parte dela se perguntava se não estava sendo excessivamente dura com o rapaz.

Ela não o queria, afinal. Não queria nada disso.

— Você veio me procurar aqui? — Jack perguntou.

— Não consegui te encontrar em lugar algum. — a voz dela tremeu ao se

lembrar do vazio em seu intestino quando percebeu que ele havia partido. — Nunca, nunca mais saia correndo assim.

— É melhor você ouvir sua mãe. — O Sr. Upperton pronunciou as palavras com uma autoridade silenciosa. — Você não quer dar outro susto.

Jack baixou a cabeça e traçou uma linha no chão com o dedo do pé. — Sim, senhor.

Isabelle se forçou a olhar o Sr. Upperton nos olhos. Um engano, isso. As linhas de riso em suas têmporas se suavizaram, deixando apenas sulcos rasos para marcar sua presença. Rindo e bem-humorado, ela o achava bonito. Sóbrio e severo, ele era devastador. Sua boca ficou seca e seus lábios se separaram por vontade própria.

Maldição, ela não podia se permitir reagir dessa maneira. Se ao menos ela tivesse mostrado um pouco mais de autocontenção durante sua primeira temporada, ela não estaria nesta situação. Ela não podia se dar ao luxo de sucumbir mais uma vez ao charme de um homem, não importa o quão opressor.

— Onde você o encontrou?

Upperton passou a mão na nuca. Um sorriso apareceu no canto de sua boca. — Ele estava em uma árvore, na verdade.

— Subir em uma árvore? — As únicas árvores significativas perto da aldeia ficavam na propriedade de Revelstoke. — O que diabos você estava fazendo na mansão?

Jack a olhou nos olhos, seu olhar inocente. — Você disse que eu não poderia ir à praia. Você nunca disse que eu não poderia subir em árvores.

— Você deve ficar onde eu possa vigiá-lo. Você não tem negócios com a propriedade de seus superiores. — Seus superiores. Sim, os Revelstokes eram seus superiores. Agora. Ao mesmo tempo, ela teria sido igual a eles. Em certa ocasião, ela poderia ter sido convidada para tomar chá na casa. Ela poderia ter conhecido o Sr. Upperton em circunstâncias legítimas. Ele poderia tê-la convidado para dançar. Como ela sentia falta desse prazer simples.

Jack esticou o lábio inferior. — Droga!

Ela soltou um suspiro antes de virar os olhos semicerrados para Upperton. —

E onde ele aprendeu essa linguagem?

Upperton teve a graça de desviar o olhar. Um rubor subiu por sua nuca, apenas visível onde a brisa agitava seu cabelo. — Você não deve repetir palavras que não entende. — murmurou ele.

Jack ergueu o queixo. — Eu perguntaria o que significava. Você não me diria.

— Bem, eu não deveria. Isso não se destina a ouvidos jovens. — Ele olhou para Isabelle. — Em minha defesa, não percebi que ele podia me ouvir. Um cavalo me derrubou, entende, e eu pensei que estava sozinho. Jack aqui estava se escondendo em uma árvore.

— Jack. — Isabelle se abaixou até que seu olhar estivesse no mesmo nível do de seu filho. Olhos castanhos escuros, tão parecidos com os dela, piscaram de volta para ela. — Você não deve repetir tais palavras. Você me entende? Na verdade, acho melhor ficarmos longe daqueles que falam dessa maneira.

— Mas mamãe…

— Ele é um homem ocupado, tenho certeza. Ele tem mais a fazer do que perseguir gente como nós.

— Devo dizer — Upperton pigarreou. — que não foi nenhum problema. Achei que você se preocuparia onde o garoto tinha ido parar. Só pensei em poupar você.

Ela se endireitou. Ele se aproximou e estendeu a mão na direção dela. Ela olhou para ele, e os dedos dele se curvaram para dentro, como se isso pudesse esconder a intenção por trás do gesto. Como se ela pudesse anular o movimento. O olhar dela mudou para os olhos dele e, como ontem, quando ele a olhou, a intensidade por trás de seu olhar bateu nela.

Ele está interessado. Ele me acha atraente.

Se ele não achasse. Seria muito mais fácil ignorar o calor que se espalhava em sua barriga em resposta. Ela não conseguia parar a sensação, mas nada exigia que ela agisse sobre isso. Só… o escurecimento de seus olhos estava começando a puxá-la… como uma exigência.

— Não foi problema nenhum, garanto. — Mesmo sua voz se aprofundou para algo grave e convincente. — Desista — parecia dizer. Mas ela desistiu uma vez, para

sua decepção e ruína.

— Agradeço sua ajuda. — Ela endireitou os ombros, os manteve rígidos para reforçar a formalidade de seu tom. — Acho que não vamos exigir mais nada.

— Jack, por que você não corre para casa? — O menino pestanejou ante o pedido, seus olhos brilhando de curiosidade. — É um bom rapaz. Sua mãe e eu iremos em breve. Só desejo uma palavra com ela… sozinho.

— Espere por mim, Jack. — Isabelle interrompeu antes de voltar para Upperton. — Não tenho tempo para conversar. Agradeço por encontrar meu filho e devolvê-lo para mim. Agora, se você me dá licença, eu realmente devo ir. — O remédio para o estômago da Sra. Weston não iria demorar muito mais.

A mão dele agarrou seu antebraço, firme, solidamente, não exatamente uma ameaça, mas uma exigência, no entanto. — Gostaria de discutir um determinado assunto com você.

— O que podemos discutir, senhor? Quase não nos conhecemos.

— Mamãe? — Jack olhou de um para o outro, com a testa franzida.

— Vá em frente. — disse Upperton. — Sua mãe e eu vamos seguir.

Jack, maldito menino, correu pela trilha. Ela respirou fundo para chamá-lo de volta, mas a mão em seu braço a apertou.

— A menos que você prefira que ele nos ouça discutindo sobre ele? — Upperton resmungou.

— Meu filho não é da sua conta, e eu tenho trabalho a fazer.

Ela se moveu para seguir Jack, e Upperton soltou seu aperto, mas caminhou ao lado dela. Bom Deus, o que ele poderia querer com ela? Ela pareceria pouco importante para ele com seu vestido simples. Não melhor do que uma criada ou uma vendedora. Abaixo de seu nível. Ela não reteve nenhum sinal externo do que tinha sido.

— O que você quer? — Ela odiava o jeito que sua voz soava, tão pequena e débil diante dele.

— Onde está o pai do menino?

— O que? — Ela apressou o passo, mas ele alongou o passo para corresponder.

— O pai dele.

— Jack! — chamou ela. — Você se lembra daquela planta que lhe mostrei outro dia? O que você disse que cheirava tão bem?

O menino se virou e acenou com a cabeça.

— Você se lembra onde o encontramos? — Outro aceno de cabeça. — Eu preciso que você escolha algumas para mim. O quanto você conseguir. Apresse-se agora. — Ela não deu a Upperton um olhar. Um passo firme e ela estaria em casa em breve. Ela pretendia fechar a porta na cara do homem.

— Obrigado. — Upperton disse. — Melhor ele não ter a chance de ouvir.

— Não tenho intenção de discutir isso com você. Não é da sua conta. — Continue caminhando. Apenas mantenha-se andando. Não olhe para ele. Não reconheça.

— Ele te abandonou? — a voz dele assumiu um tom duro de indignação por ela. Mas por que ele deveria se importar? Para ele, ela não era nada. Ele estava muito acima dela, mas em algum momento isso poderia não ter sido o caso. Seis anos atrás, ela poderia muito bem estar acima dele.

— Isso não importa. Ele não está aqui. Isso é tudo que importa.

— Tudo que importa? Esse menino precisa de um pai.

Ela parou, as mãos fechadas em punhos com a memória. — Ele não precisa de seu verdadeiro pai. Seu verdadeiro pai era um canalha.

Upperton se aproximou até bloquear o céu. Uma brisa carregada de sal bagunçou seu cabelo, deixando-o em pé e dando a ele uma aparência malandra. — Ele precisa de um homem em sua vida, no entanto.

Uma risada repentina borbulhou em sua garganta. — Você é voluntário?

A cor sumiu de suas bochechas avermelhadas pelo vento e ele recuou. — Não.

— Então por que abordar o assunto? Por que colocar seu nariz onde claramente não pertence? — Ela se afastou novamente. Jack havia desaparecido por

uma alameda lateral, atrás da manancial. Adiante, os primeiros chalés se aproximavam. Seu chalé, subindo a rua do vicariato, depois da pousada. Seu refúgio.

— É apenas… — Ele a alcançou mais uma vez. — Ao diabo com isso. Sua vida não seria mais fácil com outra pessoa para ajudá-la a cuidar dele? Ele se encrencará cada vez mais à medida que envelhece.

— Falando por experiência própria, não é? — Ela lançou um olhar aguçado na direção dos hematomas que desapareciam em seu olho esquerdo.

— Se você quer saber, sim. Mas, além disso, ele é solitário.

— Ele te disse isso? — Uma estranha queimação agitou seu estômago. Seria ciúme que seu filho tivesse confiado naquele estranho em vez de sua própria mãe?

— Não com tantas palavras, mas pude perceber. Um menino de sua idade precisa de companheiros.

Ela acenou com a cabeça para uma matrona saindo do boticário. — Ele me tem.

— Você é a mãe dele. Algum dia ele vai querer um homem para lhe contar sobre… — Ele parou, mas a cor que subia rapidamente para suas bochechas preenchia o resto de sua noção com bastante facilidade.

— Ele vai querer saber sobre como seduzir garotas inocentes à ruína? — Isso o parou. Em geral, sim.

Ele abriu a boca e fechou novamente. Seu pomo de Adão balançou enquanto ele engolia. Ao mesmo tempo, um brilho especulativo em seus olhos disse a ela que ele tinha entendido seu ponto.

— Prefiro que meu filho não aprenda essas lições.

— Então ele precisa de um pai ainda mais.

— E onde você propõe que eu encontre tal modelo? Ele teria que me aceitar no negócio, arruinada como sou.

Seu olhar viajou por seu corpo, aquecendo tudo o que tocava, desde seu rosto até seus seios para algum lugar profundo, bem no fundo… algum lugar proibido. E aqui estava ela, parada no meio de uma via pública, deixando-o cobiça-la. É hora de

desligá-lo aqui e agora.

— Esse, Sr. Upperton, é exatamente o tipo de homem que pretendo evitar.

Capítulo 5



GEORGE CAMINHOU pela estrada poeirenta em direção a um estabelecimento de aparência promissora. Precisamente o tipo de homem que ela pretendia evitar, de fato. Ele não tinha a intenção de sugerir nada. Como se ele pudesse cuidar dos problemas de outra mulher quando já não… tivesse o suficiente.

Ele olhou para a pousada… deve ser uma pousada, dado seu tamanho. Uma estalagem significava que se podia comer alguma coisa. O Senhor sabia que um gole de cerveja cairia bem depois da manhã que ele teve. Rejeitado por um equino e uma mulher. Não que ele quisesse ter algo a ver com isso. Ah não.

— Você veio de uma maneira bastante indireta.

George apertou os olhos na direção da voz masculina. Leach conduzia seu cavalo do lado oposto da aldeia. Revelstoke o seguia, junto com vários de seus convidados, cada um segurando um conjunto de rédeas.

Revelstoke se aproximou e deu um tapinha em seu ombro. — Eu quero saber o que você fez com Buttercup?

— Quem é Buttercup?

O desgraçado sorriu bastante. — Lembro-me de te emprestar uma égua esta manhã.

Então a besta também era fêmea. Ele devia saber. — Aquela não era Buttercup. Aquela era uma chata ingrata que decidiu dormir em vez de me levar para passear. Tenho certeza de que a maldita fera está de volta aos estábulos, se enchendo de aveia.

Revelstoke começou a rir.

— E não se atreva a dizer que o último cavaleiro que aquela criatura imunda jogou era uma criança de seis anos — acrescentou George. — Terei de exigir

satisfação.

— Você pode chamar Buttercup se quiser, mas terá que pedir a outra pessoa para ser o seu substituto. Estávamos indo para a pousada para tomar uma bebida, mas talvez você queira recusar o convite. Você precisará de tempo para caminhar para casa.

— Tudo bem. Eu posso tomar a bebida. — Ele olhou para os outros. O irmão e o cunhado de Revelstoke, o marquês de Enfield e o conde de Highgate, respectivamente, flanqueavam Leach. — Se por acaso um de vocês tiver um baralho de cartas, isso também não seria ruim. O que você disse?

Um sorriso lento se espalhou pelos traços de Leach. Ele enfiou a mão no sobretudo e tirou um pequeno pacote. — Achei que você nunca iria perguntar.

Revelstoke o cutucou. — Sobre os jogos de cartas.

— O que?

— Minha esposa decidiu que não quer nenhum jogo pesado em casa. Muito tentador para seu pai.

Leach franziu a testa. — Isso vai nos deixar com nada além de jogos de salão para entretenimento.

As linhas nos olhos do marquês se aprofundaram enquanto ele ria. — Se você tiver sorte, as senhoras mais velhas vão olhar para o outro lado por "Beije o Castiçal".

— Conhecendo minha mãe, — disse George — ela vai encorajá-lo, e então alegar que comprometeu alguma jovem senhorita.

— Isso decide, então. — Leach recolocou a mochila no sobretudo e deu um tapinha no bolso. — Os esforços da manhã me deixaram decididamente sedento. Que tal experimentarmos a cerveja local? E talvez alguma outra delícia que esta vila possa ter?

Highgate ergueu as sobrancelhas. — Que delícias essas podem ter em um lugar desse tamanho?

— Meu Deus, salve-me da armadilha do pároco. O casamento o satisfaz completamente? — Leach soltou uma gargalhada. — Você não pode me dizer que a pousada não abriga uma ou duas prostitutas dispostas.

— Não posso dizer que sim — disse Revelstoke.

— Sim, outro que foi pego. Significa apenas que você não olhou com atenção o suficiente, ouso dizer. Eu não gostaria de apostar que Upperton aqui nos venceu em quantas escolhas existem. — Ele deu uma cotovelada nas costelas de George. — Eh? Que tal? Você tem experimentado o talento local enquanto o resto de nós começou a falar sobre trabalhar para matar a sede?

George recuou. Normalmente, ele estaria no meio de tais especulações, mesmo que apenas por uma ou duas risadas obscenas. Agora não. Por algum motivo, a imagem de Isabelle flutuou em sua mente. Ele teve um vislumbre de sua casa quando ela entrou… arrumada, sim, mas pequena. Qualquer que fosse sua posição… e sua maneira de falar lhe dizia que era alta… suas circunstâncias agora estavam muito reduzidas.

E se, por puro desespero, ela recorresse ao tipo de empreendimento que Leach sugeria? E se ela já tivesse se vendido a alguém que pudesse ter algumas moedas para alimentar seu filho ou manter o teto sobre suas cabeças? Tal risco, e se ela atraísse o homem errado…

Esse, Sr. Upperton, é precisamente o tipo de homem que pretendo evitar.

E se ela já tivesse?

A ideia o atingiu como um golpe no estômago e forçou o ar de seus pulmões. Não se ele pudesse evitar. Mas o que ele poderia fazer? Por enquanto, de qualquer forma, Leach não sabia nada sobre ela. Ele só precisa garantir que continue assim.

— Levei metade da manhã para chegar aqui a pé, para que você saiba. — Ele esperava que os outros interpretassem o tom de sua voz como um simples ferimento por seu cavalo tê-lo derrubado. Buttercup, de fato. — E aquela bebida?

Qualquer coisa para tirá-los da rua.

Com o traseiro dolorido pela queda, ele liderou o caminho para a pousada. A sala comum estava escura sob tetos de vigas pesadas e algumas janelas altas. Um fogo intermitente ardeu na lareira, bombeando mais fumaça para o espaço do que calor. Fios acinzentados flutuavam através dos raios de sol fracos que caíam dos beirais. Uma mulher de seios grandes olhou carrancuda para eles por trás do bar.

George cutucou Leach e apontou com o queixo. — Este é o seu talento local.

Leach franziu a testa e se jogou no assento mais próximo. — Vamos em frente.

Poucas horas depois, George estava alegremente disposto a ignorar qualquer dor persistente em suas regiões inferiores em favor de se concentrar em bolsos mais pesados, pelo menos em um futuro próximo.

— Você terá que aceitar minha garantia. — Leach colocou um pedaço de papel em sua mão.

— O que é isso então?

As bochechas de Leach ficaram coradas, mais do que poderia ser atribuído a qualquer cerveja que ele havia consumido. Ele resmungou algo baixo demais para George ouvir no meio da conversa na taverna.

— Tente novamente?

Leach pigarreou. — Eu disse a menos que você queira fazer um acordo com sua irmã.

George fechou o punho em torno da garantia. — Aqui agora. O que Henrietta tem a ver com um acordo entre cavalheiros? Você não tem motivo para arrastar o nome dela para isso.

Os olhos de Leach se estreitaram, um mero aperto dos músculos acima de suas bochechas, o movimento quase imperceptível nas sombras da taverna. — Ela me limpou ontem à noite, certo?

Revelstoke teve um ataque de falsa tosse, que só serviu para escurecer a expressão de Leach.

— Limpou você? — George tamborilou os dedos na mesa. — Como você conseguiu esse tipo de coisa passando por Julia?

Leach encolheu os ombros. — Suponho que ela não estava prestando atenção o suficiente.

— Isso é o que você ganha por deixar Henny vencer.

— Eu não a deixei ganhar, — Leach ralhou.

George ignorou a nota de advertência na resposta de Leach. Isso era muito

delicioso. Ele jogou a cabeça para trás e riu. — Nesse caso, devo agradecimentos por ensiná-la direito. Se não fosse por sua reputação, eu teria que pensar em uma maneira de levá-la ao meu clube. Eu posso reverter algumas de minhas próprias fortunas.

— É isso aí. — As pernas da cadeira de madeira raspavam ruidosamente no piso de tábuas enquanto Leach se desdobrava. — Estou indo.

George estudou o outro homem enquanto ele se virava e saía da taverna. Seu baralho de cartas ainda estava espalhado sobre a mesa. O aperto em sua boca e a postura rígida de seus ombros diziam muito.

Virando-se para encarar os outros, George pegou sua caneca e engoliu o resto de sua cerveja. — E de onde ele veio? Não me lembro de tê-lo encontrado antes, e você pensaria que, entre amigos, eu conhecia os outros convidados.

Revelstoke sentou-se um pouco mais reto, seu olhar panorâmico em direção à porta. — Ele é um conhecido dos Wentworths. Pelo menos, ele saiu da cidade com eles. Eu não estava disposto a rejeitá-lo, como amigo de convidados.

— Um tanto melindroso para um parasita, não acha? — disse George. — Qual você acha que é o problema dele?

Highgate se inclinou sobre a mesa. — Você tinha que esfregar isso?

— O homem é claramente um idiota exagerado. — George empurrou sua caneca de lado. — O que isso importa? — Ele alisou a garantia amassada de Leach para admirar a quantidade. A escrita do homem era tão extravagante quanto sua maneira de falar e se vestir. — Assim que ele me pagar, você terá seu empréstimo de volta — acrescentou ele a Revelstoke.

Não apenas isso, ele seria capaz de pagar aquele macaco Padgett e ainda sobrar o suficiente… para investir em sua estratégia para derrubar o Redditch.

Revelstoke se inclinou para a frente em seu assento. — Você não tem que me pagar. Fique com o que eu dei a você e aplique-o às dívidas de Summersby.

Highgate enfiou a mão no sobretudo e jogou uma bolsa de couro sobre a mesa. — Você pode adicionar minha contribuição.

— E a minha. — A bolsa de moedas de Enfield caiu ao lado de Highgate com

um baque.

George se recostou, incapaz de responder por um momento. — Isso realmente não é necessário. Nunca tive a intenção de iniciar uma instituição de caridade.

— Cale a boca e pegue — disse Revelstoke, recolhendo a moeda.

— Mas eu tenho a garantia de Leach. — Sem pensar, ele juntou as cartas e colocou-as no bolso. — É um começo.

— Você não está assumindo um pouco demais?

George fechou os dedos sobre as bolsas de moedas. — O que é isso?

— Que ele é bom nisso.

* * *

BOLSOS tilintando, George cruzou o gramado, o olhar fixo nos grupos de moças espalhadas pela grama. Alguns deles montaram cavaletes para capturar em aquarela as fileiras de flores que margeavam a passarela. Outros rabiscaram em maços de papel enquanto seus amigos trocavam fofocas por trás de suas mãos. Chapins de cor pastel cantando, todos eles.

Pior, nenhuma de suas irmãs estava à vista.

— Aí está você. — Os dedos da mãe agarraram o pulso de George com uma força surpreendentemente forte. — Você não pode passar a semana inteira se escondendo. Eu não vou permitir.

— Você viu Henrietta? Eu exijo uma palavra com ela. — E mais do que uma palavra. O tiro de despedida de Revelstoke na pousada fez George questionar se Leach havia lhe contado a verdade sobre não perder intencionalmente. Se ele se endividasse com Henrietta de propósito para atraí-la para uma armadilha…

O aperto da mãe aumentou em sua manga. — Henrietta está ocupada no momento, e você não deve perturbá-la.

A insistência no tom da mãe desviou o olhar do rebanho. — Ocupada como?

— Eu nunca teria acreditado depois de todo esse tempo. Ela atraiu um pretendente e não parece decidida a rejeitá-lo. — A mãe baixou a voz para um

sussurro, como se falar a verdade pudesse assustar o pretendente.

Droga, ele devia saber. — É por isso que desejo falar com ela. Não acredito que o cavalheiro em questão seja bastante apropriado…

— Absurdo! No próximo ano, ela terá vinte e seis anos. Entre sua idade e seu passado, eu estava começando a pensar que nunca a casaríamos. Melhor terminar o trabalho antes que ela coloque mais noções na cabeça de Catherine. E quanto a você…

Seu aperto mudou, colocando uma pressão decidida em seu pulso. Ela praticamente marchou com ele em direção a um grupo de garotas rindo. Se eles não estivessem em companhia, ela sem dúvida o levaria pela orelha como um colegial recalcitrante.

Uma garota estava um pouco afastada das outras, com as mãos cruzadas em uma exibição perfeita de uma pose recatada, enquanto outra garota fazia tentativas em um maço de papel de desenho com um pedaço de carvão. Seus amigos tagarelavam de encorajamento. Muitos deles pareciam que ainda pertenciam à sala de aula. E sua mãe achou que uma delas seria um par adequado?

— Mamãe, sério — murmurou ele.

— Estou determinada. — disse ela com o canto da boca, dando um puxão não muito sutil no pulso dele. Se ela o tivesse pela orelha, ela teria torcido. — Ah, aqui estamos. Srta. Abercrombie, não acredito que você tenha conhecido meu filho. George, esta é a Srta. Theodosia Abercrombie.

Theodosia. Bom Deus. George sentiu uma pontada de pena da menina, por estar marcada com um nome tão deselegante.

A Srta. Abercrombie desviou o olhar de seu trabalho e sorriu por um momento fugaz antes de estreitar os olhos em um brilho penetrante. Os outros ficaram em silêncio enquanto o olhar dela desenhava o rosto dele, das sobrancelhas às bochechas e queixo. Assunto interessante, disse aquele olhar.

— É um prazer, tenho certeza — ela murmurou antes de se esconder atrás do maço de papel mais uma vez.

George fez uma reverência para o feixe. — Da mesma forma. Agora, se você…

Mas a mãe o interrompeu. — Quem são seus amigos?

Obviamente, a artista não pretendia se deixar perturbar em meio a tanta energia criativa, pois a ruga entre suas sobrancelhas escuras se aprofundaram e ela continuou a folhear a página.

Outra garota deu um passo à frente e fez uma reverência. — Acredito que fomos apresentados no baile Pendleton na temporada passada? — Sim, Srta. Prudence Wentworth do nariz infeliz. — Você acabou de conhecer meu primo. — Ela acenou com a cabeça para o artista antes de recitar mais alguns nomes. — E esta é a Srta. Emily Marshall.

George ficou tenso.

A mãe baixou o braço dele. — Bom Deus. Você estaria conectada ao conde de Redditch?

— Ele é meu tio. — O tom da garota era gelado, como se a mãe fosse uma criada. Nada surpreendente vindo de uma família cuja cabeça não pensava em arruinar um homem.

George estudou a garota, enquanto sua mente girava com possibilidades. Ela estava de pé, pálida, loira, de pele branca e vestida de branco… ela poderia muito bem ser um fantasma, apesar de ser quase translúcida em sua brancura. Até seus olhos eram de um tom de cinza tão claro que se desvaneciam na suavidade do todo. Pouco a recomendar no reino da beleza, a menos que se goste de uma tela intocada.

Mas se ele pudesse quebrar a camada de gelo que a rodeava, ele poderia ganhar aceitação suficiente para permitir que ele a visitasse na cidade. Tudo que ele precisava era de uma entrada. Precisaria de todo o encanto que ele possuía para derretê-la. Ele sustentou o olhar da Srta. Marshall e pensou no doce sabor da vitória quando ele pagasse as dívidas de Summersby e expusesse Redditch como o homem que ele era.

Ponto. Devia dar um sorriso convincente. Bem-sucedido também, se o coro de suspiros das jovens ao redor fosse alguma indicação.

— Terminado! — anunciou a Srta. Abercrombie. As outras garotas se aglomeraram para admirar seu trabalho, mas George ficou onde estava. Ele tinha

visto esforços suficientes de jovens mulheres na arte e, neste caso, ele estava muito mais interessado no assunto.

Assim, ele mal estava preparado quando a Srta. Abercrombie declarou: — O Sr. Upperton representará meu próximo retrato.

Ele ergueu as mãos. — Senhoras, eu realmente não acho…

— Oh, por favor, — elas imploraram a uma só voz. Até a Srta. Marshall parecia animar-se o suficiente para adicionar sua voz ao refrão.

— Bem, se vocês insistem. Contanto que você não exija que eu fique como uma estátua, claro. O exercício será muito mais agradável se eu puder conversar.

A Srta. Abercrombie balançou a cabeça em concordância. Graças a Deus. Se ele tivesse que ficar lá e pensar sobre como avaliar o olhar dela, ele poderia enlouquecer. Ele assumiu sua posição onde ela indicou e tentou tirar seus olhos enervantes de sua mente.

— Marshall, Marshall. — ele bateu no queixo. — Parece que me lembro de alguém com esse nome uma ou duas turmas abaixo de mim em Eton. Você não teria um irmão mais velho, por acaso?

A Srta. Marshall olhou para ele friamente. — Lamento, não.

Ele teve que forçar os ouvidos para ouvir a resposta murmurada dela. — Pena disso. Um primo, então?

— Não, senhor. — Enquanto ela murmurava as palavras, um traço de algo… seus olhos eram indefinidos demais para chamar de faísca… passou por seu olhar. A vibração de uma sombra. Então a garota tinha algo a esconder, não é?

Muitos membros da alta sociedade também, mas sua família em particular era perita em esconder suas fraquezas. Talvez seja por isso que ela trabalhou tanto para se misturar ao cenário. Sob seu escrutínio, ela parecia destinada.

— Marshall, sim. Está voltando para mim agora. Henry, era seu nome. Sempre em um arranhão ou outro. Quase tão frequentemente quanto eu. — ele fez uma pausa para a série de risos que irromperam de sua plateia. — Pensando bem, ele parecia com você. Ou você com ele.

Ela inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse tentando fazer cara ou

coroa com ele. — Não acho possível.

— Claro que você acha. — Claro que não, porque Henry Marshall, seu suposto primo, não existia. — Eu vejo agora. O nariz dele se inclinava igual ao seu e ele era louro. Com uma tez um pouco mais avermelhada.

Seus ombros se ergueram quando ela respirou fundo. Sobrancelhas pálidas fantasmagóricas baixadas. Duas manchas rosadas mancharam suas bochechas… sem dúvida, este era o mais avermelhado que ela já teve. Por dentro, ela devia estar fervendo. — Receio que você esteja enganado. Não conheço nenhum Henry Marshall, nem mesmo entre meus conhecidos, muito menos quaisquer ligações familiares.

Quanto mais ela falava, mais ele tinha certeza de que havia acertado o alvo. Ela estava escondendo algo. Ou talvez não ela, mas um escândalo maior dentro da família. Mas o que? George vasculhou sua memória, mas ele nunca foi de ouvir fofocas, pelo menos enquanto ele não podia ouvir nada em sua vantagem. Se a sociedade estava alvoroçada por causa de algum senhor que estava perdendo muito na mesa de jogo, ele poderia prestar atenção. Se um homem ganhou a reputação de arruinar jovens senhoritas, ele poderia prestar atenção suficiente para saber a quem manter longe de suas irmãs.

Mas ele nunca prestou a menor atenção ao conde de Redditch antes de se dar conta das dificuldades de Summersby. Bem, aqui estava sua chance. Ele só precisava convencê-la a encontrá-lo em circunstâncias mais favoráveis para ver se ele poderia atraí-la.

Isso exigiria um encontro com ela. Sozinho.

* * *

PETER Weston ficaria bem, com certeza. Isabelle disse a si mesma tanto quanto ela deixou o vicariato. Sua mãe era muito indulgente. Uma superabundância de doces causaria dor de barriga em qualquer menino.

Uma brisa carregada de sal levantou redemoinhos de poeira ao longo da estrada através da aldeia. Ela colocou a mão na cabeça para proteger o chapéu enquanto fazia o caminho para casa. Moedas tilintaram em seu bolso, o próprio som de segurança, ou pelo menos um estômago cheio esta noite.

Duas matronas, cestas de compras balançando nos cotovelos, emergiram do açougue. Para o bem da boa educação, Isabelle acenou com a cabeça para elas. Elas retribuíram seu reconhecimento com inclinações quase imperceptíveis de suas cabeças, tão perto de um corte quanto podiam, sem se comprometerem com grosserias gritantes.

Ela estava muito acostumada com a reação delas para permitir que isso a incomodasse. Quando ela chegou aqui, com uma criança no colo, ela ficou chocada e magoada. Agora ela apenas sorria um pouco mais amplamente e suprimiu uma risadinha quando as duas aumentaram o passo. Deus me livre que ela tome seu reconhecimento como uma desculpa para falar com elas. Como ela ousava ter a ousadia de comentar sobre o tempo?

Ela caminhou em direção a sua cabana, suspeitando sem olhar que as duas estavam de cabeça juntas. As paredes caiadas de sua casa se erguiam em uma moldura elegante em torno da porta de carvalho da frente. Não muito, mas ela manteve orgulho suficiente de sua vida anterior para manter o lugar o mais arrumado possível. Um emaranhado de flores se arrastava ao longo de cada lado do caminho sob as janelas fechadas, suas cores vivas brilhando ao sol.

Quando ela entrou pela porta, Biggles estendeu um quadrado de papel dobrado. — Acho que isso deve ser seu.

Isabelle piscou. — O que é isso? — Uma pergunta estúpida. Biggles mal conseguia ler.

— Uma nota, parece. Eu o encontrei no chão, apenas esperando quando entrei. — Ela apontou para um espaço logo acima da soleira.

Isabelle baixou as sobrancelhas. A única pessoa em quem ela conseguia pensar com a audácia de enfiar notas por baixo da porta não tinha nada que fazer. Como se sua parada anterior não tivesse sido suficiente. — Vamos ver isso.

Ela pegou o papel de Biggles e o desdobrou.

> "Encontre-me no jardim da Shoreford House. Meia-noite. Venha sozinha. Eu sei algo importante sobre seu filho."

Isabelle leu os rabiscos elaborados duas vezes em total descrença, mas as palavras foram tão concisas e agourentas na segunda vez. Ela fechou o punho sobre

o bilhete para impedir que sua mão tremesse. O Sr. Upperton poderia ter enviado a mensagem para ela? Mas isso não fazia sentido. Antes de ontem, o Sr. Upperton não sabia nada sobre a existência de Jack. Que informação importante ele poderia possuir?

Nem poderia ser ninguém da aldeia. Nenhum de seus vizinhos recorreria a notas enigmáticas. Mas isso só deixava alguém de seu passado. Como alguém poderia tê-la encontrado depois de todos esses anos? E o que eles poderiam saber?

— O que é, querida? — Biggles colocou a mão em seu ombro e apertou. — Você ficou toda pastosa.

— Não é nada. Apenas alguma tolice.

De alguma forma, ela conseguiu manter a voz firme. Ela caminhou até a lareira e jogou a nota nas chamas, observando o papel torcer e escurecer até virar cinzas. Ela tinha acabado de contar uma meia mentira para Biggles… porque qualquer coisa a ver com Jack pode ser ao mesmo tempo nada e tudo.

Capítulo 6



GEORGE deu uma última tragada no charuto e jogou o toco na sebe. A garota não veio. Naturalmente ela não viria, e por que ele deveria esperá-la só porque ele deslizou um bilhete para ela? Muito arriscado para a ereta Srta. Marshall encontrar um ladino nos jardins sem uma acompanhante. De qualquer forma, ele faria melhor se fofocasse com uma das senhoras mais velhas. De uma forma ou de outra, ele tiraria a verdade de alguém. Então, quando ele tivesse a coragem de pagar as garantias de Summersby, ele estaria armado… em mais de uma maneira.

Ele caminhou em direção ao caixilho francês mais próximo. Ele rangeu quando ele o abriu, o som ecoando pelo salão de baile vazio. Claro. Privados dos entretenimentos noturnos habituais envolvendo apostas altas, os outros convidados há muito procuravam suas camas. A oportunidade de investir seus ganhos anteriores em mais algumas mãos de vinte e um pode ser perdida, mas ele pode tirar vantagem da casa vazia de outras maneiras.

À sua esquerda, o piano forte assomava, uma massa escura de sombra na noite. Aquele maldito instrumento que suas irmãs transformaram em um dispositivo de tortura acenava para ele. Certo. Ninguém acordado tão tarde. Ninguém para zombar dele por empreender uma atividade tão pouco masculina como a música. Ninguém para rir dele se ele acertar uma nota errada… como certamente faria. Se ele quisesse que essa preocupação passasse despercebida, ele não podia praticar diariamente como deveria.

Ele se sentou no banco e as teclas de marfim esticadas diante dele, uma fileira de dentes irregulares com espaços em intervalos regulares. Ele colocou o dedo indicador no dó central, respirou fundo e pressionou. A nota tocou claramente na escuridão.

Ele posicionou a mão esquerda e um formigamento passou por ele, meio

antecipação, meio pavor. Antes que seu cérebro tivesse a chance de se engajar, seus dedos se moveram, ondulando sobre as teclas sem direção. Eles sabiam o que sua mente consciente não sabia, mas seu ouvido lhe dizia que cada nota era verdadeira.

Nada além de uma escala, bastante simples, mas no momento em que ele fechou os olhos, a música assumiu. Seus dedos encontraram o caminho até que uma melodia o rodeou, cada nota pura, cada uma correta, cada uma proibida.

Um milagre que seus músculos retivessem a memória, a capacidade de executar as complexidades de um arpejo. Seus dedos deveriam tropeçar desajeitadamente nas teclas, como uma criança aprendendo a correr. Ele praticava tão raramente que eles deveriam ter perdido o alongamento, mas ele facilmente ultrapassava uma oitava. Eles relembraram a necessidade de leveza nas notas altas para fazê-las tilintar como sinos de prata. Eles se lembraram da ênfase no registro mais baixo para acentuar a batida.

Ele não precisava pensar isso. Ele só precisava sentir, preencher-se com a música até que o George Upperton que a sociedade conhecia… o libertino, o jogador, a inteligência… deixasse de existir. Aquele homem era uma concha, um contêiner, um alqueire para esconder esse núcleo essencial de si mesmo que nem mesmo seus amigos mais próximos podiam observar, que até ele negava.

Por fim, seus dedos tamborilaram a corda e as notas finais foram levadas para a sala escura. Nenhum som quebrou o silêncio agora, exceto por sua própria respiração irregular, como se ele tivesse acabado de correr um quilômetro. Uma gota de suor escorreu por sua bochecha e atingiu o marfim com um baque.

Ele inalou, procurando acalmar seu pulso acelerado, e foi quando ele ouviu… o ritmo constante da respiração de outra pessoa, fora de sincronia com a ascensão e queda de seu peito. Ele olhou para trás em direção ao caixilho. Aberto, mas ele deixou entreaberto? Ele não se lembrava mais.

Será que a Srta. Marshall decidiu desafiar o decoro e encontrá-lo?

— Quem está aí? — Sua pergunta ecoou, baixa e áspera pela quietude.

— Perdoe-me. Eu…

Ele ergueu a cabeça em direção ao sussurro, a voz de alguma forma familiar a

seu ouvido quando não deveria ser. Isabelle estava parada no canto mais distante, seu cabelo loiro-claro beijado pela lua um mero brilho nas sombras mais profundas. Do outro lado da sala, ele sentiu sua tensão, sua incerteza. Ele permaneceu no banco, o volume maciço do piano um escudo entre eles. Mas quem estava protegendo? Ele tanto quanto ela, pois ele nunca teve a intenção de revelar tanto de si mesmo… nem para ela, nem para ninguém.

— O que você está fazendo aqui? — Ele manteve sua pergunta deliberadamente casual. Não há necessidade de parecer chateado, mesmo que ela pudesse muito bem ter pisado nele nu. Qualquer outra mulher, e ele teria preferido as coisas assim. Muito mais divertido de se ter. Muito mais prazer. Muito melhor do que suportar o escrutínio de seu silêncio.

— Eu…

Um encontro, mas não com ele. O que mais poderia ser? O pensamento o atingiu como um soco no estômago.

— Jack adoeceu? — Pronto. Ele lançou a ela uma linha, uma desculpa, algo que ela poderia entender. E se apegar.

— Não, ele está muito tempo na cama. Eu o deixei com Biggles.

— Biggles?

— Eu divido sua casa. Ele está seguro o suficiente.

Ele estudou o rosto dela em busca de um sinal. Na luz baixa, ela parecia de outro mundo, como uma fada, com seus cachos prateados iluminados pelo brilho da lua. O que ele podia ver em sua expressão era cauteloso, como se ela tivesse medo de admitir o motivo de sua presença.

Ele esfregou as palmas das mãos nas coxas, a lã fina das calças quente em sua pele, e esperou. Esperou que ela se declarasse. Ela não poderia ficar para sempre no limiar de seu mundo e dele.

Ela se moveu, um passo hesitante, pressagiado pela agitação de seu vestido. Sua mão se esticou e pousou sobre a madeira polida do piano. — Eu não tinha ideia de que você tocava.

— Eu não toco.

Ela abriu a boca e fechou novamente. — Claro que você toca. Eu nunca ouvi tal… tal virtuosismo.

— Eu não toco. — ele insistiu, as palavras duras, rudes. Por que ele estava fazendo isso? Por que distanciá-la apenas porque ela havia visto um lado dele que ele não revelava a ninguém?

— Não, você está certo. 'Tocar' é um termo muito frívolo para o que acabei de ouvir. Isso não é tocar.

— Certamente não deu certo. — disparou ele. Ele mudou de posição, de repente ciente da madeira sob seu assento. Duro, implacável, inflexível. Quanto ela podia ver dele nesta luz fraca? Demais. E ela não precisava de seus olhos, não quando ela tinha acabado de experimentar…

— Beleza, era isso mesmo. Beleza ideal.

Ele soltou a respiração em um alto murmúrio, o som tão discordante quanto qualquer nota que suas irmãs produziram. — De fato. Quão viril de minha parte produzir tais alturas de estética. Por que você veio aqui?

Ela retirou a mão. — Eu ouvi você tocar e não pude evitar.

— Você me ouviu da sua casa na aldeia?

— Não. — A admissão sussurrada mal roçou sua orelha. — O Jardim.

— Alguém pediu para você encontrá-lo? — Ele se levantou. Apesar da pouca luz, ele percebeu a rigidez de seus ombros. — O que você imaginou que ocorreria ali fora? Vamos. — acrescentou ele quando ela não respondeu. — Você trouxe uma criança ao mundo. Você não pode fingir ignorância do que se passa entre homens e mulheres.

Ela desviou o olhar, virou a cabeça para o lado e para baixo, e ele imediatamente se arrependeu de lembrá-la de seu escândalo passado. — Perdoe-me. Isso foi uma coisa injusta de se dizer.

— De fato. — A palavra era gelada. — Principalmente quando você não conhece as circunstâncias.

— Circunstâncias, sim. Sempre existem circunstâncias. — Ele esperou. Ela continuaria sem mais instruções? Não que o passado dela fosse da conta dele, mas

parte dele estava curiosa. Ela era obviamente bem educada. Seu discurso, suas maneiras falavam disso. Sua família era abastada o suficiente para sustentar.

— Não quero dizer mais nada — disse ela por fim, como se ele a tivesse cutucado. — Nunca ouvi ninguém tocar tão bem. Haydn, não foi?

— Sim. — Ah, ela foi educada, sim, tão educada quanto qualquer jovem de boa família. O suficiente para reconhecer a obra de um compositor mais conhecido por suas sinfonias do que por suas sonatas para piano.

George sondou sua memória, em busca de qualquer lembrança de um escândalo envolvendo uma jovem. Ela estaria fazendo sua estreia, certamente, mas seis anos atrás ele passava mais tempo em jogos de azar do que em salões de baile. Não é de surpreender que a inexplicável ausência de uma jovem senhorita da sociedade tenha passado por ele.

Mas se eles tivessem sido apresentados, ele teria se lembrado deste, em particular, com seus traços finos e mãos delgadas. Por mais que ele tivesse o hábito de evitar o mercado de casamento, a visão de Isabelle em um vestido de baile, luvas cobrindo seus longos braços brancos, seus cachos domados sob um cocar da moda, poderia muito bem fazê-lo reconsiderar a perspectiva.

Graças a Deus ele nunca tinha posto os olhos nela. Ele teria feito papel de idiota quando, obviamente, o coração dela estava empenhado em outro lugar.

— Você deve ter aprendido com um mestre.

— Aprendi com o mesmo tutor que instruiu minhas irmãs, e você pode agradecer aos céus por nunca ter sido submetido a suas atuações.

— Oh, vamos. — Ela sorriu fracamente, uma mera sombra entre outras. — Elas não podem ser tão ruins. Não quando seu irmão exibe tanto talento.

— Eu ficaria feliz em deixá-las ter uma medida minha. Cada uma delas pode acabar sendo tolerável.

— Você não vai tocar outra coisa?

O próprio pedido que ele temia. — Não. Eu nunca quis me apresentar para ninguém.

— Que pena. — Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes por um momento

fugaz. — Eu gostei mais de você quando tocava.

— Gostou mais de mim?

— Não que eu não gostasse de você antes, apenas… Oh, eu estou fazendo uma confusão das coisas. Como explicar isso? Quando eu estava ouvindo você tocar agora, você parecia, bem, menos ameaçador.

— Ameaçador? Minha querida, você vai me fazer corar em breve se não parar com os elogios. Ameaço você agora que não estou tocando? — Ele esperou pela resposta dela. Como ele representava qualquer tipo de ameaça para ela? Mas ele representava. Naquele primeiro dia na praia, ela estava em guarda. Temerosa, realmente, sob o verniz da raiva. Mas o que ela tinha a temer dele?

O silêncio se estendeu por muito tempo para ela negar. — Um pouco. — ela acenou com a mão. — Se alguém nos encontrar, minha reputação ficará em frangalhos.

Novamente.

Nenhum deles ousou pronunciar essa verdade, mas ela pairava entre eles do mesmo jeito. — Pena que você não tem nada a mostrar então.

Ela manteve as mãos cruzadas à sua frente, a própria imagem de uma senhorita recatada e obediente. — Sim, uma pena.

Ele pigarreou. — Você gostaria de alguma coisa?

— Não de você.

Não, claro que não. Ele não havia pedido o prazer da companhia dela. Alguém o tinha feito. — E ainda assim você fica aí. Você ia encontrar alguém no jardim? Vá com você, então.

Ela permaneceu no local, o rosto virado. Bem. Quem ela planejava encontrar, ela estava claramente descontente com a perspectiva.

— Talvez eu deva ter pena do pobre sujeito. Sua ansiedade é avassaladora.

— Você não sabe nada. Nada mesmo. — Ela provavelmente quis dizer as palavras como um ataque, mas de alguma forma faltou força.

— Mesmo assim, você está aqui — pressionou ele. — Comigo.

Sua hesitação o rasgou. Ele estava acostumado com mulheres experientes, mulheres que sabiam o que queriam e não tinham medo de pedir. Alguns foram até ousadas o suficiente para estender a mão e dar o primeiro passo. Isabelle era diferente, experiente até certo ponto, mas completamente inocente. Ele geralmente fugia de virgens. As virgens esperavam um namoro. Elas esperavam flores e acompanhantes pelo parque e propostas. Isabelle, embora não fosse mais virgem, manteve aquela timidez, aquela hesitação que normalmente o fazia se arrastar na direção oposta.

Então, por que ele não estava fugindo dela? Por que ele estava contornando o pianoforte para ficar diante dela? Por que ele estava erguendo o queixo dela e forçando-a a olhar nos olhos dele?

Seus lábios se separaram com o contato, e ele os estudou, carnudos, abertos e macios, mas não muito convidativos. Uma leve tensão em suas bochechas a impedia de relaxar completamente.

— Você não tem nada a temer de mim. — murmurou ele. — Eu nunca forcei minhas atenções em uma mulher, e não é minha intenção começar com você.

Se qualquer coisa, ela ficou ainda mais tensa. Sua boca se fechou e se pressionou em uma linha.

— O que é isso?

Em vez de responder, ela pegou a mão dele e a espalmou, os dedos abertos. Ela ajustou sua mão livre sobre ele, palma com palma, sua pele macia um vislumbre de branco contra a mãozona dele. Seus longos dedos se estendiam além das pontas dos dela. Ele poderia facilmente enrolá-los em um punho e esmagar sua mão se quisesse.

Ele entendeu. Ela queria a garantia de gentileza dele. Ele ergueu o braço dela e pressionou os lábios na parte de trás do pulso dela. Ela prendeu a respiração.

— Não vou te machucar e não vou fazer nada que você não queira que eu faça. — Ele virou a mão dela e roçou os lábios sobre a pele macia em sua base, inalando ao fazê-lo, bebendo seu frescor, sua leveza, seu sobrenatural. Ela cheirava a lavanda, a nitidez da brisa do mar e a mundanidade de mulher. Ele pensou em tomar seu tempo, domesticando-a lentamente até que ele se movesse acima dela, envolto em

sua suavidade e calor. O sangue correu para sua virilha.

Ele soltou a mão dela, colocou-a em seu ombro e puxou-a para perto o suficiente para que as pontas de seus seios roçassem seu peito. Ele acariciou toda a extensão de sua coluna, seus dedos traçando cada saliência de suas vértebras, sentindo a tensão diminuir enquanto sua mão viajava em direção a sua cintura.

Sua respiração foi liberada em uma rajada quente que flutuava contra seu pescoço. Ele tocou seus lábios em sua têmpora, sua bochecha, por fim roçando sua boca, suavemente, lentamente, retornando com maior insistência quando ela não congelou nele. Ele ergueu a mão e pressionou-a entre as omoplatas, puxando-a para mais perto. Ele provocou seus lábios até obter uma resposta dela, uma pressão suave em troca, sem instrução, muito longe das carícias praticadas por suas amantes.

E, no entanto, com ela, a paciência para ensinar era fácil. Inferno, alguém deveria instruí-la corretamente. O idiota que a engravidou claramente não se importou com a tarefa.

Embalando a nuca dela com a mão, ele traçou a costura de seus lábios com a língua. Quando ela ficou tensa por um momento, a reação não foi nenhuma surpresa. Tão hesitante, sua Isabelle, mas ela já se meteu em problemas antes. Sem choque, ela avançava com cautela agora. Ele acariciou suas costas novamente e, como um gato, ela se arqueou ao seu toque.

— Abra para mim, minha querida. — sussurrou ele contra os lábios dela. — Eu juro que só vou beijar você.

A mão dela deslizou para a nuca dele e as pontas dos dedos cravaram na pele em volta do colarinho. Tentada, mas ainda hesitante.

— Confie em mim.

Oh, como ela queria. Aqueles suaves beijos iniciais acenderam um fogo familiar em sua barriga… mas naquele caminho havia decepção e ruína. Ela não poderia se apaixonar por um homem mais uma vez, nem mesmo por George Upperton, cuja gentileza e paciência inspiravam confiança.

Quando ela colocou a mão na dele, ela queria mostrar a ele como ele poderia facilmente quebrá-la se assim escolhesse. Ele entendeu a dica. Ele não a dominaria.

Mas eventualmente ele exigiria mais do que ela poderia lhe dar.

E ainda… seu corpo estava tão firme contra o dela. Ele despertou nela um desejo insidioso, uma curiosidade por conhecê-lo plenamente, e o sentimento ameaçou superar suas memórias e medos. Sim, ela poderia beijá-lo, mas não mais.

Como se sentisse sua aquiescência, ele abaixou a cabeça mais uma vez e capturou seus lábios. Ela os separou para ele, o deixou explorar com sua língua, levantou a sua própria para enlaçar com a dele. Oh Deus, sim. Ela se lembrava dessa sensação de ser arrastada por uma onda crescente de paixão, o prazer, o calor puro, a dor que despertava em seu estômago. Aos dezoito anos, ela não sabia o que era. A experiência a ensinou as profundezas da vergonha e da humilhação, mas enquanto isso acontecia… pelo menos no início… que maravilha.

E com George era ainda melhor, o fogo mais quente, a dor mais agridoce. Ele tinha gosto e cheiro de fumaça persistente. As mechas de seu cabelo deslizaram como seda por entre seus dedos. Seu peito pressionou contra seus seios e seus mamilos se endureceram em botões.

Com um gemido, ele arrancou sua boca da dela, seu peito arfando irregularmente. Ela abriu os olhos para encontrá-lo devorando-a com o olhar. Bom Deus, um fogo tão velado. Estava quase nu. Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes e os dedos dele se fecharam com mais força.

— Você já me tenta a quebrar minha promessa e pedir mais que um beijo. — ele abaixou a cabeça para outro gole de sua boca.

— Eu negaria a você. — disse ela quando ele se interrompeu. A voz dela desbotou para uma nota baixa e rouca.

— O que seria necessário? — Ele a beijou novamente. — Quantos beijos a mais até eu te deixar tão bêbada de paixão para você consentir?

— Muitos. — Muito poucos, mas ela nunca poderia admitir, para não se ver de costas e se perder mais uma vez. — Já sei o resultado. Prefiro não passar pela vergonha uma segunda vez.

Ele pressionou os lábios em um ponto logo abaixo da orelha dela. Como ele sabia? Como ele sabia exatamente onde tocá-la e deixá-la louca de desejo? —

Existem precauções que devemos tomar.

— O mais certo é a abstinência.

Ele largou aquela mão reconfortante das costas dela e puxou o cabelo. — Eu iria te proteger.

— Proteger-me? — As palavras doeram como um tapa na cara. Ela baixou os braços e envolveu-os na cintura para afastar um arrepio repentino. — Deseja que eu seja sua amante?

— Não, você entendeu mal.

— Então fale, explique, porque o único outro significado que posso atribuir às suas palavras é muito pior.

Ele não respondeu de imediato. Sua boca se mexeu e suas bochechas escureceram, cinzentas sob a luz da lua, mas sob o sol forte elas ficariam avermelhadas. Amante, de fato, mas por mais insultada que estivesse, parte dela reconhecia que o papel de um pedaço de musselina de um homem era tudo que lhe cabia agora. Ela conseguiu se arruinar e não podia esperar nada melhor.

Mas ela não exporia Jack a tal arranjo. Ele era uma criança inocente, e ela garantiria que ele permanecesse assim o máximo possível. Já havia dor suficiente quando as ilusões de alguém eram repentinamente arrancadas. Ela poderia poupar seu filho de muito.

— Eu não quis insultar — Upperton respondeu finalmente.

Ela cruzou os braços. — De fato.

Ele exalou, e ela teve uma satisfação perversa com seu desconforto. Ela o empurrou para um canto e gostou dele ali.

— Isabelle, você é uma mulher linda de tirar o fôlego. Você nunca pensou que poderia melhorar sua sorte aceitando um protetor?

Oh, mas ele estava além do pálido. — Minha sorte é perfeitamente aceitável como está. Uma mulher em minhas circunstâncias dificilmente pode esperar melhor.

— Não? — Ele se aproximou, perto o suficiente para que ela percebesse o cheiro dele a cada inspiração. — E quando você deita à noite, sozinha, e o sono não

vem, e você anseia por outro corpo ao seu lado, um pouco de calor, um pouco de companhia? — ele ergueu o queixo dela. — Um pouco de paixão?

Ela fechou os lábios com força. Ele pretendia seduzi-la, mas ela não estava pronta para ceder. Não depois do tipo de oferta que ele acabava de fazer. — Eu consigo muito bem, obrigada. Agora, se me dá licença, já é tarde e preciso ir para casa. Tenho responsabilidades, sabe, e não posso simplesmente dispensá-las ou esperar que um servo cuide delas por mim.

Ele largou a mão e ela se permitiu um sorriso ao ver sua postura rígida. Então ele pegou a insinuação dela. Muito melhor. Membros inúteis e ociosos da sociedade. Que bem algum deles já foi para ela? Por que ela desejaria se associar com qualquer um deles, mais especialmente um homem que não queria nada mais do que algumas horas de prazer… o prazer dele, não o dela… e que seguiria em frente no momento em que se cansasse dela. Ela teria sorte de não se encontrar com um lembrete permanente de sua passagem por sua vida.

— Boa noite, milorde.

Ela não esperou pela resposta dele. Endireitando os ombros, ela passou pela janela e entrou nos jardins. Seus pés pisaram rapidamente no caminho de cascalho. Amante, de fato! Por que qualquer mulher se comprometeria com uma vida assim… paga para viver à disposição de um homem, para servi-lo da maneira mais desagradável.

É o melhor que você pode fazer.

Ela tentou deixar o pensamento de lado, mas ele persistiu. Nenhum homem a consideraria uma esposa adequada e nenhuma família respeitável a aceitaria como governanta ou dama de companhia. Ela teve a sorte de encontrar uma moradia confortável. Caso contrário, ela teria sucumbido à venda por desespero há muito tempo.

Ela contornou o final da casa e desceu a trilha que levava à aldeia. A lua saiu de trás de uma nuvem para lançar o mundo em estranhos tons de cinza. Uma brisa forte soprou do mar, levando consigo o bater monótono das ondas na praia invisível na base do penhasco. Sua enseada estava próxima, banhada pela mesma luz sobrenatural.

Aquela enseada não era mais o segredo dela e de Jack, desde o dia em que Upperton os encontrou. Ele não era melhor do que um intruso, e um intruso rude. O que ela estivera pensando ao entrar no solar quando deveria ter esperado por quem quer que tenha deixado aquele bilhete?

Maldita curiosidade, sempre levando-a ao erro. E isso a fez perder seu encontro. O que quer que ele quisesse com ela… Ele, sim. Caligrafia rebuscada à parte, havia algo de masculino na caligrafia daquela nota. Ela se arrastou até a casa de Shoreford, com o coração pesado. O que alguém poderia saber sobre Jack depois de todos esses anos?

Mas ela foi e deixou Upperton distraí-la. Embora ele tenha cumprido sua palavra e não tenha feito mais do que beijá-la, a experiência amarga deveria tê-la ensinado a ter mais cautela. Ela pretendia, começando agora. Ela voltaria para sua cabana, cuidaria da própria vida, criaria o filho e nunca mais olharia na direção de gente como George Upperton novamente.

Um estalar na cerca à esquerda a fez parar. Seu coração bateu forte em suas costelas e seus sentidos vibraram com o alerta. O ar da noite, parado, exceto pelo barulho distante das ondas na costa, pressionou sobre ela. Diante dela, o caminho se estendia vazio. Nem, ela tinha certeza, ninguém se escondia em suas costas. Não Upperton, certamente. Nem mesmo ele era tão insuportavelmente arrogante que o tivesse seguido. Não do jeito que eles deixaram as coisas.

Inspirando profundamente o ar salgado, ela empurrou seus pés pesados para a frente. A consciência formigou na nuca. Como ela gostaria de ter ficado em casa. Em casa era seguro. O lar era seguro. Isso não representava perigo para sua reputação ou pessoa.

Mas uma jovem vagando sozinha no escuro era um assunto completamente diferente. Ela alongou o passo até não estar mais correndo. Não havia sentido em permitir que seu medo aparecesse. Apesar de todo o caminho parecer deserto, uma sensação de vigilância cresceu até pesar sobre ela, sombria e opressiva como o ar antes de uma tempestade de verão. Sua respiração veio em baforadas irregulares.

Bem à frente, uma figura surgiu na escuridão… uma figura grande e imponente. Ele bloqueou o caminho.

Ela parou, girou. Se ela corresse a toda velocidade, poderia chegar a uma distância de gritos da mansão antes de ser pega. Uma mão estendeu-se e agarrou seu pulso, os dedos fortes como cinco faixas de ferro. A força chocante daquele aperto a colocou cara a cara com um estranho.

— Você realmente achou que poderia brincar comigo esta noite? — ele rosnou. A ameaça naquela voz enviou um arrepio que enfraqueceu os joelhos dela. — Você esperava que eu deitasse e esquecesse?

Ela abriu a boca e gritou.

Capítulo 7



APÓS a partida abrupta de Isabelle, George mais uma vez se viu no jardim. Ele puxou a fumaça perfumada de um charuto, mas pela primeira vez na vida, não encontrou conforto no sabor. Não fez nada para apagar a sensação dos lábios de Isabelle se movendo nos dele. Ele caminhou até o fim do jardim. Ela teria saído por aqui, marchando pelo caminho para a aldeia irritada.

Droga, droga e droga.

Ele poderia ter formulado sua pergunta de forma mais estranha? George Upperton, conhecido por sua inteligência e língua inteligente. Só esta noite eles falharam com ele. Esta noite ele conseguiu insultar uma pobre mulher que provavelmente suportou fofoca o suficiente. Ele quase garantiu que ela nunca mais considerasse suas atenções novamente.

Alguma inteligência. Alguma inteligência. Ele era um idiota, puro e simples.

Ele jogou o toco do charuto no chão e esmagou-o com o calcanhar. Por que ele deveria se importar, de qualquer maneira? Flertar com ela não o deixaria mais perto do conde de Redditch, ou de saldar as dívidas de Summersby. Ele já tinha problemas suficientes sem se envolver em outro enredamento, especialmente aquele que vinha com as complicações de uma criança.

Outra criança.

E ele não estava chegando a lugar nenhum, parado aqui, refletindo sobre Isabelle. Ele certamente não estava sonhando. Se alguém sugerisse o contrário, ele os chamaria.

O grito de uma mulher rasgou a quietude da noite, uma nota alta e aterrorizada. Isabelle. Oh Deus.

Ele disparou pela pista em uma corrida mortal.

Ele os avistou no último momento possível, ao dobrar uma esquina e passar por uma sebe alta. Duas figuras sombrias… uma parecendo elevar-se sobre a outra… lutaram no meio do caminho.

George não parou para avaliar seu oponente. Ele correu a toda velocidade para a besta, abrindo caminho entre Isabelle e seu agressor. Com um grito, ela cambaleou para trás. George se virou para agarrar o idiota pela lapela, mas o homem se ergueu, abrindo caminho para fora das mãos de George. George se abaixou bem a tempo de evitar um punho voador. A próxima coisa que ele percebeu foi que as batidas dos passos do atacante desapareceram na noite.

George se sacudiu e endireitou as mangas, grato pelas sombras que escondiam o calor que subia em suas bochechas. Mas essas mesmas sombras obscureceram o rosto do outro homem.

Isabelle encolheu-se contra a cerca viva, com os braços em volta de si mesma, olhando para a estrada na esteira de seu agressor. Um gemido silencioso escapou de seus lábios, como se ela tivesse tentado em vão segurá-lo.

— Ele te machucou? — George perguntou.

Ela olhou para ele com os olhos arregalados. — Não. Não. Ele voltou para a aldeia.

— Imagino que faça sentido para gente como ele se refugiar ali, onde possa se esconder entre as casas.

— Não, você não entende. — a voz dela aumentou em uma onda de pânico.

— Se você preferir não ir direto para casa…

— Não. Eu preciso ir para casa. Agora. — Ela avançou pelo caminho.

— Agora veja aqui. Eu não posso deixar você fugir desacompanhada com alguém como ele à espreita.

Ela o ignorou. Seu ritmo acelerou para uma corrida.

Bem. Convidado ou não, ele não poderia deixá-la ir embora quando bandidos idiotas atacavam mulheres inocentes. Ele caminhou atrás dela. — O que ele queria com você?

— Isso não é da sua conta. — Isabelle cortou cada sílaba. Ela nem mesmo o favoreceu com um olhar. — E ninguém te pediu para vir.

Ele alongou o passo para alcançá-la. — Como cavalheiro, não posso permitir que volte para casa desacompanhada.

Ela olhou para ele por cima do ombro. — Você não pensou nisso ao me beijar, e eu nem vou entrar no que você me sugeriu depois. Dificilmente o ato de um cavalheiro. — As palavras doeram como agulhas minúsculas picando sua carne, ou mais exatamente, sua consciência. — Agora, se você me dá licença, passei muito tempo longe de Jack.

Ela precisava se afastar de Upperton. Não, ela precisava se afastar de ambos e, mais urgente, precisava voltar para casa, para Jack. Algo importante, dizia a nota. Uma onda de pânico subiu de seu intestino, subiu e cresceu como se um furacão a dirigisse para afogá-la. Mas, que Deus a ajude, ela não podia deixar transparecer. Não quando o Sr. Upperton já tinha vindo correndo em seu socorro. Senhor, salve-a, ele estava se sentindo protetor, e se chegasse à conclusão de que ela precisava de proteção contra algo mais, ela nunca desistiria dele.

E ela tinha que ir para casa para se certificar de que Jack estava bem, para que algum rufião nunca colocasse as mãos em seu filho. Jack era dela, tudo, dela para salvaguardar desde o nascimento dele. Ele era toda a família que ela tinha.

Ela colocou a mão em sua saia para mascarar seus dedos trêmulos. Aquele maldito Sr. Upperton ainda a estava seguindo, e enquanto ele continuasse, ela não poderia se dar ao luxo de uma corrida completa. Ela se contentou em alongar seus passos até que seus dentes cerrassem a cada passo exagerado.

Ela ignorou o homem que a perseguia e apertou os olhos ao longo do caminho à frente. Para onde ele foi? Ele deixou a nota. Ele sabia qual das habitações baixas da vila era a dela. Ele havia seguido um caminho direto para lá? Ele estava mesmo agora tirando Jack de sua cama?

Sua garganta se fechou em um soluço que cresceu até doer. Oh, que raio de tudo. Ela começou a correr. Atrás dela, o Sr. Upperton soltou um grito. Ela fechou os ouvidos para seus protestos até que um aperto de ferro em seu pulso a puxou para baixo.

— Aqui agora, qual é a ideia? Você não consegue pensar em me ultrapassar.

— Deixe-me ir. — Ela lutou para manter as palavras uniformes e oficiosas, como se estivesse instruindo um criado. Uma vez, seu pai a ensinou a fazer exatamente isso… falar aos servos com uma autoridade silenciosa que assegurava obediência, se não lealdade. Essas lições fizeram parte de uma vida que ela rejeitou. Eles falharam com ela agora. Sua voz vacilou em uma nota alta de histeria.

— Qual é a pressa? Você nunca vai me convencer de que de repente está preocupada com Jack.

Ela puxou seu pulso. — Minhas razões não são da sua conta. — ela deixou o aborrecimento manchar sua resposta. Ela não se importava com o que ele pensava dela. — Solte-me.

— Tenho certeza de que ele está perfeitamente seguro, sonhando em sua cama e dormindo a noite toda. Você não disse que o deixou com alguém?

Biggles, sim, por tudo que uma velha poderia fazer contra um homem tão corpulento. — Você não sabe disso, e vai gentilmente abster-se de me deter mais.

Ele soltou um suspiro e seu aperto afrouxou. Obrigada Senhor. Ela se afastou e partiu mais uma vez, seus passos se transformando em uma corrida. Ela não parou até chegar a sua cabana escura nos limites da vila. Em comparação com a mansão onde ela cresceu, ela sempre a achou um lugar pequeno, mas era o seu destino agora. Ela não merecia nada melhor.

A porta estava fechada, uma barreira firme de carvalho em contraste com as paredes caiadas de branco. Todos ficaram quietos, tão quietos que o chiado dos grilos ecoou por seu cérebro, alto o suficiente para mascarar o aumento da velocidade de sua respiração.

Seu coração disparou. Sua mão escorregou na maçaneta da porta e seu peito doeu de medo do que ela poderia encontrar. Imaginação amaldiçoada, sempre correndo solta. Ajudou a desviá-la do caminho quando ela era ingênua o suficiente para acreditar nas garantias de um jovem fanfarrão de que ele não iria tão longe a ponto de arruiná-la. E assim que o fizesse, ele ofereceria casamento. Quando ela aprenderia?

— Isabelle?

Ela tinha que entrar. O Sr. Upperton estava avançando pelo caminho. Que tipo de idiota ele deve considerá-la por temer entrar em sua própria casa? Ela agarrou a maçaneta e a girou. A porta se abriu com um rangido, inundando a sala principal com um luar fantasmagórico.

Sua sensação de mal-estar aumentou. Encheu seu peito até que respirar se tornou um esforço. Nem um único item estava fora do lugar e, ainda assim… Algo estava errado. Alguém esteve aqui. Alguém estranho. Era quase como se ele tivesse deixado um traço de cheiro persistente.

Certo. A porta do quarto de Jack ficava bem em frente. Ela endireitou a coluna e correu pelo chão de tábuas nuas, sem se importar com as botas do Sr. Upperton batendo em seu rastro. Embora ela não o tivesse convidado a entrar, uma pequena parte dela estava grata por ele não ter feito cerimônia.

Ela abriu a porta do quarto. Vazio. Oh Deus, a cama estava vazia, o emaranhado de lençóis claramente delineado ao luar. As cortinas balançavam com a brisa que entrava pela janela aberta.

Janela Aberta.

Ela pressionou os dedos nos lábios e correu, como se pudesse de alguma forma pegar o filho correndo pelo jardim dos fundos.

— Não! — O jardim dos fundos estava tão vazio quanto o quarto. A brisa que brincava com as cortinas agitou a grama, folhas verdes lavadas para cinza sob a lua pálida. — Não, ele se foi. Eu sabia.

Seus olhos ardiam, mas ela não tinha tempo para lágrimas. Não com a falta de Jack. Ela se virou para o Sr. Upperton e se lançou para ele.

— Eu nunca deveria ter vindo. Eu nunca deveria ter deixado ele. — Ela cerrou os punhos e bateu no peito dele. Qualquer coisa para acalmar o tremor.

Suas mãos agarraram seus ombros, gentis, mas firmes. — O que aconteceu?

— Ele se foi, seu idiota. Eles fugiram com Jack.

— Quem fugiu? Quem faria uma coisa dessas?

Os nervos. Isso não era da sua conta. Ação dele, talvez para atrasar seu retorno, mas nunca seu caso. — Não temos tempo para tagarelar sobre isso. Ainda podemos encontrá-lo.

Possível, sim. O culpado não pode ter ido longe. Ele tinha apenas cinco minutos de vantagem. Dado seu tamanho, por que não o ouviram? Por que Biggles não tinha?

— E a pessoa com quem você disse que deixou o Jack? Onde ela está? — Claramente Upperton estava pensando da mesma forma.

— Ela dorme no sótão, mas…

— Chame-a.

— Ela não pode ter…

— Chame-a.

Ela ficou rígida. Exatamente como um homem nobre para assumir um tom tão arrogante.

— Ela está mesmo aqui?

— Claro que está, e como você ousa insinuar… Biggles!

Mas Biggles já estava descendo a escada. O baque de pés fortes na outra sala anunciou sua descida. — Mãe, o que é toda essa bagunça?

Isabelle passou por Upperton e entrou na sala principal. — Onde está Jack?

— Ora, ele devia estar dormindo por direito, embora como alguém possa dormir com toda essa barulheira…

— O que você ouviu? — A pergunta concisa de Upperton interrompeu a mulher.

Ela piscou e puxou o xale de lã esfarrapado mais perto da sua camisola. — Eu não concordo com isso. — Sua papada estremeceu. — Não é adequado.

Upperton deu um passo mais perto. — O que você ouviu? — Ele pronunciava cada sílaba com precisão, como se estivesse declamando diante de um professor.

Biggles ergueu-se em toda a sua altura… ela teria chegado a um metro e meio

se tivesse se dado ao trabalho de calçar os sapatos. — Todo tipo de barulho. É o suficiente para despertar os mortos. Como um corpo pode dormir…

— Fazendo barulho — Isabelle interrompeu. — Não fizemos barulho.

— Você tem isso. — Biggles fungou. — Andando de um lado para o outro, fazendo todo tipo de barulho.

— Não fizemos tanto barulho — Isabelle protestou.

— Eu peço desculpa mas não concordo. Por quê…

— Isso significa que eles não podem ter ido longe, — Upperton disse sobre os resmungos de Biggles. — Fique aqui. Vou dar uma olhada no jardim.

— Não, ele é meu filho. — Isabelle encaminhou-se para a porta. — Minha responsabilidade.

— O que é isso sobre o menino? — Biggles perguntou.

— Ele não está na cama — Isabelle disse, sua voz estranhamente calma.

Tantos anos tendo que controlar suas emoções no que dizia respeito a seu filho… para que estranhos não pudessem adivinhar seu verdadeiro relacionamento… a tornaram uma especialista em se desapegar. Ela parecia fria e indiferente. Metade do tempo, ela temia que isso fosse muito real, que ela tivesse encerrado suas emoções tão profundamente no gelo que talvez nunca descongelasse. Mas sob aquele verniz congelado, seu estômago deu um nó.

A cor sumiu do rosto carnudo de Biggles. — Salve-nos.

— Se você ouviu tanto barulho, por que não investigou? — Upperton se aproximou dela, e ela pareceu encolher diante dele.

Seus ombros caíram e ela colocou o queixo contra o peito. — Achei que fosse a mãe voltando para casa. Eu juro.

Ele assentiu. — Vá preparar um pouco de chá e quando estiver pronto, despeje uma dose saudável de qualquer bebida que você tenha nele. A Srta. Mears vai precisar.

De toda a coragem, dando ordens em sua casa. Ela foi até ele e puxou sua mão. — Eu não vou ficar. Eu vou contigo.

Uma sobrancelha arenosa se arqueou, e ele olhou para os dedos dela enrolados sobre os dele. — Você vai ficar onde está. Não há como dizer quem fugiu com Jack.

— Ele é meu filho. Meu. — Ela cuspiu as palavras. — E quanto mais discutimos, mais longe ele vai.

— Por que alguém iria fugir com o menino? Ele não é algum herdeiro secreto de um ducado por acaso, é?

Por que de fato? Nada disso fazia sentido. Algum estranho a convocou para a mansão. Como alguém descobriu que ela estava morando aqui? E como eles descobriram qual casa era dela, a menos… um dedo frio de medo percorreu sua espinha e arrepiou os cabelos de sua nuca. A menos que eles a estivessem vigiando há algum tempo. A menos que eles tivessem planejado esta chance de atraí-la e deixar Jack desprotegido. Talvez… talvez Jack já tivesse sido sequestrado quando o homem a deteve na estrada.

Upperton mudou seu aperto para que seus dedos se entrelaçassem com os dela. — O que é isso? Você parece ter visto um fantasma ou coisa pior.

— Aquele homem na estrada esta noite. Eu acho… acho que ele fugiu com ele. — A resposta dela saiu fina e trêmula. — Só não sei por quê. Por favor… por favor, vamos apenas encontrá-lo.

— Claro que vamos.

* * *

MAS uma hora depois, eles não encontraram nada. Uma busca no jardim revelou não tanto quanto uma pegada na terra fofa na beira da casa… e era tarde demais para pensar em acordar os vizinhos. Se alguém tivesse ouvido algo desagradável, teria se apresentado por conta própria.

— Eu não entendo. Um homem adulto simplesmente não desaparece assim. — George passou a mão pelos cabelos. — E fugindo com um garoto ativo.

— Precisamos continuar procurando. Certamente algo vai acontecer. — a voz de Isabelle vacilou nas palavras finais.

— E você ainda não tem noção do porquê? — Se ele fez a pergunta uma vez

na última hora, ele perguntou dez vezes.

— Não, nada. — Pela décima vez, ela deu a ele a mesma resposta. — Por que alguém deveria se importar em fugir com… com um filho natural… — O resto da frase se perdeu em um som de asfixia.

Ele virou a cabeça na direção dela. A brisa noturna agitou seu cabelo, há muito tempo caído de seus grampos para rastros em torno de suas bochechas e pescoço. O luar atravessou-o, transformando-o em uma nuvem que emoldurava seu rosto. Ela puxou o lábio inferior entre os dentes.

— Isabelle. — Quando ela não protestou contra o uso de seu nome de batismo, ele teve uma chance maior. Ele caminhou até ela e agarrou seu ombro. — Nunca vamos encontrar nada no escuro. O melhor que podemos fazer é esperar até de manhã. O novo dia pode muito bem mostrar algo que deixamos de lado durante a noite.

— E se não funcionar? — a voz dela endureceu. Em algum lugar, ela encontrou forças para protestar.

Ele apertou seu ombro. — Vamos vasculhar a aldeia. Não é tão grande.

— Eles já devem ter ido embora.

— Eles nunca vão passar despercebidos. — Ele colocou a mão livre no outro ombro dela, mas resistiu à onda de desejo de puxá-la para um abraço completo. Ele pode apenas desejar mostrar-lhe conforto, mas ela não interpretou o gesto como tal. — Tenho amigos em Shoreford. Eles vão nos ajudar.

— Eles não vão me ajudar.

— O que te faz dizer isso?

Ela sacudiu a cabeça. — Eu posso ter sido uma dessas pessoas naquela mansão chique uma vez. Eles viraram as costas para mim. Todos eles… até minha própria família.

Apesar de si mesmo, ele a puxou para mais perto. Não exatamente um abraço, mas perto o suficiente para que o cheiro de lavanda dela fizesse cócegas em suas narinas. — Eu não virei minhas costas para você. Estou disposto a ajudar.

— Não é o mesmo. Você só está aqui até perceber que não receberá nada de

mim. Então você irá embora como o resto deles.

Ele baixou as mãos. — Eu deveria me ofender muito com isso. Na verdade, eu, só que temos questões mais urgentes a considerar. Portanto, a ofensa é simplesmente posta de lado até que encontremos Jack, e então exigirei satisfação.

Ela engasgou. — Como você pode…

— Oh, nada tão prosaico quanto pistolas ao amanhecer. Eu tenho participado desse tipo de coisa, e uma vez foi o suficiente. Mas pretendo provar que você está errado, e então você deve me fazer um pedido de desculpas adequado. Até lá, sugiro que descanse o quanto puder. Devo voltar pela manhã com reforços.

Ele se virou para ir embora, sabendo que ele bem merecia sua indignação à luz de seu erro no início desta noite. O que ele estava pensando, pedindo a esta adorável e orgulhosa mulher para se tornar sua amante? Ele deveria saber que ela nunca cairia a tal nível, nem por ele, nem por nenhum homem. Ela poderia ter exigido um alto preço de qualquer número de cavalheiros endinheirados da alta sociedade se tivesse escolhido esse caminho. Ela poderia ter feito isso há muito tempo, e eles nunca teriam se conhecido. Mesmo sendo uma mulher mantida, ela estaria muito além de suas possibilidades… e ela se colocou acima disso. Um homem como ele não merecia seus favores.

Mas ele poderia compensar seu erro. Ele poderia devolver o filho a ela e silenciosamente sair de sua vida para voltar aos seus próprios problemas. Ao lado de seu claro desespero por seu filho, o que eram alguns milhares de libras de dívida?

Ela estendeu a mão e colocou as pontas dos dedos em seu braço. O toque queimou o superfino de seu sobretudo em quatro pequenas formas ovais. — Espere.

Em obediência ao seu comando, ele se acalmou. O que mais ela poderia querer dele? — Por favor… eu… eu não desejo ficar sozinho. Eu nunca vou dormir, não até meu filho voltar para casa…

Ela não poderia estar sugerindo que desejava uma distração na forma do corpo dele. Não quando ela já o recusou abertamente. Ele pigarreou. — Não sei se é a melhor ideia eu ficar. E quanto à sua reputação?

— A reputação que eu tinha foi destruída há muito tempo, e você já está aqui

há mais tempo do que deveria. Por favor. Não desejo enfrentar as longas horas da noite sozinha.

Capítulo 8



Ela esperou, esperou que ele se afastasse. Ele tinha todo o direito de fazê-lo, da maneira como ela impugnou sua honra. Sua integridade. Não só isso, ela apenas traiu sua fraqueza ao expressar sua necessidade de conforto diante dele. Seu estômago queimava com auto aversão.

O momento se estendeu entre eles até que o ritmo silencioso do chilrear dos grilos se encaixou em seus ouvidos. Seu coração ecoou a batida. Nenhum outro som quebrou a quietude da noite, nem o girar de uma roda de carruagem, nem o baque de uma bota ou o tapinha ainda mais suave de uma criança mal calçada. Jack.

Ela fechou os olhos contra a dor renovada em seu coração. Quantas vezes nos últimos anos ela lutou contra o ressentimento de uma criança inocente por sua própria existência? Quantas vezes ela pensou com saudade em uma temporada e o que ela poderia ter tido se a tentação não tivesse mudado o caminho de sua vida? Jack não pediu para vir ao mundo, e certamente não sob tais circunstâncias. Ela lutava uma batalha diária para tratá-lo com justiça… para evitar atribuir a ele a culpa pelo que sua vida havia se tornado.

Mas agora, em face da incerteza, confrontada com o conhecimento de que ela nunca poderia ver seu filho novamente, ela queria puxar aquele corpo robusto em seus braços e se aquecer no cheiro de uma criança curiosa… grama e terra e o sal da água do mar.

Sua garganta se inchou dolorosamente apertada, e ela engoliu em seco. Sem aviso, um par de braços a envolveu. George. Por que ele ainda estava aqui emprestando-lhe conforto quando ela não merecia?

Outro soluço passou pela obstrução em sua garganta e ela o soltou com uma respiração trêmula. O peso de sua palma se acomodou na parte de trás de sua cabeça. As pontas dos dedos dele se enterraram em seu cabelo, exercendo uma

pressão suave, mas insistente, até que ela descansou a bochecha contra seu ombro.

O tamanho dele a cercava. Nunca um homem a segurou assim, sem nenhuma expectativa de mais vindo do abraço. Ele deu sem exigir nada em troca. Senhor, onde estava este homem quando ela era uma garotinha verde, completamente despreparada para a atração de um libertino determinado? Ele a teria salvado? Ou ele a teria atraído também?

Com a ideia, ela endureceu.

— Entre em casa e veremos se Biggles alguma vez nos fez um bule de chá. — Ela se desvencilhou do abraço e tentou um sorriso… o tipo de sorriso de uma anfitriã, que teria deixado seu pai orgulhoso, se ela conseguisse. Ela temeu não ter feito mais do que uma careta.

George… céus, ela estava se referindo a ele pelo nome de batismo em sua cabeça… deu a ela um olhar estranho, algo entre uma pergunta e uma aprovação. — Uma xícara de chá seria a coisa certa.

ELE odiava chá, a menos que fosse generosamente misturado com conhaque, odiava as coisas porque o lembrava das visitas sociais em que sua mãe o obrigava a sentar e ter uma conversa afetada com jovens senhoritas recém-saídas da escola. Pensando bem, ele também não gostava muito de scones, e aquelas pequenas fatias de pão torrado enfeitadas com pepino e agrião reviravam seu estômago.

Graças a Deus, a cozinha de Isabelle não continha nenhuma dessas transgressões… apenas um bule de chá frio e uma Biggles confusa.

— Você não encontrou couro nem cabelo dele? — Suas mãos torciam um pedaço de linho esfarrapado… sem dúvida tinha sido um lenço em sua juventude mal gasta. — Oh meu pobre, pobre Jack tirado de sua cama. E o que podemos fazer? Eles terão a noite toda para levá-lo sabe Deus para onde, e então estaremos em apuros. E o que alguém poderia querer com um pequeno maroto como aquele?

Ela afundou em um banco perto da lareira. — O que é esse mundo que vem para que estranhos fujam com crianças durante a noite?

Isabelle deixou escapar um som sufocado e pressionou os nós dos dedos contra a boca.

— Que vai fazer. — George olhou duramente para a mulher mais velha. — Não há sentido em ficar indeciso. Precisamos pensar sobre isso.

— E enquanto pensamos, aquele pobre menino está se distanciando cada vez mais — murmurou Biggles.

— Não, eu não acredito que seja o caso.

Isabelle afastou o punho da boca. — O que te faz dizer isso?

— Não havia sinal de carruagem na estrada. Nenhuma pegada se eles saíram a cavalo. Nenhum sinal. Eles têm que estar a pé e, se forem, até onde podem chegar com um garotinho que costuma dormir a essa hora da noite? Não, quem fez isso ainda está por perto. Eles provavelmente não se moverão antes do nascer do sol.

Os olhos de Isabelle brilharam enquanto se endureciam em um clarão. — Então por que não estamos tentando encontrá-los antes que eles descubram um esconderijo melhor?

— Como você propõe que façamos isso no escuro? Pesquisamos esta propriedade e as pistas próximas o melhor que pudemos. Você está preparada para despertar seus vizinhos com uma busca?

— Não. — Ela deu um suspiro revelador. Dada a situação dela, seus vizinhos podem não estar tão inclinados a ajudar, pelo menos não no meio da noite.

Ele colocou a mão sobre a dela. — Assim que clarear, tentaremos de novo e, se ainda não tivermos encontrado nada, traremos os outros.

* * *

O olhar do mordomo pousou sobre ela e seus olhos se estreitaram. Isabelle puxou o xale com mais segurança sobre os ombros. Ela deveria ter antecipado a reação. Mesmo no campo, os criados a julgavam. Um olhar, e eles sabiam, como se as palavras — mulher escarlate. — estivessem estampadas na testa.

Certo, não significava que ela tinha respeitabilidade o fato de ela ter aparecido na porta da frente da mansão ao nascer do sol, cabelos desgrenhados, ainda vestida com as roupas de ontem, seguindo o Sr. Upperton. Sim, enquanto ela estivesse na mansão, ela deveria pensar nele em termos educados. Termos distantes. Nada tão íntimo quanto um nome deve passar por sua mente, muito menos cruzar

sua língua.

Assim, as mulheres juntavam as cabeças e sussurravam. Não há necessidade de alimentar suas especulações tratando George… Sr. Upperton… como algo mais do que um estranho prestativo.

— Revelstoke está aí?

O mordomo voltou sua atenção para George e se ergueu até que o topo de sua cabeça quase alcançou o queixo de George. O que faltava em tamanho, ele mais do que compensava com imperiosidade. Ele cheirou, na verdade cheirou George. Seu pai teria dado a seu próprio mordomo uma severa reprimenda por tal ofensa a um convidado.

— Terei que perguntar. — Frost conteve sua resposta. O homem se virou e os deixou parados na porta.

— Você consegue imaginar isso? — George murmurou. — O sujeito de repente pensa que está em Grosvenor Square e não na região selvagem de Kent.

Isabelle pigarreou. — Talvez eu deva sair. Esta foi uma ideia terrível. Eu não sei o que…

— Shhh. — Ele se virou para encará-la e enrolou os dedos em seu ombro. O calor infiltrou-se nas camadas de tecido que separavam sua carne da dela. Obrigado Senhor. O contato direto seria tão quente quanto uma marca. — Você não deveria ficar sozinha agora. Você precisa de companhia para distraí-la, e posso providenciar isso enquanto procuramos por Jack.

Ela encolheu os ombros, mas seu aperto apenas aumentou. — Eu sei quando não sou desejada.

— O que te faz dizer uma coisa dessas?

— Seja honesto. Você é amigo do empregador do homem, não é?

— Sim, claro. Revelstoke e eu nos conhecemos desde nossos dias de escola.

— E ele já te deixou esfriando os calcanhares do lado de fora antes? Ele sabe quem você é.

As sobrancelhas de George baixaram. — Certamente ele sabe quem eu sou.

Ele está com a família há anos. Eu posso ter entrado agora, mas para…

— Mas para mim, o que explica por que não fomos conduzidos ao foyer.

Ele largou a mão e se concentrou em algum objeto por cima do ombro dela… uma árvore ou talvez a casa do guarda-caças que eles passaram no caminho até o caminho de acesso.

— Você não pode ter uma boa resposta para isso, não é? — pressionou ela. — Ou não vai porque não quer me insultar. Eles sabem. Até os criados olham para mim e sabem. O que as senhoras aqui vão pensar de mim?

— A esposa de Revelstoke não é assim. — Isabelle balançou a cabeça, mas George continuou, — Dê uma chance a ela, sim? Assim que ela ouvir o que aconteceu, ela será toda simpática.

— Assim que ela souber o que aconteceu, pode muito bem considerar que só recebi o que merecia. Oh, ela será educada demais para dizer isso, mas ela vai pensar isso. Todos eles vão.

— Você está insultando um querido amigo meu por até mesmo insinuar tal coisa, e de forma invisível, nada menos.

— Ela é um modelo de perfeição que deixaria de lado uma mulher caída com um filho bastardo?

— Já lhe ocorreu mentir sobre suas circunstâncias? Digamos que você seja uma viúva. Quem seria o mais sábio?

Só Deus sabia que ela havia pensado em tal estratagema ao chegar na aldeia e tentou esconder seu relacionamento com Jack através das aparências. Apenas seu orgulho arraigado a impediu de mentir completamente.

Em vez de admitir isso, ela desviou o assunto. — Por que você está fazendo isso?

Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Fazendo o que?

— Ajudando-me? A noite passada foi uma coisa, mas isso…

— Que coisa para se perguntar. — ele praticamente gaguejou. — Que tipo de cavalheiro eu seria se deixasse uma senhora em perigo?

Que tipo de fato? O tipo que esperava algo em troca. Ela abriu a boca para replicar, mas o reaparecimento do mordomo parou as palavras frias.

— Lorde Benedict está nos estábulos a esta hora. Mandei o menino do corredor buscá-lo. Atrevo-me a dizer que você pode esperá-lo em seu escritório. Quanto à sua companhia…

Com a hesitação, as bochechas de Isabelle queimaram.

— Esta é a Sra. Mears — interrompeu George. — Ela mora na aldeia.

— Acredito que a maioria está ciente da situação da Srta. Mears.

Um vazio na bochecha de George desmentiu a tensão repentina em sua mandíbula. — É uma vergonha para a sua profissão dar tanta atenção à fofoca. A Sra. Mears está aqui para tratar de um assunto de extrema urgência. Agora, você vai deixá-la passar, ou não serei responsável por minhas ações.

O mordomo deu um passo para o lado, mas seus olhos brilharam. Claramente, ele não aprovava, mas ele já havia pisado muito perto da linha da insolência. — Ela pode esperar por você no foyer.

— Ela vai me acompanhar até o estúdio de Revelstoke. O que preciso discutir com ele diz respeito a ela. E eu posso recomendar que isso não diga respeito a você no mínimo. — George passou pelo mordomo, suas hessianas batendo ruidosamente no parquet.

O cavernoso corredor se estendia até a parte de trás da mansão, o pé direito com mais de três metros e meio, para Isabelle, o espaço parecia opressor e sem conforto. A pedra das paredes externas aprisionava o ar frio. A umidade penetrava em seus ossos.

Que tipo de pessoa toleraria a vida em uma pilha de pedra tão sombria no alto de um penhasco, exposta à devastação do vento do mar? Um arrepio percorreu sua espinha. O homem pode muito bem ser amigo de George, mas assim que ele percebesse quem ela era, ele lançaria o tipo de olhar especulativo que qualquer outro homem lançava, uma leitura vagarosa que começava e terminava em seus seios e a tornava muito consciente de sua vergonha.

E seu modelo de esposa tomaria nota… elas sempre faziam isso… e lançaria

seu próprio tipo de olhar especulativo sobre Isabelle. Uma suposição, um julgamento e uma advertência. “Você sucumbiu à tentação uma vez; é melhor você não tentar meu marido a se perder”. As esposas dos lojistas e artesãos da aldeia eram ruins o suficiente. Quanto pior uma filha da nobreza a trataria?

— Meu Deus, onde você esteve a noite toda?

Um homem de ombros largos, vestido com calças justas e botas, caminhou pelo corredor para recebê-los. O cabelo preto caiu marotamente sobre sua testa. Então ele a notou. Sua leitura varreu-a da cabeça aos pés e para trás, parando em seu rosto. Sem dúvida, seu semblante estava abatido o suficiente para desviar sua atenção de seus outros atributos.

Seus olhos voaram dela para George e vice-versa, enquanto uma sobrancelha escura erguia-se para o céu. — E quem pode ser?

Seu tom era tão frio quanto seu olhar, a nota especulativa quase perdida por trás da fachada casual. Quase, mas não exatamente. Ao que tudo indica, ela acabara de passar a noite com o amigo desse homem.

— Esta é Isabelle Mears. Sra. Mears, Lorde Benedict.

Com a mentira descarada, ela quase se esqueceu de inclinar a cabeça. Ela não tinha pedido isso a ele. Uma coisa era alterar a verdade para o mordomo; seu amigo era outro assunto. Na verdade, a mentira a fazia parecer tão ruim quanto a verdade, já que implicava que ela tinha acabado de passar a noite cometendo adultério.

— E eu não te vi em algum lugar? — Revelstoke perguntou. — Você parece familiar.

— Eu moro na aldeia, milorde. Talvez você tenha me visto vendendo meus sachês e ramalhetes. Acredito que vendi alguns para sua esposa. — Ela fez o possível para imitar Biggles e os outros locais, mas não sabia se conseguiria continuar com a farsa por um longo período de tempo. Seu acento culto e tonificado estava profundamente enraizado.

Upperton estreitou os olhos para ela, mas ela o ignorou. Se ele pudesse mentir sem aviso, então ela poderia muito bem se portar como uma serva. Em todo caso, os criados tinham mais chance de passar despercebidos, e isso era o que ela

desejava agora na presença dessas pessoas nobres. Para escapar de seu escrutínio. Para escapar de seu julgamento.

Upperton pigarreou. — O filho da Sra. Mears desapareceu. Pensei em pedir sua ajuda como alguém de influência na comunidade, e se não, pelo menos você tem outro par de olhos.

— Eu vou fazer melhor do que isso. Você pode ficar com meu irmão e meu cunhado também. E qualquer outro convidado que você possa citar. — Ele se virou para Isabelle. — Não se preocupe, madame. Encontraremos seu filho são e salvo.

Ela fez uma reverência. — Agradeço, milorde.

— Permita-me mostrar-lhe a sala matinal. Minha esposa e sua irmã farão companhia para você.

— Oh não, milorde. Eu não sonharia em me impor.

— Eu insisto. Um pouco de companhia a ajudará a passar o tempo.

Ela prendeu o lábio entre os dentes e inclinou a cabeça mais uma vez para esconder a reação. Ela só podia deixá-lo ver gratidão, não consternação. O que a delatou tão rapidamente? Se ela realmente fosse uma serva ou aldeã, uma mulher reduzida a vender o que ela pudesse cultivar em seu jardim por alguns centavos, ele nunca a teria chamado de madame e proposto que ela ficasse com sua esposa. Ele deveria tê-la mandado para a cozinha com outros de sua posição.

Mas não, ele insistiu, e com uma mão, ele apontou para o corredor que levava aos fundos da casa. Ela não teve escolha a não ser deixá-lo conduzi-la a uma sala arejada. As vigas sustentavam um teto alto abobadado, e a luz do sol matinal se fragmentava em uma infinidade de raios ao brilhar através de duas grandes janelas com painéis de diamante. Um fogo crepitava na lareira. O ar aqui estava fresco com o perfume das flores de verão… madressilva, lavanda e rosa. Buquês recém-cortados adornavam várias mesas espalhadas pela sala.

Perto das janelas, em poltronas gêmeas, estavam sentadas duas mulheres, perto o suficiente da idade de Isabelle. Uma era loira e de olhos azuis com uma pele impecável, um verdadeiro diamante de primeira linha, apto para agraciar qualquer salão de baile de alta sociedade.

— Julia, minha querida. — Surpreendentemente, Lorde Benedict se dirigiu à segunda senhora… não menos adorável, mas seus cabelos e olhos mais escuros a deixavam pálida em comparação com a irmã. — Esta é a Sra. Mears da aldeia, e ela perdeu seu filho pequeno.

— Oh céus. — Sua esposa levantou-se com dificuldade, dificultada pela barriga inchada. — Que horrível para você. Devemos fazer tudo ao nosso alcance para recuperá-lo.

— Estou prestes a organizar uma equipe de busca com os outros homens. — Lorde Benedict a informou. — Você se importaria muito se a Sra. Mears se juntasse a você e as outras senhoras?

— Sim, você deve se juntar a nós. — Isso da irmã ainda sem nome.

Outras senhoras? Mas é claro que havia mais delas. O par na frente dela parecia amigável o suficiente, mas Isabelle não se lembrava deles de sua vida anterior. Estranho, isso. Pelo menos um delas deve ter saído durante sua curta temporada. Se nenhuma delas a reconhecesse, ela poderia ter uma chance… pelo menos até que os outros se juntassem a elas.

— Sente-se. — Lady Benedict indicou um sofá em frente a sua cadeira.

Isabelle se empoleirou na beirada do assento.

— Pobre coitada — disse a loira. — Você deve estar muito preocupada. Como você acabou perdendo seu filho?

— Eu não posso dizer. Entrei em seu quarto, apenas para vê-lo, e ele se foi.

— Bom Deus! — ela colocou a mão sobre o coração. — Roubado direto da cama.

Lady Benedict se sentou ao lado de Isabelle e segurou sua mão. Sim, a mulher era um modelo. — E você não ouviu nada?

— Não, milady. Receio que não. — Isabelle cerrou os dentes e desejou que Lady Benedict não investigasse mais. Ela mal podia admitir o verdadeiro motivo de não ter ouvido nada.

— Chame-me de Julia.

— Sim, e você deve me chamar de Sophia, — acrescentou a loira. — Dificilmente podemos fazer cerimônia nessas circunstâncias.

Isabelle não iria chorar. Ela não o faria. Ela não tinha nenhuma razão para se deixar abalar com a simpatia que essas mulheres demonstravam por ela, quando, uma vez que soubessem a verdade, seus modos mudariam.

— E como vamos chamá-la? — Julia perguntou.

— Isabelle. — Ela cruzou as mãos no colo para evitar que tremessem e esperou a reação. Não é um nome tão comum, o dela, e eles devem ter ouvido a fofoca. Mesmo que ela não se lembrasse delas, elas podem ter ouvido falar dela e por todos os motivos errados.

Nenhuma expressão preocupada das irmãs vacilou nem um pouco. Sophia pegou um bastidor de bordar e espetou uma agulha nele. Julia pegou um pequeno sino, e seu tilintar ecoou pela sala. — Tomaremos chá em pouco tempo, e talvez as outras se juntem a nós em breve. Eles não estão tão acostumados com o horário do campo.

Se Deus quisesse, eles dormiriam o dia todo para que ela não tivesse que enfrentar nenhum deles.

O carrinho de chá chegou e Julia colocou uma xícara nela, junto com scones frescos, geleia e creme de leite… luxos que ela havia renunciado por seis anos, junto com um chá apropriado do Ceilão. Ela não tinha estômago para a riqueza. Não quando sua mente se voltava para Jack. Criado com o bom pão de Biggles e sólida comida campestre, o menino ansiava por bolos gelados do padeiro. Isabelle nunca poderia pagar por isso. Ela quebrou uma ponta de seu bolinho e o esmigalhou entre os dedos.

Julia parou seu fluxo de conversa fiada e se inclinou para frente. — Como posso. Sua mente está em seu filho, é claro.

— Só estou pensando em como Jack adoraria um pedaço de bolinho. E chocolate. Ele nunca tomou chocolate quente. — Ela empurrou o prato. — Eu sinto muito. Tenho certeza de que são adoráveis, mas temo não ter apetite.

— Eu diria que não. — disse Sophia. — Se eu perdesse meu Frederick, tenho

certeza de que não sei o que faria. Já é ruim eu tê-lo deixado com sua babá. Eu nunca o deixei sozinho por tanto tempo desde que ele nasceu.

— Quantos anos tem ele? — Isabelle perguntou.

— Três em novembro, e um menino tão inteligente. — Um sorriso orgulhoso apareceu em seus lábios por um breve momento. — Highgate já lhe ensinou suas letras e significa que ele deve escrever seu nome antes do próximo aniversário.

— Highgate? — Isabelle fechou a boca antes que pudesse deixar escapar qualquer coisa mais.

— Sim, ele é meu marido. — o sorriso de Sophia alargou ainda mais suas bochechas. — Você conhece ele?

Apenas pela reputação, mas sem dúvida os rumores eram exagerados. Mas se a conversa sobre ele matar sua primeira esposa e se tornar um recluso como resultado tinha sido espalhada o suficiente para alcançar seus ouvidos, que tipo de fofoca circulara sobre ela? Que tipo de coisa ainda era sussurrada atrás de leques rendados e mãos enluvadas em tons escandalizados?

"Tão descarada aquela Isabelle. Ela nunca foi para o continente, você sabe. Ela desapareceu no campo para criar seu filho natural. O pai nem mesmo se ofereceu para se casar com ela. Ninguém a quer agora, nem mesmo sua própria família. Que perspectivas ela tinha. Um herdeiro de um ducado iria oferecer qualquer dia, e ela jogou tudo fora."

Tudo isso é verdade. Ela jogou tudo fora, mas na época, ela não conseguia se imaginar enfrentando um futuro amarrado àquele homem. Amarrado a essa vida.

— Nunca fomos apresentados, milady. — Isabelle fingiu tomar um gole de chá. É claro que eles não teriam sido apresentados. Não se ela estivesse murchando no campo.

Sophia… Lady Highgate… se inclinou para colocar uma mão firme em seu braço. — Agora, nada disso. Você deve se considerar entre amigos aqui.

Isabelle não teve chance de responder, pois naquele momento várias outras damas entraram na sala matinal. Convidados. Membros da alta sociedade. Isabelle estudou sua xícara de chá, enquanto Julia e Sophia cumprimentavam as recém-

chegadas. Com cuidado, ela lançou olhares para cada um, mas nenhum dos rostos parecia familiar.

Então vieram as apresentações inevitáveis onde ela saberia com certeza se algum deles poderia reconhecê-la. Todas as meninas mais novas deram os murmúrios de saudação apropriados. Henrietta e Catherine Upperton a saudaram com solene alegria. A Sra. Upperton e a Sra. St. Claire trocaram olhares pelas costas de suas filhas. Essas duas mereciam ser observadas. É evidente que algo sobre Isabelle desencadeou sua sensação maternal de problemas potenciais. Elas, sem dúvida, tinham ouvido falar de seu nome verdadeiro, mesmo que nunca tivessem sido apresentadas até agora.

Logo, conversas e fofocas substituíram palavras de simpatia. Ao mesmo tempo, tal reunião teria sido uma delícia. Ela teria alegremente trocado brindes com as outras. Quando Catherine Upperton suspirou sobre o filho mais novo do duque de Amherst, Isabelle mordeu a língua para se impedir de contar a vez que ela entrou nos estábulos de seu pai e o pegou coberto da cabeça aos pés com esterco de cavalo. Como os outros ficariam boquiabertos de horror, mas ela não podia admitir a conexão mais do que ela poderia admitir que quase aceitou uma oferta de seu irmão mais velho.

— E com quem você está conectado? — Sra. St. Claire segurou sua xícara de chá a meio caminho de seus lábios, olhando para as roupas de linho decididamente fora de moda de Isabelle. Nada de musselinas em tons pastel para ela. Só roupas práticas de trabalho que disfarçam as manchas.

Isabelle se obrigou a segurar o olhar da mulher. Se os mexericos a rotulavam de descarada, ela deveria ser descarada neste momento. — Ninguém de qualquer importância.

— Ela mora na aldeia, mamãe. — disse Julia. — Ela veio até nós em busca de ajuda.

Algo cintilou nos olhos da mulher mais velha. Nada tão decisivo quanto o reconhecimento. Não, era mais como uma dúvida tingida de suspeita. Ela tinha visto Isabelle em algum lugar antes, e certamente não foi em alguma vila em Kent. Ela simplesmente não conseguia saber onde, exatamente ou quando.

Isabelle reuniu tudo isso no tempo que a Sra. St. Claire levou para saborear delicadamente seu chá e pousar a xícara na mesa. — E que tipo de ajuda você precisa?

Ela abriu a boca para responder, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Ela dificilmente queria chamar a atenção desta mulher para sua situação. Deixá-la saber da existência de Jack era entregar a ela outra peça de um quebra-cabeça que Isabelle não desejava que ela concluísse. Ela não se lembrava da Sra. St. Claire dos dias antes de sua queda, mas ela conhecia o tipo bem o suficiente. Mulheres mais velhas, casadas infelizes, que passavam horas ouvindo fofocas, alimentando-se das notícias das falhas dos outros porque preenchiam um vazio em suas próprias vidas, e talvez, apenas talvez, estivessem de olho em seus maridos rebeldes ao mesmo tempo.

Uma nova chegada na sala matinal a salvou de ter que responder. Um bom dia alegre, a voz familiar. Seu coração saltou dentro do peito. Não poderia ser. Ela se virou e seu coração despencou. Era. Na porta, imóvel como uma estátua e olhando diretamente para ela, estava Emily Marshall.

Sua prima.

Capítulo 9



— VOCÊ. — A palavra saiu dos lábios de Emily em um sussurro de espanto.

As mãos de Isabelle ficaram geladas e ela colocou a xícara de chá de lado antes de perder o controle sobre a porcelana.

— O que você está fazendo aqui? — Emily avançou para a sala. — Qual o significado disso?

Isabelle mal sabia o que responder. O olhar coletivo das outras damas pousou em seus ombros como um peso insuportável. Suas anfitriãs devem estar trocando olhares preocupados. A Sra. St. Claire estava, sem dúvida, escondendo um sorriso malicioso enquanto alegremente pensava em repetir este petisco suculento ao longo da próxima temporada.

Isabelle foi obrigada a supor tudo isso, entretanto. Ela não conseguia tirar os olhos de sua prima. Emily havia crescido nos anos seguintes. Muito jovem quando o escândalo estourou para ouvir sobre sua natureza exata diretamente dos mais velhos, ela ainda tinha idade suficiente para descobrir a fofoca por seus próprios meios. Com a idade de treze anos, Emily havia se tornado perita em ouvir de porta em porta quando os adultos falavam em voz baixa.

Emily era alta, em um vestido matinal de musselina amarelo-claro debruado na mais fina renda francesa. O auge da moda, é claro. Nada muito bom para os Marshalls, contanto que você vivesse de acordo com seus padrões.

— Exijo uma explicação.

A ordem, dita como se a um servo, quebrasse qualquer feitiço que mantinha a sala escravizada. Julia lutou para ficar de pé. — A Sra. Mears é da aldeia. Ela…

— Sra. Mears, não é? — Emily manteve o olhar fixo em Isabelle. — Você enganou alguma alma infeliz para se casar com você? Ou você mentiu para essas

boas damas?

— Agora veja aqui — Julia insistiu. — Ela veio até nós em busca de ajuda. Não há como acusá-la de mentir.

— Tudo bem, milady. — A declaração tranquila de Isabelle cortou a tensão. Ela manteve os olhos baixos para não ver a repreensão no rosto de Julia com o título. Nessas circunstâncias, ela preferia a distância criada pela formalidade. Ela não pertencia mais a esses círculos. — Não vou atrapalhar mais sua reunião.

Ela se inclinou para frente para ficar de pé, com a intenção de espreitar com toda a dignidade que ela pudesse reunir. Uma mão em seu ombro interrompeu seu progresso. Ela virou a cabeça para descobrir que Sophia havia cruzado para se sentar ao lado dela no sofá.

— Você não está nos incomodando nem um pouco. — A voz normalmente ofegante da condessa assumiu um tom de aço. — Você é bem-vinda para ficar. Se alguém se sentir ofendido com sua presença, acho que o problema está com eles.

Isabelle piscou e piscou novamente, mas a queimação repentina atrás de seus olhos persistiu. Sua garganta se apertou até que a única resposta possível foi um breve aceno de cabeça.

— Deve ser problema dela. — Emily fungou, sua expressão tão presunçosa, tão arrogante com o queixo firme e os lábios tensos. — Nenhuma família decente iria recebê-la. Nenhuma família decente deveria.

A raiva subiu à superfície e dissipou o nó na garganta de Isabelle. Como ela ousa? Se Emily tivesse mantido a boca fechada, eles poderiam ter superado isso sem ninguém saber. Mas o ultraje hipócrita de Emily só serviu para chamar a atenção para o antigo escândalo. A vergonha de Isabelle refletiu mal em todos os Marshalls, incluindo Emily. Bem, a prima Emily sempre foi uma criança mimada.

— Quer dizer que suas anfitriãs não são de família decente? Talvez você deva partir, então, antes que elas manchem sua reputação imaculada e arruínem suas chances de encontrar um par adequado.

Um suspiro veio de uma das senhoras quando o eco das palavras de Isabelle diminuiu. Tarde demais, ela percebeu, que em sua raiva ela se esqueceu de manter o

sotaque. Sua elocução foi tão clara e precisa quanto ela foi ensinada por suas governantas… perfeitamente de acordo com a de sua prima.

Duas manchas vermelhas se formaram nas bochechas de Emily. — Se eu não chamei a atenção de alguém adequado, é por causa do escândalo que você causou à família.

— Sério? — Sobrancelhas levantadas, Isabelle ficou de pé. — Papai não garantiu que as coisas ficassem quietas?

— Ele tem seus caminhos, como você bem sabe. Ninguém se atreve a falar de você na cara dele, mas pelas costas… — Emily acenou com a mão desdenhosa. — Pelas costas, ele não tem voz.

— E em todo esse tempo, ninguém encontrou outra coisa para falar? Você já atirou no próprio pé por manter vivas as velhas fofocas? Porque eu não posso imaginar por que mais minhas ações permaneceriam frescas na mente de alguém por tanto tempo. Eu não me exibi na sociedade recentemente. Eu tenho vivido muito silenciosamente e longe dos olhos de todos há algum tempo. Eu poderia ter continuado se você não tivesse desenterrado o passado.

Ela fez uma pausa para respirar e sentiu o ardor de uma sala cheia de olhares extasiados em suas costas. Oh, ela tinha feito isso agora. As línguas se agitariam por dias, repetindo a história de sua desgraça com a adição de que os anos que se passaram a haviam transformado em uma megera. Não haveria mais como esconder seus antecedentes também. Não depois da explosão de Emily.

Ela chamou a atenção de Sophia e sentiu uma pontada no fundo da barriga. Sophia, uma bela condessa que estendeu a mão amiga, apenas para tê-la traída. Ela estava ao lado de Isabelle, pálida e sem palavras, uma emoção semelhante à pena em seus olhos azuis.

— Perdoe-me — Isabelle murmurou. — Eu me intrometi em sua reunião por muito tempo.

Ela endireitou a coluna, ergueu o queixo e marchou em direção à porta. No caminho da mansão, ela não encontrou o olhar de mais ninguém.

* * *

O sol começou a descer em direção ao horizonte no momento em que George subiu os largos degraus da frente de Shoreford. Ele deveria estar exausto depois de uma noite sem dormir seguida por um dia de buscas tediosas. Quem poderia imaginar que um garotinho de pouca importância pudesse desaparecer tão completamente?

Só no final da tarde ele encontrou algo parecido com uma pista sólida. Um dos rapazes do estábulo da pousada pode ter ouvido alguém se mexendo durante a noite. Uma investigação do palheiro revelou um lenço debruado de renda abandonado, mas que pode muito bem ter sido deixado para trás após um encontro apressado.

Ainda assim, era mais do que ele havia percebido no resto do dia. Agora tudo o que ele queria era encontrar Revelstoke e os outros para comparar suas descobertas. Se ele pudesse trazer qualquer tipo de notícia esperançosa para Isabelle, todas aquelas horas infrutíferas não teriam sido uma perda completa.

Ele caminhou direto para o escritório de Revelstoke, esperando encontrar os outros discutindo o dia durante o conhaque. Ele abriu a porta de uma sala vazia.

Droga e maldição. Agora o que ele deveria fazer? Ele não podia presentear Isabelle com o lenço, não quando cheirava a rosas. Ele puxou o pedaço de linho do bolso do sobretudo e cheirou.

Não, ele não se enganou. Que estranho. O antigo dono do lenço tinha o mesmo sabor do perfume de sua ex-amante. Ele enfiou o artigo ofensivo de volta no bolso. A última coisa que ele precisava era um lembrete dessas dificuldades.

E se ele passou esse tempo ajudando Isabelle a localizar seu filho, quando, exatamente, ele encontraria algumas horas para aliviar alguns dos outros cavalheiros de sua contundência?

Eles precisavam encontrar Jack e logo, antes que a reunião se desfizesse e seus credores o localizassem. Seus credores, que agora incluíam Roger Padgett. Irmão de Lucy. Ele puxou o lenço e cheirou novamente. Quais eram as chances?

Muito tempo para apostar, mas não o suficiente para ignorar.

Droga, onde estavam os outros? Ele pode cuidar de seus dois problemas com

algumas mãos de vinte e um enquanto toma conhecimento de suas descobertas. Ele poderia se distrair dessa nova busca, Isabelle estava certa em questionar esta manhã. Mas, apesar de tudo, ele respondeu a ela com sinceridade. Que tipo de cavalheiro ele seria se ignorasse sua situação? Que tipo de humano? Era perfeitamente normal para ele se sentir tão protetor de uma jovem lutadora.

Não era?

Ao fechar a porta do escritório atrás de si, ele vagou na direção do salão de baile, na esperança de encontrar alguém. Mas esse espaço também estava desocupado. A falta de notas estranhas no ar deveria tê-lo alertado desse fato. Suas irmãs, sem dúvida, se juntaram às outras senhoras do lado de fora. A tarde estava quente e arejada, perfeita para um passeio nos jardins ou esboços. Sem dúvida a Srta. Abercrombie havia encontrado um ou dois assuntos dignos.

O piano acenou. Não, ele não podia. Não com assuntos mais importantes em mente.

Mas seus dedos doíam para tocar o teclado novamente, e ele pensou na paz que isso lhe traria. Perder-se por alguns momentos era quase tão bom quanto uma taça de conhaque. Ele sentou-se ao instrumento apenas na noite anterior, e Isabelle descobriu seu segredo, mas mais uma vez a necessidade surgiu nele. Anseio maldito pela sensação da música fluindo através dele, ao seu redor e dentro dele, originando-se de algum lugar bem no fundo, atrás de seu coração, talvez nas proximidades de sua alma.

Ele se afastou, mas não conseguia tirar os olhos do instrumento. Mais exigente do que qualquer uma de suas amantes, isso o chamava. Zombava, até. Sim, venha até mim. Você sabe que você quer. Você não pode resistir.

Deus, sim, esse sentimento, essa obsessão, essa alegria, algo que ele tentou enterrar anos atrás. Mas sempre que ele desistia… desde que ele havia liberado o desejo na noite passada… ele lutava pela liberdade mais uma vez, para se alegrar à luz do dia.

O salão de baile estava sob o silêncio da umidade do fim da tarde. Aqui, ao abrigo de paredes de pedra, nenhuma brisa afastou o peso do ar. Suas botas bateram pesadamente contra o parquet quando ele foi até o piano. O instrumento dominava

esta extremidade da sala, iluminada por um raio de sol que entrava por uma janela alta voltada para o oeste.

Ele se sentou no banco e esfregou o dedo indicador na maciez fria de uma única tecla. Uma nota, apenas uma. Sob seu toque, o marfim esquentou como uma coisa viva. Ele aplicou pressão até que a chave desceu e a pureza da nota dobrou pelo espaço. Sol, nove meios tons acima do dó médio. Ele sabia sem olhar, com base apenas no tom.

Ele fechou os olhos e apertou outra tecla e mais outra. A segunda mão juntou-se à primeira e ele se entregou à melodia, ao contraponto, ao pulsar grave das notas do baixo em contraste com o tilintar dos agudos. A música o transportou para outro mundo onde nada mais existia além da harmonia, onde o tempo cessou, onde ele poderia se perder…

— Deus, nunca ouvi nada parecido.

Ele começou, seus olhos abrindo abruptamente, seus dedos caindo para golpear uma discordância final. Ele estremeceu e deixou cair as mãos ao lado do corpo. Henrietta ficou olhando, de olhos arregalados, além da estante de música vazia. Claro, ele não usou folhas anotadas. Ele estava improvisando, seus dedos se movendo mais rápido do que se pensava. Ele deveria ter ficado com Mozart.

Seu olhar passou de rosto em rosto… um mar deles cercou o piano, suas expressões variando do choque à intriga à especulação. Os olhos da Srta. Abercrombie se estreitaram, como se ela já estivesse revisando seu retrato.

— Sr. Upperton, eu não fazia ideia de que você tocava tão bem. — Prudence Wentworth piscou para ele.

Ele piscou duas vezes. Deus, como ele poderia ter se esquecido desse jeito? Então ele lembrou que deveria inclinar a cabeça em reconhecimento ao elogio.

— Oh, por favor, não pare. Toque outra coisa — outra jovem cantou.

— Sim. — Uma terceira bateu palmas. — Se ao menos os outros cavalheiros voltassem, poderíamos ter dança.

Era isso. Elas o perseguiriam agora. Compulsão diabólica que o perseguia a revelar seu segredo. Ele devia levar uma marreta ao maldito piano e quebrar até que

nada restasse além de lascas de madeira, arame retorcido e cacos de marfim.

Ele controlou o desejo e se endireitou. — Eu dificilmente seria cortês se continuasse quando tantos outros podem demonstrar seus talentos. — Ele certamente nunca teve a intenção de exibir o seu. Ele gesticulou para o banco. — Por favor.

Um coro de suspiros femininos subiu. Ninguém se atreveu a protestar, não com suas mães e acompanhantes, todas olhando para o menor deslize no decoro. O calor formigou em sua nuca. Embora geralmente gostasse do escrutínio feminino, normalmente era para suas realizações mais viris. O piano, como seu pai sempre o repreendia, dificilmente era um bastião masculino. Ironicamente, várias das moças mais jovens estavam olhando para ele com admiração aberta, suas bochechas rosadas com uma excitação apropriadamente casta.

Deus o salve.

Ele se concentrou em sua irmã, que o observava, com a cabeça virada para longe, de modo que o observava com o canto do olho. Isso era machucar sua sobrancelha? Ciúmes? Ele ficaria feliz em dar a ela esse talento inútil, se pudesse.

Por fim, a Srta. Wentworth ocupou seu lugar nas teclas e lançou-se a uma interpretação confiável de uma sonata para piano de Beethoven. Seus dedos se atrapalhavam de vez em quando com o ritmo… claramente faltando o sentimento necessário para criar uma performance emocional… mas ela tocava muito menos notas erradas do que Henrietta.

Ele estampou o que esperava ser uma expressão suave no rosto e recuava um passo de vez em quando, na esperança de escapar pela porta despercebido. Ele já havia perdido muito tempo. Ele precisava que os homens voltassem logo, em vez de passar o resto da tarde com uma sala cheia de esperançosas. E ele não tinha visto Isabelle em nenhum lugar do grupo.

— Você não acha que pode fugir assim, não quando você tinha aquelas garotas completamente encantadas.

George suprimiu um gemido. A última coisa que ele precisava era sua mãe insistindo para que ele fizesse outra apresentação. Já era ruim o suficiente ela colocar suas irmãs em exibição regular. E a mãe não teria nenhum remorso com a

ideia. Ao contrário de seu pai, ela não veria nenhuma razão para criticar sua habilidade musical como pouco viril.

— Pensei em ser educado e deixar outra pessoa ter a oportunidade.

A mãe entrou diretamente em seu caminho. Agora que sua posição o forçava a olhá-la bem no rosto, ele podia ver as lágrimas brilhando em seus olhos. — Nunca, nunca ouvi coisa parecida, e do meu próprio filho. Como… — Ela pressionou os dedos nos lábios por um momento. — Como nunca ouvi você tocar quando suas irmãs são tão talentosas?

Ele não iria rir. Ele não iria. Não quando sua mãe estava tão convencida. Não quando ela estava tão comovida. Ele deu de ombros.

— Papai preferiu que eu fizesse outros estudos. — Ele pronunciou as palavras com cuidado para manter a amargura de sua voz.

— Oh meu querido, se eu soubesse. Eu teria insistido.

Ela poderia muito bem ter feito isso, mas nada teria mudado as opiniões de seu pai sobre as buscas masculinas adequadas. Papai tinha sido bastante inflexível a esse respeito. Jogar, beber, prostituir-se, duelar, se necessário… tudo isso constituía o regime diário de um cavalheiro. Amor pela música… a menos que esse amor se traduzisse em uma predileção particular por cantoras de ópera… era adequado para mulheres. Aqueles homens que se entregavam a seus talentos eram altamente suspeitos… até mesmo antinaturais.

George tinha sido um filho obediente.

— Não importa. — Importava, mas não era motivo para desenterrar o passado. Não quando seu pai há muito havia deixado esta terra e não podia mais responder por suas deficiências. Provavelmente a mãe nem conhecia um quarto dos vícios do pai. Não havia sentido em perturbá-la ainda mais trazendo-os à luz.

— Você deve dar uma performance.

Deus não. A última coisa que ele queria era toda a sociedade olhando para ele. Ele estava bastante satisfeito com a visão deles como um velhaco e um libertino. Almas artísticas torturadas não tinham lugar nos infernos de jogo e tipos de clubes que ele frequentava. — Deixe a apresentação para Henny e Catherine.

Seu queixo se firmou, um sinal claro de que ela estava prestes a fincar o pé.

— Tenho um assunto mais urgente em mente. — acrescentou ele para evitá-la. — Os outros cavalheiros já voltaram?

— Eles não voltaram. Eu não entendo. Uma festa na casa de campo e todos os rapazes desapareceram. As jovens já estão chateadas o suficiente hoje, sem a preocupação adicional de passar uma tarde inteira sem oportunidade de flertar.

Ela bateu as mãos na frente do rosto, como se a própria ideia a superaquecesse. Então ela ficou quieta e o olhou nos olhos. — Pensando bem, você também esteve fora o dia todo. Por favor, não me diga que você está convencendo todos os jovens elegíveis presentes a se esconderem para evitar o sexo frágil. É muito injusto com suas irmãs.

— Na verdade, mãe, passamos o dia em busca de uma criança desaparecida.

A mãe piscou várias vezes antes de seus olhos endurecerem. — É sobre aquela mulher Mears da aldeia? Você sabe quem ela realmente é? Após a explosão da Srta. Marshall, reunimos toda a história sórdida.

— Srta. Marshall? — Ele encarou a mãe com um olhar duro. — O que Isabelle tem a ver com a Srta. Marshall?

— Aparentemente… — a mãe fungou — a Srta. Marshall é prima daquela mulher.

— Prima? — Uma resposta tão inadequada, mas sua mente girava com as implicações. A mãe não sabia nada sobre seus planos para o chefe da família Marshall e, por Deus, ele manteria as coisas assim.

— Sim, uma prima. — Ela suspirou. — E aqui eu pensei que você poderia fazer uma combinação vantajosa. A influência que você pode ter alcançado. — A influência que ela poderia ter obtido como resultado, mas George se absteve de apontar isso. — Mas a Srta. Marshall já encurtou sua estadia. Você se lembra, não é?

— Não. — Ele dificilmente poderia dizer mais nada. Não com o pulso acelerado na garganta. Queimava com uma combinação de raiva e possibilidade.

— A família tentou encobrir, naturalmente. A filha de um conde se jogando fora assim. Imagine. — A mãe balançou a cabeça. — Eles alegaram que ela tinha

saído para ficar com uma ou outra tia-avó doente, mas ninguém realmente acreditou nessa história.

Esse era exatamente o tipo de história a que George não prestava atenção, visto que envolvia uma jovem senhorita. De acordo com as ideias de seu pai sobre o que constituía uma masculinidade adequada, seus interesses gravitavam para as mais velhas, as experientes, as viúvas. Se alguma jovem se meteu em problemas e desaparecia por causa disso, ele não dava atenção. Talvez ele devesse dar.

— De qualquer forma — a mãe continuou — não posso aprovar tal combinação agora. Não saber sobre a prima.

— Estou surpreso com você. — Chocante como ele conseguiu soar tão calmo e controlado quando dentro de si a indignação fervilhava em suas veias. A fúria ameaçava explodir com cada pulsação de seu coração. Bom Deus, sua própria mãe. — O filho da mulher sumiu. Sempre tive a impressão de que você possuía certa compaixão.

Sua boca trabalhou por um ou dois momentos. Ela olhou ao redor da sala como se para lembrar a si mesma que eles corriam o risco de serem ouvidos. Eles se separaram e a Srta. Wentworth continuou tocando, mas ainda assim não era lugar para vozes elevadas. — Não seja ridículo. Claro, possuo certa medida de compaixão.

— Quando lhe convier, você quer dizer. Considerando a nossa posição na sociedade, você é a última pessoa que eu suspeito de estar no peito do pé. Parabéns, mamãe. Você me surpreendeu hoje. Bravo. Eu iria aplaudir você, mas não devemos causar uma cena, devemos?

A mágoa passou por sua expressão. Ele devia experimentar um certo nível de culpa. Ele nunca tinha voltado seu tipo de sarcasmo mordaz para sua mãe. Ele nunca teve oportunidade. Provocar bem-humorado era uma coisa, mas ele nunca tinha cruzado a linha da mesquinhez até hoje. Além do mais, as emoções que corriam por ele o pressionaram para frente. Vá para a jugular. Torça a faca. Termine isso. Sua própria mãe.

Cristo.

Mas então sua expressão ficou frágil. — Você levou a prostituta para a sua cama, não foi? E se você não fez isso, você está considerando isso. Considere bem,

porque se ela tentar prender você… — sua voz se elevou, e ela fez uma pausa para respirar. — Você não vai deixar essa mulher te enganar e casar, está me entendendo? Não vou tolerar alguém com sua reputação na família.

— Se você me dá licença. — Ele não tinha mais tempo para a escalada social de sua mãe. Ele tinha que encontrar Isabelle. Ele não apenas precisava ajudar a recuperar seu filho, mas ela também poderia levá-lo diretamente para Redditch.

Capítulo 10



GEORGE desceu a estrada para a aldeia, resmungando baixinho. Emily Marshall não era melhor do que uma vaca, embora essa avaliação pudesse ser um insulto aos bovinos. Como ela ousou expulsar sua prima? Dadas as conexões dela, no entanto, ele não deveria estar chocado. Os parentes mais próximos de Isabelle a expulsaram completamente e a deixaram por conta própria.

No meio do caminho para a aldeia, ele encontrou Revelstoke na liderança de um grupo de homens empoeirados de rosto sombrio. Droga, isso só poderia significar que os outros também não tinham nenhuma pista.

George tocou o pedaço de linho com aroma de rosas em seu bolso. — Você descobriu alguma coisa?

— Nada. — Revelstoke deu um tapinha em seu ombro. — Você?

George balançou a cabeça. Ele não viu necessidade de mostrar o lenço. — Eu não entendo. Uma criança de seis anos é pequena, mas não pode simplesmente desaparecer. Não sem muito barulho.

— Você vai voltar para dar outra olhada?

— E encontrar a Sra. Mears — George disse com um aceno de cabeça.

Revelstoke lançou um olhar para os outros e baixou a voz. — Há algo entre vocês dois que eu deva saber?

— Isso você deve saber? — George baixou as sobrancelhas. — Não é uma coisa.

— Parece-me que você está bastante envolvido. Você acabou de conhecê-la.

George olhou para os outros homens. Sem dúvida, alguns deles estariam interessados em qualquer dica que Isabelle estava aberta para receber ligações. Graças a Deus Leach não parecia estar presente. — Sim, bem. Você vai concordar que

ela é bastante agradável para os olhos.

Ele podia admitir isso. Ele preferia manter as últimas fofocas para si por enquanto. Revelstoke poderia muito bem descobrir a conexão de Isabelle com os Marshalls em breve, mas George preferia não estar presente quando isso acontecesse.

— Oh sim, bastante. — Revelstoke sorriu. — E agora você vai confortá-la.

George fechou a mão em punho. — Sua esposa e sua irmã tiveram o mesmo pensamento. E eu dificilmente acho que é hora de esclarecer.

Revelstoke, malditos sejam seus olhos, simplesmente alargou seu sorriso. — Qualquer coisa que você diga. — Então ele ficou sério. — Diga a ela que tentaremos novamente amanhã e pelo tempo que for necessário.

— Perdemos um dia como está. Teremos que ampliar a busca.

— Se devemos, o faremos. Mas garanta a ela que vamos encontrar o menino.

George partiu mais uma vez. Por mais que ele quisesse, ele não podia fazer nenhuma promessa a ela. A criança já devia estar a meio caminho de Yorkshire, só Deus sabia por quê. Como um homem apareceu de uma cerca viva e arrebatou um menino de sua mãe? Será que Redditch está por trás do desaparecimento da criança de alguma forma? Esse tipo de esquema era exatamente o tipo de maquinação que Redditch sonharia.

Mas por que, e depois de seis anos?

Um bastardo não era filho de ninguém. O avô de Jack não deve querer qualquer reclamação. A menos que Redditch tivesse decidido punir Isabelle por sua desgraça. Mas claramente Redditch já a tinha expulsado da família. Por que esperar mais seis anos para castigá-la ainda mais?

George podia querer respostas, mas ele teria que ter cuidado ao procurá-las. Isabelle já estava chateada com a perda do filho. Sem dúvida, a cena que as senhoras fizeram esta manhã só aumentou essa agitação. Se a reação da mãe foi qualquer indicação, a Srta. Marshall deve ter feito um espetáculo e tanto. Que humilhante para Isabelle. A última coisa que ele queria era contribuir para sua angústia trazendo à tona aspectos menos saborosos de sua família. Ele preferia não investigar muito

profundamente os motivos.

* * *

UMA última casa. Ela verificaria uma última casa antes de se desesperar. O vicariato erguia-se diante dela, uma residência maior e mais bem conservada do que a maioria das outras na aldeia. Canteiros de flores bem cuidados cercavam o caminho que levava aos degraus da frente. Isabelle deixou a aldrava cair e esperou seu destino.

A Sra. Weston respondeu na terceira tentativa. — Ó meu Deus. Aqui está meio expediente da empregada, e eu não fiz nada além de responder às perguntas. — Mesmo que o dia não estivesse quente, seu cabelo castanho-escuro caía em mechas suadas sobre seu rosto brilhante.

— Perdão. — Isabelle se conteve um pouco antes de fazer uma reverência, como se fosse uma criada. Que ridículo. — Estou procurando o Jack. Você o viu?

— Desculpe, não. Como eu disse aos senhores que perguntaram antes. — Claro. A história era a mesma em todas as outras casas da aldeia, entregue em vários níveis de frieza e especulação. A versão da Sra. Weston era bastante neutra e, portanto, parecia quase amigável.

Um gemido baixo soou de algum lugar da casa. A Sra. Weston olhou para trás, empalidecendo. — Por favor. Meu menino.

— Ele ainda está mal?

— Ele está pior.

Isabelle enfiou o lábio inferior entre os dentes. Ela havia cometido um erro com o remédio ou a condição do menino era mais grave do que uma dor de estômago causada por excesso de doces? Nada no tom da outra mulher indicava uma acusação, mas isso poderia mudar em breve. Pelo menos se a Sra. Weston quisesse mais remédio, ela poderia obtê-lo com Biggles.

— Quanto pior?

— Veja por si mesma. — A Sra. Weston deu um passo para o lado e admitiu Isabelle no vicariato.

Atravessar a soleira era semelhante a entrar em outro reino. Desde sua chegada à aldeia, Isabelle nunca foi admitida em outra residência como se estivesse fazendo uma visita social. Nas lojas, ela era tolerada, desde que oferecesse seus pedidos ou vendesse sachês, mas nem mesmo a esposa do vigário havia lhe oferecido uma xícara de chá.

A sala de visitas era um cômodo bastante pobre, mobiliado com brocados desbotados e veludos flácidos, cuja pilha havia muito se desgastado. Um odor azedo impregnou o ar. Um menino de rosto pálido estava deitado em um sofá, segurando a barriga inchada. Suas bochechas estavam flácidas e pálidas, as mãos rechonchudas com covinhas nos nós dos dedos, mais parecidas com uma criança de seis meses do que com um menino de seis.

— Está doendo, mamãe.

A Sra. Weston tirou a franja loira do rosto do menino. — Eu sei querido.

— Tem certeza de que ele não precisa do médico? — Isabelle perguntou.

Ao ouvir a palavra — doutor — Peter Weston soltou um gemido. — Não deixe ele me enfiar.

Isabelle não sabia o que responder. Claramente, o menino estava além dos remédios de Biggles. — O que você comeu hoje?

— Oh, quase nada — disse a Sra. Weston — e normalmente ele tem um apetite tão vigoroso. — Apetite por bolos e biscoitos se Isabelle não errou o seu palpite.

— Ele precisa de uma boa limpeza — dizia Biggles toda vez que a Sra. Weston pedia um remédio estomacal para a criança. — Se ela o fizesse comer direito, ele não ficaria tão mal o tempo todo. E ela pode deixá-lo correr e brincar como um menino normal. Ele não seria tão mole.

Mas Isabelle não conseguia apontar isso. — Você já tentou alimentá-lo com frutas cozidas?

Peter fez uma careta. — Desagradável.

— Sim, bem, pode ajudá-lo a se sentir melhor se tentar um pouco. — Jack teria engolido como uma guloseima, já que ela não tinha dinheiro para comprar

doces para ele. Ele também nunca sofreu de doenças estomacais regulares. — Devo mandar Biggles com mais de seu remédio? — ela perguntou a Sra. Weston.

— Oh, você faria?

Livre daquela casa abafada, Isabelle atravessou a rua e cambaleou rua acima em direção à sua porta. Depois de uma noite sem dormir e de uma manhã difícil, tantas horas suportando falsos murmúrios de simpatia, cabeças sacudidas, portas obstinadas que nunca se abriam a haviam acabado.

Agradeço a Deus por Biggles que poderia fazer uma mistura calmante junto com uma infusão para Peter. Ela pediria algo estimulante adicionado à sua mistura. Ela precisaria de sua força, pois se recusava a descansar até que Jack fosse encontrado.

Seu menino, seguro mais uma vez. Ela não iria deixá-lo fora de sua vista novamente.

— Aí está você.

No pronunciamento de Upperton, ela se virou, a mandíbula firme. Sua expressão não traiu nada.

— Achei melhor não esperar no solar. — ela acenou com a mão. — Não após…

— Eu sei. — Ele deu um passo na direção dela, os braços estendidos como se fosse segurá-la pelos ombros ou puxá-la para um abraço. Mas então ele deixou cair as mãos para os lados. Não, era melhor ele não dar uma demonstração de carinho ou consolo no meio da rua. — Minha mãe me contou sobre o escândalo. Isso não importa para mim.

Ela ignorou a declaração. Naturalmente, não importaria quando ele soubesse desde o início. — Você encontrou alguma coisa? Qualquer pista?

Ele sacudiu a cabeça para o lado, os lábios pressionados. — Ninguém descobriu nada. Você?

Ela soltou um suspiro e seus ombros cederam com o peso de sua declaração. — Nada. Eu não entendo. Por que…

Uma linha se desenhou entre suas sobrancelhas e ele acenou com a cabeça na direção de sua casa. — Aqui não.

— Não, claro que não. — Ela subiu o caminho, mas parou antes de abrir a porta quando quase tropeçou em uma grande cesta de vime. Uma nota de desculpas fixada no pano xadrez que cobria o conteúdo indicava que o presente veio de Julia Revelstoke e Sophia Highgate. — O que na Terra?

— Parece uma oferta de paz.

— Sim, mas por que deixaram aqui e não com o Biggles?

Ela pegou a cesta e o deixou entrar na cozinha, esperando que Biggles os pegasse para receber notícias. Mas a sala estava silenciosa. Nenhum cheiro de boas-vindas de pão recém-assado a saudou. Nenhum ensopado borbulhando na lareira. Até o fogo se reduziu a brasas. Algo pesado se acomodou em seu estômago.

— Biggles?

Sem resposta. O silêncio se estendeu até as vigas do teto, onde cachos de ervas secas perfumavam o ar. A ausência de som suprimiu o odor delicado.

— Você acha que ela decidiu pesquisar? — Upperton perguntou.

— Não. — Isabelle levou os dedos trêmulos aos lábios. — Não sem nos avisar.

— Ela não poderia nos dizer se estivemos fora o dia todo.

É verdade, mas o pensamento não trouxe conforto. — Não, ela teria ficado aqui. No caso de Jack voltar para casa sozinho.

Upperton moveu-se pela sala, examinando. — Ela teria deixado uma mensagem?

— Ela não sabe ler nem escrever. — a voz de Isabelle vacilou na vogal final.

A situação parecia ameaçadora, mas ela tinha que ter certeza. Ignorando o grunhido de protesto de Upperton, ela juntou as saias e subiu a escada para o sótão. A área sob a inclinação do telhado estava sombreada no final da tarde. Um tapete de palha ficava sob os beirais, sua colcha limpa e precisa como sempre, mas os pregos na parede onde Biggles pendurava seu guarda-roupa sobressalentes se projetavam desamparadamente, sem suas roupas práticas usuais de algodão e linho.

Foi embora, então.

O pensamento atingiu Isabelle como um soco no estômago. Ela descansou a

testa contra o antebraço e respirou fundo várias vezes. Primeiro Jack e agora Biggles. Só Deus sabia que Biggles cuidava de si mesma por muito mais tempo do que Isabelle estava viva. Ela tinha que estar bem. Ela tinha.

— O que é isso? — A voz de Upperton saiu da base da escada.

— Ela pegou suas coisas. — Isabelle só conseguiu falar um sussurro.

Ela inalou mais uma vez, mas o ar se recusava a se expandir em seus pulmões. Ela ainda sentia como se alguma mão invisível tivesse se enrolado em sua garganta para espremer toda a sua vida. Os degraus abaixo de seus dedos do pé pareceram balançar, e ela se aferrou na escada até que suas unhas se cravaram na madeira.

Seus joelhos vacilaram. Ela nunca faria seu caminho até o chão. Um único som arrastado alcançou seus ouvidos. Upperton. Seus dedos se enrolaram em seu tornozelo.

— Vamos, agora — murmurou ele.

Em qualquer outra circunstância, ela o repreendia por sua ajuda, só que sua ação não foi ousada. Ele pretendia guiá-la para fora da escada. De alguma forma, os dedos dos pés conseguiram encontrar os degraus abaixo deles, um após o outro, até que sólidas tábuas de madeira sustentaram seus pés mais uma vez.

Pena que seus joelhos se recusaram a cooperar. Ela balançou, mas Upperton a pegou com um braço firme em volta da cintura. Ela não devia se inclinar. Ela deveria ficar sozinha, mas neste momento, com Biggles e Jack fora, ela não tinha forças. Ela se acomodou contra seu peito e o deixou segurá-la enquanto sua garganta engrossava.

Certamente ela tinha permissão para se consolar por alguns momentos no final de um dia difícil. Certamente isso veio sem um preço. Certamente Upperton não exigiria pagamento na forma de favores. Seus braços se apertaram ao redor dela, e ela soltou o soluço que estava bloqueando suas vias respiratórias todo esse tempo.

Ela aproveitaria este momento porque precisava, mas assim que tudo acabasse, uma vez que ele relaxasse o aperto, ela escaparia e se despediria dele. Ela não podia fazer com que ele esperasse mais dela, mesmo que ela estivesse arruinada.

— Vamos encontrar o menino. — resmungou ele. — Nós vamos.

— Temos que encontrar Biggles agora também. — Ela odiava o quão pequena sua voz soava. Duplamente, pois a Sra. Weston havia pedido mais remédios.

Com o pensamento, Isabelle se afastou de seus braços e passou o antebraço pelos olhos. Ela caminhou até as prateleiras e vasculhou os potes que continham o estoque de ervas secas de Biggles. Confrei, sábio, arruda. Onde estava a hortelã? Suas mãos tremiam, o suficiente para enviar um dos potes ao chão, onde se espatifou. Um cheiro pungente de anis encheu o ar.

— Dane-se tudo. — Ela apertou a palma da mão contra a boca, mordendo a almofada carnuda para aprisionar outro soluço no fundo da garganta.

— Aqui agora. — Upperton colocou as mãos em seus ombros. — Sente-se.

— Eu não posso. Eu tenho que fazer isso. Eu prometi.

— Fazer o que? — ele manteve a voz baixa, firme e calmante.

— O filho do vigário está doente e a Sra. Weston precisa de uma infusão. — Ela torceu as mãos. — Biggles… Biggles normalmente faz esse tipo de coisa, só…

— Sente-se. — Ele exerceu uma leve pressão sobre os ombros dela até que a persuadiu a se sentar à mesa. Entorpecida, ela afundou no banco. Seus dedos ainda tremiam, e ela os dobrou no colo para esconder a reação. Upperton localizou uma vassoura e começou a varrer os cacos de vidro e anis seco. Upperton, com uma vassoura, como um criado.

— Oh, não. — Ela dobrou os joelhos, prestes a se levantar. — Eu não posso simplesmente sentar aqui. Eu tenho que…

— Fique onde está. — Firme como qualquer empregada de baixo, ele se abaixou para recolher os cacos na pá de lixo. — Eu faria chá para você, só não sei onde você guarda.

— Estou sem chá de verdade. — Ela manteve os olhos fixos nas mãos, mais uma vez dobradas no colo. — É um luxo. Biggles faz todos os tipos de substitutos. Mas…

— O que você precisa para este seu medicamento?

— Menta e, e… — Sua mente ficou em branco. Além da imagem de uma matrona jovial de cabelos grisalhos e um ramo de folhas verdes e oblongas, nada mais viria à superfície. Meu Deus, quando foi a última vez que Isabelle se sentiu tão inútil… além de quando Jack veio ao mundo e ela não tinha ideia de como cuidar dele? E Biggles a ajudara também. — Não me lembro.

Upperton olhou para ela agudamente. — Você comeu alguma coisa hoje?

Ela tinha que pensar sobre isso. — Posso ter mordiscado alguma coisa na mansão.

— Vamos ver o que tem aqui então. — O cesto. Ela tinha esquecido.

Ele puxou o pano xadrez e retirou um pote de geleia… pêssego, talvez, ou damasco. Ela não saboreava o sabor doce de geleia de damasco na língua há muito tempo. Outro pote continha algum tipo de conserva escura, possivelmente amora. Seguiu-se um pão dourado e um pote de manteiga, junto com uma fatia de queijo embrulhada em papel pardo. Em seguida, veio um tablete marrom arenoso, também embrulhado.

— Chocolate. — Ela forçou a palavra a ultrapassar o nó que tinha subido à sua garganta. Céus, isso era para Jack. Julia se lembrava de ela ter mencionado que seu filho nunca teve. Sua generosidade perfurou o coração de Isabelle. — Como vou agradecê-las?

— Isso pode ser útil. — Upperton tirou uma garrafa de Borgonha do fundo da cesta. Com uma faca, ele abriu a garrafa e localizou duas xícaras de chá incompatíveis. Borgonha fino em xícaras de chá. Ela queria derreter no chão. Ele certamente estava acostumado com taças de cristal.

O rico líquido vermelho formou redemoinhos no grés. Seu pai ficaria horrorizado.

— Vou levar isso para o chá qualquer dia. — Ele manteve o tom leve, como se o mundo dela não tivesse desabado sobre seus ouvidos desde ontem. Não que ele estivesse fazendo pouco caso das circunstâncias. Em vez disso, ele estava tentando deixá-la à vontade, tentando afastar a sensação paralisante de pânico que queria estrangulá-la.

Ele colocou uma xícara diante dela. — Beba.

A fumaça do vinho queimava suas narinas. Este era um bom vinho, forte e inebriante, não o clarete aguado normalmente servido a moças, ou o remédio que ela comprava na estalagem nas raras ocasiões em que podia pagar. Ela deu um gole hesitante. O sabor rico oprimiu sua língua com secura, e o vinho abriu caminho para seu estômago.

Ofegante, ela colocou a xícara de lado. — Eu perdi o hábito.

Ele sorriu para ela antes de tomar um gole saudável. — Muito agradável. Não pare agora. O segundo gole é mais fácil.

A seu pedido, ela tomou outro gole, sentindo sua coragem crescer junto com o calor crescente em sua barriga. — Vai subir à minha cabeça se eu não for cuidadosa.

— E depois de uma noite sem dormir. — Ele rasgou o pão e colocou um pedaço na frente dela. — Você precisa manter sua força.

Quando ela pegou a manteiga, mais para agradar Upperton do que para satisfazer um apetite inexistente, seu olhar caiu em outro pacote. O que mais Julia e Sophia poderiam ter enviado a ela? Ela estendeu a mão para pegá-lo e desfez o embrulho de papel. Uma seleção de frutas secas derramada sobre a mesa… maçã, figos, passas, rodelas douradas de damasco.

— Damasco seco. — Exatamente. Amparada pelo vinho, ela pulou da cadeira.

Com os dedos tremendo, ela embrulhou o pacote e saiu pela porta. As ruas da vila ficaram quietas nas sombras que se alongavam enquanto ela voltava para o vicariato. Se Upperton a seguiu, ele se conteve. Graças a Deus. Ela não queria explicar a associação à Sra. Weston.

Isabelle bateu e a porta se abriu imediatamente.

— Minha nossa. — Embora a luz estivesse diminuindo, a Sra. Weston não havia mudado seu vestido diurno.

— Peter está igual então?

— Temo que sim. — O olhar da Sra. Weston pousou no pacote nas mãos de Isabelle. Seus olhos brilharam de esperança. — Você já me trouxe a infusão?

— Biggles… — Ela não queria explicar Biggles mais do que queria explicar Upperton. — Biggles não está em condições no momento.

— Oh céus. Ela também está doente?

— Por assim dizer. — Isabelle cortou as palavras, esperando que seu tom impedisse mais perguntas. — Mas eu trouxe isso para você. — Ela empurrou o pacote para a Sra. Weston. — Se você conseguir persuadir Peter a comer, ele deve se sentir melhor amanhã.

A Sra. Weston abriu o jornal. — Eu não sei. Ele pode ser tão difícil quando fica assim.

— Diga a ele que é um novo tipo de doce.

— Mas isso… — A Sra. Weston avançou um passo e baixou a voz. — Isso seria mentir.

— Não inteiramente. Os damascos secos são doces. A maçã também.

A esposa do vigário ainda hesitou.

— Pegue eles. Eles farão mais bem ao seu filho do que as infusões. — Ou qualquer infusão que Isabelle possa preparar nessas circunstâncias. Eles vão fazer mais bem ao seu filho do que ao meu, era o que ela queria dizer.

Não, ela devia afugentar esses pensamentos. Não ajudaria ninguém se ela explodisse em uma nova onda de soluços na porta da Sra. Weston. — Eu preciso ir.

Ela se virou, mas não antes de ter um vislumbre de soslaio dos olhos estreitos da Sra. Weston. Esplêndido. A esposa do vigário tinha visto Upperton. Deixe a especulação e os rumores começarem. Sem dúvida, isso começaria a circular pela manhã.

Isabelle endireitou as costas e marchou em direção à rua. Ela não tinha nada do que se envergonhar.

— Acho que ela me viu. — Upperton se afastou do portão do vicariato e ofereceu o cotovelo.

Ela olhou fixamente para ele. — E como agir como meu pretendente melhorará a situação?

Ele lançou um olhar por cima do ombro. — Ela está vigiando… ainda na porta.

— Claro que ela está. A intrometida. Ela vai vigiar até que me veja admitindo você em minha casa.

— Então não deveríamos fazer valer a pena vigiar?

Se não fosse pelo público, Isabelle teria parado na rua. Ele não poderia ter apenas insinuado…

— Ou você prefere que a confundamos dando um passeio?

Um passeio. Como se fossem velhos amigos. Como se ele realmente a estivesse cortejando. Há quanto tempo ela havia renunciado a tais prazeres simples e comuns. Ela ficaria tentada se não tivesse passado uma noite sem dormir e um dia angustiante… e se ela não estivesse tão preocupada. — Não acho que seja a melhor ideia.

— Não? Eu acho que é uma sugestão capital. Você precisa de uma distração dos eventos de hoje. No entanto, — acrescentou ele antes que ela pudesse protestar — posso sugerir outros meios de distração.

Uma inesperada… e certamente inadequada… onda de calor cresceu em sua barriga. Mas ele não poderia estar sugerindo nada desagradável. Não nas presentes circunstâncias.

Ele a quer como amante. Isabelle empurrou o lembrete irritante de lado. Agora não era hora de pensar em tais proposições, mesmo quando não haviam sido repetidas.

— Distração? — Pronto. Ela conseguiu pronunciar uma palavra em tom neutro. Tentar mais seria forçar o assunto.

— Nada indecente, veja bem, — disse ele rapidamente. — você gosta de jogar cartas?

Cartas? Nada além de cartas? Ela quase riu. — Eu gostava no passado.

— Excelente. — Ele empurrou a porta dela e a conduziu até a cozinha. — Mas vou insistir para que você coma algo primeiro. Você precisa manter suas forças.

— Sim, porque agora precisamos encontrar Biggles, assim como Jack. — Pela

vida dela, ela não poderia ter dito como manteve a voz firme. Ela afundou no banco e contemplou o pedaço de pão. Deveria tê-la tentado, mas ela suspeitava que a crosta firme se transformaria em serragem em sua boca.

Ele empurrou o pote de manteiga para ela, junto com a faca que usou para abrir o vinho. — Você… — ele fez uma pausa, como se não gostasse do que estava prestes a sugerir. — Você não acha estranho que Biggles tenha desaparecido quase ao mesmo tempo que Jack?

Ela fez uma pausa enquanto passava manteiga no pão. — O que te faz perguntar algo assim?

Suas bochechas coraram. — Perdão. Eu mal conheci a mulher, entende.

— Você não entende. — Ela não conseguiu evitar o tom duro de seu tom. — Biggles nunca se envolveria em nada disso. Ela salvou minha vida quando descobri que estava esperando Jack. Eu devo a ela.

Ele cortou uma fatia de queijo e colocou no prato dela. — Salvou sua vida?

— Quando minha família me expulsou. Eu os desonrei, entende. Eu não poderia ficar e manchar seu bom nome. — Sua garganta se fechou e cortou suas palavras. As lembranças de seu desespero surgiram em sua mente com a perspectiva de ficar sozinha novamente.

— Se te soltaram sem recursos, como você encontrou o caminho até aqui?

Ela engoliu em seco. — É só isso. Eu não encontrei meu caminho. Biggles me trouxe aqui. Ela também foi expulsa. Deixada sem referências. Ela teve pena de mim e me trouxe com ela.

Mais do que isso, Biggles a ajudara a contrabandear sua coleção de vestidos de baile para fora de casa. Um ato de roubo, se elas tivessem sido pegas. Graças a Deus, elas não foram, porque o produto da venda desses vestidos permitiu que elas se alimentassem e se vestissem ao longo dos anos.

— Ela possuía meios de comprar uma casa quando trabalhava em Londres como empregada?

— Este lugar pertencia à irmã dela. Ela acolheu nós duas. Mas ela se foi agora. Biggles não conseguiu salvá-la. — Isabelle fechou os olhos contra a lembrança.

Aquilo também havia sido um período negro com Jack, um bebê novo e uma doença mortal correndo pela aldeia. — Se Biggles não tivesse me trazido aqui, eu teria me vendido há muito tempo.

Ela fechou a boca na outra metade dessa declaração… que ela ainda poderia ter que fazer se quisesse sobreviver.

Upperton poderia muito bem chegar a essa conclusão sozinho. Na verdade ele tinha, se a firmeza em sua mandíbula e a linha entre suas sobrancelhas fossem qualquer indicação. — Você não deve ficar sozinha.

— Eu não tenho escolha. — sua voz falhou na última palavra. Seu filho e uma mulher que cuidou dela como uma mãe… na verdade, que mostrou a ela mais amor do que sua família real… desapareceu no espaço de um dia.

Ela olhou para o pão intocado à sua frente, como se a visão pudesse parar de queimar atrás de seus olhos.

Capítulo 11



GEORGE enfiou o resto do queijo na boca e empurrou o prato. Isabelle conseguiu engolir um pouco de pão com manteiga. Agora ela rasgou os restos da crosta, seus movimentos agudos e abruptos como uma carriça nervosa. Seu olhar disparou para a janela.

Lá fora, o sol se punha totalmente, encerrando outra lânguida noite de fim de agosto. O céu azul brilhante estava desbotando rapidamente para um preto profundo.

— Você não deveria voltar para sua festa na casa de campo? — ela perguntou baixinho. Seu tom desmentia uma certa tensão, uma expectativa de que ele iria embora. Na verdade, o decoro exigia isso, mas ele sabia que ela não queria ficar sozinha.

— Eu não vou deixar você sozinha para meditar. — Impensável a ideia de permitir que ela passasse as longas horas da noite sem nada para ponderar a não ser sua solidão. — E eu te prometi uma distração. Eu gostaria de poder fazer mais.

— Você fez tudo o que podia — ela sussurrou. — Envolvendo seus amigos na busca. Eu não poderia pedir coisa melhor.

— Revelstoke teria se envolvido sem minha intervenção. Você só tinha que ir até ele. — George se levantou e acendeu um ramo de velas antes de colocar a mão no bolso. Ele ainda carregava o baralho de cartas que Leach havia deixado para trás na pousada. Casualmente, ele puxou algumas da ponta do pacote e as enfiou no meio. — Conte-me. O que você gosta de jogar?

— Eu não jogo cartas há anos. Tenho certeza de que esqueci como.

— Que chato. — Ele bateu o maço contra a mesa para alinhar as cartas. — Você não se esquece de como jogar. Qual é o seu jogo?

— Uíste. — Com o indicador, ela traçou a borda de sua xícara de chá. — Mas eu não sei se devemos.

Ele sabia que seu filho estava sempre em sua mente, mas com a noite chegando não havia mais nada a fazer a não ser esperar que as longas horas passassem antes de procurar novamente. — É melhor do que não fazer nada.

Ela ergueu a xícara até a metade dos lábios antes de pousá-la sem beber. A porcelana chacoalhou no pires. — Não podemos jogar apenas nós dois.

Ele se inclinou para trás, esticando as pernas embaixo da mesa. — Se usássemos metade do pacote, poderíamos.

— O que? — ela franziu a testa. — Tirar dois naipes? Isso eliminaria o desafio.

O desafio, sim. Ele sorriu. Agora ele havia despertado sua curiosidade. Talvez ele pudesse convencê-la a empurrar suas preocupações para o fundo de sua mente por um tempo.

A consciência dela em um nível muito básico ganhou vida no ar entre eles. Não a consciência dela como mulher tanto quanto a consciência de pensamentos semelhantes. Ele concordou… ele reconheceu que quanto mais difícil uma coisa era obter, mais valioso no final, fosse uma simples questão de um jogo de cartas ou algo mais complicado.

Como uma passagem difícil de música que tomava horas de prática até que as notas se tornassem parte de seus dedos. Até que seus dedos os reproduziram sem avisar seu cérebro.

Ou como uma mulher.

Ele deu a si mesmo uma sacudida mental. E de onde veio essa ideia? Ele precisava considerar sua origem e bani-la para os confins mais distantes do reino, pois esse tipo de pensamento só poderia levar a problemas.

— E você afirma que se esqueceu de como jogar — disse ele. Se ela pensasse nesses termos, provavelmente teria feito uma aposta ou duas durante sua vida.

— Precisaríamos de todos os quatro naipes para um jogo adequado.

Ele tornou a encher sua xícara de chá com vinho e tomou um gole. —

Poderíamos dar quatro mãos e jogar apenas duas.

— Ou podemos escolher nossas cartas.

— Isso é justo? Se eu bancar o cavalheiro e permitir que você escolha primeiro, você ficará com todas as cartas altas.

— Não se alternarmos. — Ela estendeu sua mão. — Dê-me as cartas. — Ela colocou a mochila entre eles. — Eu escolho uma das duas primeiras cartas, depois você escolhe, e assim por diante até que cada um tenha uma mão.

— Você saberá quais outras cartas não estão em jogo.

— Você também, e não serão as mesmas cartas. — Ela piscou e piscou novamente. — Mas se você realmente quiser, podemos fazer assim. Pego a primeiro carta e, se gosto, guardo-a e coloco a próxima de lado sem olhar. Se não gostar da primeira carta, posso pegar a segunda, mas devo mantê-la, mesmo que seja pior.

— Isso funcionaria. Como você determinaria os trunfos?

— A última carta é trunfo, assim como o uíste real.

Ele sorriu, pego na novidade de inventar um novo jogo. — O que vamos jogar? Forfeits?

— Forfeits? — Naturalmente seus olhos se estreitaram. A experiência a ensinou a desconfiar. Se ele queria respostas para suas perguntas, ele teria que relaxar no assunto. — Que tipo de penalidade?

— Nada escandaloso. A menos que você prefira apostas mais altas. — ele não resistiu em adicionar.

— Eu não.

— Eu nunca pediria mais do que você está disposta a pagar. Para cada ponto, você deve responder a uma pergunta com a verdade.

— E por cada ponto que ganho?

Ele se permitiu um sorriso libertino. Se ela acreditasse que ele estava atrás de beijos e coisas assim, ela poderia suspeitar menos de seu verdadeiro propósito. — Você pode citar seu preço, e ficarei feliz em pagar o que você exigir.

Ela sorriu por sua vez, e ele não tinha certeza se gostou. Esse brilho travesso

em seus olhos prometia todo tipo de travessura.

Um após o outro, eles compraram cartas. Seu método para determinar a mão provou ser diabolicamente inteligente. Ele pode muito bem construir um naipe comprido apenas para ter outro resultado como trunfo. Ou ele podia segurar um rei sem saber se ela tinha o ás ou se ele estava na pilha de descartes. Ele podia tentar contar cartas e lembrar as honras que foram jogadas, mas tais estratégias foram prejudicadas com metade do baralho em quantidade desconhecida.

À medida que o jogo avançava, Isabelle se mostrou bastante competente. Em um verdadeiro jogo pesado e ela como sua parceira, ele poderia facilmente ganhar o suficiente para cobrir as apostas de Summersby, além de uma boa almofada para si mesmo… o suficiente para colocar Isabelle e Jack em uma boa área de Londres, o suficiente para conseguir um criado para ela ou dois. O suficiente para que ela pudesse viver da maneira que deveria.

Isabelle deu um trunfo em sua última carta. Droga, ela já tinha fechado o livro, o que significava…

— Eu ganhei o ponto. — Ela parecia muito satisfeita consigo mesma.

— Imagine, quando você se lembrar de como jogar.

Ela apoiou a mão no queixo e o contemplou por um longo momento, até que ele mudou seu peso no banco. — Bem? Faça o seu pior e terá feito.

— Quero ouvir você tocar piano de novo.

Droga, qualquer coisa menos isso. Sua música podia mexê-lo, mas não era um talento que ele compartilhava com ninguém. E ele não podia recusar. Ele disse que ela poderia reivindicar qualquer coisa. — Como devo tocar sem nenhum instrumento à mão?

— Você pode me pagar outra hora. — Por outro lado, isso implicava que ela poderia encontrá-lo novamente em Shoreford. Dada sua recepção anterior, ela teria que planejar outro encontro à meia-noite.

Com um sorriso, ele passou as cartas para ela. Eles compuseram novas mãos para outra rodada. Ele a observou cuidadosamente enquanto o jogo progredia. Ela começou a cometer erros elementares, levando um dez para seu ás. Na carta final,

seus dedos estavam trêmulos.

George fez o último truque. — Dois pontos. Isso significa que você responde a duas perguntas.

— Muito bem. — cabeça baixa, ela cruzou as mãos diante dela.

— Diga-me… — Ele não conseguiu entrar direto no Redditch. — Conte-me sobre algo que te faz sorrir.

— Oh. — Por um momento, ela parecia perdida.

Talvez isso fosse verdade. Nos últimos dois dias, ela perdeu seu filho, perdeu seu apoio. E todos os dias, ela lutava. Lutava por aceitação tanto quanto lutava para viver. Mais cedo, ele viu a reação dos outros aldeões no momento em que perceberam quem ele estava procurando. Suas expressões endureceram, e eles o olharam com especulação, o mesmo que o mordomo esta manhã.

— Bem. Jack… — a voz dela pegou no nome. — Jack sempre gosta de histórias. Ele geralmente quer que eu invente algo com dragões e coisas assim. — Ela tocou sua xícara vazia. — Na outra semana, eu estava muito cansada para pensar em qualquer coisa, então achei que ele gostaria de ouvir sobre Jack e o pé de feijão. Por causa do nome, entende.

— Ele não tinha medo do ogro?

— De modo nenhum. Ele caminhou por vários dias gritando: "Fee, fie, foe, fum!" Você sabe o que ele disse?

Ele apoiou o queixo na palma da mão. — Não me diga.

— Ele disse que um ogro que se preze não diria nada tão namby-pamby. — Ela quase riu com a lembrança, mas em algum lugar sua risada engatou em uma borda irregular para emergir como um som abafado.

George se acomodou com mais firmeza no banco. Como no jogo de cartas, ele pretendia fazer sua pergunta para distraí-la de seu filho desaparecido.

— Você ainda tem outra pergunta — disse ela com voz rouca.

Ele deveria perguntar sobre Redditch, mas como? Como ele trazia o assunto à tona e não parecer cruel ao lembrá-la de mais uma perda? Ele não podia fazer isso,

não depois de tudo que ela havia passado. — Talvez eu deva reclamar minha segunda pergunta mais tarde, quando tiver a chance de jogar para você.

— Você não consegue pensar em mais nada para me perguntar?

— Estou esperando algo ainda mais escandaloso. — Pronto. Deixe-a pensar que ele só queria flertar.

— E você não pode imaginar isso agora?

— Bem, se você insiste. Nunca diga que recuei diante do escândalo. — Ele fingiu contemplar, batendo os dedos no queixo enquanto sorria para ela.

Suas bochechas adquiriram um tom atraente de rosa sob seu escrutínio. Muito melhor. Os últimos dias não fizeram nenhum favor por sua palidez.

— Bom Deus. — ela tocou a base da garganta com a ponta dos dedos. — O que você está pensando?

— Devo responder a você com sinceridade quando não é sua obrigação reivindicar?

— Sim. — Essa única sílaba emergiu com uma nota gutural, muito mais apropriada para o quarto. Mas então ela colocou a mão sobre a boca. — Meu Deus, o que estou pensando?

Sua voz oscilou em um registro alarmantemente mais alto na sílaba final. Seu rosto se enrugou e ela fechou os olhos com força. Maldição, ele quase conseguiu sua distração. Ele acreditava que ainda poderia persuadir a pequena Isabelle Mears a flertar com ele.

— Eu não deveria. — ela murmurou em sua palma. — Que tipo de pessoa…

Ela estava derretendo diante dele. Toda a compostura dela se esvaiu diante de seus olhos. Algo como um punho apertou seu coração. Ele empurrou o banco para trás, levantou-se e rodeou a mesa ao lado dela.

— Levante-se, sim? — Deliberadamente, ele manteve o tom leve, enquanto cutucava com um ombro.

Sufocando, ela avançou para o lado, deixe-o sentar, deixe-o envolver um braço em torno dela. A cabeça dela pousou em seu ombro e uma de suas pequenas mãos

subiu pelo braço livre dele até que se agarrou a ele. Sua respiração escapou dela em jatos irregulares, e seu corpo estremeceu contra o peito dele.

Ela se sentia tão pequena em seus braços, pequena e vulnerável, aquele deslize de mulher. Mentalmente, ele amaldiçoou Redditch por entregá-la ao mundo, pois aquela noite levou a isso… uma noite em que ela perdia tudo novamente. Ele a segurou com mais força e passou os dedos pelos cabelos dela. Se ele pudesse, ele a teria salvado dessa dor.

Ela se aconchegou mais perto, enterrou o rosto na lateral do pescoço dele e inalou, firme agora, como se estivesse sentindo o cheiro dele dentro de si. Como se ela pudesse tomá-lo dentro de si. Seus seios pressionados contra seu peito.

Apesar de si mesmo, seu corpo reagiu à sua proximidade, sua suavidade. Santo Deus, ela estava quase em seu colo. Ela pode até senti-lo contra suas coxas… coxas brancas e delgadas que ele queria enroladas em sua cintura.

Ele engoliu um gemido. A última coisa que ela precisava era repelir seus avanços.

Ela ergueu a cabeça, os olhos arregalados, castanhos e luminosos à luz das velas. Não, eram lágrimas não derramadas, não o reflexo do desejo. Seus lábios se separaram. Os dentes dela puxaram a protuberância de seu lábio inferior, e sua mente se inundou com a memória daquela suavidade doce sob sua boca.

Sob sua língua.

Ela havia reagido à persuasão gentil, mas agora sua mente se concentrava em uma única pergunta: como ela reagiria a um ataque mais carnal? Pois era assim que ele queria tomá-la: áspero, forte, duro e rápido.

Só um canalha agiria por impulso. Um canalha tiraria vantagem de sua vulnerabilidade inocente… pois ela ainda era inocente, embora tivesse dado à luz a um filho. Um canalha pensaria com seu pau e arrancaria isso dela.

Ela piscou e seus lábios se separaram mais uma vez. A ponta rosada de sua língua disparou. A necessidade aquecida disparou para sua virilha, e ele se forçou a afrouxar o aperto.

Ela deve ter percebido sua hesitação, pois se aproximou. — Por favor.

Oh maldito. Se ela planejava implorar com aquela vozinha rachada, ele estava bem e verdadeiramente chateado.

— Isabelle…

— Por favor, eu preciso…

Ele tocou seus dedos em seus lábios para impedi-la de completar esse pensamento. — Não é uma boa ideia. Eu deveria ir embora.

Mas ele não conseguia se levantar com ela quase em seu colo, não conseguia jogá-la no chão.

— Não suporto ficar sozinho. — Ela formou as palavras na ponta dos dedos dele, e sua determinação escorregou um pouco mais.

— Há uma diferença entre fazer companhia e pedir encrenca.

— Por favor. — Essa palavra de novo. Queimou por ele.

E então ela tirou sua escolha junto com sua chance de protestar. Pegando-o pelas lapelas, ela cobriu seus lábios com os dela.

Seu beijo, Deus, seu beijo. Tão gentil como o primeiro tinha sido, este era seu oposto completo e absoluto. Era a antítese de recatada. Foi tão áspero, forte, duro e rápido quanto ele desejava. Ela tinha gosto de desespero e necessidade entrelaçada. Ela quebrou a vontade dele com toda a sutileza de um cavalo de corrida avançando para a linha de chegada.

Suas palmas se achataram contra seu peito e deslizaram para cima em seus ombros. Seus dedos puxaram. Bom Deus, ela estava desamarrando sua gravata. Ele teve que atrasá-la antes que ela o puxasse para o penhasco com ela. Ela poderia muito bem buscar um alívio para sua turbulência emocional, mas ele tinha certeza de que ela se arrependeria se ele a levasse para a cama… até amanhã de manhã se não no momento em que terminassem e ela voltasse para a terra.

Ele afastou os lábios, mas ela apenas colocou a boca em sua bochecha, enquanto seus dedos ainda se atrapalhavam com o lenço do pescoço.

— Isabelle — gritou ele. Por Deus, ele iria se arrepender do que estava prestes a fazer… ou partes dele estavam. — Isabelle.

Ele pressionou as mãos sobre as dela, parando seus dedos. Eles estavam tremendo, seja de desejo ou desespero, ele não sabia. — Lentamente. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Ela piscou para ele, seus olhos redondos e escuros e enormes em seu rosto pálido. Foi o vinho. Tinha que ser. Ela mal tinha comido o dia todo e o forte Borgonha subiu à sua cabeça. A respiração dela passou por seus lábios. — Não pare. Eu… eu preciso… eu nem sei como dizer isso. Você vai me achar escandalosa.

— Shhh. — Ele deu um aperto quente nas mãos dela. — Eu sei o que você precisa.

Deus o ajudasse, ele precisava do mesmo, mas por razões diferentes, razões que ele estava em posição de ignorar. Desta vez, ele poderia dar sem receber. — Juro para você, não farei nada de que você se arrependa mais tarde, mas terá que confiar em mim.

Seu olhar focou em sua boca, e ela se inclinou. Antes que ela pudesse avançar sobre ele novamente, ele a encontrou no meio do caminho em uma carícia mais gentil. Se ele queria sua confiança, ele tinha que conquistá-la, começando agora. — Quer, Isabelle? Você confia em mim?

Capítulo 12



A avassaladora fome da proximidade de outra pessoa… de sentir uma batida do coração contra a dela… sobrepujou qualquer protesto que seu cérebro pudesse montar. Ela ansiava por essa fuga, embora efêmera. E se ele podia dar a ela tanto sem forçá-la a arriscar mais uma vez sua virtude e reputação, então como ela poderia recusar?

Como ela poderia não confiar nele? Ela já havia se lançado sobre ele em uma oferta imprudente de todo o seu ser. Seu passado pode muito bem tê-la ensinado a ter cuidado, mas neste momento em que ela perdeu tudo, ela não podia tolerar menos do que o conforto que a intimidade proporcionava. Seus lábios nos dela. Sua língua e mãos procurando seus segredos. Pele contra pele.

Acima de tudo, o esquecimento da paixão.

— Sim, vou confiar em você quando não deveria. — Sua voz soou estranha aos seus ouvidos, algo baixo, atraente e convincente.

Imagine tal sedução escorrendo de sua língua, quando ela uma vez foi vítima do canto daquela mesma sereia. Mas era como se outra pessoa controlasse suas ações agora. Alguém ou alguma coisa. Sem razão, certamente. Não, em algum lugar dentro dela, uma necessidade despertou, uma pequena faísca que se acendeu na madeira seca para se tornar um inferno furioso. A razão e a lógica não tinham poder contra essas forças.

Nem sua consciência.

Ela não queria pensar, apenas sentir até que as sensações a alcançassem e bloqueassem todo o resto.

— Por que você não deveria confiar em mim?

Porque ele era um trapaceiro. Porque seu charme a cativou. Porque, agora, ela

desejava que essas coisas nunca a tivessem desviado. — Talvez… — ela se concentrou na frente de seu sobretudo. — Talvez eu não deva confiar.

Ele fechou os olhos, e um gemido irrompeu do fundo de seu peito. — Não diga essas coisas. — ele levou a mão ao rosto dela. Seus dedos tremeram contra sua pele. — Você está destruindo minha decisão de respeitar seus desejos.

Desejos? Ela não expressou nenhum desejo.

Sua boca cobriu a dela, dura e exigente, antes que ela tivesse a chance de responder. Sua língua invadiu sua boca e a forçou a conter as perguntas que subiam em sua garganta. Em outro momento, ela as esqueceu, enquanto ele a puxava contra seu peito. Ele fez sua mente girar até que ela só pudesse responder à escuridão de seu beijo. Ela agarrou-se a ele, passou as mãos pelos ombros largos e pelas costas, puxando-o para si.

Sim, sim e sim. Ela desejava que ele fizesse parte dela, que a preenchesse e apagasse o passado e a deixasse acreditar em um futuro melhor.

Futuro melhor? Isso era levar as coisas um pouco longe.

Com um gemido, ele se afastou, sua respiração vindo em baforadas quentes em suas bochechas. — Não pense. — Ele correu um dedo ao longo de sua mandíbula, traçando uma linha até sua garganta e pressionando seu pulso acelerado. — Sinta. Confie em mim. A última coisa que quero é machucar você.

Mas ele machucaria, quando ele partisse. Ele faria as duas coisas… a deixaria e a machucaria no processo. Ela enterrou o rosto na curva de seu pescoço, e seu abraço a apertou, um cobertor de calor e proteção.

Ele pressionou os lábios em sua testa, uma mera sombra de um beijo, mal sentiu. Novamente veio a pressão suave, uma vibração, uma e outra vez em uma linha em seu rosto. O canto do olho, a saliência da maçã do rosto, o lóbulo da orelha. Ela baixou as pálpebras e se acomodou na ternura, no simples afeto por trás do gesto.

Há muito tempo ela morava sozinha.

Tanto tempo sem esse conforto de outro adulto. Os abraços entusiasmados e beijos sujos de uma criança não eram suficientes. Só um adulto poderia envolvê-la

tão completamente, poderia envolvê-la com a sensação de bem-estar. Ela deixou que isso a infundisse.

Ela aceitaria todo o carinho que ele estivesse disposto a dar. Pegue-o e devolva uma medida própria. Seu corpo ansiava por segurança da mesma forma que seus pulmões ansiavam por ar.

Com as pontas dos dedos tremendo, ela acariciou o lado de seu rosto, para pressionar a raspagem suave de sua barba contra sua pele, para deleitar-se com sua proximidade. Calor quente e úmido patinou ao longo de seu pescoço enquanto ele a marcava com sua língua.

Seus dedos deslizaram em seu cabelo. Como seda quente, os fios deslizaram contra suas palmas. Ele se aproximou, esfregou o nariz e seguiu em frente. Sua clavícula, o entalhe na base de sua garganta. A parte superior de seus seios inchados.

Seus mamilos se endureceram em um convite, e ela arqueou para trás em um apelo sem palavras por mais. Ela ansiava que ele enchesse as mãos com sua carne, a desnudasse ao seu olhar, a sugar.

Seus dedos hábeis moveram-se para os pequenos botões em seus ombros que sustentavam seu corpete. Em seguida, eles puxaram as amarras abaixo. Seu espartilho solto caiu de lado facilmente junto com as tiras de sua camisa. O ar frio correu sobre a pele exposta, e os mamilos dela se enrugaram em botões, implorando por sua atenção, seus lábios, sua língua, seus dentes.

Ele respirou fundo. Ela abriu os olhos para encontrá-lo olhando fixamente, olhos escuros e duros como granito, mas nunca frios. Não, seu olhar queimou dentro dela. Bem no meio de sua barriga, uma faísca em resposta explodiu em chamas.

Ele ergueu as mãos e ela inalou, esperando seu toque, ansiando por ele. Precisando disso. Mas os dedos dele se enroscaram em sua cintura com força e firmeza em ambos os lados. Antes que ela pudesse questionar, ele se levantou, levantando-a ao mesmo tempo, apertando-a, forçando-a a recuar. A borda firme da mesa cutucou seu traseiro. Ele ergueu e empurrou até que ela se sentou, até que seu rosto pairou no nível do dele, mas seu olhar estava fixo em sua garganta.

Mais uma vez, ele se aproximou. Seus quadris estreitos angulados entre os joelhos e os separou. Suas mãos deslizaram para cada lado de suas coxas, seus

braços uma sustentação para seu corpo e uma gaiola para mantê-la no lugar.

Não que ela pretendesse sair do lugar. Não quando a protuberância na frente de suas calças pressionou contra sua carne mais íntima, queimando-a através de camadas de tecido. Não quando ele abaixou a cabeça para puxar um mamilo tenso em sua boca.

Ela gritou, uma nota alta tingida de desespero. Como este homem acendeu tal fogo nela? Ela não lembrava muito de ser assim… todas as suas reações se intensificaram. Um nó dolorido de necessidade apertou profundamente em sua barriga com cada golpe quente de sua língua.

Ele avançou e a empurrou contra a madeira inflexível. Deus, ele a colocou em sua própria mesa da cozinha. Ao lado das xícaras de chá incompatíveis, suas cavidades manchadas de vermelho. Abaixo dela, o baralho de cartas espalhado e migalhas de sua refeição. Completamente devasso. Ela não se importava mais. Tudo que ela queria era mais. Mais prazer. Mais dele.

Até que ele a encheu.

Ela enredou os dedos no cabelo dele e o apertou mais perto. Arqueou as costas, a cabeça afundando descuidadamente na sua intimidade. Por um momento, ele se afastou, e o calor de sua respiração brilhou em sua carne inchada, áspera e rápida. Seus olhos, escurecidos, marcaram-na com a intensidade de seu olhar.

Ainda totalmente vestido, ele pairou sobre ela, o cabelo em uma desordem espetada. O poder espreitava sob aquele sobretudo de corte preciso, sob aquele rico colete com seus botões brilhantes, sob o linho fino de sua camisa. Força e músculos ondulantes. Ela sentiu isso através da barreira de suas roupas. Seus dedos coçaram para aprender sua textura, para experimentar o salto de seu pulso sob sua pele, para traçar seu caminho para baixo da carne dourada de fogo e tendão tenso, para aprender, para saber até que o par deles deixasse de existir como homem e mulher sozinho.

Até que eles se movessem como um por decreto da paixão.

Ela estendeu a mão para a faixa de seda que prendia seu pescoço, para terminar de afrouxar os primeiros laços que os separavam.

Ele agarrou seu pulso, pressionando-o sobre sua cabeça. — Não, Isabelle. — Um sorriso esticado de um lado da boca, ou talvez fosse mais uma careta de dor. — Jurei te deixar sem medo de outra criança. Mas eu sou apenas feito de carne e osso.

— Eu conheceria a carne. — A voz dela estava quase irreconhecível. Ele flutuou sobre os dois, baixo e abafado, como se ela fosse de fato a tentadora, a experiente.

Ele fechou os olhos e um arrepio o percorreu. Ela sentiu o tremor em cada ponto onde seus corpos se tocavam… seu pulso, sua barriga, a junção de suas coxas, separados e pressionados contra o comprimento sólido de sua excitação. Algo pulsou entre eles… ela ou ele, ela não sabia dizer.

— Não essa noite. Já dei minha palavra e, por Deus, pretendo mantê-la. De que outra forma posso provar que você pode confiar em mim?

Senhor, ele estava falando sobre confiança quando era a última coisa em sua mente agora. Ela deveria atendê-lo, não deveria se arriscar novamente, mas seu corpo estava fazendo suas próprias exigências. Ela se lembrou da sensação da última vez, apenas com ele, de alguma forma ampliada. Insistente. Urgente. Implacável.

Ela poderia mais uma vez ficar desapontada com a adesão real, mas ela tinha que saber, tinha que experimentar, apenas uma vez com ele. Ela inclinou os quadris. O comprimento duro de sua ereção pressionou nela apenas ali, apenas naquele ponto doce, suave. Sua respiração foi liberada em um suspiro.

— Eu não vou te negar, amor. Eu sei exatamente o que você quer. — Inclinando-se para frente, ele deu um beijo em seus lábios. — Eu sei exatamente o que você precisa.

Ela olhou para ele por baixo das pálpebras semicerradas. Nada mudou em sua voz, mas ele não poderia ter cedido tão rapidamente. Não depois de toda a sua insistência na confiança. — Como?

Ele riu, um estrondo baixo e sensual que se originou no fundo de seu peito e vibrou através dela. — Pobre criatura inocente. Eu devo saber que o macaco que arruinou você não tratou do assunto de maneira adequada.

— Eu acredito que ele administrou bem o suficiente.

— Para ele, talvez, mas não para você. Não pense mais nele. Deixe-me mostrar como deve ser.

Deve ser. Que promessa nessas palavras. Ele havia feito promessas de prazer também. Naturalmente, ele tinha… promessas que não cumpriu. George era diferente de alguma forma. Ela viu em seus olhos, a reverência, a determinação. Ela sentiu na maneira como o toque dele se concentrou nela, a idolatrou. Isso ecoou pela convicção em sua voz quando ele pronunciou o voto.

Como ela poderia recusar? Como poderia qualquer mulher, mesmo deitada diante dele em uma mesa tosca como um banquete, uma garrafa de vinho pela metade perto de sua cabeça. Ele já a estava devorando com os olhos. Ela queria ser consumida.

Sim. Ela engoliu em seco para aliviar a garganta seca, mas a palavra não saiu. Fracamente, ela assentiu com a cabeça.

O calor chamejou em seu olhar e enviou uma lança de chamas em resposta direto para seu íntimo. Os músculos íntimos se contraíram e, sem pensar, ela apertou as coxas sobre os flancos dele.

Com um grunhido… não havia outra palavra para descrever o barulho feroz em sua garganta… ele se endireitou. Agarrando um tornozelo, ele colocou a sola do pé dela na beira da mesa. As pontas dos dedos dele traçaram fogo em sua panturrilha. Ela chupou o lábio inferior em sua boca. O ar frio provocou a pele nua acima de suas meias enquanto ele erguia a saia.

Ele posicionou seu outro pé, deixando-a esticada, exposta, vulnerável, mas quando ele olhou para o seu preenchimento, uma estranha sensação de poder surgiu através dela. Ele a manteve escravizada enquanto ela esperava que ele cumprisse a promessa de suas palavras, seu olhar, seu toque, mas a expressão de pura adoração em seu rosto… a linha de sua boca, a rigidez de sua mandíbula, a intenção pura em seus olhos… revelaram a verdade.

Isso tudo era só para ela.

Não qualquer mulher, não importa quão habilidosa, mas ela, Isabelle, empobrecida e arruinada aos olhos da sociedade, talvez, mas não aos deste homem. Não, para ele, ela era preciosa, digna, merecedora.

Um arrepio passou por ela, uma lembrança da prancha implacável em que estava deitada, e ela baixou as pálpebras para bloqueá-lo. Uma emoção sem nome vibrou perto da superfície de sua expressão, uma profundidade que ela ainda não estava pronta para enfrentar, pois era perigoso. Ela não podia se dar ao luxo de se apaixonar por um homem que, no final, a deixaria e voltaria para a sociedade que a rejeitou.

Com o raspar surdo de madeira contra madeira, ela abriu os olhos. Ele havia puxado o banco. Mesmo agora, ele estava se sentando diante dela.

— O que?

— Shhh. — A ordem não foi mais do que um sopro quente contra a parte interna da coxa dela enquanto ele se acomodava… diretamente diante dela… buceta.

A palavra ecoou em sua memória. Ela não deveria conhecer esse termo. A maneira como ele o usara tantos anos atrás foi o suficiente para indicar o quão impróprio era. Mais do que isso, era feio e sujo, do jeito que ela se sentiu quando ele terminou com ela e a deixou para reajustar suas saias o melhor que pudesse, para limpar sua semente e seu sangue com sua camisa, para encontrá-la caminho de volta ao baile, envergonhada do que acabara de fazer, com medo de que todo mundo a conhecesse imediatamente como uma vadia. Como ela poderia ter esperança de esconder quando ela cheirava a sua essência?

Não, não, ela não pensaria naquela noite. Agora não. Não com George. Não quando…

Um mero farfalhar de tecido foi todo o aviso que ela recebeu antes do golpe quente de sua língua pulsar contra seu eu mais íntimo. Prazer, forte e quente, a percorreu. Ela arqueou as costas e a cabeça pressionada contra a mesa. Um gemido baixo flutuou do fundo de sua garganta.

Oh, Deus, que loucura era essa que ele se atrevia a lamber seus lugares mais secretos? Certamente isso era devasso, proibido, pecaminoso. Nenhuma dama adequada permitiria tais cuidados, mas ela não era mais uma dama adequada.

Ele agarrou seus quadris, seus dedos mordendo sua carne, e puxou-a para mais perto. A próxima carícia passou, longa e lânguida, de sua abertura até o topo de sua fenda, para aquele ponto que doía e latejava por sua atenção. Ele circulou

preguiçosamente, e a pressão dentro dela aumentou. Sua respiração escapou em um assobio.

Ele fez uma pausa, pressionou os lábios na parte interna das coxas e seus bigodes rasparam contra sua carne trêmula. Ela mordeu o lábio e ficou tensa em antecipação ao próximo golpe, um golpe que não aconteceu. Em vez disso, uma onda como uma brisa quente banhou sua região inferior.

Ela inalou, segurou o gole de ar e esperou. A mão dele deslizou de sua cintura, deslizou ao longo de sua coxa, pressionou contra as costas dela e subiu pela borda interna para roçar seus cachos, tão perto, mas muito leves.

Ela gorgolejou um protesto e balançou os quadris.

Ele a recompensou com a raspagem de seus dentes contra a parte interna de sua coxa. — Se quisermos fazer isso corretamente, vou exigir alguma orientação.

Ela inclinou a cabeça e se apoiou nos cotovelos. Senhor, a visão dele sentado assim, entre suas pernas, o rosto corado, os olhos em chamas, os ombros puxando para baixo aas calcinhas. Quão completamente decadente que ele se colocasse como se estivesse em uma festa.

— Orientação? Eu nunca fiz tal coisa.

Ele sorriu, uma peculiaridade diabólica de sua boca. — Eu sei. Mas você pode me dizer o que você gosta. — Ele arqueou uma única sobrancelha. — Devo supor que você não está gostando de nada disso?

Ele baixou a cabeça para provar outra vez. Aquela língua perversa, perversa circulou mais uma vez, bem ali. Oh, como ele poderia conhecer seu corpo melhor do que ela mesma? Ela se deitou e se permitiu sentir. Como ele sabia onde beijar e onde tocar para que o prazer a deixasse totalmente louca de necessidade?

— É estranho, — ela ofegou. — Nunca esperei…

— Não é tão estranho. Não é tão diferente de um beijo.

Um beijo, certamente, mas ela nunca sonhou que ele colocaria seus lábios em seu eu mais íntimo. O pensamento enviou calor para o sul, calor e sangue, uma sensação de vulnerabilidade e devastação que também aumentou.

— Pode ser estranho — ele praticamente cantarolou as palavras contra sua

carne. As vibrações se torceram dentro dela, levando-a mais alto. — Mas isso é bom?

Bom. Uma descrição tão pálida para o que ele despertou nela. Isso não era bom; era o paraíso… ou seria em breve. Com sua língua sozinha, ele a estava conduzindo em direção a algum destino desconhecido, levando-a a uma necessidade absoluta de chegar. Breve, breve. — Não pare.

Ele deslizou um dedo para dentro. Ela gritou quando seus músculos internos se contraíram sobre ele. Ele se moveu dentro dela em sincronia com o circular implacável de sua língua, enviando rajadas de fogo por seus membros. O prazer arrancou seu fôlego de seus pulmões em rajadas irregulares.

— Toque-se. — pediu ele.

As palavras mal penetraram na névoa de paixão que a envolveu. — O que?

Ele pegou a mão dela, em forma de concha sobre seu próprio seio. Ele inchou em seu alcance, o mamilo se esticando contra seus dedos.

— Sim, Deus, sim — murmurou ele antes de pressionar os lábios nos dela mais uma vez, puxando o ar ao mesmo tempo, puxando-a para dentro de sua boca. Ela. Senhor, sim, ela. Ela sabia que ele poderia penetrá-la, mas nunca lhe passou pela cabeça que ele pudesse tomar parte dela para dentro de si.

Ele empurrou com força com os dedos. Um segundo entrou nela agora, esticando, esticando, enquanto o tempo todo os lábios dele sugavam o botão de carne no ápice de suas coxas. Ela resistiu e se retorceu embaixo dele. A bem-aventurança absoluta aumentou e aumentou até que a qualquer momento ela sentiu como se fosse quebrar. Um tremor percorreu suas coxas e o prazer queimou as solas de seus pés.

E então o mundo se estilhaçou. Seu corpo pulsou e disparou sobre seus dedos. Ela engasgou sua liberação, sem parar, até que ela pensou que poderia desmaiar com seu poder.

Uma gota de suor escorreu pela têmpora de George. Seus dedos se curvaram em seus flancos, sem dúvida mordendo a carne delicada. Ela nem pareceu notar. Ela ainda estava tremendo com os tremores de sua crise.

Os músculos do braço dele se contraíram com o desejo de envolvê-la contra

seu peito, de acariciá-la até que ela voltasse a si mesma. Ao mesmo tempo, sua virilha se contraiu e latejou com o lembrete pulsante constante de que ele permanecia insatisfeito.

O desejo de desabotoar-se e enfiar em seu pequeno invólucro apertado guerreava com sua vontade. Não. Ele não faria isso. Ele poderia muito bem esperar por uma vez. Mais tarde, ele resolveria o problema com as próprias mãos, alimentado pela memória do que acabara de testemunhar. Por enquanto, ganhar sua confiança era muito mais importante do que saciar sua luxúria sobre ela. Se ele se aproveitasse dela agora, ela nunca o perdoaria.

Por que você se importa?

Ele reprimiu a voz irritante no fundo de seu cérebro. Ele se importava porque ela merecia algo melhor do que uma queda rápida na mesa. Ele se importava porque ela já havia sido enganada antes, com resultados desastrosos. A última coisa que ela precisava era outro filho para criar. A última coisa que ele precisava era de outro golpe secundário.

Ele se importava, por Deus, o suficiente para deixá-la agora, as demandas de seu corpo que se danassem.

Acima de tudo, ele se importava porque ela era Isabelle, dura e corajosa sob seu ar de vulnerabilidade e exterior delicado. Ela sobreviveu à censura da sociedade e construiu uma vida para si mesma onde pudesse criar seu filho em relativa paz e segurança.

— George?

Com um farfalhar de algodão, ela se apoiou nos cotovelos. Seu cabelo despenteado sobre seu rosto corado, seus olhos arregalados e piscando. Seu corpete se abriu para revelar seios arredondados adoráveis, mamilos tensos, mesmo agora implorando por sua atenção.

Sua garganta ficou seca. Ignorando sua ereção furiosa, ele puxou as amarras de seu vestido. O rosa em suas bochechas se aprofundou, e ela se sentou, alisando a saia de volta no lugar, antes de mexer no corpete.

— Eu não sei o que deu em mim. — Ela manteve os olhos baixos. Seus dedos

tremeram e os laços caíram de suas mãos. — Oh, que chatice.

— Isabelle. — Ele emoldurou o rosto dela com as mãos, ergueu o queixo dela até ela devolver o olhar. — Não há vergonha no que se passou entre nós.

— Eu me sinto uma devassa. — Ela lançou seu olhar ao redor da sala. — Céus, na minha própria mesa da cozinha. Se alguém tivesse visto…

— Ninguém viu.

— Eu… — ela pressionou os dedos nos lábios como se estivesse testando para ver se eles ainda estavam ali. Ou talvez eles ainda formigassem. — Eu não posso fazer disso um hábito.

— Ter o hábito de quê? Aproveitar próprio prazer?

— É egoísmo da minha parte. Eu não devolvi nada. E como posso pensar apenas em mim quando Jack pode precisar de mim? — sua voz oscilou perigosamente em direção ao desespero.

Ele a puxou para perto, saboreando a leveza de seu corpo contra o dele, a pressão de seus seios contra seu peito, o brilho suave de seus quadris. Deus, ele poderia levantá-la tão facilmente e ela estaria na altura adequada. Não, não. Ele deve se concentrar nela. — Você precisava do contato. Você precisava de alguém com você. Você ainda precisa. E eu não estou prestes a ir embora.

Capítulo 13



ISABELLE ACORDOU com um estrondo estranho e rítmico. Seu corpo estava estranhamente pesado, como se ela estivesse no fundo de um poço muito quente e o peso da água a prendesse no lugar. Ela limpou as teias de aranha do sono de sua mente e abriu os olhos. A débil luz do amanhecer pintou seu quarto em tons de cinza suaves. Ela não conseguia nem se lembrar de cair no sono na noite passada.

Em um momento, ela estava nos braços de Upperton e… Upperton.

Não, ela mal conseguia pensar nele com esse nome mais. Não depois de tudo o que aconteceu entre eles na noite anterior. Não depois que ela quebrou sob seus dedos hábeis e língua hábil. Ele tocou em seu corpo como um piano e tirou notas dela, impossivelmente puro, alto e selvagem.

George roncava baixinho ao lado dela agora… em cima dos cobertores. Ele colocou um braço sobre os olhos, pronto para afastar o sol da manhã. Seu peito subia e descia em um ritmo constante, em sincronia com o estrondo baixo que emanava de sua garganta.

Deus, como ela conseguiu passar a noite com ele e não notar? Seus ombros ocupavam mais do que o necessário no tique-taque. Por que ele tinha ficado, quando ele poderia ter dormido em acomodações mais luxuosas na mansão?

Eu não estou prestes a sair. Então ele reivindicou e honrou sua palavra.

A barba por fazer salpicou suas bochechas e queixo. Ela estendeu um dedo e traçou um caminho através da textura áspera. Na noite anterior, ele não permitiu que ela tocasse, mas ela queria agora. Se ela pudesse devolver uma pequena parte do céu que ele havia mostrado a ela.

Sua respiração engatou antes de se estabelecer em um ritmo constante mais uma vez. Ela dobrou um cotovelo sob a bochecha e o estudou. Ela nunca teve

oportunidade de observar um homem tão perto. Ela inalou seu perfume ligeiramente estranho, ao mesmo tempo picante e fumegante. Esse almíscar deve agora impregnar seu travesseiro. Uma pena que ele não se enfiou debaixo das cobertas. Ele poderia ter permeado sua cama inteira, um lembrete de sua presença quando ele voltasse para seu mundo.

Pois ele iria, eventualmente. Ele poderia rasgá-la de prazer repetidas vezes, mas não ficaria onde não pertencia. Ela deve se lembrar disso. Lembre-se e não se permita apegar-se.

Ela saiu de baixo das cobertas e sua camisa caiu sobre as panturrilhas. Sua camisa e nada mais. Nem mesmo seu espartilho permaneceu para dificultar sua respiração, o que significava que ele deve ter ajudado a se despir… tirou suas roupas dela, aconchegou-a na cama e ficou ao lado dela a noite toda, totalmente vestido como um perfeito cavalheiro.

Embora eles tivessem sido muito mais íntimos, ela deveria estar mortificada que o cansaço a havia incitado a deixar de lado o decoro e deixá-lo bancar a empregada doméstica. Em vez disso, uma flor de calor se enraizou em seu peito com sua bondade. Ela tinha sido tão desconfiada de suas intenções, mas sob a fachada libertina estava um homem perfeitamente decente. Honroso. Fidedigno. Ele exigiu sua confiança e provou seu valor.

Uma batida na porta enviou seu coração batendo forte em suas costelas.

George ergueu a cabeça, piscando sonolento. Seu olhar pousou sobre ela e deslizou para baixo. Um sorriso preguiçoso, cheio de promessa, se espalhou por seu rosto. — Bom Dia.

Tarde demais, ela se lembrou de sua falta de roupas adequadas e suas bochechas aqueceram.

— Não perca esse pensamento. — Ele colocou o braço sob a cabeça e a contemplou. — Esse tom de rosa é nada menos que adorável em você, e tudo o que você está lembrando para fazer você corar tanto… Eu quero ouvir tudo sobre isso.

— Pare. — ela advertiu. — Tem alguém na porta.

As batidas se renovaram, mais altas desta vez. Ao ouvir o som, seu coração

disparou e a pulsação em seu pescoço latejou.

— Então aí está. É melhor você se cobrir e responder antes que eles apareçam e tirem suas próprias conclusões.

Ela não possuía nada semelhante a um roupão. Normalmente, ela estaria vestida quando alguém batesse, mas normalmente, ninguém batia tão cedo. A qualidade da luz na sala era suficiente para indicar a hora… nem mesmo uma hora desde o nascer do sol. Seu filho poderia ter sido encontrado? Por favor, oh, por favor, e que ele fique bem.

Ela se enrolou em um xale e tirou os cachos rebeldes dos olhos antes de correr pela cozinha e abrir a porta da frente.

— Meu senhor, — ela engasgou.

Lorde Benedict ficou parado na varanda, batendo com um par de luvas de couro na palma da mão. Atrás dele, um grande cavalo farejou suas flores, as rédeas amarradas à cerca baixa que separava o jardim da frente da estrada. Sozinho, infelizmente.

— Você vai perdoar a intrusão precoce. — Lorde Benedict fez uma reverência, como se ela estivesse parada em uma sala de estar em vez de descalça na porta de uma cabana pobre. — Estou procurando Upperton e espero que você possa ajudar.

— Oh. — Suas bochechas queimaram com a brisa da manhã, e ela olhou para os dedos dos pés. Oh, sim, ela sabia o quão culpada parecia, mas ela dificilmente poderia agir de outra forma. Ela era culpada e, pior, ela atendeu a porta parecendo que tinha acabado de cair.

— Eu nem sonharia em incomodá-lo em quaisquer outras circunstâncias, — ele continuou, — mas o assunto diz respeito ao seu filho também.

Cem perguntas travaram sua garganta, cada uma lutando por atenção. Ela queria gritar com eles. Ela queria agarrar o homem pelas lapelas do casaco de montaria, arrastá-lo para dentro e exigir respostas. Só que ela já sabia a resposta para a pergunta mais importante de todas. Jack ainda estava desaparecido; caso contrário, Lorde Benedict teria trazido seu filho direto para casa.

Enfiando as unhas na palma da mão, ela alcançou o poço da dignidade que

estava enraizado nela desde a infância. — Por favor, entre.

Ela deu um passo para o lado para deixá-lo passar, incapaz de olhar mais alto do que o meio do peito, por medo de ter lido o julgamento em seu olhar. Ela já devia estar acostumada há muito tempo, mas, vindo dele, essa censura seria duplamente difícil de tolerar, dada sua bondade para com ela ontem. E isso para não falar de sua esposa. Melhor tirar as sutilezas do caminho.

— Tenho uma dívida de gratidão com você. — Ela se dirigiu aos botões de latão do casaco de montaria.

— Não é nada. Qualquer um estaria disposto a contribuir e procurar uma criança perdida.

Qualquer pessoa mesmo. Os aldeões… seus vizinhos… não levantaram nem um dedo.

— Eu não quis dizer sobre Jack, embora eu também seja grata por isso. Sua esposa mandou uma cesta ontem. — Seu olhar desviou-se para a mesa da cozinha, onde os restos do piquenique ainda estavam espalhados. Cartas, migalhas de pão e xícaras de chá com os restos de um bom vinho tinto ainda manchando o fundo, tudo abandonado para outras atividades. A lembrança do que mais havia acontecido naquela mesa lançou uma lança de calor em sua barriga.

Querido Senhor, o que isso importa? Se ela precisava de conforto na noite passada, não era problema de ninguém, apenas dela. Por que ele não podia pular para o verdadeiro motivo de sua presença e dizer a ela o que sabia sobre Jack?

— Segundo Julia, mandar algumas ninharias era o mínimo que ela poderia fazer.

— Para mim, não eram ninharias. — Droga. Isso saiu mais frio do que o necessário. Lorde Benedict não sabia. Ele provavelmente nunca quis nada em sua vida.

— O que o traz aqui tão cedo? — Graças a Deus pelo George. Graças a Deus, mesmo que ele tivesse saído do quarto com as roupas amarrotadas, o cabelo despenteado.

— É sua própria culpa. Eu teria falado com você ontem à noite no porto, mas

você nunca apareceu. — Revelstoke proclamou no mesmo tipo de tom que ele usaria para comentar sobre o tempo. Oh, sim, está chovendo de novo. Ocorrência bastante comum no sul da Inglaterra. Chuva, vento, Upperton não passando a noite em sua própria cama. Nada fora do comum.

Isabelle não achou que suas bochechas pudessem queimar mais. E por que, por que eles não puderam chegar ao ponto agora que as exigências de cortesia foram atendidas?

— Eu era necessário em outro lugar. — disse George no mesmo tom.

— Oh, pelo amor de Deus, e meu filho? — Isabelle tapou a boca com a mão um momento tarde demais.

— É isso que vim discutir. Eu não tinha intenção de incomodar você. — Revelstoke acenou com a cabeça para Isabelle, mas sua expressão não revelou nada. — Mas isso concerne a você de qualquer maneira. Mais do que Upperton, na verdade.

— O que? — Isabelle torceu as pontas puídas do xale nas mãos. A lã outrora áspera há muito que se desgastou até a maciez.

— Não vejo escolha no assunto a não ser ampliar a pesquisa. Não descobrimos nada ontem, e a vila não é tão grande.

George disparou em direção à porta. — Você vai me emprestar um cavalo, não é? Só não Buttercup. Certamente você tem um com uma disposição mais doce.

— Eu já mandei cavaleiros.

— Ah não. — Isabelle pressionou os dedos contra a garganta. — Eles não deveriam procurar apenas por Jack agora. Eles também devem encontrar Biggles.

As sobrancelhas de Lorde Benedict desapareceram sob sua franja. — Biggles?

— A criada dela — esclareceu George.

— Ela não é minha serva. — Isabelle insistiu. — Eu te disse. — Ela se virou para Revelstoke, enfiando os dedos mais uma vez na lã do xale e torcendo. Pelo menos o movimento disfarçaria seu tremor. — O nome dela é Lizzie Biggles, e suponho que ela se pareça com uma empregada ou talvez a avó de algum fazendeiro. Ela me deixou morar com ela, mas ela também desapareceu agora.

Revelstoke puxou as luvas com a mão fechada. — Ao mesmo tempo? E você não acha isso suspeito?

Isabelle suprimiu a vontade de gritar. — Não, de jeito nenhum. Eu moro com ela desde antes de Jack nascer. Se ela quisesse fazer algum mal a ele, você não acha que eu já teria notado?

Lorde Benedict olhou além dela para George, que não fez nenhum comentário. — Você não acha que podemos encontrá-la com seu filho?

— Não vejo como ou por quê. Ela desapareceu ontem, e se ela soubesse onde Jack estava, ela nunca teria me mantido longe dele. — Ela tinha suas próprias suspeitas sobre o que poderia ter motivado Biggles a ir embora. Culpa, já que Jack havia sido tirado de seu nariz. Sob todos os seus narizes. — Eu não posso culpá-la. Eu não posso. Não quando eu nem estava aqui.

Pronto. Ela expressou seu fracasso em voz alta, e o mundo não tinha chegado ao fim. Não, continuou girando, para melhor torturá-la com o conhecimento.

— Você acha que ela pode ter iniciado sua própria investigação? — Revelstoke perguntou. — Alguma ideia de onde ela pode ter ido?

Isabelle vasculhou sua mente. — Ela tem um amigo que visita de vez em quando, em Sandgate, mas por que ela foi procurar por Jack ali…

— Vamos, então. — George colocou a mão em seu ombro. — Você e eu.

Isabelle encontrou seu olhar. Ela queria procurar seu filho. Biggles, pelo menos, poderia cuidar de si mesma. Mas os cavaleiros já haviam partido.

— Acho que você deveria ir. — disse Revelstoke. — Isso vai te dar algo para fazer enquanto esperamos as novidades.

* * *

GEORGE teria pegado uma carruagem para Sandgate. Apesar de um céu cheio de nuvens cinzentas correndo, Isabelle insistiu que eles andassem.

— Biggles sempre vai a pé e aproveita o dia. — ela ressaltou. — Além disso, com o estado das estradas, caminhar nos levará com a mesma rapidez. As trilhas são mais diretas.

A cavalo pode ter sido mais rápido, mas ele engoliu o argumento. Ele não era nenhum cavaleiro, mesmo que Revelstoke pudesse poupá-los de dois importunos. Caminhar significava que eles gastariam menos tempo sentados e esperando por notícias. Se entendia alguma coisa, era uma necessidade de agir, de sentir como se estivesse contribuindo para o esforço de encontrar Jack.

Quando chegaram à periferia da cidade, seus pés protestavam contra o prolongado andar. A viagem em Buttercup teria sido mais agradável… e eles ainda tinham que fazer o caminho de volta.

O tempo se voltou contra eles. Um vento forte chicoteava as águas do Canal até formar espumas, enquanto lá em cima o céu assumia um tom uniforme de chumbo. À distância, lençóis cinzentos de chuva atingiam as ondas sombrias.

— Aposto meu último xelim que não vamos voltar para casa sem água. — murmurou ele.

Isabelle encolheu os ombros sob o xale. — Se alguém estiver viajando de volta para Shoreford, talvez tenham pena de nós e nos deem uma carona.

George olhou a estrada que serpenteava ao longo da encosta íngreme do penhasco até a praia cheia de seixos. Sua esperança tinha poucos alicerces se eles precisassem confiar no tráfego atual. Mas para os grupos de casas, separados por terraços verdes agarrados à encosta acima do canal, o lugar parecia totalmente deserto. Uma visão triste para o mês de agosto, quando as pessoas deveriam estar de férias. Se alguma vez um desfile de moda enfeitou o passeio desta cidade, nenhum cavalheiro ou senhora com trajes coloridos passeava ao longo da costa hoje.

— Parece que a maioria das pessoas teve o bom senso de ficar em casa.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes. — E os cavaleiros procurando notícias de Jack? Eles não irão longe também, e se houver alguma pista a ser encontrada…

Ela não precisava terminar essa declaração. Um encharcamento sólido lavaria qualquer sinal. Sem mencionar que ela deve estar pensando em seu filho, rezando para que, onde quer que ele estivesse, ele encontrasse abrigo.

Ainda assim, George teve que dizer algo para fortalecer seu ânimo. Ele odiava

o quão opaca sua tez tinha se tornado nos últimos dois dias. Sua pele era pálida como porcelana para começar, mas as reviravoltas da época haviam murchado as rosas em suas bochechas. Em contraste, círculos violetas escureciam a carne delicada sob seus olhos. O fogo interior que ela havia mostrado a ele naquele primeiro dia… sua coragem… havia desaparecido junto com todo o resto.

Ele passou a palma da mão ao longo da linha de seu braço. Um gesto tão insubstancial, quando o que ela realmente precisava era recuperar a esperança. Se ele pudesse restaurá-la para ela. — Enquanto estamos aqui, por que não perguntamos se alguém soube do Jack?

Sua testa franzida. — Por que ele estaria aqui?

Ela gesticulou para a coleção sonolenta de residências e lojas amontoadas ao redor de uma igreja e um pub. A cidade era tão pacífica quanto a vila abaixo de Shoreford, quase indescritível em sua natureza pastoral e provinciana. Quase um covil de sequestradores. Não, o único crime possível que os cidadãos de Sandgate poderiam cometer era o contrabando, e a guerra com a França já havia acabado há cinco anos.

— Por que alguém roubaria um menino de sua cama? — rebateu ele. — Eles não podem pensar em pedir resgate.

— Eu não sei. Não há razão para isso e não tenho dinheiro para pagar o resgate.

— Mas seu pai sim. — Disse isso casualmente, como se apontasse uma característica da paisagem. Sim, em um dia claro, você pode ver todo o caminho até a França, e Richard Marshall, o conde de Redditch, é mais direto do que sabe o que fazer. E não é o suficiente para ele.

— Meu pai. — Ela pareceu se agarrar às palavras, mas não questionou como ele sabia a identidade do homem. Ela, sem dúvida, supôs que ele soube com sua prima. — Eu não existo mais para ele. Não faz sentido manter Jack como refém na esperança de ganhar alguma coisa de meu pai.

— E o pai de Jack? — Outra facada no escuro, mas na ausência de pistas sólidas, eles tinham que começar em algum lugar.

— Isso também não faz sentido. — Ela alongou o passo, tropeçando na estrada como se pudesse escapar do assunto. — Eu não o vejo desde… desde aquela noite. Por que ele deveria aparecer depois de todo esse tempo?

— Ele sabia que tem um filho?

— Ele não soube disso por mim. Outra pessoa pode ter contado a ele sobre Jack. Fofoca, entende. — Ela afiou suas palavras, cada sílaba como uma pequena lâmina que corta tão profundamente quanto a língua viciosa de um dragão da sociedade.

E o canalha a abandonou por isso. Ele a deixou carregando todo o fardo da vergonha, quando ele poderia tê-la salvado.

— Talvez você deva me contar mais sobre ele. — George arriscou. Uma sensação perversa de proteção o levou a perguntar. E se ele conhecesse o homem em questão? Inferno, ele pode até gostar dele. O pai de Jack pode ser um de seus comparsas, um amigo da velha escola, alguém que cresceu para assombrar jogos, clubes e salas de jogo.

Alguém como ele.

Uma imagem de sua ex-amante surgiu em sua mente. Lucy jogou para trás sua juba louro-avermelhada e deu uma gargalhada profunda e cheia, enquanto passava a mão na barriga inchada com a picareta. Merda.

Maldito seja ele.

— Posso contar muito pouco. Veja… — ela fez uma pausa para engolir — no momento em que fui capaz de descobrir o endereço dele, ele já havia partido.

Naturalmente, o canalha queria tornar-se difícil de ser encontrado. Tanto melhor para evitar suas responsabilidades. Responsabilidades como as que George agora tinha para com Lucy. Embora ele tivesse comido muito pouco hoje, seu estômago ficou pesado. Esse maldito peso de chumbo reaparecia toda vez que ele pensava em sua paternidade iminente. E, como uma criança acomodada no útero da mãe, esse peso cresceu com o tempo. A culpa acrescentou camadas da mesma forma que uma ostra produzia uma pérola de um grão de areia.

— Se você não se importa, — Isabelle disse, — eu realmente prefiro não falar

sobre o pai de Jack.

Se ela preferia mudar de assunto, George não poderia objetar muito. Sua sondagem de sua vergonha do passado estava provando ser dolorosa. E talvez fosse melhor se ele não soubesse que o pai de seu filho era um de seus companheiros. George ficaria tentado a estrangular o bastardo na próxima vez que se encontrassem.

Enquanto eles subiam a colina, o vento assumiu uma força mais sutil que lhes roubou o fôlego. Uma ou duas gotas de chuva pungentes caíram em suas bochechas. — Quanto falta?

Isabelle acenou com a cabeça em direção a uma fileira de casas. — A do meio.

Ele agarrou a mão dela. — Vamos dar um passo animado, então. Eu não gosto de me encharcar.

Toda a caminhada havia ressecado sua garganta, o suficiente para que ele se contentasse com água com uma pitada. Se o amigo de Biggles não oferecesse um refresco, ele convenceria Isabelle a parar na taverna.

Eles se aproximaram de um jardim da frente coberto de arbustos pernilongos e abandonados. A porta pode ter sido vermelha um dia, mas a tinta há muito desbotou para um laranja lamacento. Quase nada auspicioso ou acolhedor. Um olhar para Isabelle a mostrou endireitando os ombros e erguendo o queixo, como se ela estivesse se preparando mentalmente para a batalha.

— Você conhece essa amiga da Biggles?

— Eu nunca conheci a Sra. Cox, não, mas tenho certeza que Biggles disse uma ou duas coisas sobre mim. Ela vai descobrir quem eu sou.

George bateu e eles esperaram sob o beiral enquanto mais algumas gotas de chuva caíam no chão com sons sinistros. Um minuto ou mais se passou antes que a porta se abrisse.

— Sim? — A Sra. Cox pode ter sido parente de Biggles, já que as duas mulheres eram construídas nas mesmas linhas… seios largos, redondos e com papada. Fios de cabelo grisalho se espalharam por baixo da touca da Sra. Cox.

George deu à mulher seu sorriso mais atraente. Tinha encantado senhoras em

salões de baile e salas de jogos por toda a Londres, mas aparentemente seu poder não se estendia à costa de Dover.

A Sra. Cox lançou um olhar furioso de George para Isabelle e vice-versa. — Se você veio para uma poção do amor, estou sem.

O diabo? George lançou um olhar alarmado para Isabelle, que manteve o olhar firmemente fixo na soleira. Certo. Nenhuma ajuda daquele lado. — Poção do amor? Não nós…

— Não tente negar. — Ela sacudiu a cabeça em um aceno que fez os babados em seu boné tremerem. — Essa é a única razão pela qual nobres como você aparecem. Eles vêm da cidade, todo sorrisos. Acham que ninguém vai perceber que eles estão tendo problemas, se entende o que quero dizer.

— Agora veja aqui. — Ele teria avançado sobre ela, mas ela ficou de guarda em sua porta como Cérbero nos portões do submundo. — Não estou tendo problemas de natureza pessoal.

Ela cruzou os braços sob o seio considerável. — Isso é o que todos dizem.

— E se eu fosse, não discutiria isso na sua porta.

— Não tenho motivo para deixar você entrar. Como eu disse, estou sem. — A porta balançou ameaçadoramente em direção ao batente.

— Estamos procurando por Lizzie Biggles — Isabelle colocou antes que a prancha de madeira cor de lama pudesse cortar o nariz de George. — Você viu ela?

A Sra. Cox voltou seu olhar penetrante para Isabelle. — Eu não conheço nenhuma Lizzie Biggles.

Droga. Isabelle os havia levado para a casa errada?

— Mas isso é impossível. — Isabelle estendeu a mão, mas a mulher mais velha permaneceu impassível. — Ela vem uma vez por mês para te visitar. Ela esteve aqui há poucos dias.

— Quem está dizendo essas bobagens sobre mim? Eu faço todas as minhas próprias misturas. Receitas altamente secretas. Certamente não preciso de ajuda. Qualquer um que diga o contrário é um mentiroso.

— Quem falou em ajuda? — Isabelle soltou um bufo. — Estou procurando Biggles porque ela está desaparecida. Achei que ela pudesse ter vindo aqui.

— Desaparecida? — A Sra. Cox pareceu murchar. — Mas se ela sumiu, como vou… — ela se sacudiu. — Deixa pra lá agora. Eu não a vi.

— Você viu Jack? — George perguntou. É o mesmo que tentar salvar algo de todo esse incômodo.

— Jovem, a maioria dos meus clientes me diz que seu nome é Jack, mas não é John Smith. Qual você seria?

— Não. Eu sou George.

— Bem, há muitos deles também. Eles acham que podem se esconder atrás do nome do rei.

— Jack é mais importante aqui. Ele é um pouco mais tosco. Loiro e animado, quase tão alto. — George colocou a mão na altura da cintura. — Puxou a mãe dele.

— Ah. — A Sra. Cox assentiu. — Você seria Isabelle, então.

Ele sentiu a rigidez de Isabelle. Ela se endireitou como se estivesse vestindo uma armadura. Seis anos de julgamento da sociedade sem dúvida lhe ensinaram a reação. — Eu sou.

Apenas duas palavras, mas ela disse muito mais. Existe algum tipo de problema? ecoou em sua passagem.

— Sim, Lizzie me contou sobre você. — Não houve julgamento por trás da resposta, mas nenhuma simpatia a sustentou também. — E seu filho. Você diz que ele está desaparecido?

— Ele está.

— Lamento ouvir isso, querida, mas não posso ajudar você a encontrá-lo. — Finalmente o tom da Sra. Cox se suavizou. — Nem a Lizzie sabe preparar uma poção para isso.

George mudou seu peso até ficar encostado no batente. — Suponho que você não tenha ideia de onde Biggles poderia ir se ela não tivesse vindo aqui.

— Tenho certeza que não, e é uma pena.

Mais uma vez, Isabelle estendeu a mão e, desta vez, pousou-a no antebraço da mulher mais velha. — Se você a vir, você vai dizer a ela que estávamos perguntando por ela?

— Vou fazer melhor. — A Sra. Cox puxou o xale com mais força sobre os ombros. — Vou dizer a ela para ser sensata e ir para casa. Eu não tenho nenhum lugar para colocá-la e pelo que ela me disse, ela está confortável o suficiente.

— Sim, diga isso a ela. Diga a ela que ela é necessária em casa.

A Sra. Cox assentiu. — Eu farei isso.

George se virou e lançou um olhar para o céu. A nuvem de nuvens ainda não havia se aberto. Em vez disso, ele cuspiu uma gota ou três de vez em quando como um simples lembrete. Ou um aviso. — Não vamos ocupá-lo então.

— Espere. — Isabelle colocou a mão restritiva em seu ombro. — Você disse que não tem mais poções de amor, mas você teria alguma coisa para dor de estômago?

A expressão da Sra. Cox endureceu com o brilho que ela usava para atender a porta. — Para quê? Vocês dois parecem bastante saudáveis.

— Não para mim. É para um menino vizinho. Sua mãe permite que ele se delicie com todos os tipos de doces, e isso afeta sua digestão.

— Agora há algo que posso oferecer. — Ela desapareceu em sua casa enquanto as nuvens disparavam mais alguns tiros de advertência.

— Espero que ela se apresse. — George murmurou.

Isabelle se curvou mais perto, seu corpo leve e quente contra seu flanco. — Nunca chegaremos em casa. Não se quisermos chegar secos.

— Aqui estamos. — A Sra. Cox apareceu e entregou a Isabelle um quadrado de linho amarrado em uma bolsa. — Faça uma infusão em um chá, e o menino estará pronto. Mas suponho que você já saiba disso.

George enfiou a mão no sobretudo para pegar algumas moedas. — Quanto te devemos?

Ela deu um passo para trás, estreitou os olhos e olhou para ele de cima a

baixo. Ele tinha visto expressões semelhantes em mães da sociedade, avaliando seu valor, decidindo se sua renda o tornava digno de cortejar suas filhas. — Meia coroa.

— Meia coroa? — Isabelle protestou. — Isso vale três vezes menos.

— Deixa pra lá. — George contou a quantia. — Deixe a senhora lucrar. Ela não venderá mais poções do amor por um tempo. Não sem Biggles.

A Sra. Cox mordeu um xelim antes de jogá-lo no ar e pegá-lo novamente. — Muito obrigada, senhor.

Isabelle olhou para a porta depois que ela se fechou. — Vou conversar com Biggles sobre ela. Meia coroa. Você deve perceber que não posso recompensá-lo.

— Não importa. — George olhou para o céu. O dilúvio não tinha caído ainda, mas em pouco tempo as nuvens iriam se soltar. — Na verdade, estou prestes a gastar um pouco mais. Eu poderia querer algo estimulante. Vamos ver se não conseguimos comer e beber enquanto a tempestade passa.

Capítulo 14



Eles quase chegaram em casa entre as tempestades. A primeira açoitou com grandes rajadas de vento e chuva as janelas encardidas da taverna Sandgate enquanto eles se aqueciam com um ensopado generoso e canecas de cerveja. Depois de uma hora, a tempestade exauriu sua fúria e se dirigiu para partes mais a leste, mas na metade do caminho para Shoreford, as nuvens baixaram mais uma vez, e a ameaça de chuva aumentava a cada passo apressado.

Ao lado de George, a respiração de Isabelle veio em baforadas difíceis enquanto eles corriam pela estrada. — Devo descansar.

Ele lançou um olhar cauteloso para o céu. Logo à frente, um muro baixo se alinhava ao lado da estrada para marcar a fronteira de Shoreford. Os ramos frondosos dos carvalhos de caule espesso cobriam a estrada, talvez um abrigo suficiente se o tempo se contivesse com uma leve garoa. Ele a pegou pelo braço e a guiou até o arenito esfarelado. Com um suspiro de alívio, ela se acomodou na borda. Com os braços sobre os joelhos, ela apoiou a cabeça neles, o rosto virado. Uma brisa repentina soprou e mechas de cabelo loiro escaparam de seus grampos.

George se conteve, sua mão estendida no ar. A longa linha de seu pescoço acenou. Seus dedos coçaram para tocar a pele lisa e branca, para afastar os cachos rebeldes e abrir caminho para seus lábios.

— O que você está pensando? — perguntou ele, tanto para se distrair quanto para ouvir a resposta. Sua voz estava chocantemente rouca… e sobre o pescoço dela, parem tudo. Quando foi a última vez que a nuca de uma mulher o levou a tal estado que suas calças não serviam mais corretamente?

Ela virou o rosto para ele. Suas bochechas estavam rosadas. Ele poderia ter confundido sua cor com um sinal de excitação, mas com os olhos dela. Eles brilharam na luz fraca com lágrimas não derramadas.

— Jack, claro. — Seu tom espelhava sua expressão… desolada, derrotada, desesperada.

Maldição, por que ela deveria puxar as cordas de seu coração assim? Ele daria tudo que pudesse para atrair um sorriso, para ouvi-la rir novamente. Tudo que ele precisava era devolver o filho a ela.

O filho dela. O pequeno vigarista que conseguiu se infiltrar nas afeições até de um homem como George. Um homem para quem os filhos não passavam de um mal necessário porque precisava de um herdeiro. Eventualmente.

Ou então seu pai o ensinou por palavras e ações.

Ele cedeu ao desejo de tocá-la. As pontas dos dedos roçaram o lóbulo da orelha enquanto ele colocava a palma da mão na curva do pescoço dela. As vértebras sob sua palma ficaram rígidas, e ele esperou seu protesto. Ele manteve uma pressão constante… não a vibração de uma carícia, mas um aperto sólido.

— Vamos encontrá-lo.

Depois de um momento, a tensão sob seus dedos diminuiu, e ela se inclinou para ele, ombro a ombro, a cabeça apoiada na lateral de seu pescoço. O hálito dela acariciou o calor contra sua pele.

Ele já tinha feito isso? Ele já se sentou com uma mulher em silêncio e deu nada mais do que um simples conforto? Antes de ontem à noite, ele não conseguia se lembrar de uma única instância, não mais do que ele poderia se lembrar de não estar satisfeito com nada além de sua presença, o peso suave de sua cabeça em seu ombro, as cócegas de seu cabelo contra sua bochecha, o cheiro limpo de lavanda enchendo suas narinas.

Isso não tinha nada a ver com excitação e tudo a ver com companheirismo. Nunca em sua vida, desde que ele descobriu as delícias do corpo feminino, ele suspeitou que algo como este momento pudesse existir. Ele poderia passar muito tempo sentado assim, se aquecendo na presença dela, enquanto Redditch e Summersby, seus credores e Lucy desapareciam em segundo plano.

Ele teria, é claro, que encontrar uma solução eventualmente, mas por enquanto ele se concentraria em Isabelle. Ele poderia restaurar sua felicidade de

maneira simples e concreta ao encontrar Biggles e seu filho… ao devolver sua família a ela, tal como era. Seus próprios problemas podiam esperar.

O trovão retumbou, uma ameaça baixa à distância. A oeste, o céu se encheu de uma nuvem escura. Um flash de relâmpago perfurou a massa, e a brisa tornou-se cortante e fria, carregada com um cheiro renovado de chuva.

George se levantou e estendeu a mão. — Parece que nossa prorrogação acabou.

Isabelle se endireitou, seus dedos se enrolaram com força sobre os dele. Ela lançou um olhar preocupado para o céu. — Eu nunca vou chegar à aldeia antes da tempestade.

— Podemos ter tempo para chegar a mansão. — Ele deu um passo, mas ela permaneceu plantada onde estava. O aperto dela em sua mão aumentou.

— Venha — insistiu ele.

— Não, não a mansão. Eu não vou voltar lá novamente.

Outro flash de luz o cegou por um momento. O estalo do trovão se seguiu em breve. — Nem mesmo se for uma escolha entre um abrigo ou um abrigo?

— Eu fico com o banho. — Suas palavras foram cortadas e severas.

Certamente algumas das senhoras teriam ataques se ele a trouxesse de volta para a casa principal. Não Julia e Sophia, mas sua mãe era outra história. Parte dele queria levar Isabelle para a mansão e colocá-la no melhor salão por esse mesmo motivo. Sua mãe não tinha o direito de decidir quais mulheres mereciam sua atenção. Ele tinha quase trinta anos, droga.

Mas ele não poderia fazer Isabelle passar por isso de novo, não quando ela já estava chateada com o filho. Além do mais, ele se lembrou de seu comportamento em Sandgate… a maneira como ela se preparou quando eles entraram na taverna, como se alguém pudesse reconhecê-la e acusá-la de todos os tipos de pecados. — Há uma casa de campo na propriedade. Chegaremos a ela antes de chegarmos à casa principal. Deve estar desocupado.

Não ocupada parecia perfeito, exceto que significava que ela estaria sozinha com ele novamente. Ela respirou o ar carregado de tempestade. Sozinha, ela poderia

controlar. Ele provou ser confiável na noite passada, e se ele voltasse seus talentos sedutores para ela, ela poderia resistir a um ataque determinado. Ela só tinha que manter as consequências em mente.

Um flash através do céu a fez pular. O rugido de resposta enviou um tremor de medo por ela. Ela cerrou os punhos contra ele. Ela nunca gostou de tempestades. Era tão claro quanto a chicotada do vento contra seu rosto que ela nunca chegaria em casa antes desta.

George pegou a mão dela e a ajudou a escalar a parede. Ele caminhou por entre as árvores em um campo aberto. Já sem fôlego por causa da corrida de Sandgate, ela tropeçou em seu rastro, incapaz de fazer suas pernas corresponderem ao seu andar. Outro estalo de trovão a estimulou.

À frente, uma segunda fileira de árvores alinhava-se no longo caminho até a mansão, mas aninhada entre elas havia uma cabana, suas paredes caiadas de branco um vislumbre no ar opressor. Ela se concentrou nesse objetivo. Só um pouco mais longe agora. Mas no meio do terreno aberto, os céus lançaram uma torrente de chuva gelada.

Ela chegou à porta da pequena cabana, as roupas coladas à pele. Jardineiras de janela cheias de gerânios pouco ajudaram a iluminar a escuridão sob as nuvens e as árvores. George pressionou o ombro contra a porta de madeira maciça e a empurrou para o lado. Ela tropeçou atrás dele e prendeu a respiração. O lugar estava empoeirado pelo desuso, mas seu layout… quarto espaçoso, lareira de pedra dominando uma extremidade, teto com vigas, bancos esculpidos e mesa de cavalete… a lembrava de casa. O lugar só faltava Biggles enchendo-o com o aroma de sua comida e o aroma fresco de ervas secando em cachos nas vigas.

George lutou contra o vento para bloquear a tempestade. O trovão ribombou do lado de fora enquanto a chuva martelava no telhado.

— Um pouco tarde demais — disse ele. — Embora tivéssemos ficado ainda mais sujos se tivéssemos ido para a casa principal.

Ela olhou para ele, as sobrancelhas levantadas. — Não estou convencido de que isso seja possível.

Sorrindo timidamente, ele puxou as mangas do casaco. O tecido de alta

qualidade pode absorver mais água da chuva do que suas roupas simples de algodão e linho, mas o fedor de lã molhada enrugou seu nariz. Gotículas grudaram em seu cabelo e deslizaram por suas bochechas e pescoço para desaparecer sob a gravata encharcada.

Isabelle se ajoelhou diante da lareira. Claro, ninguém havia pensado em fazer fogo. O lugar estava desabitado. — A primeira vez foi mais que suficiente.

— Mais do que suficiente? O que isso significa?

Ela encontrou gravetos na caixa de madeira e combustível suficiente para algumas horas. Eles podem, pelo menos, esperar a tempestade passar com relativo conforto. — Nós dois ficamos bem molhados no dia em que você tirou Jack do Canal, não acha?

— Ah sim. — a voz dele veio diretamente atrás dela. Ela estremeceu por motivos que nada tinham a ver com chuva ou tempestades. Como diabos um homem tão grande se moveu tão silenciosamente? O pensamento dele pairando perto o suficiente para estender a mão e tocar sem aviso fez os cabelos finos de sua nuca se arrepiarem. — Precisa de ajuda aí?

Ela olhou por cima do ombro, direto em seus olhos cinzentos. Ele se agachou atrás dela, perto o suficiente para que o calor de seu corpo irradiasse para ela, aquecendo sua pele sob as roupas gotejantes. — O que você sabe sobre fazer fogo?

— Bastante. Tive que aprender na escola, não foi?

Ela apertou os lábios e assentiu. — Tive que aprender por necessidade. Eu me viro.

Ele se aproximou dela e segurou sua mão. A ponta do polegar dele roçou as costas da mão dela. Então ele o virou e traçou as linhas de sua palma. Ela teve que se esforçar para não se mover, não se inclinar para o toque ou fechar os dedos sobre os dele.

Sua mão tremia, a pele manchada com o frio, mas, ao mesmo tempo, o calor correu para suas bochechas. Ele estava encarando calosidades, não as palmas suaves de uma mulher que passava os dias costurando ou pintando e as noites indo a festas. Esse era o tipo de mão com que estava acostumado, a mão que esperava, macia e

flexível. Desde sua chegada a Kent, suas mãos não sabiam nada além do trabalho.

Ela se afastou de seu aperto. Ela não queria o escrutínio de um homem cujas mãos ainda eram mais macias quanto as dela. Não quando ele pudesse de alguma forma ver através dela e perceber que ela desejava que suas mãos estivessem intocadas.

— Isabelle.

Ela deixou cair os gravetos que acabara de puxar da caixa de madeira. Eles bateram na lareira. — Que seja — murmurou ela para afastar as perguntas que sentia pairando no ar entre eles, tão pesadas quanto as nuvens de tempestade lá fora e igualmente ameaçadoras.

— Você é uma Lady. Você ainda fala como uma.

Exatamente como ela temia, ele havia lido sua mente. Ela olhou para o início de seu fogo. Se ela se concentrasse bastante em colocar os gravetos assim, ela poderia ignorar as memórias de sua vida anterior. Ela pode ignorar a onda de sentimento que cresceu em suas entranhas junto com as imagens de bailes e visitas sociais e vestidos e chás. Ela cerrou os dentes e agarrou-se à madeira até que as unhas se alojaram na casca. — Se eu não acender o fogo, vamos congelar.

Algo macio atingiu o chão com um baque encharcado. Ela olhou de lado. Seu sobretudo jazia em uma poça d'água. A pederneira caiu de seus dedos desossados e acendeu uma faísca na lareira de pedra.

— O que você está fazendo? — Ela não iria olhar. Não conseguia. Já a imagem dele, suas calças coladas em suas coxas depois que seu mergulho no mar estava gravada em seu cérebro. Ela não precisava acompanhá-lo com a visão dele de camisa molhada. O linho seria transparente. Ele pode muito bem estar com o peito nu. Oh Deus.

— Assim que eu acender o fogo, ficaremos bem. — Até a voz dela tremia agora. Era só porque ela estava encharcada e miserável. De forma alguma ela estava tremendo por causa dele ou do fato de ele estar se despindo.

Outra coisa caiu no chão. Isso tinha que ser uma bota. Seu coração disparou em sua garganta. Se ele estivesse removendo seus hessianos, suas calças não

durariam muito mais.

— Suas roupas vão secar mais rapidamente se você não as usar.

Ela lutou para pegar a pederneira, tentou acertá-la, mas mais uma vez, ela escorregou de seus dedos. O que diabos estava acontecendo com ela? Você está sozinho com um homem de novo e, desta vez, ele está se despindo atrás de você.

Não qualquer homem, um que ela achava muito atraente. Um que ela queria ver sem roupa. Um que ela queria tocar e provar. Um que ela não poderia ter.

O risco não é tão grande, um pensamento traidor incitou. Você não pode ser tão azarada uma segunda vez.

Sua conduta estava conduzindo-a a isso. Ela descobriria a verdade em breve, se arriscasse. Mas ela não estava levando os outros perigos em consideração. Se ela se deitasse com ele… se ela lhe desse seu corpo… ela poderia fazer isso e preservar seu coração?

Ela achava que não. Não dessa vez. Tudo o que ele fez por ela… desde salvar Jack naquele primeiro dia, a fazer tudo o que podia para encontrar seu filho agora, a permanecer ao lado dela para que ela não enfrentasse a noite sozinha… já havia conquistado um lugar em sua memória. Ele deixaria Kent e voltaria para a cidade, mas ela sempre carregaria um pedaço desse homem em sua mente, entrelaçado com as notas claras de seus dedos batendo nas teclas do piano, emaranhado com o prazer que ele já havia extraído dela, conforto misturado com êxtase.

— Não vou me despir na sua presença. — Não importa que ele já tenha visto muito. Não importa se ele já a beijou da maneira mais íntima e chocante possível.

— Pena.

Ela sacudiu a cabeça para encará-lo. Um erro colossal. Ele se levantou, a camisa pendurada em uma das mãos. Gotas de chuva escorriam de uma manga, mas seu olhar mal parou ali. Seguia o contorno de um antebraço, passando pela protuberância de seu bíceps até o ombro. O fundo de sua garganta secou, e o simples ato de respirar se tornou uma tarefa árdua. Seu peito era largo e musculoso, como se um escultor tivesse talhado cada cume perfeito. O cabelo espalhado por toda aquela extensão de pele afilou em uma linha que desceu até o umbigo e desapareceu sob o

cós da calça. A lã fina ainda envolvia suas coxas, o tecido tão apertado que ela podia muito bem imaginar o que havia por baixo, e era tão fino quanto o resto dele.

Ela abriu a boca para protestar, mas não conseguiu mais do que um guincho, um rato mais assustado do que uma advertência. E ela estava com medo… das demandas de seu corpo. Pois os dedos dela coçavam para traçar os planos sólidos de seu peito, para sentir o salto dos músculos sob seu toque, para mapear os lugares em seu corpo que provocariam um gemido ou um tremor de prazer.

Sua risada baixa a puxou de volta à realidade. — Talvez eu deva acender o fogo.

Ele se ajoelhou ao lado dela, mechas úmidas de cabelo caindo em seus olhos. Ele não poderia estar com frio. Calor irradiava de seu corpo e se instalou sobre ela, não o suficiente para detê-la, mas o suficiente para mudar seu caráter. Ela se envolveu com os braços para mascarar a reação. A água de seu vestido umedeceu suas mãos.

Ele atingiu a pederneira e acendeu a isca. Agachando-se mais perto, ele soprou encorajamento na base da chama. A luz do fogo logo dourou os planos de seu peito e o contorno musculoso de seus braços e ombros.

E céus, o traseiro magnificamente firme envolto em nada além de calças. A forma como o tecido de lã moldado em curvas retas era positivamente indecente. A pequena quantidade de umidade remanescente no fundo de sua garganta evaporou. Meu Deus, se ela tivesse um xelim extra em seu nome, com certeza ela poderia ricochetear naquela carne de aço.

Ele sentou-se sobre os calcanhares, as mãos espalmadas contra as coxas e a olhou de lado.

Ela desviou o olhar, diretamente para as chamas dançantes, e curvou-se, esperando que o pequeno incêndio pudesse aliviar seu tremor.

— Eu acredito que há uma espécie de quarto de dormir. — George acenou com a cabeça por cima do ombro em uma porta na parede oposta. — Podemos encontrar cobertores para nos enrolarmos enquanto esperamos.

— Isso soa como uma solução perfeita para nossa situação. — Perfeito

mesmo.

Enquanto ele se arrastava para a outra sala, ela ficou de pé e começou a trabalhar no fecho do vestido. Deus me livre de decidir brincar de empregada doméstica com ela, agora que ela estava acordada para se lembrar disso. Para experimentar seu toque mais uma vez. Por necessidade, ela aprendera a administrar até a complexidade do espartilho sem ajuda, mas agora, quando ela estava com pressa antes que George voltasse, os nós de seus cadarços derrotaram seus esforços. Água tinha feito o cordão inchar, e seus dedos trêmulos só aumentaram sua dificuldade.

— Você precisa de ajuda? — a voz dele retumbou logo abaixo do ouvido dela. Como ele conseguiu se mover tão silenciosamente?

— Eu vou ficar bem.

— Claro que você vai.

Seus dedos quentes empurraram os dela de lado. Ela se manteve rígida enquanto ele puxava seus cadarços. Deus a ajudasse se ele a tocasse, mas ele não poderia desfazer seu espartilho sem que seus nós dos dedos roçassem suas costas. No contato visual, seus joelhos ameaçaram ceder e ela se lembrou da noite anterior, quando ele a acariciou com propósito. Ela não queria nada mais do que derreter contra ele, descansar as costas contra a largura de seu peito e permitir que ele a sustentasse por uma ou duas horas.

A respiração dele percorreu o pescoço dela, pequenas lufadas rítmicas de ar quente que aumentaram de ritmo enquanto ele trabalhava. Algo bem no fundo se apertou com a realização. Ele estava reagindo. Ele queria tanto. Talvez fosse necessário… A qualquer momento agora, ele poderia ceder à tentação e pressionar os lábios na pulsação que vibrou logo abaixo da orelha dela.

Oh, por favor.

Seu espartilho afrouxou e caiu no chão em uma pilha encharcada. Ela se levantou, vestida apenas com sua camisa, e esperou. A nuca dela ardeu ao pensar no que ele devia estar olhando. O algodão fino de suas roupas íntimas deve ser quase transparente.

Ela respirou. Dentro. Fora. Se ela se concentrasse em algo tão básico, ela poderia manter o controle. Podia não se virar e passar as mãos em sua carne como um vagabundo de bronze.

Um peso áspero caiu sobre seus ombros. O cobertor. Ela deu uma longa tragada de ar. Alívio e frustração se misturaram quando ela soltou novamente. Quando ela abriu os olhos, ele se moveu para ficar diante dela, uma faixa escura de lã envolvendo seu peito nu. Ele a observou por baixo dos olhos semicerrados, como se estivesse esperando… esperando que ela estabelecesse o ritmo.

Uma corrente passou por ela com o pensamento, como se um raio de luz tivesse se instalado dentro dela. Ele estava dando a ela o poder de decidir. Se ela o quisesse, ela só precisava fazer um movimento, e ele não conteria mais sua paixão. E se não, se ela hesitasse, então…

Ele desviou o olhar e foi para o banco. — Lamento que esta viagem tenha sido uma perda.

— Dificilmente é sua culpa. — Ela puxou o cobertor com mais força sobre os ombros, chocada por poder até responder de forma coerente.

Ele acomodou seu peso na prancha de madeira, deixando espaço ao lado dele. Espaço para ela, se assim o desejasse. — Além de esperar que falássemos sobre Jack e Biggles, pensei que poderíamos fazer algum tipo de descoberta disso.

Ela encontrou seu olhar. Céus, ele estava falando sério. — Uma excursão?

— Bem, sim. Suponho que seja um conceito novo, mas essas coisas estão na moda na cidade. Ficar longe, fazer algo diferente, como passear na praia.

Passeando pela praia… assim como ela e Jack haviam feito no dia em que ela conheceu George.

— É uma pena que o tempo tenha decidido não cooperar, — continuou ele — mas ainda podemos tirar o melhor proveito disso.

Como se ele a estivesse cortejando. Uma ideia ridícula. Ele estava apenas tentando consolar. Nenhum homem respeitável iria cortejá-la. Apesar do fogo, um calafrio passou por ela, e ela puxou o cobertor com mais segurança sobre si mesma.

Olhando para ela, George deu um tapinha no espaço vazio ao lado dele. — Por

que você não se senta? Você andou metade do dia.

Ao contrário de suas palavras para ela antes, ele manteve seu tom e expressão deliberadamente neutros, todos os sinais de sedução desapareceram. Ele leu suas ações, então. Mesmo se eles estivessem sozinhos e provavelmente permanecessem presos aqui muito depois do anoitecer, ela não pisaria descuidadamente em seus braços, não importa o que seu corpo exigisse. De novo não. Não quando ela sabia o prazer que ele era capaz de conceder a ela.

Ela se deixou cair no assento ao lado dele, e ele não fez nenhum movimento para tocá-la, nenhum movimento para abraçá-la. A consciência da ação… do que ele poderia tentar… surgiu da própria ausência da tentativa. Um silêncio caiu entre eles, durante o qual sua mente se encheu de um único pensamento: Ele é tão bom para mim. Ele era. Todas as suas ações, desde o resgate de Jack até a noite anterior até o pagamento do remédio para o estômago de Peter e sua refeição na taverna, foram altruístas. Ela se pegou arrastando os pés, as solas gastas dos sapatos um mero sussurro contra as pranchas de madeira.

— Suponho que ninguém tenha roubado um baralho de cartas ou algo parecido — disse ela, para preencher o espaço entre eles. Ela precisava preencher o silêncio com palavras, preencher o vazio com diversões inúteis, qualquer coisa para conter a lembrança de suas circunstâncias.

— Eu duvido. Este lugar não vê muito uso. — Sua voz falhou na última sílaba, e ele teve um ataque de tosse.

Ela se inclinou em direção a ele para encontrar seu rosto vermelho, enquanto ele golpeava seu punho, uma tosse estranha e falsa, que ela suspeitava que pudesse ter sido uma risada sob outro disfarce. — O que é isso?

Ele pigarreou. — Nada além de uma memória.

— Deste lugar? — Ela olhou para a camada de poeira sobre a lareira. — Se você tem uma memória para fazer você reagir assim, você deve ter estado aqui com algum propósito nefasto.

— Oh, eu estava. Não o mais nefasto, veja bem, mas bastante ruim.

Quando ele não esclareceu, ela perguntou: — Você vai deixar por isso

mesmo? Se você tem uma história para contar, conte-a. Podemos também preencher o tempo.

— Eu não poderia. — Ele se inclinou para ela até que ela sentiu o fantasma de seu hálito quente em seu pescoço. — É muito escandaloso.

Um brilho perverso faiscou em seus olhos… ou talvez fosse um reflexo da luz do fogo. De qualquer maneira, aquele flash a desafiou a cutucar. — Não espero menos de você. O que você fez? Desviar alguma pobre garota?

Ele se ergueu um pouco, surpreso, sem dúvida, por ela ter sugerido sua própria situação. E por que ela tinha? Se ele era um sedutor de inocentes, era melhor ela permanecer ignorante. Mas parte dela já insistia que ele não tinha feito tal coisa. Ele poderia tê-la seduzido na noite passada, se ele tivesse escolhido, quando ele a teve aberta e disposta na mesa. No entanto, ele negou a si mesmo o prazer final.

— Não fui eu — disse ele. — Isso foi Revelstoke.

— O que? — Ela não conseguia entender a ideia. O homem que ela conheceu parecia tão correto e sóbrio.

— Claro, a pobre garota em questão agora é sua esposa, então deu certo no final.

— E o que você teve a ver com isso?

— Ele me despachou para trazer uma licença especial.

— Seu escândalo está se tornando mais respeitável a cada momento. Estou começando a achar que você quase entrou na igreja. — Ela não resistiu ao sarcasmo só para ver a reação dele.

— Oh, agora eles definitivamente não me aceitariam. — Não com um sorriso que prometia todo tipo de pecado, não.

Um sorriso de resposta esticou seus lábios. E ainda assim ela queria contestar sua declaração. Ele pode se imaginar pecador e impenitente, mas sob essa fachada estava um homem inerentemente bom. Ela abriu a boca para dizer isso a ele, mas uma luz ofuscante banhou a casa de branco por um instante. O estrondo de um trovão que se seguiu sacudiu o telhado. Seu coração saltou uma milha ou mais, e a punhalada de medo cortou o fundo de seu estômago.

George estendeu a mão para ela e puxou-a contra seu peito. — Tudo bem aí?

Ela engoliu o coração acelerado de volta ao seu lugar normal. — Eu vou ficar.

Ele colocou os braços em volta dela, os dedos emaranhados nos fios de cabelo dela. — Vai acabar logo.

Ela recuou. — Vai?

— A tempestade, sim.

— Mas ainda não estamos perto de encontrar Jack. Os cavaleiros não terão ido longe. Qualquer pista será levada pelo dilúvio.

Ele varreu as mãos para os lados de seu rosto, os dedos espalmados em suas bochechas, e a forçou a encontrar seu olhar. Sinceridade e intensidade entrelaçadas nas profundezas cinzentas de seus olhos. — Nós o encontraremos.

— Você não pode me prometer isso.

Ele se inclinou mais perto até que sua respiração flutuou em seus lábios. — Não é uma promessa. É um juramento.

Um juramento. George se conteve antes de balançar a cabeça. O que diabos ele acabou de fazer? Jurar por uma impossibilidade, talvez. Não só isso, ele colocou seus próprios planos de lado para se concentrar nas dificuldades de Isabelle.

Ele deveria saber melhor, mas algo sobre ela o comoveu. Algo sobre ela despertou nele uma necessidade de proteção e, no momento, ela precisava de proteção contra seus próprios pensamentos e medos. Ela precisava de seu filho de volta.

Ela olhou para ele, sem piscar, os olhos enormes e redondos sob a sombra de sua sobrancelha. Quando ele colocou os braços em volta dela, sua única intenção foi conforto e apoio. A sedução estava fora de questão. Ela enviou a ele uma mensagem clara sobre esse assunto, e dane-se tudo, ele respeitaria seus desejos.

Ainda assim, ele não conseguiu evitar que seus dedos testassem a suavidade de suas bochechas, uma suave carícia de afeto, não de excitação.

Seus lábios se separaram e ela emitiu o menor suspiro. Meu Deus, ela estava nervosa. Arisca, mas vulnerável às suas atenções. Por mais que tentasse, ela não

conseguia esconder completamente sua reação. Imagens de sua resposta a ele na noite anterior encheram sua mente. Como um sonho, eles se desenrolaram diante dele, e ele experimentou mais uma vez os gritos dela, seu movimento contra ele, o gosto salgado de seu corpo, a maneira como ela se abriu para ele. Confiante.

O que ele não daria para testemunhar isso novamente. Aqui. Agora.

— Isabelle. — Ele a tocou novamente, com mais ousadia dessa vez, a ponta do dedo traçando sua bochecha para patinar em seu lábio inferior. — Se eu te beijasse agora, você permitiria? — Outra passagem com a ponta do dedo. A carne por baixo era quente e úmida e convidativamente rosa. — Você permitiria ou me daria um tapa?

Ela não se encolheu. Graças a Deus. — Eu não deveria permitir, mas seria indelicado se retribuísse toda a sua gentileza com um tapa.

Ele inclinou a cabeça até que sua testa descansasse contra a dela. — Você deve permitir.

— Eu deveria? — Ela queria, com certeza. Seu olhar firme, a nota rouca de sua voz, seu foco absoluto nele, tudo indicava que ele a mantinha escravizada.

Ele avançou mais perto até que seus lábios estavam a um fio de cabelo dos dela. — Acredito que seja costume selar um voto com um beijo.

Capítulo 15



DA MANEIRA que ele estava olhando para ela, ela esperava um ataque que rivalizasse com o que ela viveu na noite passada. Mas ele manteve esse beijo leve e fácil, um simples dar e receber de sua boca contra a dela. Uma dança, mas não uma valsa. Não, esse beijo era mais parecido com uma bobina, encontrando e afastando, juntos e de volta. Não exigente, mas excitante.

Estimulador porque agora ela sabia do que ele era capaz.

Mas então ele se afastou para colocá-la em um abraço. Uma palma ajustada na parte de trás de sua cabeça, ele a pressionou contra a curva de seu ombro. Sua bochecha colou na pele úmida dele.

Ela respirou seu rico perfume e ouviu o ritmo constante da chuva tamborilando no telhado. O fogo crepitante na lareira espalhou as sombras da noite cada vez mais profunda e emprestou calor. Mas o verdadeiro calor nesta sala emanava dele. Penetrou a fina camada de sua camisa e deixou seus nervos em chamas.

Seus seios pareciam pesados pressionados contra ele, pesados, cheios e sensíveis quase como quando ela estava grávida. Ele respirou fundo e sua mão deslizou ao longo de seu pescoço, traçando uma carícia deliberada até sua cintura. Ela estremeceu.

Ele se mexeu ligeiramente e ela levantou a cabeça para encontrá-lo contemplando-a. Seus olhos captaram o brilho do fogo e o refletiram com fome. O ar ao redor deles ficou mais espesso e seus lábios se separaram. Ele emprestou a ela conforto, mas a atmosfera entre eles se tornou carregada com uma energia diferente.

Um que acelerou seu pulso e fez sua respiração entrar em jorros rasos. Um que exigia que ela colocasse a língua no entalhe na base de sua garganta e provasse o sal de sua pele. Um que incitou suas mãos a explorar os amplos planos de músculos

que envolviam seu peito, para senti-los ondular sob as pontas dos dedos, para procurar os lugares em seu corpo que provocariam um gemido, um assobio, um estremecimento…

— Isabelle, — ele sussurrou, — se você não parar de olhar para mim assim, eu não serei responsável por minhas ações.

— Como estou olhando para você? — Sua pergunta deveria ter sido um desafio, mas em vez disso, saiu de seus lábios em um ronronar sedutor.

Ele encostou a testa na dela. Seus lábios pairaram a menos de um centímetro de sua boca. Ela quase podia sentir seu hálito. — Como se você estivesse pronta para me devorar.

Querido Senhor, ela era tão transparente? — Oh.

— Acredite em mim, minha querida, não gostaria de mais nada.

Ele fechou a lacuna entre eles muito brevemente, seus lábios um roçar fugaz contra os dela. Ela tentou continuar, tentou prolongar o contato, mas ele a evitou.

Um raio banhou o chalé de brilho por um instante, seguido por um baixo rugido de trovão.

— Parece que vamos ficar presos por um bom tempo. — Ainda aquela nota de desejo em sua voz. Por que ela não podia ser sensata perto dele? Por que ela continuava brincando com fogo sempre que ele estava por perto? Não simplesmente cair do jeito que ela caiu da primeira vez, mas pular na chama. Seu pé já oscilava à beira de um precipício.

— Sim.

Ela se inclinou em direção a ele, agarrou seus lábios com os dela, mas mais uma vez, ele se afastou antes que um beijo verdadeiro pudesse tomar conta.

— Antes de irmos longe demais — acrescentou ele, — preciso de algo seu.

— O que?

— Seu consentimento. — Ele beijou a testa dela. — Sua confiança. — Outro roçar de seus lábios contra sua testa. — Peço muito, sabe, mas nada além do que você está preparado para dar.

Ela baixou as pálpebras contra a intensidade de seu olhar. Ele a queria, disso não havia dúvida. A sedução envolvia seus tons, mas estava misturada com outra coisa… cautela, talvez. Prontidão para parar, caso ela pare. E ele a estava deixando saber agora, antes que o desejo afundasse suas garras muito longe, antes que a luxúria nublasse seu julgamento e os incitasse.

Ironicamente, o conhecimento tornou sua decisão ainda mais difícil. Ele estava colocando o poder em suas mãos, permitindo-lhe liderar. Foi um momento singular em uma vida que sempre foi guiada pelos ditames dos outros… sua família, sociedade, circunstâncias.

Quando ela teve um encontro com o pai de Jack, ela não sabia no que estava se metendo até que fosse tarde demais. Ele a empurrou ao ponto de um julgamento enevoado pela luxúria com muita facilidade, e então seu corpo assumiu e respondeu ao dele e continuou respondendo até que sua virgindade e sua reputação caíram nos farrapos de seu vestido de baile.

Mas isso era diferente. George era diferente. Ele não tinha sido nada além de um apoio para ela nesses últimos dias cheios de preocupação, sempre lá, sempre sólido, sempre fazendo o possível para encontrar seu filho. E agora ele deu este presente, sem preço, para ela que uma vez possuiu todos os luxos possíveis.

Ela sabia o valor agora, tendo perdido tudo. E ela também sabia disso: ela trocaria tudo isso de bom grado se isso significasse ter seu filho de volta. Ela devia a George.

Mas ela não deveria fazer isso porque ela devia a ele. Ela deveria fazer isso porque ela queria. Porque ela se importava, e como não poderia? Preocupado porque ele deu, sim, mas mais do que isso. Seu charme, sua sagacidade, sua indiferença, sua vontade de dizer ao resto da sociedade para se danar. Como ela gostaria de possuir tanta coragem.

E isso estava apenas na superfície. Ele possuía uma profundidade, que ele mantinha bem escondida, mas ela tinha testemunhado isso naquela noite no salão de baile quando ele se sentou ao piano e deixou a música fluir por seus dedos. Ele a deixou entrar naquela noite e compartilhou com ela um pedaço secreto de si mesmo que ele não compartilhava com ninguém. Nem mesmo seus amigos de longa data.

Ele segurou o queixo dela com a palma da mão, seus longos dedos tocando sua mandíbula. Seu batimento cardíaco disparou. Ela esperou muito para responder.

Ele se retiraria agora. Ele a deixaria intocada e, quando a chuva parasse, cada um voltaria para seus mundos separados… ela para sua casa vazia na vila e ele para a mansão lotada, onde se sentia totalmente sozinho.

De onde veio esse pensamento? Tinha surgido em sua mente, mas seu intestino reagiu a isso, e ela sabia da verdade. Esse charmoso humor de um homem que se rodeava facilmente de familiares, amigos, conhecidos, que passava pela vida com um sorriso e uma réplica mordaz, estava essencialmente sozinho no mundo, porque nada disso era ele. Nenhuma das fachadas que ele apresentava à alta sociedade era real. Era uma armadura, um escudo para proteger seu eu essencial do ridículo.

— Espere. — ela sussurrou.

— Estou esperando, esperando sua resposta.

Ela engoliu em seco. — Sim. A resposta é sim.

Essa única palavra enviou um choque através dele. Ela sentiu seu tremor sob suas coxas. — Sim, o que?

Ainda cauteloso. Ainda pronto para se retirar antes que se empolgassem. Ela queria ser levada… com ele. Só com ele.

— Sim, você tem meu consentimento. — Ela se aproximou e pressionou os lábios nos dele. — Você tem minha confiança. — Outro beijo, este mais longo, mais demorado. — Você me tem. Enquanto você me quiser.

Com um gemido, ele apertou seu abraço e a puxou para um beijo devorador que roubou seu fôlego. A língua dele varreu entre seus lábios entreabertos, e ela respondeu alegremente. Demasiado longamente. Há muito tempo seus sentimentos estavam amortecidos. Que alegria descobri-los mais uma vez, e muito mais intensos do que ela lembrava. Cada impulso de sua língua, cada toque de seus dedos contra sua garganta, suas têmporas, sua nuca provocava uma pulsação de prazer que rivalizava com o que ela experimentara na noite anterior.

Um grunhido emergiu do fundo de sua garganta, e o som lançou uma

pulsação em resposta em sua barriga. Não perto o suficiente. Nem mesmo com a barreira insignificante de sua fina camisa de algodão entre eles. Ela queria sua pele contra a dela.

Tudo isso.

Ela queria envolver seus braços e pernas sobre ele e puxá-lo para si. Ela queria ser preenchida com ele, fundir-se tão completamente que ambos deixassem de existir como entidades separadas.

Seus puxões insistentes em seus quadris a enviaram cambaleando, e de alguma forma ela pousou em seu colo sem que seus lábios quebrassem o contato. Os dedos dela mergulharam em seu cabelo, e sob seu traseiro, o comprimento duro de sua excitação pulsava insistentemente através de suas calças.

Seu núcleo pulsou em resposta, doendo por ele. Ela apertou as coxas em um esforço vão para aliviar o delicioso desconforto, e ele gemeu em sua boca. Ele afastou os lábios dos dela, deixando-os inchados e formigando, enquanto sua respiração soprava quente e superficial contra suas bochechas.

— Se você não ficar quieto, — ele murmurou, — eu ficarei muito louco.

Ela sorriu. Ela não conseguia evitar. A necessidade absoluta de dirigir essas palavras desencadeou uma torrente de maldade absoluta. Lentamente, deliberadamente, ela inclinou os quadris. — Talvez eu queira deixá-lo louco.

Sua respiração foi liberada em um silvo e seus olhos pareceram rolar para trás por um momento. Então ele a agarrou pelos quadris e a virou até que ela o encarasse. De alguma forma, ele prendeu seus joelhos em cada lado de seus flancos para que o comprimento delicioso e duro dele pressionasse exatamente onde ela queria. — Então vamos fazer direito, não é?

Ele moveu seus quadris embaixo dela, um impulso que enviou uma faísca de puro prazer do ápice de suas coxas até seu ventre. O calor irradiou por seus membros. Ela cravou as unhas nos ombros nus dele, fechou os olhos e arqueou as costas.

— Meu Deus, que linda. — murmurou ele, o som um som áspero em sua garganta. — Exatamente como você estava ontem à noite. — Ele colocou os lábios na

base do pescoço dela e a puxou para perto. Através da fina camada de sua camisa de algodão, seus mamilos se ergueram contra seu peito. Calor e poder jorraram dele para ela.

Sob a ponta dos dedos, os músculos de seus ombros se contraíram. Seus lábios deslizaram ao longo da coluna de seu pescoço, sua língua traçando um caminho para o local onde seu pulso disparava. Ele mordiscou, e ela empurrou contra ele. O movimento provocou um gemido, enquanto enviava outro solavanco em sua barriga. Seus músculos internos se contraíram em nada, e sua dor por ele se expandiu.

Senhor lá em cima, seria preciso tão pouco para completar sua união. Nada além de alguns movimentos para liberar a queda de suas calças, para liberá-lo. Um ligeiro ajuste, e ela poderia afundar sobre ele, deixando seu peso multiplicar a sensação de estar totalmente preenchida por ele.

E ela estava pronta. Céus, ela estava pronta.

Ela se deslizou ao longo de seu comprimento e sentiu a umidade escorrendo dela. Ela repetiu o movimento, ofegando quando o nó de desejo apertou em sua barriga. Ela pensou naquela maravilhosa onda de êxtase que ele havia mostrado a ela com sua língua e seus dedos enterrados profundamente. Espreitou mais uma vez, indescritível, mas cada movimento a trouxe para mais perto.

— Por favor.

Ela enterrou o rosto contra seu peito, respirando seu perfume, ofegante. Um fino brilho de suor revestiu sua pele, grudando-a nele. Ela fechou os olhos e se permitiu sentir. Experiência. Cerque-se dele. Com George.

Aquilo não era nada como um encontro apressado em uma sala escura, cada movimento furtivo, cada som vindo de fora como um alarme de que eles poderiam ser capturados a qualquer momento. Aqui, o mundo recuou até que somente eles existissem, apenas, em breve, eles como um só, já que homem e mulher separados deixariam de existir completamente.

— Por favor por favor.

Sua mão deslizou ao longo de sua coxa. Ela respirou fundo em antecipação de

seu toque ali. Sim ali. Ai sim. Oh, Deus, sim. Seus dedos separaram sua carne, explorando entre suas dobras até que seu polegar roçou o local.

Ela virou o rosto para o ombro dele, pressionou os lábios contra sua pele aquecida, o saboreou. Ele se moveu com ela, seu polegar naquele botão de carne, sua ereção embaixo, empurrando em uma imitação de sua união final. O prazer se apoderou dela, uma grande onda que subiu, atingiu a crista e quebrou até engolfá-la. Seu sal encheu sua boca. Isso arrancou o ar de seus pulmões e a deixou ofegante em um grito sem palavras de alegria tão poderoso, tão abrangente que ela poderia morrer disso.

Parte dela, na verdade, poderia morrer.

Ele havia absorvido o medo dela para si mesmo, tomado sua necessidade, e agora ele havia tomado outra parte, muito mais essencial dela. Alegria, prazer e dor combinados, e ela o deu. Ela alegremente deu para ele possuir enquanto ele quisesse.

E eles estavam, ainda, vestidos de algum modo. Ela abriu os olhos. A boca dela estava colada em seu ombro, boquiaberta, sua língua saboreando sua pele… e algo acobreado. Sangue.

Ela ergueu a cabeça. — Céus. Eu te mordi.

Sua risada vibrou em seu peito. — Sim, mas acredito que ainda pode me compensar.

Ele pegou a mão dela e pressionou a palma dela no local. Sob a ponta dos dedos, seu coração batia, rápido e poderoso.

— Já está melhor. — sussurrou ele. — Continue me tocando.

A nota de aspereza em sua voz, o impulso insistente de sua ereção entre as pernas a lembrou de que ainda não tinham terminado. Não essa noite. Esta noite ele não ficaria contente apenas com o prazer dela. Ele estava prestes a exigir o que lhe era devido.

Um tremor de desejo renovado percorreu seu corpo. Oh, sim, o prazer dele seria dela também, o êxtase compartilhado e redobrado. Ela assistiu por baixo dos olhos semicerrados enquanto seus dedos traçavam ao longo do plano de seu peito,

girando um padrão através do cabelo crespo espalhado por ele.

Sua respiração engatou. Ela olhou para cima para encontrar os olhos dele fechados. Seus dedos se enrolaram em sua cintura, segurando-a firme em seu colo enquanto ela explorava. A unha dela roçou o disco levantado de seu mamilo, e seu aperto sobre ela aumentou. Ela circulou o minúsculo pico, maravilhada com sua textura macia.

Um tremor passou por ele… passou por ela também, estremeceu por seu núcleo, onde estavam pressionados tão intimamente juntos. Ela pensou em sua língua em seu mamilo quando ele beijou seus seios na noite passada, quando ele a puxou em sua boca e o sugou. Um prazer tão primoroso. Ela bateu no pequeno nó sob a ponta do dedo. E se…

Antes que sua mente pudesse completar a pergunta, ela abaixou a cabeça e lambeu. Todo o seu corpo estremeceu debaixo dela e um gemido explodiu de seus lábios. Ela beijou o local novamente, permitindo que sua língua circulasse e saboreie o gosto dele, o cheiro almiscarado de sua excitação. Seus dedos se enredaram em seu cabelo, mantendo-a no lugar, enquanto ela roçava a carne sensível com os dentes. Sua respiração correu entre seus lábios em ofegos rasos, como se ele tivesse corrido cinco milhas.

Encorajada por sua reação, ela deixou suas mãos explorarem mais, descendo as cristas de seu abdômen, traçando a linha de cabelo que se estendia de seu peito até o umbigo, e abaixo.

Mais abaixo, ele desapareceu sob o cós de suas calças. Dois movimentos… isso é tudo o que seria necessário para libertá-lo do confinamento. Ela se contorceu em seu colo, trazendo outro gemido quando sua carne sensível torturou o comprimento de sua excitação. Sua mão escorregou para o botão esquerdo, mas abri-lo exigia muita concentração, pois seus dedos tremiam de ansiedade.

Ele grunhiu e enrijeceu. Ele endireitou sua coluna… de alguma forma ele caiu, suas costas contra a borda da mesa. Como eles conseguiram não cair em uma pilha era uma incógnita.

Sua mão rodeou seu pulso. — Espere um momento — ele murmurou. — Acredito que ficaremos mais confortáveis no quarto. Você merece coisa melhor do

que uma queda em um banco de madeira.

Ela se concentrou nos dedos curvados logo acima de sua mão. — Não é como se fosse minha primeira vez.

Ele deslizou a mão livre da nuca até o queixo. Seu polegar traçou a curva de sua bochecha. — Não é uma questão de primeira vez ou décima ou centésima vez. É uma questão de o que você merece.

— O que eu mereço? — ela repetiu. Ela tinha tudo o que merecia em uma pequena cabana em um vilarejo esquecido por Deus em Kent. Depois que ela desgraçou sua família, eles nem mesmo se dignaram a dar a ela tanto. Ela não merecia mais… ou um banco duro ou uma mesa de madeira rústica ou, no máximo, um colchão de palha coberto com lençóis mofados.

— O que você merece é a melhor roupa de cama, colchão de penas, um dossel, cortinas de veludo. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Querubins, talvez?

— Oh, não, querubins não. — Ela reprimiu a vontade de rir de sua virada repentina e fantasiosa.

— Ainda bem. Duvido que encontremos algum ali. — Ele acenou com a cabeça em direção à porta na parede oposta. — No entanto, há uma espécie de cama. — Ele a agarrou pela cintura e a colocou de pé. — Podemos fazer uso do que temos.

Ela cambaleou por um momento, com os joelhos trêmulos. Seu humor havia mudado tão rapidamente, de escuro e intenso, para brincalhão no espaço de uma frase. Ela estudou sua expressão enquanto ele se endireitava. A fome ainda cintilava no fundo de seus olhos, mas ele fez um esforço para suprimi-la. Para controlá-lo.

Então ela percebeu. Ele estava se preparando para parar, mesmo agora. Mesmo depois que ela caiu em seus braços sem promessa de reembolso. Ele a deixaria ir mais uma vez… no caso de ela ainda estar com medo das consequências desta noite, ele permitiria que ela se retirasse enquanto não havia acontecido nada. Antes que ela se colocasse em perigo de conceber novamente.

Mais uma vez, ele estava dando a ela uma escolha. Dar-lhe poder, e o poder, por sua vez, emprestou-lhe coragem. Encorajada, ela achatou a palma da mão contra as cristas de sua barriga, os dedos espalhados por toda a largura. Ela pressionou a

mão em sua pele, como se pudesse marcá-lo, e ficou na ponta dos pés para beijar a parte inferior de sua mandíbula. Ela tocou com a ponta da língua a aspereza de sua barba crescendo logo abaixo da superfície, enquanto, com a mão, empurrava para baixo.

Seus dedos mergulharam sob sua cintura. O mais leve dos sons saiu de seus lábios, um gemido quase inexistente. Ele balançou em direção a ela, realmente balançou, como se ele também estivesse lutando para manter o equilíbrio.

Uma figura forte e sólida de homem, e ainda assim ela enfraqueceu seus joelhos com um simples toque. Então o chão se inclinou sob seus pés, mas os braços dele a envolveram, sustentando-a, erguendo-a contra seu corpo firme, embalando-a enquanto ele caminhava pelo piso de tábuas.

Ele chutou a porta do quarto e esta se abriu, batendo contra a parede interna. Ela mal teve um vislumbre de uma colcha branca antes de pousar em nela. As cordas da cama gemeram quando ele caiu ao lado dela, seu sorriso infantil e cheio de promessas pecaminosas.

Uma risadinha incongruente borbulhou à superfície, e ela deu voz. O som ecoou pela câmara livre, alto, infantil e alegre. Uma sensação de leveza a impulsionou até que sentiu como se pudesse flutuar nas correntes de ar, flutuando entre as alturas.

Ele se esticou ao lado dela, o comprimento de seu corpo a aquecendo no ar frio da sala sem aquecimento. Ele estendeu a mão para ela, mas seu toque pousou primeiro em sua têmpora, afastando os cachos perdidos de seu cabelo úmido de sua testa. A partir daí, varreu ao longo de seu rosto, leve como uma pena, quase venerável, para roçar suas sobrancelhas, maçãs do rosto, lábios, queixo.

Tanta ternura, totalmente inesperada.

Com base em sua experiência, ela se preparou para um ataque, sensual certamente, mas um ataque ao mesmo tempo. De alguma forma, essa também, essa carícia reverente, combinava com sua mudança de humor. Não que ele fosse se conter por muito mais tempo, não que ainda duvidasse de sua intenção de continuar, certamente não que de repente estivesse experimentando um ataque de timidez.

Talvez ele também tenha sentido a leveza, a alegria, a emoção crescente e sem

nome que brotou, agridoce, em seu coração. Pois era doce, insuportavelmente, mas também amargo, pois o tempo que ela passava com ele era finito. Assim que a festa em casa terminasse, ele voltaria ao turbilhão social de Londres. Oh, ele poderia passar o outono vagando de uma propriedade no campo para a outra, mas ele eventualmente voltaria para a cidade, enquanto ela voltava para sua cabana.

Se ela tivesse sorte, poderia vê-lo uma vez por ano durante uma semana ou mais, antes de ele seguir em frente. Ou talvez fosse o azar dela tê-lo de vez em quando como uma lembrança do que ela poderia nunca ter. Essa ternura em uma base regular. Um par de braços fortes dispostos a envolvê-la e lhe dar conforto.

Ela não deveria se aventurar por esse caminho que levava apenas à tristeza, mas ela não iria por nada sair desta cama. Não quando ele a tocava com tanta reverência. Não quando ele a puxava rente a seu corpo e a rolava debaixo dele. Não quando ele capturava seus lábios em um beijo que logo se tornou carnal.

Sua boca se movendo sobre a dela, seu peso a carregando no colchão, suas mãos arrastando fogo ao longo de suas costelas, descendo seus flancos, alcançando suas coxas e a bainha de sua camisa, tudo isso dispersou o pensamento racional e a afogou em um mar de sensação pura.

Seu almíscar a rodeava, bloqueando tudo, exceto a pressão de seus lábios sobre os dela, as curtas rajadas de sua respiração, o ar frio que corria entre eles enquanto ele puxava o último pedaço de algodão de seu corpo.

A luz bruxuleante do pequeno fogo penetrou através da sala principal, lançando o quarto em tons de cinza, o suficiente para distinguir a expressão em seu rosto uma vez que seus olhos se ajustaram. E quanto ele podia ver de sua forma nua? Ela corou, o calor irradiando de seu peito para subir pelo rosto e se perder na linha do cabelo. Ela nunca tinha ficado tão completamente exposta diante de qualquer homem, nunca tão vulnerável.

Nunca tão viva.

Ele respirou fundo, um som áspero, baixo na escuridão. Ele se curvou, tocou o seio com a ponta da língua e colocou o pico dolorido na boca. Ela se arqueou para fora da cama, diretamente em seu toque… nele. Ela agarrou seus ombros nus para se apoiar, e ele se tornou sua única âncora em um mundo girando fora de seu eixo.

O joelho dele deslizou ao longo do dela, a lã de suas calças áspera contra sua pele sensível, proporcionando um contraponto ao puro prazer de suas mãos. Mãos finas e macias que nunca conheceram um dia de trabalho, que nunca conheceram mais abusos do que a abrasão de um par de rédeas, amortecidas por luvas de couro.

Tão diferente de suas mãos agora. Ela deslizou as palmas das mãos ao longo de suas costas, apreciando o salto dos músculos sob a pele lisa. Seus dedos calejados pegaram em sua carne enquanto ela explorava. Ela apertou sua cintura e abaixo, cavando os dedos sob sua calça, massageando a ascensão de suas nádegas tensas.

Com um grunhido, ele ficou de joelhos. Seus dedos trabalharam rapidamente nos botões restantes e ele se livrou das calças… a última barreira entre eles.

Ela o puxou de volta para ela, seus lábios procurando os dele. Sua ereção sondou sua barriga, a ponta vazando umidade. Seus joelhos se acomodaram entre os dela. Ela abriu as coxas para ele, inclinou os quadris e se preparou para o desconforto lembrado do corpo de um homem invadindo o dela. Ela pressionou as palmas das mãos por sua espinha até seu traseiro, tentando empurrá-lo dentro dela, mesmo enquanto rangia os dentes.

Ele afastou seus lábios dos dela. — Não, ainda não.

Ela soltou a respiração. — O que?

— Ainda não. Relaxe.

Relaxar? Como ela deveria relaxar com ele prestes a mergulhar nela? De machucá-la por um breve momento ou dois? Mas ela estava pronta para suportar o desconforto para apaziguar as demandas de seu corpo. Ela sofria muito, sofria por ele como nunca havia sofrido pelo pai de Jack. Como ela nunca sofreria por outro homem, nunca.

— Relaxe — ele insistiu. — Você está pensando muito. Sinta.

Ele se inclinou em direção a ela e pegou seus lábios com os dele. Um beijo suave, fácil e terno, mas por baixo ele tremia com o esforço de se conter. Os músculos estremeceram sob a ponta dos dedos, transbordando de uma energia selvagem que ele controlou. Como o prazer que ele tirou dela em duas ocasiões agora.

Ao pensar naquela onda de alegria, seus músculos internos se contraíram,

desejando abraçá-lo. O fogo passou por ela com a ideia de experimentá-lo novamente, só que desta vez, ela o levaria com ela. Quem era ela para negar a ele depois de tudo que ele lhe deu?

Ela retribuiu os beijos, mas ao mesmo tempo deslizou a palma da mão nas costas dele, sobre o quadril. Seus dedos acariciaram o cabelo áspero antes de encontrar a carne endurecida. Ele respirou fundo quando ela colocou a mão sobre ele. Sua carne pulsou contra a palma da mão, a pele lisa e macia sobre a rigidez subjacente. Tão sólido, tão duro.

Céus, isso deve doer nele.

Ela passou a mão ao longo do comprimento, e ele gemeu, a cabeça caindo contra o ombro dela, as pontas suaves de seu cabelo acariciando sua pele. Um arrepio passou por ele, e ele apertou os quadris contra a palma da mão, sua respiração superficial e áspera.

— Pare. — ele ofegou. — Pare antes que acabe comigo.

Ela não conseguia imaginar tal coisa. Como ele poderia ser menos do que um homem vibrante? Seu homem. Dela.

— Então venha até mim. — As palavras saíram de sua garganta… de seu coração… com uma ferocidade animal. Sua necessidade por ele superava em muito qualquer vestígio de medo, qualquer apreensão. Este era o momento deles, possivelmente o único que eles teriam, mas ela pretendia aceitá-lo, pretendia viver novamente por um breve tempo com todo o entusiasmo, toda a imprudência que a levava à queda.

Não importava. Ela cumpriu seis anos de penitência. Era hora de recuperar um pouco da alegria que ela havia perdido.

— Fácil. Eu não quero machucar…

— Você não pode me machucar mais do que eu já fui machucada. — Ela enrolou os dedos sobre o comprimento dele e ergueu os quadris.

A ponta de sua ereção encontrou sua entrada, e ela cerrou os dentes quando ele começou a penetrar, lentamente… muito lentamente. Seu corpo se esticou para acomodá-lo, sem dor, nem mesmo desconfortável. Não, a plenitude dentro dela

parecia certa. Foi incrível. Ela agarrou seus ombros e envolveu suas coxas em seus flancos.

Ah, perfeito.

Ele deslizou para casa… deslizou facilmente, como se ela tivesse sido feita para receber este homem. Ela se esticou embaixo dele, esticou o pescoço e pressionou os lábios em sua garganta.

Ele estremeceu, e ela sentiu dentro, fora, sob seus dedos e dentro de seu corpo onde ele a enchia.

— Por favor. — Seu sussurro áspero ecoou em seus ouvidos. Ela sabia o que viria a seguir. Se ele não se mexesse logo, ela ficaria louca. — Por favor. Você não precisa me dar tempo para me acostumar com isso. — Deus sabia que o pai de Jack não o tinha feito.

Seu coração inchou no peito com a ideia de George dando a ela o que ela perdeu da primeira vez… consideração. Mesmo agora, ele colocava as necessidades dela à frente das dele.

Outro tremor passou por ele, acendendo chamas ao longo de cada uma de suas terminações nervosas.

— Você aguenta se eu te bater no colchão? — ele baixou a voz, mas cada palavra gotejava com tensão. — Só Deus sabe que eu quero, e se você me implorar mais uma vez…

— Por favor.

Ele soltou um gemido e, por fim, retirou-se quase completamente. Ele a encheu novamente com um impulso poderoso que a deixou ofegante, não de dor, mas no puro êxtase de tal posse completa. Ele entrou nela uma e outra vez, e cada golpe a levava mais alto. Ela gritou e arqueou as costas, deixando-o envolvê-la com sua paixão.

De alguma forma, seu corpo conseguiu acompanhar o ritmo dele. Ela pressionou os quadris nos dele, as unhas cravando-se em seus ombros enquanto seus dentes o haviam marcado antes. Ele sibilou de prazer, suas feições retorcidas e animalescas.

Uma parte dela se admirou por não tê-lo achado feio em tal momento, mas havia uma beleza selvagem nele agora. Essa visão dele… tão íntima, tão perto de seu eu essencial… não poderia ser menos. E sua expressão deve ser refletida em seu rosto.

Ele se apoiou nos cotovelos, empinou-se contra o teto, preencheu a visão dela e, com o movimento, o ângulo de penetração mudou. Seus olhos se arregalaram. Com cada impulso, ele atingia um novo ponto dentro dela, dolorosamente doce.

Sim.

Sua respiração saia de seus pulmões agora. Ela gemia, choramingava e implorava enquanto o ritmo aumentava.

Sim.

Mais e mais forte, e com cada onda de seu corpo, ele a empurrava para a beira.

Ai sim.

De alguma forma, estava mais alto do que antes. Ela alcançou, mas se afastou ainda mais. Quando ela caísse, ela cairia longa e duramente.

Deus, por favor, logo.

Então, sem aviso, ela estava voando alto, uivando como um pássaro enquanto convulsionava. Ele a encheu a ponto de explodir, mas seu corpo ondulou sobre ele. Em algum lugar distante, ela ouviu seu grito de resposta, e ele se afastou dela.

Capítulo 16



GEORGE engoliu grandes goles de ar enquanto seu coração parava de bater e seu corpo flutuava de volta à terra. Gradualmente, ele percebeu as curvas suaves que protegiam seu torso.

Isabelle.

Ele se apoiou nos cotovelos e contemplou as bochechas coradas dela. Seu cabelo dourado, emaranhado em um halo de cachos sobre sua cabeça. Seu lábio inferior se curvou em um meio sorriso. Tão inchado, aquele lábio, quase fazendo beicinho com seus beijos. Sua maciez o tentava a pegá-la entre os dentes, para provocá-la até que despertasse, para começar de novo.

Seus seios subiam e desciam contra seu peito, e sua respiração soprou em um suspiro, o próprio som de contentamento. Uma nota de profunda satisfação, como raramente ouvia de suas amantes.

O calor do orgulho encheu sua barriga e suas bochechas se esticaram em um largo sorriso. Ainda bem que ela ainda estava flutuando em algum lugar entre este mundo e o próximo. Sem dúvida ela o repreenderia por parecer presunçoso no momento em que aqueles olhos castanhos de veludo se abrissem.

Inferno, eu me sinto presunçoso. Eu também mereço muito.

Ele rolou para o lado antes que pudesse esmagá-la sob seu peso. Ela era minúscula sob ele, delicada e de ossos pequenos. Como ela conseguiu suportar aquele ataque…

Mas ela tinha conseguido. Ela suportou e se gloriou nisso. Bom Deus, sua resposta entusiasmada o deixou louco, e quando ela atingiu o clímax em torno dele, quando seu corpo agarrou o dele em êxtase e ondulou ao longo de seu comprimento…

Deus, isso tinha sido uma qualquer coisa. Ele ficou a um fio de gozar dentro dela.

Com uma mão, ela o tateou, seus dedos tremulando contra seu pulso como se ela não possuísse energia para um aperto firme. Ele sabia o que viria a seguir. Esta era a hora quando suas amantes queriam ronronar, se enfeitar e se aquecer. Era quando ele queria ir embora, mas por alguma razão estranha, a última coisa que ele queria fazer agora era dormir. Na verdade, até a última terminação nervosa de seu corpo gritava para ele correr.

Ele nunca em sua vida fugiu de uma mulher, mas algo aconteceu agora com esta, algo que ele nunca tinha experimentado antes. Uma ternura de uma profundidade insondável o encheu. Mais do que isso, oprimiu-o e puxou-o para o fundo do caminho que as águas do Canal tentaram engolfar Jack. Ele sentiu o chão rolar sob seus pés, a corrente o sugando para baixo. Ele poderia lutar ou se afogar, mas a costa já não era nada mais do que uma alfinetada no horizonte.

Os dedos dela encontraram seu antebraço e se curvaram sobre a carne nua. — Maravilhoso — murmurou ela, meio adormecida.

Era possivelmente a coisa mais coerente que ela poderia proferir sob a influência de um arrebatamento sonolento, mas aquela única palavra abrangia muito mais. Ela não sabia como as relações entre um homem e uma mulher podiam ser boas. Isso era fácil de supor. Inferno, ele não sabia que poderia ser assim… tão íntimo e intenso e cru e profundo… e ele tinha desfrutado das habilidades de mais de uma cortesã talentosa. Mas a habilidade relativa não era tão importante quanto a resposta.

Apesar de toda sua experiência, ele nunca conheceu alguém como Isabelle.

Apenas o pior tipo de canalha iria fugir agora e deixá-la totalmente sozinha, mais especialmente depois do voto que ele fez, o voto que levou a isso. Então ele se acomodou ao lado dela, ajustou sua forma leve contra ele e puxou-a para seus braços. Ela descansou a cabeça em seu ombro, e seus cachos rebeldes fizeram cócegas em seu nariz. Com os dedos, ele os afastou do rosto dela.

Lucy contratou uma empregada que usava pinças quentes para moldar seus cachos loiro-morango em cachos. Os cachos de Isabelle se formaram por conta

própria, selvagens, desordenados, indomados. Como a própria mulher, seu cabelo tinha vontade própria; recusava o tipo de ordem regimentada que os penteados mais elegantes exigiam.

— Como é que, depois de tantos anos, finalmente caí na boa sorte? — Isabelle murmurou sonolenta contra a lateral do pescoço dele.

— Como assim? — Foi toda a resposta que conseguiu reunir. O que diabos estava acontecendo com ele? No mínimo, ele poderia inventar uma réplica áspera sobre sua singularidade entre os homens, algo para fazê-la rir e dar um tapa nele e dar uma resposta apropriada. Ele estava há muito acostumado com o tipo de disputa verbal que acontecia entre companheiros de cama.

Nem mesmo amantes, mas aqueles que não olhavam além do prazer físico. Com Isabelle, ele estava perdido.

— Você não se arrepende do que fizemos, não é? — menos sonolência embaçou suas palavras dessa vez.

Oh, Deus, aí veio… a razão pela qual eu preferia amantes e cortesãs. Senhoras que não tinham expectativas além do prazer que podiam dar e receber. Senhoras que não o forçariam a examinar seus sentimentos. Não que ele tivesse algum.

Pelo menos não no que dizia respeito a senhoras cujo nome não era Isabelle. O diabo levou tudo, ele era um caso perdido.

— O que te faz dizer uma coisa dessas? — perguntou ele com cuidado.

— Você parece incapaz de relaxar. — Seu tom não traiu nada.

Ele inclinou a cabeça para ter um vislumbre de sua expressão, esperando encontrar seus profundos olhos castanhos voltados para ele. Analisando. Perceptivos. Perfurando qualquer barreira que ele possa escolher erguer. Mas suas pálpebras permaneceram firmemente fechadas, não como uma adormecida, mas como se ela fizesse um esforço concentrado para bloquear o mundo. — Por que você está com os olhos fechados?

— Porque não quero perder esse momento.

A resposta dela o fez se arrepender da pergunta. Em vez de desviar o assunto, ele conseguiu trazê-lo para um foco ainda mais nítido, como uma empregada

entrando em seu quarto ao meio-dia para jogar de volta as cortinas em um dia ensolarado, que ele não queria enfrentar. Uma inundação de luz após uma noite de farra que invariavelmente fazia sua cabeça latejar e iluminava a barba por fazer em suas bochechas e as sombras sob seus olhos. Isso só serviu para enfatizar suas falhas.

— Você não tem que perdê-lo. Você pode guardá-lo em sua memória para sempre. — Pronto. Isso soou suficientemente sentimental.

— Sim, e na próxima semana, uma lembrança é tudo que terei. — Outra mulher podia ter feito aquela resposta soar melancólica. Isabelle declarou um fato, mas o fato foi tingido com uma borda que implicava que ela estava tentando se convencer.

— Isabelle…

— Não. Não faça promessas vazias para tentar me convencer do contrário.

Ele deu um beijo na linha do cabelo dela. — Dormir.

Ele tentou fazer o mesmo, mas sua mente se recusou a deixá-lo cair. Droga, ele queria fazer essas promessas. Além do mais, ele queria que as palavras tivessem substância. Ele queria fazer-lhe um voto tanto quanto o juramento que havia feito antes.

E essa percepção o assustou profundamente.

* * *

ISABELLE acordou tremendo. As sombras enchiam o quarto e a chuva tamborilava continuamente no telhado. Ao lado dela, o colchão estava frio. — George?

O silêncio respondeu à sua pergunta. Ela sacudiu os últimos vestígios de sono e endireitou-se, a dor entre as coxas uma lembrança do que havia acontecido neste quarto. Imagens explícitas correram por sua mente… suas mãos, seus lábios, sua língua, seu corpo combinaram para torcer até a última gota de prazer dela.

Um arrepio percorreu sua espinha e ela tateou em busca de sua camisa. O algodão fino era uma barreira insuficiente contra o frio.

E por que George tinha partido quando eles poderiam ter misturado o calor de seus corpos para afastar o frio e a umidade noturna? Ela caminhou até a outra sala. Vazio. O fogo havia se reduzido a brasas, mas ela não achava que estava dormindo há mais de uma hora.

Dane-se o homem. O mínimo que ele poderia ter feito era esperar até de manhã. Ele poderia ter permitido a ela algumas ilusões, tempo suficiente para durar a noite, antes de tirá-la da fantasia. E que fantasia era essa? Que pudesse encontrar um homem disposto a cuidar dela, a compartilhar o fardo de criar seu filho, a aliviar um pouco seu fardo? Alguém disposto a lhe trazer um pouco de alegria, um pouco de riso e, sim, um pouco de amor?

Ela não tinha aprendido da primeira vez que não podia depender de um homem? Ele pegaria o prazer que quisesse e a abandonaria. Claramente George Upperton não era melhor do que o pai de Jack, mesmo que ele viesse embrulhado em um pacote mais atraente. Charme e sagacidade sempre seriam sua ruína.

Ela caminhou até o fogo e arrancou seu vestido ainda úmido da lareira. As roupas de George, é claro, já haviam sumido. Ela se atrapalhou com os cadarços de seu espartilho e sacudiu as saias antes de passar o tecido úmido sobre a pele. Ela puxou onde ele se agarrou até que caiu desconfortavelmente em seus ombros. Teria que servir. Ela ficaria mais infeliz quando voltasse para sua cabana. Que cada gota de chuva que a encharcasse fosse um lembrete, uma camada em sua armadura que ela usaria para se proteger. Os homens não eram confiáveis.

Endireitando os ombros, ela caminhou até a porta, abriu-a… e colidiu com uma parede sólida de um homem. Ela engoliu um grito e recuou. A figura se virou, e o alívio a inundou, mas ao invés de aquecê-la, sua nuca esquentou, enquanto seus punhos ficaram gelados. — O que está fazendo aqui na chuva? Você vai morrer de frio.

A escuridão sombreou a expressão de George. Ainda bem. Se ele estava prestes a lhe dar o corte, ela preferia que fosse rápido e silencioso como a lâmina de uma guilhotina.

— Pensei em voltar antes de você acordar. — Ele passou os dedos pelo braço dela, o mais nu dos toques, mas o gesto a tranquilizou. — Não foi minha intenção

você acordar sozinha.

— Então por que você não entrou?

— Estava tentando encontrar uma solução. — Ele desviou o olhar, e ela quase o imaginou como um menino, as mãos cruzadas atrás das costas, arrastando o dedo do pé pela terra. Exatamente como Jack às vezes agia quando fazia algo louvável.

— Solução? — ela solicitou.

— Sim, bem, esperava um golpe de gênio, ou pelo menos que um raio caísse, mas a tempestade parece ter passado. Fui pego na noção absurda de que posso descobrir o que aconteceu com o seu filho. Eu não queria entrar sem uma resposta.

— Oh. — O coração dela dobrou de ritmo. E ela duvidou dele depois daquele voto sincero. — Oh. — Ela se aproximou, saindo do abrigo da porta. Gotas de chuva atingiram seu rosto e roupas úmidas, mas ela mal se importou agora. — Se você tinha algo para resolver, você deve ter algumas novidades.

— Nenhum, infelizmente. É por isso que minha noção era absurda. Eu queria pegar Revelstoke antes que ele fosse para a cama e ver se ele tinha ouvido alguma coisa de seus cavaleiros.

— E?

— É como temíamos. Se houver sinais para encontrar, a chuva lavou todos os vestígios.

— Certamente eles teriam feito pesquisas em pousadas e tal. — George já havia dito abertamente que não havia palavra, mas ela não conseguiu conter o apelo. — Como fizemos.

— Receio que o tempo também tenha prejudicado um pouco disso. Ninguém conseguiu ir muito longe. — De novo aquele toque fugaz, como se ainda a achasse frágil. Ou talvez não ela, mas o que quer que houvesse entre eles agora. — Provavelmente levará mais um dia antes de termos a chance de mais notícias. Eu sinto muito.

— Não é sua culpa.

— No entanto, lamento por sua causa.

Ela estendeu a mão e apertou o braço dele, esperando que este pequeno símbolo comunicasse o que sua língua não podia. Ele pegou a mão dela, emaranhou seus dedos e pressionou de volta. De alguma forma, o gesto parecia tão íntimo como quando seus corpos se uniram.

— Obrigada por tudo. Eu não… — Algo encheu sua garganta, bloqueando o resto da frase. Meu Deus, e tudo parecia tão definitivo. — Não sei como teria passado esses dois dias sem você.

Fazia apenas dois dias? Esses dois dias envolveram duas vidas… Biggles e Jack.

— Não importa o quanto demore, eu te acompanho até o fim. — Ele ainda apertou a mão dela, e através dessa conexão ela sentiu a sinceridade por trás de suas palavras.

Ela respirou fundo o ar noturno, pesado com a chuva e o cheiro do mar próximo. A vida seria insuportável depois que ele partisse. Como ela se permitiu tal apego em tão pouco tempo? No entanto, ela não podia negar, mesmo que soubesse melhor.

— Eu te beijaria, mas estou encharcado de novo. — disse ele com um sorriso.

— Então saia da chuva. — Ela seguiu seu exemplo e suavizou seu tom, embora o peso ainda pesasse sobre seus ombros como uma capa grande demais. — Você ainda me deve.

Seu sorriso se alargou em resposta, decadente, promissor, pecaminoso. Ele já havia cumprido essa promessa uma vez, mas seu interior ainda derreteu. Por fim, ela entendeu a atração que um homem sentia por uma mulher. Não foi simplesmente a criação de uma criança dentro dela. Foi o prazer no ato… pelo menos com o homem certo.

— Você tem algo específico em mente? Eu sou seu para comandar.

Oh, como ela queria aceitar aquela oferta. A tentação a cutucou. Ela poderia pedir beijos. Ela poderia pedir a ele para levá-la de volta para a cama. Ela poderia pedir a ele para mostrar algo novo. E ainda… — Você sabe o que você me deve. Eu o poupei ontem à noite. Estou cobrando agora. Você vai tocar para mim.

— Mas isso significaria voltar para a mansão.

— Eu sei. Eu vou aproveitar minhas chances. — Além disso, por mais tarde que fosse, os outros hóspedes deveriam estar todos na cama.

Seus dedos se curvaram sobre a mão dela. — Então vamos correr?

Ela mergulhou atrás dele na garoa. A chuva ensopou seu vestido e camisa já úmidos, mas ela não se importava. A mera presença de George e o resplendor persistente de sua vida amorosa a aqueceram. Eles correram pelo gramado em direção à casa principal. Janelas escurecidas davam para a vasta extensão de grama como tantos olhos vazios. Sem se importar com a umidade crescente, ele contornou a lateral da mansão.

Em uma porta fora do caminho, fez uma pausa. — Podemos ir pelos fundos. Meu quarto não fica muito longe da escada dos criados.

Ela cruzou os braços e encostou-se a uma áspera parede de pedra. — Você tem piano no seu quarto, não é?

— Er, não, mas tenho uma muda de roupa e uma cama bastante confortável.

— Sua promessa não envolvia uma cama.

Ele colocou as mãos em cada lado de sua cabeça e se inclinou o suficiente para que o calor de seu corpo a envolvesse. — Poderia se você alterasse os termos.

— Eu não estou mudando os termos. — Ela se esquivou de seu abraço. — Ainda. Você vai ter que me convencer do contrário.

Capítulo 17



VESTIDO COM roupas secas e erguendo um suporte com velas, George entrou no salão de baile. — É seguro entrar.

A casa estava às escuras, as velas apagadas, o fogo apagado. Até os criados estavam em suas camas e George se moveu silenciosamente pelos corredores para evitar acordar o menino do corredor.

Isabelle entrou no espaço atrás dele. Nesta sala, como no quarto de George, a lareira brilhava com o laranja fraco das brasas morrendo. Agachando-se diante da lareira, ele mexeu as cinzas até conseguir um renascimento débil dos restos de um fogo.

Ele olhou para cima para encontrar Isabelle de pé sobre ele. — Ainda posso te emprestar algo.

— Eu não vou desfilar pela casa vestida com roupas de homem, mesmo se todos os outros estiverem dormindo. Eu vou secar, eventualmente. — Ela gesticulou em direção ao piano, espreitando no fundo do espaço. — Sua promessa.

— Certo. Você fica aqui e se seca, enquanto eu…

Ele rolou sobre os calcanhares, pôs-se de pé e se aventurou mais fundo na sala. O que parecia ser um maço de papel havia sido abandonado no banco do piano. A música de alguém? Ele pegou. Não, não música… as páginas continham esboços. Sem dúvida pertenciam a Srta. Abercrombie, aquela do olhar que tudo vê.

Ociosamente, folhou as páginas. A Srta. Marshall aparecia, fria e composta no primeiro plano. A Srta. Abercrombie conseguiu de alguma forma capturar o olhar frio e superior de seu alvo com apenas alguns golpes de carvão.

Na página seguinte, Leach sorria maliciosamente, o tamanho de seus dentes era exagerado. Em sua mão, ele segurava um baralho de cartas, mas um ás espreitava

de sua manga. — Ela entendeu errado — George murmurou para si mesmo. — Se ele trapaceasse, ele ganharia com muito mais frequência.

O papel sacudiu quando ele virou a próxima folha. A Srta. Abercrombie capturou Julia e Revelstoke em um momento de descuido. Suas efígies de carvão se olhavam nos olhos, mantendo uma de suas conversas privadas e sem palavras. A artista quase retratou o diálogo na página.

Em certo momento… nem mesmo uma semana atrás… George teria pedido a um de seus amigos para tirá-lo de sua miséria antes de olhar para uma mulher assim, toda obcecada e suave. Agora tudo em que ele conseguia pensar era em Isabelle. Ela já tinha olhado para um homem com uma expressão tão apaixonada? Ela sorriu para o pai de Jack?

O pensamento revirou seu estômago. E se ela olhasse para George desse jeito, o que ele faria? No passado, ele teria corrido rápido na direção oposta no momento em que uma mulher o fitou com olhos orvalhados, mas se Isabelle quisesse virar essa expressão para ele…

Seu coração acelerou, mas com esforço, ele tirou a imagem de sua mente. Ele consideraria essa possibilidade em outro momento, de preferência quando estivesse fora da presença dela. Quanto a chance de tal coisa ocorrer na realidade era remota.

Na pressa, ele praticamente rasgou o esboço de Julia e Revelstoke, mas assim que virou a página, desejou não tê-lo feito. Olhando para ele estava seu próprio retrato.

— Quem desenhou isso é muito talentoso.

Apesar de tudo, pulou. Isabelle conseguiu se esgueirar atrás dele.

— Talentosa, sim. — Enervantemente assim.

— É assim que você se veste quando está na cidade?

Como com os outros retratos, a Srta. Abercrombie exagerou alguns detalhes importantes. Sobre ele, eram as roupas. De alguma forma, ela conseguiu colocar um brilho em suas botas que poderia ter ofuscado o sol. As pontas do colarinho eram impossivelmente altas, até quase envolverem seu rosto. Sua gravata estava amarrada em algo absurdamente complicado, e seu cabelo…

Distraidamente, levantou a mão para testar. Exatamente como pensou. Ninguém tinha os cabelos empilhados de maneira tão ridícula, nem mesmo Beau Brummell antes de sua desgraça. Certamente não George Upperton. Era assim que o mundo o via então? Nada além de um dândi inútil, passando os meses de verão e outono até que a moda retornasse à cidade e ele pudesse voltar a dormir durante os dias e a assombrar os infernos do jogo à noite.

Mas esse era exatamente o tipo de homem que seu pai queria que ele fosse. Raso. Dissoluto, senão totalmente depravado. Com essas aulas, George provou ser um aluno hábil.

Ele pigarreou. — Não neste grau. Não consigo pensar em ninguém que o faria.

— Eu posso. — Antes que ele pudesse pedir exemplos, ela apontou. — O artista sabia que você toca?

O olhar penetrante da Srta. Abercrombie viu através dele. Ela o desenhou de pé, assim como ele posou para ela ao ar livre, mas ela claramente não tinha preenchido o plano de fundo até mais tarde, até que ele inadvertidamente revelou seu segredo. Ela acrescentou a maior parte do piano pairando atrás dele e, por meio de sua postura estranha, ela conseguiu fazer parecer que o retrato dele estava tentando esconder o instrumento do observador.

— Bravo, Srta. Abercrombie.

— Você está protelando, sabe, — Isabelle solicitou. — Se eu tivesse algo a apostar, apostaria que você não deseja cumprir sua promessa.

Seus dedos pararam, e a nota final e pura se desvaneceu na noite. Dedos tão habilidosos, sejam eles ondulando em um teclado ou em seu corpo. Ela puxou o lábio inferior entre os dentes com o pensamento.

Como Isabelle Marshall, ela conhecia dândis, como o esboço de George retratado. Homens que passavam horas decidindo qual sobretudo combinava com cada calça, homens que confundiam seus valetes até que suas gravatas estivessem amarradas do jeito certo. Fanfarronices auto engrandecedoras. Homens cujo melhor amigo era um espelho bem polido. Homens que eram tão superficiais e chatos quanto aquele melhor amigo.

Algo sobre Upperton parecia diferente. Com ele, a ênfase na aparência era mera fachada. Ele escondia seu verdadeiro eu por trás dessa fachada, uma pessoa muito mais profunda com preocupações muito mais profundas e, talvez, dor.

Seus olhos piscaram e se abriram, como se ele estivesse acordando de um transe de uma hora. — Você toca?

A pergunta a pegou desprevenida. — Não como você.

— Você deve ter aprendido. A habilidade de tocar algumas notas do piano não é parte da educação adequada de uma jovem senhora? — Um toque de cinismo acompanhou uma ênfase indevida na palavra senhora. Isso a deixou tensa. — Era assim na minha casa.

— Eu era muito melhor na costura.

Ele se levantou do banco. — Vamos. Sente-se.

— Mas não estou nem perto do seu talento. — Sem falar que ela não tocava em um teclado há anos. Ela fechou os dedos em punho.

— Eu toquei para você. Eu desejo que você toque para mim. — Seu tom não admitia discussão. Ao mesmo tempo, uma corrente de calor líquido percorreu sua barriga. Parte dela queria que ele atuasse como tinha feito na cabana. Como ele tinha feito na cozinha dela.

De novo, sim, de novo.

Talvez se ela concordasse, esse estranho humor dele pudesse se transformar em algo mais prazeroso. Ela se sentou em frente às teclas, parando para alisar as saias por baixo dela, e colocou as mãos da maneira que lhe ensinaram… polegar direito no dó médio, o dedo mínimo da mão esquerda uma oitava abaixo.

— Já faz muito tempo. Honestamente, não tenho certeza do que me lembro. — A última vez que ela se sentou ao piano e tocou para alguém foi antes de sua estreia. Apenas outra garota inocente vestida de branco exibindo seu talento para a alta sociedade. Deixando sua família orgulhosa. — O que devo tocar?

Ele se mexeu até ficar diretamente atrás dela. Ela imaginou que sua respiração agitou os cabelos no topo de sua cabeça. — Eine Kleine Nachtmusik.

— É uma serenata para cordas.

— Há um arranjo de piano.

— Mas Mozart. — ela colocou as mãos no colo. — Tenha piedade.

— Minha irmã Henrietta o abate com uma regularidade chocante. — Uma surpreendente medida de amargura impregnou seu tom. — Você dificilmente pode fazer pior.

Ela quase virou a cabeça para olhar para ele, mas se lembrou bem a tempo de suas posições relativas. Não seria bom deixar seu rosto em uma posição embaraçosa.

Ele se inclinou para ela, seu peito contra suas costas, sua bochecha contra a dela. O cheiro de charuto, conhaque e macho provocou suas narinas. Ele colocou a mão esquerda nas teclas e levou o dedo indicador direito dela para G. — Ao menos toque a melodia.

Ela pressionou as teclas, subindo e descendo hesitantemente os primeiros compassos, sempre ciente de George às suas costas, um braço quase a abraçando enquanto o acompanhamento dele rapidamente se transformava em contraponto. Ela se atrapalhou com mais algumas notas antes de parar completamente. A mão esquerda dele tamborilou em um ritmo alegro implacável. Mesmo quando ela tinha prática, ela nunca teria conseguido.

Ele continuou, cantarolando a melodia baixinho, até que também se transformou em algo desconhecido. Ele manteve os acordes adequados, mas mudou a sequência. Improvisando, do jeito que o compositor original teria feito. Tão perdido no refrão, ele nem percebeu que ela cruzou as mãos no colo.

— Se você quisesse Mozart, — observou ela — poderia ter escolhido uma de suas óperas. Eu poderia pelo menos tentar cantar.

Seus dedos pararam por um momento. O braço direito dele serpenteou ao redor dela, envolvendo-a totalmente, prendendo-a contra o instrumento. Então ele bateu vários acordes pesados. Foi só quando ele alcançou uma série de notas tilintantes que soavam como uma risada zombeteira que ela reconheceu as notas de abertura de A flauta mágica. A ópera, claro, havia sido marcada para uma orquestra completa, mas ele conseguiu capturar seu espírito com um único instrumento.

— Espero que não espere que eu seja a Rainha da Noite.

Sua risada reverberou em seu peito enquanto seus dedos alcançavam as notas altas da famosa ária. — Você não gosta de desafios?

— Eu tenho o suficiente de um em você.

Seus dedos pararam abruptamente. — O que isso deveria significar? Você viu meu retrato. Sou um homem bastante simples. Gosto da minha bebida forte, das minhas apostas ousadas e das minhas mulheres… — As mãos dele passaram do teclado para os seios dela. Ele encostou a bochecha na dela e se aninhou. — Gosto das minhas mulheres dispostas.

Ela prendeu a respiração quando seus mamilos se endureceram. — Você não é tão simples assim, não quando você esconde essa parte de si mesmo do mundo. Você deveria estar em Londres se apresentando para o rei.

— Eu deveria estar tocando para você.

— Você estava. Foi uma revelação.

— Ainda não terminei. — ele apertou suavemente e tocou com a língua o lóbulo da orelha dela. — Este foi apenas o aquecimento.

— Lá vai você, se escondendo mais uma vez.

— O que estou tentando… — ele mordiscou o lado do pescoço dela — é passar para atividades mais interessantes agora que cumpri os termos da minha desistência.

Oh, mas ele era persuasivo. Persuasivo, sedutor, um verdadeiro sensualista. Outra queda assomava em seu futuro iminente, e ela despencaria de bom grado. Mas ainda não. Ela inclinou a cabeça e se afastou. — Você está tentando me distrair do assunto.

— O assunto não era o gosto divino que você tem aqui? — Ele abaixou a cabeça para um beijo, mas ela o evitou mais uma vez.

— O assunto era Mozart. Você sabe, o compositor. O prodígio.

Ele se afastou e o espaço entre eles se encheu de um tipo diferente de tensão. — Eu não sou um prodígio.

Ele pronunciou cada sílaba com precisão exata. Que não deixava dúvidas em

sua mente… ou na dele. Ele estava tentando se convencer?

— Não há nem um pingo de vergonha nisso.

— Diga isso ao meu pai.

Seus pés caíram com baques surdos enquanto ele se afastava. Nem a luz das velas nem o brilho da lareira eram fortes o suficiente para perseguir as sombras do outro lado da sala. Mas ela podia imaginá-lo, desenhado em toda a sua altura, ombros retos, uma carranca gravada em seu rosto.

— Música, — cuspiu ele. — é uma ocupação de mulher. É frívolo. É pouco masculino.

Ela se levantou e o seguiu. — Não.

— É vergonhoso.

— Não.

— Era para meu pai. — Ele passou a mão pelo cabelo, deixando-o em uma desordem espetada. — Você tem ideia do que é ter essa… essa coisa dentro de você? Deus, às vezes parece que está viva. Ela fica com fome e quer sair. Mas é uma parte de você, parte de você mesmo. Você nunca estará livre disso, mas você tem que negar. Você tem que esconder quem você é, porque não é aceitável. Você sabe como é isso?

Ele ficou de costas para ela, e ela desejou poder ver sua expressão, embora pudesse imaginar. Seu tom angustiado revelou uma dor profunda na alma. Uma parte dela queria puxá-lo para seus braços, embalar sua cabeça contra seu ombro e passar os dedos suaves por seus cabelos.

Mas outra parte de sua mente se lembrou dos últimos anos que viveu em desgraça. Você tem que esconder quem você é. De fato. Essa parte pedia que ela cruzasse os braços e colocasse o pé batendo. — Sim, acredito que sim.

* * *

GEORGE fechou a boca com força. Inferno, ele nunca teve a intenção de revelar tanto de si mesmo, não seu talento e não a dor de ter que escondê-lo. Ele nunca esperou que alguém entendesse.

Mas Isabelle não apenas entendia, o que ela suportou nos últimos anos superava qualquer coisa que seu pai o fez passar. Trumped, pegou todos os truques e limpou seus bolsos na virada de uma única carta.

Um valete, nada menos.

— Deus, eu sou um idiota.

— Às vezes. — Isabelle se aproximou. — Mas seu coração está no lugar certo. Não consigo pensar em muitos homens de sua posição que teriam assumido minha causa sem expectativas.

George pigarreou. — Não vamos falar de expectativas, vamos? Receio que muitas de minhas ações recentes possam não parecer tão dignas quando examinadas de perto.

— Quer dizer agora ou antes? — Ela veio ficar diante dele, mas ele não conseguia distinguir sua expressão na escuridão. Seu tom não traia nada. Se ela apenas o tocasse… não mais do que as pontas dos dedos em seu antebraço e então ele saberia que estava em terreno firme com ela.

— Na noite passada. Mais cedo. Agora mesmo. Tudo isso.

Ela ficou quieta por tempo suficiente para uma gota de suor escorrer em sua têmpora. Os únicos sons eram sua respiração e um farfalhar de tecido, mas pelo menos ela não estava se afastando… ou levantando a mão para um tapa. — Você não me seduziu na noite passada. Você me confortou.

— E agora?

— Devo esperar que você tente novamente onde já teve sucesso uma vez. Não é isso que os homens fazem?

Homens, sim. O tipo de homem que seu pai o criou para ser.

— Mas você não conseguiu desta vez, — ela continuou, — conseguiu? Eu não deixei. Ainda.

Essa promessa em uma palavra. Ele estendeu a mão para ela, mas seus dedos apenas pegaram a ponta de sua saia antes que ela escapulisse. — Você não está facilitando.

— Isso é porque você está agindo da maneira errada. — Ainda aquele toque de promessa… acentuou suas palavras como uma nota de graça.

— Que outra maneira existe?

— Paciência. Deixe-me ir até você.

— Nunca tive muita paciência.

— E não use a sedução como meio de evitar coisas sobre as quais você prefere não falar. — continuou ela como se ele não tivesse falado. — Talvez esta noite eu deva retribuir o favor e confortá-lo.

Do que diabos ela estava falando? Na noite anterior, ela estava desesperada com Biggles e seu filho. Ele não conseguia nem reivindicar emoções como raiva ou dor. Bem, não tão zangado, não tão magoado. Ele não tinha direito a esses sentimentos. Ela tinha mostrado isso a ele com uma frase simples de cinco palavras.

— Então, Sr. Upperton…

— Depois de ontem à noite, não seria melhor você me chamar de George?

— Sr. Upperton… — desta vez ele ouviu o sorriso em sua voz — por que você não me fala sobre isso?

Ele balançou a cabeça, inutilmente, porque ela provavelmente não conseguia ver. — Contar sobre o quê?

— O que é essa coisa dentro de você que seu pai tanto desaprovava?

— Eu te mostrei isso. É a música. As pessoas geralmente não sabem… ou não. Eles vão saber agora.

— A quem você acha que vou contar?

— Você não. Eu escorreguei ontem. Eu vim aqui em plena luz do dia para brincar e me perdi. Faz isso comigo. Isso me faz esquecer onde estou. A próxima coisa que eu soube foi que tinha um punhado de admiradores.

— Até agora, você não está dando muita importância à necessidade de conforto. — Aquilo era ritmo de tamborilar seu pé batendo?

— Mas todas essas jovens sabem agora. Minha mãe sabe, e se você acha que ela não vai me chatear para me apresentar em público, pense novamente.

— Você não está reforçando seu caso de forma alguma. — A mulher poderia ter sido uma advogada.

— E os cavalheiros do meu clube? O que eles vão dizer?

— Ouso dizer que você vai superar isso. — Ele podia imaginar seus braços cruzados, sua expressão de severidade fingida, um sorriso puxando os cantos de sua boca. Um advogado atraente, de fato.

— Como eu disse, sou um idiota.

— Por que isso te incomoda tanto?

A pergunta era muito incisiva. Ele não deveria responder a ela, não honestamente, mas parte dele queria. Ela o ouviu tocar, o que era mais do que seu amigo mais antigo poderia dizer. De qualquer um, ela o ouviu primeiro. Que dano contar a ela parte da história? Ele poderia oferecer isso a ela, desde que não revelasse muito.

— Eu nunca deveria ter aulas. O mestre de música foi trazido para minhas irmãs.

— Mas você queria aprender.

— Mais do que nada. — Ele nunca seria capaz de expressar adequadamente essa necessidade. — Escutei as tentativas delas e sabia que poderia tocar melhor.

Uma memória de si mesmo quando menino passou por sua mente. Quantas tardes ele passou escondido na porta enquanto suas irmãs se atrapalhavam com suas escamas, seus dedos coçando para mostrar a elas como isso era feito?

— O professor demonstrava uma nova peça — continuou ele. — Só tive que ouvir uma vez. Eu saía furtivamente da cama à noite e brincava até aprender.

— Você não deve ter dormido muito.

— Demorou menos do que você imagina. — ele riu, um som estranhamente vazio. — Mamãe sempre alegou que minhas irmãs eram prodígios, só que elas se agitavam de nervosismo diante de uma plateia. Eu me pergunto agora se ela me ouviu à noite e pensou que era Henny.

— Por que você se escondia?

— Implorei ao meu pai por aulas no início. Ele me deixou saber em termos inequívocos que tais atividades eram para meninas e nenhum filho dele faria algo tão pouco masculino quanto música. — Ele parou por aí. Ele não precisava dizer mais nada.

— E depois?

Maldita fosse ela e sua percepção. — Meu pai voltou de seu clube uma noite e me pegou tocando.

Ele ainda se lembrava da peça. Bach. Tocata e fuga em Ré menor. Aprender de ouvido provou ser seu maior desafio. Ele praticou e praticou os complicados temas entrelaçados, lentamente no início, até que seus dedos se ajustaram ao movimento, e então mais rápido para trazê-lo ao ritmo adequado. Ele esteve perto de tocar com perfeição.

Claro, me perdi de novo. A música o tinha atraído como o feitiço até que ele perdeu a noção do tempo. E então seu pai veio cambaleando até a porta, cheio de empáfia.

"Nenhum filho meu crescerá como sodomita."

Ele não iria repetir essas palavras para ela. Na época, ele tinha apenas uma vaga noção do que significavam. Como Jack havia repetido, droga.

Ele quase disse isso em voz alta. O olhar dos dedos dela em seu antebraço deteve a vulgaridade. O toque dela vibrou em seu ombro, ainda não um abraço, mas ameaçando se tornar um. — O que ele fez quando te pegou?

— O que ele fez de melhor… muita bravata. — Fácil de ignorar, mas pelo que aconteceu no dia seguinte. — Só que ele não foi idiota o suficiente para esquecer. Na manhã seguinte, ele jurou que ainda faria de mim um homem. Ele me levou para seu clube de boxe.

George esfregou o rosto com a mão. — Eu suspeito que ele esperava que eu quebrasse meus dedos.

Isabelle se inclinou mais perto… o suficiente para que ele captasse uma sugestão de sua fragrância de lavanda, o suficiente para seu calor infiltrar-se sob sua pele. — Mas eles não quebraram.

— Não. — Ele aprendeu a se esquivar. Ele aprendeu a cansar um oponente através da resistência, aprendeu a distrair através da conversa. Qualquer coisa para preservar suas mãos. E quando precisava desferir um golpe, ele aprendeu a torná-lo devastador. — Mas eu não arriscaria a chance de ele ter sucesso eventualmente. Ele me transformou no que você vê. Um homem simples que joga muito fundo, bebe muito e gosta de muitas mulheres fora dos laços do casamento.

Como isso parecia vazio. E agora ele sabia em primeira mão as consequências de tal vida, mas não podia dizer isso a ela.

— Você é mais do que isso. — declarou ela. — Mais homem do que tudo isso. Eu sei que você é.

Ela não lhe deu chance de responder. Ela selou qualquer protesto com os lábios.

Capítulo 18



OS LÁBIOS dela nos dele estavam hesitantes no início. Inseguros, apesar de tudo o que se passou entre eles. George não exigiria mais do que ela estava disposta a dar livremente. Deixar que ela descobrisse seu próprio poder, seus próprios meios de persuasão. Deixá-la fazer as exigências assim que estivesse pronta. Uma vez que ela conhecesse sua própria necessidade.

Ela tomou um gole, em vez de beber dele, embora um gole forte viesse à medida que sua insegurança desaparecesse. Ele enrolou as mãos em volta da cintura dela, segurou-a facilmente. Seus dedos traçaram caminhos leves como uma pena que de alguma forma queimaram seus ombros, sua nuca, seu pescoço, sua garganta, procurando a pele sob o colarinho.

Logo. Deus, que seja logo. Seus beijos inocentes torturavam com sua doçura.

Ele a apertou mais e a ergueu contra ele. Seus pequenos seios achatados contra seu peito. Senhor, mas ele os queria em suas mãos, queria saboreá-los, queria os picos tensos de seus mamilos sob sua língua.

Mais uma vez, ele pressionou com as mãos, desta vez segurando-a rigidamente, não permitindo que ela derretesse. Ainda não. Ainda não, mas logo.

Ela se afastou e abriu os olhos. A respiração dela correu entre os lábios entreabertos e espalhou-se pela bochecha dele.

— Não aqui — ele murmurou. — Os servos vão acender as lareiras, e se demorarmos muito, eles vão nos pegar. Venha para o meu quarto.

Ela piscou, hesitante, apesar de tudo que eles fizeram. Seu quarto, sim. Foi um passo em seu território para acasalar nos lençóis onde ele dormia, talvez para adormecer juntos e despertar nos braços um do outro. Senhor, ela deveria hesitar.

E por que diabos ele estava permitindo isso? Ele nunca trouxe suas mulheres

de volta ao seu domínio pessoal. Mas ela não era nada como suas outras mulheres, ou mesmo qualquer mulher. Ele poderia abrir a exceção desta vez.

Seu corpo exigia isso.

— Vai ser mais confortável na cama. — Ele se curvou e deu um beijo embaixo da orelha dela. Seu pulso vibrou logo abaixo da superfície. — Mais agradável. — Ele tocou com a língua no local. Em seu suspiro, ele sorriu em seu pescoço. — Podemos levar nosso tempo.

Ele a deixou sentir seus dentes… apenas um beliscão. Ela agarrou seus ombros e caiu contra ele, seu corpo esguio encaixando-se contra o dele como se ela fosse feita para ele.

Droga, se isso não fosse um pensamento preocupante, um que deveria assustá-lo como o diabo, deveria fazê-lo correr. Mas parte dele queria ficar e contemplar a ideia. Como uma poderosa tempestade no mar, a ideia combinava medo e admiração, o suficiente para obrigá-lo a olhar e ainda assim arrepiar os cabelos da nuca.

— Alguém ainda pode nos descobrir.

Ele se permitiu sorrir. — Isso faz parte da diversão, mas se o pensamento a incomodar, você terá que prometer ficar muito, muito quieta.

Ele planejava desfrutar de conseguir tantos gritos de prazer dela quanto pudesse.

Ele a soltou de seu abraço e pegou sua mão. — Vamos subir as escadas dos criados.

Por Deus, seus dedos apertaram os dele e ela o seguiu. A confiança que ela depositou nele. Certo, ele pediu isso a ela, mas as palavras dela pouco antes do beijo vieram à sua mente.

“Mais homem do que tudo isso.”

Ele não tinha tanta certeza quando estava voltando ao papel do libertino para desviá-la do caminho.

E se você prometesse mais a ela, você não a estaria enganando.

Agora, esse pensamento era realmente assustador. Além disso, ele não poderia oferecer mais. O que ele podia oferecer a ela? Um lar melhor, uma posição melhor na sociedade, talvez, mas a sociedade educada nunca a aceitaria.

E então havia a questão de seu coração. Ele poderia oferecer isso a ela, mas o que ele sabia sobre sentimento? A risada de seu pai ecoou em sua mente. Apego romântico, mais um domínio feminino, junto com a seda e a renda, junto com a aquarela, junto com a poesia e os romances. Junto com música.

O melhor que ele podia fazer era devolver o filho a ela… e ele já havia feito esse voto.

O coração de Isabelle bateu em uma batida frenética contra suas costelas. O mundo exterior a via como uma mulher decaída, mas pela primeira vez, ela estava representando o papel. Ousada e atirada como queria, ela se jogou nos braços de George e agora o deixava conduzi-la em direção à tentação de seu corpo.

Alegremente.

Ele deu prazer a ela e agora ela retribuiria. Ela queria compartilhar com ele e apagar o fantasma do menino triste que ela vira voar pela sala enquanto George contava suas frustrações de infância. Ela sabia muito bem o que significava ser forçada a um molde de expectativas familiares… as regras que exigiam que ela apresentasse uma fachada de perfeição. Como elas irritavam. Como elas, no final, a empurraram para se rebelar.

A escada dos criados ficava na parte de trás da casa, pequena e frágil. Cada rangido de uma tábua solta ecoava na noite. Quando eles emergiram no corredor superior, ela meio que esperava encontrar os outros convidados esperando para atacar.

— Você acha que isso é uma boa ideia? — ela sussurrou tão alto quanto ousou.

— Acho que é uma excelente ideia. — George baixou a voz, e seu calor a envolveu em uma onda sensual. — Viu? Já estamos na minha porta.

Ele girou uma maçaneta e abriu um painel para revelar seu quarto cavernoso. A luz de seu candelabro perseguia as sombras até os cantos. Uma janela em arco

quebrou a linha da parede oposta. Uma ampla cama com dossel dominava o lado esquerdo, suas cortinas de um azul metálico que combinava com as listras do papel de parede.

— Quase tão grande quanto minha cabana, — ela murmurou. Ela prestou pouca atenção antes, quando ele trocou suas roupas molhadas por secas. — Toda essa pedra. Deve ser impossível aquecer no inverno.

Ele colocou a mão em sua nuca. — Posso pensar em algumas maneiras de me manter aquecido. — os dedos dele se enrolaram em volta do pescoço dela, puxando-a para mais perto. — O que você acha? Dois corpos sob uma colcha devem funcionar bem.

Ele a envolveu em um abraço completo e seus lábios desceram. Ele pressionou beijos febris em sua boca, bochechas e testa. Insuficiente. Ela não o seguiu até aqui por alguns beijos simples, como crianças se escondendo em uma cerca viva.

Com um gemido, ela agarrou sua camisa e o puxou para ela. Seus lábios encontraram os dele em um beijo urgente. Ela não segurou nada. Ele havia despertado esses sentimentos nela, esse desejo, essa sensualidade e, pela primeira vez, ela iria obedecer às suas demandas. Ela poderia nunca mais ter essa chance. Seus dedos se enredaram em seu cabelo, seus seios esmagados contra seu peito e seus quadris embalaram uma dureza crescente.

Oh, sim, ela queria isso em suas mãos, entre suas coxas, deslizando em seu corpo e levando-a à loucura. Com seios, quadris e coxas, ela pressionou mais perto.

Ele separou seus lábios dos dela, sua respiração irregular. — Calma, amor. Ainda faltam horas para o amanhecer.

— Não acredito que quero devagar. Agora não. Talvez mais tarde.

Ele se curvou até que sua testa descansasse contra a dela. — Você quer testar meus limites?

O sorriso que se estendeu por suas bochechas parecia muito perverso. — Isso pode ser bastante divertido.

— Divertido. — ele deu uma risada curta. — Eu vou te mostrar o que é

divertido. Venha aqui.

Ele a puxou contra a largura de seu peito, e seus lábios roçaram um ponto logo abaixo de sua orelha. A ponta de sua língua disparou para fora, deixando um rastro de umidade quente sobre sua pele. As palmas das mãos alisaram ao longo de sua coluna, desde as omoplatas até a cintura e mais abaixo.

Ela se entregou, permitiu-se sentir. Como essa experiência foi diferente de tatear furtivamente em um corredor abandonado. Quanto mais rico, quanto mais profundo, quanto menos cheio de medo. Muito mais vivo.

George exigiu sua confiança dias atrás, e ela deu a ele. Ele estendeu a mão para ela, essencialmente um estranho, e ajudou. Ele mostrou a ela carinho quando ninguém mais o faria. Ele se recusou a deixá-la permanecer uma pária. E quando ela estava com ele, ela não se sentia mais como um.

Ele despertou nela um sentimento de pertencimento que ela nunca experimentou, nunca. Mesmo antes de sua família a repudiar, eles mantinham seus membros à distância. Os Marshalls existiam para ganhar… poder, dinheiro, não importava. O que eles queriam, eles pegavam, e ninguém ousava protestar. O tolo imprudente que possuía a audácia de se libertar do molde rígido de suas expectativas não era mais aceitável.

E se ela alguma vez tivesse parado para considerar a situação, ela poderia ter percebido antes que nunca tinha sido um deles. Na verdade não. Como ela agora estava descobrindo, ela ansiava por proximidade com outra pessoa. Ela precisava disso.

Muitas roupas a separavam de George, muitas camadas de algodão, linho e lã. Ela deslizou as mãos entre seus corpos e tocou os botões de chifre que fechavam seu colete. Segurando seu olhar, sorrindo, ela fez um trabalho rápido em cada fixação e separou o tecido fino. Apenas uma faixa de linho a separava de seu peito. Ela puxou o pano de sua calça, desamarrou sua gravata e afrouxou o fecho em seu pescoço. Pegando o linho pelo punho, ela puxou a camisa de seu corpo e a jogou de lado.

Quem poderia imaginar tamanho prazer no simples ato de despir um homem? Ela amava a extensão da carne, dourada à luz bruxuleante das velas, assim revelada a ela. Ela se deleitou com isso. Ela queria saborear cada centímetro.

O entalhe na base de sua garganta acenou. Ela se inclinou e passou a língua pela cavidade. Suas mãos encontraram sua cintura e a apertaram enquanto ela continuava sua exploração. Ela lambeu sua pele, beijou, beliscou, notando cada nuance de sua respiração áspera, ouvindo gemidos, empurrando-o de volta para a cama, um passo e um toque de cada vez.

Ele desabou no colchão e se deitou, com os braços dobrados atrás da cabeça, relaxado agora. Avaliando. Ele possuía aquela maldita cama pelo jeito que seu corpo caia sobre ela. Sua ereção se esticou contra a queda de suas calças. Mais alguns botões e ela poderia ter sua dureza aveludada livre em suas mãos.

Sua mente se encheu de imagens movidas pela luxúria. Ele a beijou nos lugares mais íntimos. Ela se atreveria a fazer o mesmo com ele? Um ímpeto de tentar um ato de libertinagem guerreou contra a incerteza. E que tipo de mulher ele pensaria que ela é se ela ousasse prová-lo?

— Espere. — Ele captou o olhar dela, segurou-o, seus olhos intensos e atraentes. — Eu quero ver você se despir.

Seu coração saltou em seu peito e bateu contra suas costelas, mas mesmo assim, ela ergueu os dedos até os fechos do corpete. Seu vestido era antiquado, botões de ombro para segurar a frente e, por baixo disso, amarrava os seios com uma saia que caía livremente até o chão. Ela poderia estar fora de si em um instante, fora disso e na cama com ele.

— Não tenha pressa. — acrescentou ele.

O calor em seu olhar disse a ela que ele queria saborear, e o pensamento fez seus dedos se atrapalharem no primeiro botão. Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes.

— Ai sim. Eu gosto dessa expressão em você. É a mistura perfeita de inocência e segurança.

— Não tenho muita certeza. — Ela não tinha agora. Ela se sentia como se estivesse em exibição. Ela só tirava as roupas sob o olhar superficial de sua empregada ou modista. Certamente ninguém inclinado a olhar para ele. Não alguém cujo escrutínio caiu em sua pele como um toque físico, como se ele a acariciasse com as pontas dos dedos reverentes. Ele já a tinha visto, mas este despir antes dele era

diferente em sua deliberação.

Seus mamilos se ergueram contra sua camisa enquanto o algodão gasto de seu vestido se acumulava em seus tornozelos. Ainda assim, ele a olhou como se ela usasse as melhores sedas e fitas.

— Não pare agora. — Sua mão foi para o cós da calça. Preguiçosamente, ele tocou o botão preso.

Com a garganta seca, incapaz de desviar o olhar de seu colo, ela estendeu a mão atrás das costas e puxou o nó em seu laço. A postura empurrou seus seios para cima.

— Não há nada mais adorável, — ele falou lentamente, enquanto seus dedos trabalhavam nos fechos de sua calça, — do que uma mulher se preparando para minha cama.

Que safado, e ele não tinha terminado. Ela observou fascinada quando ele soltou sua ereção e a segurou. Ele acariciou da base às pontas e de volta.

Nunca antes ela estivera tão ciente de sua pele… a forma como envolvia seu corpo, a forma como formigava, a forma como aquecia. Cada movimento de sua mão ao longo de seu comprimento desencadeava uma pulsação profunda em resposta, bem no meio de sua barriga, uma batida que imediatamente a fez derreter e a vibrar com tensão crescente. Calor líquido derramou por ela, e ela apertou as coxas juntas para que não escapasse.

Ela não conseguia desviar o olhar da visão. Seus dedos coçaram para substituir os dele. Sua língua disparou de entre os dentes para molhar os lábios. Seus olhos se estreitaram sobre um olhar intenso em seu foco. Nela. Sim, ele disse uma mulher, como se para indicar qualquer mulher, mas ele se referia a ela. Isabelle.

Com os dedos tremendo, ela puxou o laço em espiral no topo de sua espinha. Ela não conseguiu largar o espartilho rápido o suficiente.

— Agora venha aqui.

Ela fixou os olhos nos dele e se aproximou, bem devagar, sentindo que ele desejava prolongar a antecipação até que se esticasse o suficiente para quebrar. Ela chegou ao lado da cama, e ele se inclinou para frente para deslizar as mãos ao longo

de suas costelas, para cima, lentamente, até que ele segurou seus seios. Ele a puxou para si, seus lábios se fechando sobre um mamilo endurecido, sua língua umedecendo o botão carnudo através de sua camisa.

Fechando os olhos, ela arqueou as costas e gemeu, o som baixo e gutural.

— Você está pronta para mim tão cedo? — Ele não deu a ela chance de responder com palavras, mas sugou com mais força até que sua respiração correu por entre os dentes.

Suas mãos furtaram sua camisa, sussurrando por suas coxas. Ela estremeceu em antecipação de seus dedos sobre ela, nela, pressionando e sondando até que eles conseguissem dela aquela onda vívida de êxtase.

Ele mergulhou nela e gemeu. — Bom Deus, você é responsiva.

— Para você. — Ela não deveria admitir tanto, mas as palavras escaparam.

— Levante os braços.

Ela obedeceu, e ele arrancou a roupa restante de seu corpo.

— Agora venha aqui e responda.

O comando em seu tom enviou um arrepio de prazer direto para seu núcleo. Ela subiu no colchão ao lado dele e ele a puxou para um beijo frenético. O contato de sua carne nua contra a dela enviou um formigamento de calor por cada terminação nervosa. Tirando as calças, ele rolou em cima dela.

Agora. Sim. Agora.

Ele agarrou sua coxa pela borda externa carnuda perto de seu quadril, com força suficiente para que ela sentisse a mordida de seus dedos. Amanhã, ela pode muito bem encontrar hematomas. A paixão conduzindo aquele aperto a fez derreter.

Ela precisava, oh, ela precisava. Nunca havia experimentado tal profundidade em seu desejo. Nunca soube que tal ferocidade pudesse existir dentro dela, como se a selvageria nele se elevasse e extraísse uma força de resposta nela.

Ela estendeu a mão para ele com os braços e as pernas combinados, envolvendo-se em torno de seus flancos, seu traseiro, suas costas. Qualquer coisa para trazê-lo para mais perto. Qualquer coisa para fundi-los em um.

Ele a penetrou em um único golpe suave, e ela se agarrou. Ela não o deixaria abandoná-la. Não dessa vez. Uma e outra vez, ele a preencheu, em um ritmo frenético, como se nenhum dos dois tivesse se saciado apenas algumas horas antes.

— Oh Deus. — Ela empurrou os quadris contra ele, encontrando cada impulso seu. — Oh, Deus, sim.

Ela subiu em espiral com a pressão crescente, o prazer crescente. Em algum lugar o paraíso se escondia. Em algum lugar próximo. Em breve. Tudo o que ela precisava fazer era estender a mão e agarrá-lo.

George agarrou seus quadris, deslizou as mãos por baixo dela e a ergueu para ele. Sua respiração saiu de seus pulmões em jorros ásperos, sua expressão focada, intensa. Seu olhar cravado nela, um apelo silencioso, ou talvez uma ordem.

Ela inalou seu perfume, combinado com o almíscar inebriante de sua união, e seus seios pressionaram contra seu peito. Suas unhas cravaram nos músculos da parte superior de seus braços.

Mais perto, sim, mais perto. Ela nunca poderia estar perto o suficiente, não para ele, não para o êxtase crescendo dentro dele.

— Sim por favor. Em breve.

Ele baixou a cabeça para a curva de seu pescoço, aninhando com os lábios em um contraponto suave para suas estocadas profundas e fortes. Ela colocou os braços em volta dele, apertou-o perto e deixou a tempestade levar os dois.

Com o coração ainda martelando em seus ouvidos, George se apoiou nos cotovelos. Abaixo dele, Isabelle ainda cantarolava, perdida em seu prazer. Ele não conseguia se lembrar de uma sessão de prazer na cama mais satisfatória, não conseguia se lembrar de jamais ter se deliciado com a satisfação de uma parceira como ele se deleitou com a dela. Como sua pequena passagem quente o agarrou. Como ela pulsou sobre ele quando atingiu seu pico. Onda após onda ao longo de seu pênis até que ele não pudesse mais segurar seu clímax.

Clímax? Droga e besteira! Uma súbita pontada de horror transformou suas entranhas em gelo, e ele rolou para longe dela. Seu pau, mole agora, deslizou livre de seu corpo. Bom Deus, ele gozou dentro dela.

Ele nunca quis perder o controle assim. Ele pretendia sair, deveria ter saído no momento em que sentiu a queimação na base da espinha, no instante em que seu estômago se apertou. Ele não era um colegial imaturo, e ela não teria tomado precauções se soubesse de alguma.

Eles não haviam planejado nada disso. Apesar da atração condenável entre eles, ele não teria previsto que esta noite terminaria no mais fenomenal giro de sua vida. O mínimo que ele poderia ter feito era gozar nos lençóis como um cavalheiro respeitável.

Isabelle soltou um gemido e se enrolou como uma bola de lado, como se sentisse falta de seu calor. Seu coração batia forte no peito, devagar agora, cada batida forte em seus ouvidos, cada batida contribuindo para o nó de terror em seu estômago.

Ela não merecia isso. Não quando sua confiança foi conquistada com tanto esforço. E o que ela ganhou em troca senão o risco de se encontrar, mais uma vez, com a barriga inchada e sem marido para mostrar, sem protetor, sem provedor?

Ele pretendia ajudá-la a encontrar seu filho, para confortá-la quando a busca se mostrou infrutífera, e em vez disso ele a traiu.

Ele observou a constante ascensão e queda de seu peito enquanto ela cochilava, alheia. Os cílios longos se espalharam pelas bochechas rosadas. Seu corpo esguio desmentia sua verdadeira força. Duas vezes agora, ela suportou seu peso sem reclamar. Ela francamente se deleitou com as batidas que ele deu nela. Revelou-se e implorou por mais.

Ele tentou imaginá-la grávida… seu filho… imagine-a segurando um bebezinho nos braços, e ele sentiu… Ele não tinha certeza do que era, mas ele poderia nomear várias coisas que não eram. Não foi repulsa; não era um aborrecimento; não era nojo. Não era impaciência que aqui estava outro dreno em suas finanças sobrecarregadas. Não era um desejo de esvaziar seu armário de bebidas. Em suma, era o oposto de tudo que ele sentiu quando Lucy anunciou sua paternidade iminente.

Oh Deus. Lucy. O que ele iria fazer com ela? E, mais importante, o que ele faria com Isabelle? Sua cabeça girava com soluções no que dizia respeito a ela. Soluções

socialmente aceitáveis… dever, até. A aquisição de uma licença especial. Seu pensamento consciente admitia tudo sem hesitação, aceitava-os como a coisa certa a fazer.

Deus o ajudasse.

Capítulo 19



JACK!

Com um arrepio, Isabelle piscou e despertou em uma câmara desconhecida. Lentamente, ela inspirou. Ela estava correndo em seu sonho, perseguindo seu filho que a iludia a cada passo. Ele ainda a iludia na realidade.

O brilho do amanhecer filtrado por uma janela na parede oposta, lançando o espaço em tons de cinza monocromáticos. O colchão em que ela estava deitada era muito confortável, os lençóis que a envolviam muito luxuosos. Enquanto ela sacudia as teias de aranha do sono, as memórias da noite anterior voltaram. George a beijando ferozmente, enchendo-a de novo e de novo, selvagem e apaixonado.

Ela rolou e o encontrou deitado ao lado dela, as mãos enfiadas sob a cabeça, olhando para o dossel. Ela tinha pouca experiência em acordar ao lado de um homem, mas não era completamente inexperiente. Algo não estava certo aqui. Ele não deveria tê-la embalado durante a noite, combinando sua respiração com a dela, compartilhando um travesseiro? Ele não deveria tê-la acordado com um beijo gentil, ou talvez uma carícia ousada em algum lugar escandaloso? Ela teria preferido tanto descobri-lo deitado imóvel e silencioso, como uma pedra… se as pedras pudessem gerar tensão.

Ela agarrou o braço dele, mas sua mão perdeu a coragem no meio do lençol. — Você não dormiu nada?

— Não. — Uma única palavra gelada, depois de tudo que eles compartilharam.

— Oh. — Ela pressionou os dedos na base da garganta. — Entendo. — Ela tentou manter o tom neutro, mas suspeitou que ele percebeu a hesitação no final.

— Eu me pergunto se você entende.

Isso foi o suficiente. Se ela estava com frio antes, ela não estava agora. Impossível sentir o arrepio de raiva explodindo dentro dela. De todos os libertinos insuportáveis e arrogantes, ela caiu com o pior. E ela conhecia o arrogante e insuportável. Ela cresceu cercada por essas características. Ela mesma os adotou. Esperava-se que ela se casasse com alguém de temperamento semelhante e passasse essa superioridade aos filhos para que pudessem perpetuar o mito de que eram muito melhores do que todos os outros, simplesmente porque tiveram a sorte de nascer na família certa.

Bem, não foi uma boa fortuna, não quando essas características se tornavam armas quando alguém falhava em corresponder. Como ela falhou.

— Ai sim. — A calma morta de suas palavras não traiu nada. Suas unhas se cravaram nas palmas das mãos para acalmar o tremor. — Oh, sim, entendo. Você pegou o que queria de mim e agora vai me jogar de lado.

Ele virou a cabeça na direção dela. — O que isso significa? — ele rolou para encará-la. A largura de seus ombros bloqueava sua visão do resto da câmara. — Por um lado, nunca tive a intenção de deixá-la de lado. — Ele mordeu cada sílaba.

Ela suprimiu o desejo de encolher em direção à parede. Ela não devia recuar ou se encolher. Agora não. Ela nunca gostou das garotas da alta sociedade que desmaiavam com a mera sugestão de que desagradavam a alguém. Ela não faria isso, não faria esse jogo.

— Você tem uma maneira estranha de mostrar isso. O que diabos eu deveria pensar?

— Você pode pensar o que quiser, é claro. Achei que tivéssemos superado essa questão de você não confiar em mim. — ele deu uma risada áspera. — Isso não é válido? Acontece que você estava certa, em todo caso. Eu não sou confiável quando se trata de você.

Ela respirou fundo pelo nariz enquanto tentava entender seus delírios. De alguma forma, enquanto ela cochilava com os efeitos de seu ato sexual, ele conseguiu enlouquecer. A única experiência que ela teve com homens loucos foi seu tio Erasmus, mas ele geralmente reagia bem a uma voz calma e uma dose de ânimo forte.

Ela colocou a mão no braço de George. — Por que não podemos falar sobre isso?

Ele balançou sua cabeça. — Eu não quero. Não aqui, onde não há nada para beber. — Ele esfregou o antebraço na testa. — Deus, preciso de um conhaque.

Maravilhoso. Agora ele quase a acusou de levá-lo a beber. Se eles tivessem uma garrafa de conhaque, ela ficaria tentada a quebrá-la na cabeça dele. — Está quase amanhecendo. Você não pode beber conhaque no café da manhã.

Seus ombros caíram, e ela interpretou isso como ceder, mas então ele rolou de costas, um braço sobre os olhos.

Isabelle mordeu o lábio. O que diabos ela faria com o comportamento dele? Ela ainda estava tentando descobrir o que dizer quando ele passou a mão pelo queixo e chamou sua atenção. Esperou. — Você sabe que devo lhe fazer uma oferta de casamento.

Ela ficou boquiaberta pelo espaço de várias piscadas. — Você dificilmente precisa ir tão longe — disse ela fracamente. — Não sou uma jovem senhorita que você acabou de arruinar.

— Não, mas você é de boa família.

— Não mais.

Ele levantou a mão e ela reprimiu o resto de seu protesto. — Você pode viver em circunstâncias difíceis, mas nem sempre foi assim. Sua criação mostra, quer você perceba ou não. A maneira como você segura uma xícara de chá. A maneira como você se senta em uma cadeira tão apropriadamente, com as costas retas. A maneira como você se inclina para a frente e atende a quem está falando, mesmo se estão entediando você com os detalhes do fascínio de seu primo em quarto lugar por hieróglifos. Minha própria mãe não se comporta tão bem.

O calor subiu por sua nuca e ela agarrou um punhado de lençóis. — Não importa minhas origens, senhor, dificilmente poderia esperar uma oferta de casamento de você. O que aconteceu entre nós não significa nada.

— E se você ficar grávida de novo? — Seus olhos nunca deixaram os dela.

Ela esfregou as palmas das mãos nas coxas. — Esse é o risco que corremos.

Ou ela correu. Ela foi para a cama dele, totalmente preparada para enfrentar as consequências, mesmo que isso resultasse em outro filho. Oh, Deus, não qualquer criança, mas o filho dele. Ela fechou os olhos contra a imagem de um menino de olhos brilhantes com um sorriso travesso. O filho de George daria o dobro de trabalho que Jack.

— Eu não queria correr esse risco. Não com você. Eu… eu perdi o controle. Eu não pretendia… — ele se mexeu nos lençóis e pigarreou. — De qualquer forma, devo fazer o certo com você.

Ela respirou fundo. Ela deveria ficar lisonjeada com sua oferta. Foi muito mais do que ela já havia recebido do pai de Jack.

Mas faltou alguma coisa. Ele disse todas as palavras certas, mas faltou convicção a elas. Sua oferta foi feita por dever e talvez um desejo de compensar suas atuais circunstâncias. Se ele teve ou não alguma coisa a ver com elas. E isso não era suficiente… certamente não para Isabelle Marshall.

Por mais arruinada que estivesse, também não era o suficiente para Isabelle Mears. Ela conseguiu muito bem sozinha. Ela continuaria a fazer isso.

Sem George Upperton.

— Você não tem que fazer isso. Estou muito abaixo de você. O que sua família diria?

Ele pulou da cama, ainda nu e, oh, tão perturbador. — Para o inferno com a minha família. Eles não têm voz neste assunto.

Ela balançou a cabeça, mesmo enquanto enrolava os lençóis sobre ela e se sentava. — Me perdoe, mas é bastante ingênuo de sua parte pensar assim.

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. — Ingênuo? Oh, isso não é o máximo? Eu acho que ninguém se referia a mim como ingênuo desde meu primeiro ano em Eton. Pensando bem, eles nem me chamavam de ingênuo então.

— Você pode se achar bastante mundano na maioria das áreas, mas esta é uma em que acredito ter um pouco mais de experiência.

Ele foi até ela e a agarrou pelos ombros. — Você acha mesmo? Talvez devêssemos fazer uma comparação. O que sua família esperava de você e o que a

minha espera de mim. E veremos qual de nós supera o outro.

Os homens sempre tinham que transformar o assunto mais fútil em uma competição. Bem, ela não faria isso. Se ela se recusasse a seguir o jogo dele, talvez ele parasse com essa loucura.

— Vamos agora. Vamos tentar. — Seus dedos se cravaram em seus braços. — Vamos começar com você. Posso adivinhar com bastante facilidade. Eles queriam que você fizesse uma combinação brilhante que aumentasse suas conexões sociais.

Apenas um herdeiro de um ducado. A memória do filho mais velho do duque de Amherst a fez estremecer. Se ela tivesse cumprido seu papel esperado e se casado com ele, ela teria se condenado a uma sucessão interminável de festas, ligações, rotinas, tudo o que era esperado. Tudo isso previsível. Confortável, luxuoso, socialmente aceitável, mas, em última análise, estéril.

Seus lábios se esticaram, mas ela temeu que a expressão fosse apenas uma pobre aparência de um sorriso. — Nem é preciso pensar muito para resolver isso. O mesmo pode ser dito para qualquer filha da alta sociedade. De qualquer forma, acredito que você vai concordar que falhei espetacularmente.

— Você consideraria me dizer como isso aconteceu?

Mais uma vez, a estranheza de seu humor a atingiu. Ele pulava de um tópico para o próximo e seguia se ela pudesse seguir seu pensamento. — Você realmente quer os detalhes sórdidos? E depois de me fazer uma oferta, nada menos?

Ele começou, como se alguém tivesse acabado de perfurá-lo. — Não os detalhes sórdidos, não. Eu só me pergunto como tal coisa aconteceu quando claramente… — Ele agarrou um punhado de topete e puxou. — É só… Aos olhos da sociedade, você é da mais alta linhagem.

— Isso é o que minha família gostava de pensar.

— Mas… mas você não acredita que isso seja verdade.

— Eu sei que não é verdade. Eu vivi isso. Talvez eu não quisesse viver assim pelo resto da minha vida. — Ela rolou de costas e contemplou o dossel. Veludo azul pesado, com uma drapeada justa, incluía as cortinas. — Quase não sei mais, mas talvez seja por isso que me deixei levar. Ele foi bastante persuasivo, sabe, e não da

maneira que você está pensando. Ele tinha uma maneira de se expressar. Acho que ele imaginou que poderia entrar e sair de qualquer situação. Foi assim que ele conseguiu ser apresentado, em primeiro lugar, quando minha família nunca teria permitido que eu me juntasse a ele. É assim que…

— É assim que ele falou por baixo das suas saias.

— Ele fez isso. — Ela deixou a admissão flutuar no ar, austera em sua simplicidade. — E agora eu deixei isso acontecer novamente.

Ele agarrou seu ombro, forçando-a a se virar e olhá-lo nos olhos. — Como você pode dizer uma coisa dessas quando acabo de lhe fazer uma oferta?

— Não foi uma oferta séria. — Ela acenou com a mão para espantar a ideia e ao mesmo tempo convencê-lo a soltá-la… e se cobrir.

O gesto não funcionou. Se algo, seu aperto aumentou. — Eu estava falando sério.

— Tudo bem. — Ela suspirou. — Suponhamos por um momento que você está. Minha família dificilmente o consideraria um casamento brilhante. Lamento informar que eles o considerariam abaixo de mim. Ou eles assim pensariam. Então.

— Isso eu sei. — murmurou ele. — Um mero senhor não é bom o suficiente?

— Minha família? Eles teriam se contentado com nada menos do que um título, de preferência duque ou marquês. Receio ter acabado sendo uma grande decepção para eles.

Ele desviou o olhar por um longo momento. — Decepção. — disse ele baixinho. — Sim, vamos falar sobre decepção.

— Se você me apresentar à sua família, tenho certeza de que fará o trabalho muito bem. — Ela recuou de seu alcance, quando um novo pensamento lhe ocorreu. Um pensamento perturbador e até desiludido. — E é disso que se trata a sua oferta, não é? Sua família pressionou você a se casar.

— Minha mãe vinha me ameaçando com pequenas brincadeiras e apresentações o bastante para me enlouquecer, sim, mas… — ele balançou a cabeça como se quisesse clareá-la. — Não é por isso que te fiz uma oferta.

— Bem, certamente não foi porque você me arruinou. — a voz dela vacilou na

palavra final. Maldição, ela estava indo tão bem mantendo o controle de suas emoções. Por que ela deveria escorregar agora quando ela precisava colocá-lo no chão? — Já não tive homens o suficiente para me usar?

— Usar você? — Seu braço cortou em um gesto em direção ao colchão. — É isso que você acha que aconteceu entre nós? Eu não me lembro de ter que coagir você nem um pouco.

Uma batida suave na porta salvou Isabelle de ter que responder. Uma coisa boa também, pois sua garganta de repente se apertou além do ponto em que as palavras emergiam. Mais uma vez, ela estava prestes a ser pega.

— Quem quer que seja, vou me livrar dele, — George murmurou. — Ainda não terminamos de discutir este assunto. — De todo o maldito senso de oportunidade.

Ele esperou até que Isabelle tivesse recuperado suas roupas e recuado para um canto distante, antes de pegar sua banyan no armário. Ele foi até a porta e a abriu.

Sua irmã estava no corredor, já vestida para o dia. — Aí está você. Ninguém te viu desde ontem.

Apenas Revelstoke quando ele foi coletar informações, mas ele não estava prestes a dizer isso a Henrietta. — Se mamãe enviou você para me lembrar do meu dever social, realmente não é um bom momento.

Henrietta deu um passo à frente, como se esperasse que ele a convidasse a entrar.

Lembrando-se da Sra. Cox ontem, ele plantou os pés firmemente na soleira. — Vou descer para o café da manhã, se minha presença for necessária.

— Esse não é o problema. — Seus olhos, suspeitosamente avermelhados, se estreitaram. — Você tem alguém aí?

— Isso não é da sua conta. E você não deve saber dessas coisas.

Ela voltou seu olhar para o céu. Pensando bem, seu nariz também estava bastante inchado. — Eu tenho vinte e cinco anos e já ouvi fofocas o suficiente. Sério, George. É melhor você não ter atraído uma das mulheres mais jovens para cá.

— E dar a mamãe a chance de me colocar na frente de um pároco? A própria ideia. — Ele quase se pegou estremecendo com a ideia de Isabelle ouvindo essa conversa, dado o que eles estavam discutindo. — Agora, quem está colocando essas ideias em sua cabeça? Se for aquele personagem Leach, estarei conversando com Revelstoke sobre atuar como meu segundo.

Seu rosto ficou estranhamente branco. — Ninguém viu Leach em dois dias. Achei que talvez você soubesse de alguma coisa. Se ele estiver ajudando no esforço de encontrar aquele menino, por exemplo, posso me sentir um pouco melhor.

Ele estendeu a mão hesitantemente e deu um tapinha no ombro dela. — Pronto, pronto. O homem é claramente um idiota. Você pode fazer muito melhor. A menos que… — Ele parou quando um novo pensamento surgiu. — Meu Deus, você disse que ele está desaparecido há dois dias?

— Sim, e daí? Você não foi encontrado em lugar nenhum quase ao mesmo tempo.

Dois dias. O momento era muito conveniente. Jack, Biggles e agora Leach. — Isso não é verdade. Você me encontrou. Leach ainda está visivelmente ausente.

Ela soltou uma lufada de ar muito anêmica para ser chamada de um suspiro.

— Queixo para cima. Achei que você tivesse decidido não se casar.

— Eu decidi. Isso só resolve o assunto. Mesmo assim, uma garota gosta de saber que um homem pode achá-la desejável.

— Preocupe-se com isso quando você encontrar alguém digno de você. — Leach não se encaixa de forma alguma nessa conta em particular. Não se as crescentes suspeitas de George valessem alguma coisa. Embora o que um idiota sorridente como Leach pudesse ter a ver com o desaparecimento de um menino fosse uma incógnita.

Henrietta endireitou os ombros. — Certifique-se de aparecer no café da manhã. Se você trouxe alguém para cá, não quer que mamãe venha aqui a seguir.

George tamborilou com os dedos na lateral da porta até que o babado rosa do vestido diurno de Henrietta desaparecesse na esquina. Ele se forçou a girar a trava com cuidado antes de enfrentar Isabelle. Ela ainda estava no canto mais distante,

vestida agora e meio escondida pelas cortinas da cama. — Quanto disso você ouviu?

— Eu não tenho o hábito de escutar. — Ela era tão rígida e educada. Ele quase podia imaginar a jovem que ela era antes de sua queda, vestida com um vestido de baile branco como qualquer outra garota que acabara de fazer sua reverência, mas mais real.

— Eu deveria ter perguntado isso dias atrás. Eu sou um idiota por não ter pensado nisso antes. — Ele caminhou até o final da cama para ficar diante dela.

— O que? — Ela o olhou com cautela, como se já soubesse que não gostaria da resposta à sua pergunta.

— Quem você encontrou naquela noite no jardim?

A cor sumiu de suas bochechas já pálidas. — Eu… eu nem sei. Recebi uma nota, mas não estava assinada e não reconheci a letra.

George esfregou o queixo mal barbeado. — Quais são as hipóteses? — murmurou para si mesmo.

— A probabilidade de quê?

— Segundo minha irmã, houve outro desaparecimento. Por acaso você não conhece um cara chamado Reginald Leach, certo?

Isabelle balançou a cabeça. — Não definitivamente não.

— Jack se foi, Biggles desapareceu… — contou os nomes nos dedos — e agora Leach. E um homem abordou você na estrada naquela noite.

Apenas o macaco que George enfrentou era muito maior do que Leach. Mal vestido também. Na verdade, o tamanho e a roupa do homem o lembravam de alguém… o homem que havia batido nele no quarto de Lucy. Seu irmão… supostamente. O que não fazia sentido. O que um tem a ver com o outro?

Por outro lado, Isabelle recebeu uma nota e George ainda tinha o marcador de Leach. Valeu a tentativa.

Ele foi até ela e colocou as mãos em seus ombros. — Você ainda não teria essa mensagem, não é?

— Não, eu queimei.

— Tudo bem. — ele passou as mãos pelos braços dela de uma forma que esperava ser calmante. Pena que não estava fazendo nada por ele. — Tudo bem. Teremos apenas que torcer para que outra pista apareça.

Passos ecoaram no corredor, gradualmente ficando mais altos e depois sumindo. A casa estava acordando. A qualquer momento, uma empregada pode pedir para entrar para cuidar do fogo. Ele tinha que tirar Isabelle daqui antes disso. Não seria bom expô-la a outro ataque de gritos femininos sobre escândalo, ruína e falta de moral.

— Por enquanto — acrescentou ele — acho melhor te ver em casa.

GEORGE pode estar pensando em algum tipo de plano, mas talvez também esteja grato pela distração que impediu a discussão anterior. Ele estava escondendo algo. Isabelle sabia disso, sem dúvida, da mesma forma que ela sempre poderia dizer quando Jack estava tramando algo ruim. Seu filho tinha um sorriso particular, muito amplo e inocente para ser verdadeiro. Céus, Jack. E quando ela teria notícias de seu filho? Por favor, deixe ser hoje.

George, aparentemente, possuía a mesma expressão. Talvez todos os homens tivessem.

Agora vestidos, eles caminharam pela via principal da aldeia, George tagarelando sobre inconsequências e sorrindo como um idiota. Ele esperava que ela caísse nessa?

Sem dúvida ele esperava. Ela se apaixonou pelo resto, afinal, e o deixou ficar com seu corpo. Imagens da noite anterior passaram por sua mente. Imagens quentes e carnudas acompanhadas por uma sensação de derretimento em seu núcleo.

Oh, sim, ela cairia de novo, dada qualquer tipo de provocação. Ele tinha despertado algo dentro dela, algo insidioso e exigente como seu talento, só que era uma fome por mais dele. Se ela fechasse os olhos, ela poderia ver os ângulos e planos de seu peito. Seus dedos lembraram a textura desses músculos. Sua língua lembrou o gosto de sua pele. Uma fome, sim, mas que exigia todos os seus sentidos para ser satisfeita.

Todos os seus sentidos, todo o seu corpo, tudo ela mesma. Muito idiota, ela, se cedesse. Mas ela cederia. Essa compulsão estava além de sua resistência.

A nota estava logo depois da soleira quando ela abriu a porta. Um inocente quadrado de papel dobrado, todo branco imaculado, o mesmo tipo de papel de carta do primeiro. Sua pulsação latejava no pescoço. Isso deve ser novidade. Tinha que ser.

Pressionando a mão na garganta, ela o agarrou.

> "Se você quiser ver seu filho de novo, trará mil libras para o cruzamento onde o trajeto de carruagem da casa de Shoreford encontra a rodovia principal para Londres. Amanhã à noite. Venha sozinha."

Ela piscou, mas a nota concisa disse o mesmo na segunda tentativa. Suas pernas de repente se recusaram a suportar seu peso e ela cambaleou. Um par de mãos fortes de dedos longos em sua cintura a estabilizou.

George. Ela quase esqueceu sua presença. — Aqui. O que é isso?

Sem palavras, ela entregou-lhe o recado.

— Mil? — Ele fechou a mão sobre o papel. — Bom Deus.

— Não tenho mil — respondeu ela mecanicamente. Respirar era difícil quando alguém tinha acabado de enfiar o punho em seu estômago. Ou talvez um machado estivesse mais perto do alvo. — Não essa noite. Nem mesmo no próximo ano.

— Eu tenho.

— George, não. — Ela virou. — Não posso aceitar seu dinheiro. Não depois da noite passada. Isso me faria sentir como se você me pagasse por meus favores.

Pagar por seus favores, e ainda assim ela faria qualquer coisa por seu filho. Ela poderia se rebaixar a se vender por dinheiro? Qual era seu orgulho e dignidade ao lado de seu filho?

Ele a agarrou, seus longos dedos como algemas enroladas em seus braços. Ela sentiu como se ele pudesse esmagar seus pequenos ossos, caso a ideia o levasse. — O que quer que tenha acontecido entre você e eu, o sequestro de Jack não teve nada a ver com isso. O que eu… Cristo.

A expressão em seu rosto a surpreendeu. Nunca em todos os seus sonhos de menina de um futuro pretendente ela tinha imaginado tal intensidade, tal gravidade misturada com pura emoção. O calor em seus olhos derreteu seu cinza metálico. Isso

a prendeu no lugar, enquanto um fogo em resposta acendeu dentro.

— Deixe-me fazer isso. — Até mesmo suas palavras pesavam sobre o que quer que o tivesse movido. Senhor lá em cima, com aquela voz, o homem pode atrair um anjo para o pecado.

— Eu preciso saber por quê. — Como ela conseguiu um tom tão firme, ela nunca saberia. Por dentro, ela estava toda trêmula.

Ele enfiou a mão no sobretudo e retirou uma bolsa. Seus lados tricotados estavam salientes. Ele a jogou sobre a mesa dela, onde encontrou o tampo de madeira com um baque pesado. — Eu tenho o montante. Você não.

Meu Deus, o homem carregava grandes somas nos bolsos e as jogava fora como se fossem moedas de um centavo. Ela colocou a mão sobre o coração acelerado. — Por acaso você carrega mil libras com você?

Um sorriso tenso apareceu em seus lábios. — Duvido que haja até quinhentos aí, mas é um começo. E não, eu não tenho o hábito de carregar tantas moedas comigo. — ele acenou com a mão, o gesto apenas aparentemente indiferente. Uma estranha tensão se instalou em seu rosto, deixando suas bochechas rígidas. — Ganhei nas cartas.

— Você deve saber que não posso retribuir.

BOM Deus, ele estava nervoso. Apenas alguns momentos atrás, ele quase manifestou seus sentimentos como uma mulher histérica. Ridículo. Ele pode muito bem se importar, pode muito bem estar preparado para protegê-la a todo custo, pode muito bem querer passar cada minuto do dia com ela.

Inferno, ele quis fazer essa proposta, não porque ele se derramou dentro dela, mas por causa desses sentimentos condenáveis. E ela se recusava a levá-lo a sério.

De qualquer forma, um homem não admitia essas coisas. Ele as expressava por meio de presentes, sacrifícios e prazeres prestados. Ele ofereceu um maldito casamento. Se o pior acontecesse, ele os expressava através da música, mas colocá-los em palavras?

— Eu não exijo reembolso. Sua felicidade é recompensa suficiente.

Seu queixo se enrugou e ela engasgou com um soluço, caindo contra o peito

dele, os ombros arfando. Ele deslizou as mãos pelas costas dela, as palmas mapeando suas omoplatas antes de deslizar para cima para se enredar em seu cabelo.

Que péssimo mentiroso ele era. Ele até mentiu para si mesmo. Os sentimentos que se danem. O que quer que estivesse ocorrendo nele não poderia ser descrito em termos tão frágeis como sentimentos. Em questão de dias, ela abriu caminho até o coração dele com sua mistura única de coragem e vulnerabilidade. Criada para ser a senhora consumada, quieta e digna, ela não murchou sob o peso de sua fortuna reduzida.

Ele olhou para o quarto de hóspedes… lareira de pedra, mesa e bancos rústicos, ervas penduradas no teto, armário aberto cheio de frascos. Isso era tudo que ela tinha, e nem mesmo era dela. Ele poderia oferecer a ela algo melhor, oferecer para tirá-la de tudo isso e dar-lhe alguma aparência da vida que ela conheceu.

Ele tinha oferecido, droga, e ela quase recusou.

Ela era uma coisa tão pequena, enterrada contra ele, e ainda assim ela conseguiu tomar todo o seu coração. Ela se mexeu, mas em vez de se aninhar mais perto, ela ergueu a cabeça. Por reflexo, seus braços se apertaram, mas ela resistiu, seu corpo passando de desossado para rígido o suficiente para alertá-lo.

Ela estava agradecida, mas não se rendeu completamente. Um poço de lágrimas não derramadas brilhou em cada olho, mas ao invés de amolecer, o líquido teve o efeito oposto. Nenhuma corça assustada, sua Isabelle.

— Eu odeio isso. — Ela se afastou dele, sua boca beijável firmando-se em uma linha.

— O que você odeia?

— Que estou em posição de receber e nunca dar. — ela se virou ligeiramente, mostrando-lhe o ombro e a curva suave de seus seios. Ela colocou os braços em volta da cintura, abraçando-se, substituindo o conforto dele pelo dela. Orgulhosa como qualquer princesa, ela inclinou o nariz em direção ao teto.

Sim, ele podia imaginá-la em um suntuoso vestido de baile, à luz de uma centena de velas, rechaçando pretendentes. Ele nunca teria tido uma chance.

— Não mantenho registro e não peço nada em troca.

— Esse não é o ponto. Mesmo que você não peça nada, sinto a dívida e isso me irrita.

— E se… — ele remexeu no bolso do colete. Graças a Deus. Ele ainda tinha o marcador de Leach… um tiro longo, mas melhor do que nada. — E se descobrirmos onde Jack está e você não tiver que pagar resgate?

Seus olhos giraram. — Como você vai lidar com isso, — ela disse fracamente, — quando não há sinal?

— Na chance… — Ele desdobrou o pedaço de papel. — Leach me deu isso outro dia, e já que ele se foi…

George alinhou as mensagens e comparou a caligrafia. Ambos continham a palavra mil, e o floreio particular no movimento ascendente do M, o arabesco arrebatador na no L, o pinto alargado no i… Leach tinha definitivamente enviado as notas, mas ele não poderia ter sido o homem que abordou Isabelle na estrada. — Bem, eu serei amaldiçoado.

Isabelle esticou o pescoço. — O que é isso?

— A escrita é a mesma, e ainda. — Ele captou o olhar dela. — Você me disse que não conhecia Leach.

— Eu não. Você acha que eu esqueceria um nome assim?

Não, claro que ela não esqueceria. Ninguém iria. — Mas nada disso faz sentido. Por que Leach fugiria com um garoto qualquer da vila? Por que ele pensaria que uma criança assim seria boa para lhe render mil libras? Ele teria que saber quem você é. É quase como se ele fosse o pai do menino.

Isabelle ficou tensa. — O pai de Jack desapareceu da sociedade na mesma época que eu.

— Então você está dizendo que o nome do homem pode não ser Reginald Leach.

— Não, a menos que ele inventou um novo. — ela desviou o olhar. — O pai de Jack atendia pelo nome de Roger Padgett.

Capítulo 20



PADGETT. Maldito. O homem estava condenado a seguir George, ao que parecia. Mas quem era o verdadeiro Padgett? George tentou imaginar o macaco que o havia espancado como um sedutor de garotas e não conseguiu realizar a façanha. O vestido chamativamente que ele conheceu na festa de Revelstoke, aquele que encantou Henrietta, tinha uma chance muito maior.

Que o diabo o levasse, é melhor ele não ter tocado em Henny.

— A julgar pela sua expressão, você conhece o homem. — As bochechas de Isabelle ficaram rosadas, e ela não encontrou seu olhar. Sim, ela deveria ter vergonha. Ela poderia ter feito muito melhor. — Mas não entendo como.

Não que ele pudesse dizer a ela. Ele é irmão da minha amante… ou assim George supôs pelo nome. Sim, isso funcionaria bem. Não. Deus, não.

Um arrepio repentino deixou suas mãos úmidas, e outra peça do quebra-cabeça se encaixou. Não admira que eles nunca tenham encontrado Jack na aldeia. Padgett e sua irmã não o mantiveram ali, não quando poderiam levá-lo de volta a Londres, para aquela casa geminada superfaturada na Bedford Street que Lucy insistira que ele alugasse.

— Você está se sentindo bem? Você ficou pálido.

— Estou bem. — Ele balançou a cabeça para limpar a névoa de seus pensamentos turbulentos. Ele poderia consertar isso. Ele poderia devolver o filho de Isabelle a ela… desde que a impedisse de acompanhá-lo. Mas como deixá-la aqui sozinha sem nenhuma ideia do que ele estava fazendo? Maldição, que bagunça.

— Quero saber como você conheceu Padgett. Ele não podia frequentar os mesmos círculos que você.

— Quando você o conheceu, ele tinha inclinação para o jogo? — Quando ele

não estava arruinando garotas inocentes, isso sim.

— Ele jogava cartas, como qualquer cavalheiro.

— Sim, bem, ele pode ganhar a vida com isso agora. Ele conseguiu acumular algumas das minhas dividas. — Dividas, sim, como as garantias de Barnaby Hoskins. E se Leach fosse realmente Padgett, o bastardo estava bem ali quando George recebeu a mensagem. Ele provavelmente se regozijou consigo mesmo ao mesmo tempo em que estava encantando Henrietta.

George passou a mão pelo cabelo. Espere aí, ele teria que admitir suas suspeitas sobre o paradeiro de Jack. Contanto que ele fosse cuidadoso, entretanto, ele ainda poderia salvar a situação. Ele teria que ser extremamente cuidadoso. Ele estava prestes a deixá-la muito zangada.

— Dado esse desenvolvimento… — ele mediu suas palavras lentamente, para adiar a admissão final — acho que posso providenciar o retorno de Jack sem pagar o resgate.

Ela enrijeceu, visivelmente, como um pequeno tremor sacudindo seu corpo. Lentamente, ela se soltou e seus braços caíram. — Você sabe onde Jack está.

Ele pigarreou. Se ele pudesse prolongar o momento para sempre. Se ao menos ele pudesse voltar no tempo e abraçá-la mais uma vez. Pois assim que ele respondesse, ela voltaria sua considerável determinação contra ele. Ela poderia muito bem nunca perdoá-lo.

Não adiantou. Quanto mais ele demorava, pior sua reação. Ele assentiu. — Tenho uma boa ideia, sim.

Em sua exuberância, Jack uma vez correu de cabeça para baixo em sua barriga. A força de sua cabeça colidindo com seu intestino forçou todo o ar de seus pulmões. Esse ofego ardente por ar não era nada comparado ao que ela sentia agora. Ela lutou para respirar dolorosamente.

— O que? Como? — Ela era incapaz de qualquer coisa mais coerente, apesar da confusão de perguntas que enchia sua garganta.

— Porque eu sei quem é Roger Padgett — disse ele lentamente, como se relutasse em fazer tal confissão.

— Então você acabou de dizer. Algo sobre dívidas de jogo.

— Não, eu sei mais do que isso. Eu conheci o homem.

— Quando? Quando você o teria conhecido?

Um rubor opaco avermelhou suas bochechas. — Sim, bem, essa é realmente uma boa pergunta.

E o que diabos isso queria dizer? Ela cruzou os braços. — Ele é um dos seus camaradas?

Mas então, isso não poderia estar certo. Certamente ela poderia ter se cruzado com George em outra vida.

— Não é um amigo, não. — Ele desviou o olhar e passou a mão pelo cabelo, fazendo-o ficar em pontas de areia. — Prefiro não incomodá-la mencionando a associação, mas a irmã de Padgett é minha ex-amante.

Com a palavra, um arrepio trouxe arrepios em seus braços. — Entendo.

Ela não deveria se importar. Ela certamente não deveria sentir nada semelhante a ciúme. Sua habilidade no quarto, seu claro gosto pelo corpo feminino, não surgiram do nada.

Ainda assim, ter suas amantes anteriores atiradas em seu rosto como um corte surpreendentemente profundo, e o corte não era limpo. Como uma faca cega, cortou seu peito, através da carne, osso e músculo para deixar uma cicatriz irregular, ao lado da cicatriz que Padgett havia deixado.

Ela não deveria deixar isso afetá-la, não deveria deixar transparecer. Além de sua promessa de trazer Jack para casa, George não lhe fez promessas. Ele não tentou ganhar o afeto dela por meio de falsas declarações. Bom Deus, ele havia pedido a ela para se tornar sua amante a mesmo de uma semana atrás. É verdade que ele também a pediu em casamento, mas isso foi apenas porque ele se esqueceu de si mesmo. Ele não dissimulou nada.

Sua própria mente a traiu mais uma vez. Permitiu-se construir mais uma fantasia, que lhe permitia justificar a entrega a outro homem.

Não mais.

Ela ia ter seu filho de volta e, a partir de então, ela estava cansada de homens que a usavam para seu prazer. Mas você também teve prazer. Mais do que prazer, foi o paraíso.

Ela jogou o pensamento de lado, afastou-o de sua mente da mesma forma que Deus expulsou Adão e Eva do Éden. Ela não merecia mais do que eles.

— Entendo. — repetiu ela, firmando a voz junto com o queixo. Ela poderia fazer isso. Ela poderia se manter a distância. Eventualmente, os sentimentos que ele despertou em seu coração desapareceriam. Eventualmente, ela esqueceria que quase se deixou apaixonar. — Não me importo com suas ex-amantes ou mesmo com a atual.

— Não há nenhum atual. — Seu olhar se fixou nela.

O calor subiu por sua nuca. — Quero meu filho de volta. — disse ela, ignorando a pontada de constrangimento. — Se você souber como encontrá-lo, agradeceria que me contasse.

Pronto. Isso soou suficientemente frio. Se nada mais, sua família a ensinou como se esconder atrás de uma fachada de boas maneiras.

— Suspeito que encontraremos Jack em Londres. — respondeu ele com firmeza. — Posso pegar a carruagem de nossa família e trazê-lo de volta amanhã.

— Você vai pegar a carruagem? Ah não. Você vai me levar com você.

Ele não respondeu de imediato. Em vez disso, ele abriu a boca algumas vezes, como se tivesse decidido a resposta adequada, apenas para fechar os lábios com a mesma rapidez.

Ela olhou para ele. — Você não pode esperar que eu fique aqui sozinho como uma leiteira afetada.

Seus ombros se ergueram quando ele respirou fundo. — Não, suponho que não. Mas devo avisá-la. Estou levando você para a casa da minha ex-amante.

Querido Senhor, poderia ficar pior? Se ele ainda tivesse a orientação de sua amante, não poderia ter passado muito tempo desde que ele encerrou o relacionamento. Na verdade, ela ainda deve estar habitando os aposentos que ele providenciou para ela. Ela ainda estaria ocupando a cama onde ele a visitou.

Isabelle fechou os olhos contra a visão de alguma beleza voluptuosa se contorcendo sob seu toque de perito. Seu estômago despencou em algum lugar perto de seus pés. Essa ex-amante sabia que George se referia a ela como tal ou a mulher antecipou seu retorno à cidade?

E agora tal mulher tinha Jack.

Confie em mim. Sim, George implorou por sua confiança até ela ceder. Ela também confiou em Padgett, apenas para vê-lo abandoná-la no momento em que ela lhe deu o que ele queria. Bem, George garantiu sua rendição, junto com sua confiança.

Seu coração disparou no peito, a ponto de se estilhaçar em mil cacos. Não. Não, não e não. Ela teria seu filho de volta, ela manteria seu coração e ela seguiria em frente com esse episódio.

Sozinha.

No final da tarde, a carruagem começou a percorrer as ruas de Mayfair. O barulho das rodas ecoava nos ouvidos de George, o ruído anormalmente alto como se estivesse tentando compensar o silêncio pedregoso na cabine. Se Isabelle estava zangada com ele agora, quanto mais fria sua fúria ficaria quando confrontasse a realidade de Lucy?

Acima de tudo, ele queria evitar apresentar as duas, mas não conseguia, em sã consciência, manter Isabelle longe de seu filho.

Malditos escrúpulos, sempre o colocando em dificuldades. Por que ele não podia deixar de lado as coisas inconvenientes e fazer o que quisesse? Por que ele tinha que se envolver?

Diante dele, Isabelle olhava pela janela para o desfile de residências da moda. A cada empurrão que passava na carruagem, a cada impulso e parada enquanto eles penetravam o coração do que uma vez tinha sido seu mundo, ela erguia outra camada de gelo sobre si mesma. Uma pérola construída de gelo, talvez, mas o gelo tornava-se um amortecedor frágil. Um golpe sólido quebraria o escudo.

Por fim, eles estremeceram e pararam na casa de Lucy em Bedford Street, um endereço fora de Mayfair propriamente dito, mas perto o suficiente para que os

outros residentes fossem comerciantes ricos. Paredes de arenito claro protegiam a rua por trás de grades de ferro forjado. Parecia respeitável, embora não completamente na moda. Um próspero comerciante pode escolher tal moradia. O aluguel do local certamente era caro o suficiente para encher os bolsos do proprietário.

Isabelle olhou para a cerca de ferro forjado que separava o prédio da calçada. A casa era muito maior, mais confortável e mais ricamente decorada do que sua casa na aldeia. Cristo, que pensamentos podem estar passando por sua cabeça?

Ela merecia muito mais do que isso. Ela certamente cresceu com coisas melhores, mas suportou piores sem reclamar.

A carruagem balançou quando o cocheiro saltou da cabine para descer os degraus. George se levantou primeiro e ofereceu sua mão. Ela apertou os lábios em uma linha e mal o tocou quando pisou na calçada.

— Seis anos desde que estive na cidade — murmurou ela. — Seis anos, e quando eu volto, é para fazer uma visita a uma cortesã. — Ela sacudiu a saia cinza desbotada. — E não estou vestida melhor do que um criado.

Ela poderia ter feito tal comentário soar rancoroso. Só Deus sabia que Lucy o teria feito no lugar de Isabelle. Mas Isabelle parecia apenas envergonhada e um pouco triste. Uma lavagem de rosa coloriu suas bochechas.

— Prefere esperar na carruagem? — George arriscou. Deus, deixe-a dizer sim. Lucy daria uma olhada em Isabelle e pularia direto para a jugular.

— Se eu quisesse esperar, teria ficado em Kent. — Sua resposta foi fria, sim, mas ela mais uma vez se retirou para trás de seu escudo de gelo. Deixe-a ficar lá por enquanto. Ela iria precisar de toda a proteção que pudesse obter.

Ele subiu a escada e deixou a aldrava cair uma vez, com firmeza. Nesse momento, a porta se abriu.

— Srta. Padgett não está recebendo ligações, a menos que… — a empregada de Lucy parou no meio da frase e seus olhos se arregalaram. — Oh céus.

George arqueou uma sobrancelha em uma afetação treinada de tédio. — De fato.

— Ela me disse que você não voltaria, senhor. Chamou você de todos os tipos de nomes, ela o fez.

— Imagino que sim. — Ele inspecionou suas unhas. — Contudo…

— Isso significa que você mudou de ideia? — Impertinente como sua dona, esta aqui. Não é de admirar que ela não conseguisse encontrar um empregador mais respeitável.

— Pretendo visitar a Srta. Padgett, e antes que você diga que ela não está em casa, devo lembrar quem a contratou para esta posição? — Não apenas a contratou, mas deixou passar uma referência de personagem suspeito.

— Sim, senhor. — Qualquer outra empregada teria sorrido e corado. Bessie o olhou diretamente nos olhos, suas bochechas retendo seu tom pálido habitual.

— Que bom que você se lembrou. — Ele fez menção de passar por ela.

— Não pode entrar aí, senhor — disse Bessie apressada.

— Por quê? — Ele tamborilou os dedos contra a estátua de mármore de um querubim logo além da soleira. O diabo? Quando Lucy adquiriu essa monstruosidade? Mais importante ainda, quem recebeu a conta? — Ela está entretendo outro cavalheiro?

Lucy encontrar outro protetor seria uma dádiva de Deus absoluta. Quanto tempo ela iria mantê-lo quando sua barriga começasse a crescer?

— Pode-se dizer isso, senhor, sim.

Ele pode dizer isso? — Sim, bem, suponho que sou um cavalheiro apenas na maneira de falar. Agora, deixe-me passar.

— Sr. Upperton. — Droga, Isabelle parecia tão indignada quanto qualquer um dos defensores da sociedade que poderiam ter pego sua única filha sozinha com um libertino notório. Ou ele, por falar nisso, embora fizesse questão de evitar garotas novatas. — Se meu filho foi exposto a… a comportamentos impróprios, eu nunca irei… — ela se interrompeu e desviou o olhar.

Sem dúvida, ela estava prestes a dizer que nunca o perdoaria, só que ela se lembrou que o desaparecimento de Jack não foi culpa de George. Não importava, ela tinha muitos outros motivos para não perdoá-lo.

Ele se virou para ela. — Tenho certeza de que Jack está são e salvo.

Lucy possuía um traço malicioso, mas certamente ela não faria mal a um garoto inocente, embora indisciplinado.

— Vou ver isso por mim mesma. — Isabelle passou por ele, passou por Bessie chocada e entrou no foyer.

— Qual é o problema… — Droga. Toda a comoção deve ter tirado Lucy de onde quer que ela estivesse se escondendo. — Quem é você e o que deseja, entrando assim? — a voz de Lucy gotejava altivez.

George entrou no foyer para encontrar as duas mulheres se avaliando.

O lábio superior de Lucy se curvou enquanto ela olhava as roupas de Isabelle. — A entrada dos criados fica nos fundos, mas você também pode ir embora. Não estou procurando pessoal no momento.

Isabelle olhou por baixo do nariz para a outra mulher. — Onde você escondeu meu filho?

Se as duas estivessem competindo pelo desdém, George não teria certeza de onde fazer sua aposta.

— O que te faz pensar que eu quero alguma coisa com um pirralho comum?

— Já chega, Lucy. — George avançou pelo parquet.

— Você. — Lucy empalideceu sob a camada generosa de ruge em suas bochechas. — Meu Deus, você não sumiu no mundo.

Ele ignorou a zombaria. — Nós sabemos que você tem Jack. Seu irmão assinou a nota de resgate. — Mentira, mas o que importa quando se trata de sequestradores e charlatões? — Simplesmente decidimos mudar as condições da troca. — Thump, thump, thump. Suas botas batiam no chão em um ritmo uniforme e, a cada baque, a tez de Lucy parecia um pouco mais branca. — Você sabe o que eles fazem com sequestradores? Eu me pergunto o que um ou dois anos em Newgate fariam pela sua aparência.

— Esse não era meu plano — protestou Lucy. — Foi tudo ideia de Roger.

— Então você sabe onde o menino está.

Em vez de responder, Lucy levou as costas da mão à testa, deu um grande suspiro e desabou no chão, tão suavemente quanto qualquer atriz de Covent Garden.

Isabelle olhou intencionalmente da pilha envolta em seda no chão para George. — Quão conveniente.

— Ela sempre teve um senso de tempo impecável. — Ele tentou sorrir, mas temeu não ter conseguido nada melhor do que uma careta.

Bessie foi na ponta dos pés até a patroa, como se tivesse medo de acordá-la. — Talvez a mulher das ervas saiba o que fazer.

— Não seja ridícula — disse George. — Ela está fingindo. Uma boa bofetada…

— Mulher das ervas? — Isabelle parecia impossivelmente esperançosa. Quais eram as chances?

Bessie assentiu. — A senhora ouviu falar dela na aldeia e mandou trazê-la. Nome engraçado. Não Bingham ou Bingley ou qualquer coisa que você esperaria.

— Biggles?

— Sim é isso.

Isabelle estendeu a mão trêmula. — E o Jack está aqui? Onde? Eu imploro, leve-me até ele.

Bessie prendeu o lábio inferior entre os dentes. — Acho que ele está um pouco mal.

Assim como Lucy havia feito antes, Isabelle ficou branca, só que o efeito era totalmente diferente. Essa expressão de terror fez o coração de George disparar. Isso acendeu um desejo nele de ir até ela, tomá-la em seus braços e protegê-la de todos os males do mundo. Se ela apenas permitisse o gesto.

— Qual o problema com ele? — sua voz tremia junto com seus membros. — Ele nunca fica doente. Oh, leve-me até ele.

— Ele está lá em cima. — Bessie apontou com o queixo. — Ele ficará bem em um ou dois dias. Minha senhora pensou em mantê-lo quieto com doces. Ele apenas comeu alguns a mais.

Isabelle caminhou em direção à escada. — Graças a Deus ela pensou em

procurar Biggles então.

Bessie a seguiu. — Oh, senhora não trouxe Biggles para o seu filho. Ela queria alguém com conhecimento sobre… — A empregada lançou um rápido olhar para George e sussurrou algo no ouvido de Isabelle. Ele percebeu algo sobre como restaurar a regularidade feminina. — Queria ter certeza de que ela não carregava um pirralho.

Entre a escola e seu clube de boxe, George tinha recebido mais do que seu quinhão de socos no estômago. A declaração de Bessie foi notavelmente semelhante… um golpe forte que arrancou o ar de seus pulmões, seguido pela queimação de tentar recuperar o fôlego. Ele deveria ficar aliviado que ela não iria sobrecarregá-lo com a responsabilidade de uma criança, e parte dele ficou muito feliz em saber que não estaria sustentando o bebê de Lucy pelos próximos vinte anos ou mais.

Outra parte dele queria quebrar alguma coisa, de preferência algo exigente e frágil como a estátua horrível de um querubim que agora adornava o foyer.

Em vez disso, ele se ajoelhou no chão, controlou seu temperamento e bateu na bochecha de Lucy. Ela abriu os olhos imediatamente. Naturalmente. Ela estava fingindo estar desmaiada.

— Você estava planejando me notificar sobre sua mudança de circunstância em breve? — perguntou ele com os dentes cerrados. — Ou você ia ver quanto tempo conseguiria me enganar?

Ela se endireitou, mas ao mesmo tempo se encolheu. Bom. Ele nunca se rebaixaria a bater em uma mulher, mas a deixaria se preocupar. — Este não foi um esquema meu. Foi tudo coisa de Roger. Tudo isso.

— Mas você lucrou em concordar com isso, não é? — ele se inclinou para frente. Seu lado raivoso o agarrou com um aperto inquebrável. — Não foi?

— Naturalmente. — disse ela tão calmamente como se estivesse escolhendo um vestido novo na modista. Naturalmente, vou ficar com a seda. O Sr. Upperton está pagando a conta.

— Naturalmente. — ele cuspiu de volta. — Você não faz nada a menos que

haja um lucro a ser obtido.

Ela encolheu os ombros. — Negócio é negócio.

— Meu negócio com você acabou. Espero que você tenha desocupado as instalações até o final da semana.

— Fim da semana? Como vou encontrar um novo protetor tão rapidamente?

Ele passou o olhar pelo corpo dela. Pensar que uma vez ele a achou atraente. Agora ele só via vulgaridade. — Tenho certeza que você vai conseguir. Você foi uma boa foda.

— E suponho que você vá instalar minha substituta até sexta-feira. — Ela apontou para o teto. — Espero que planeje vesti-la melhor.

— Ou talvez você tenha a sorte de encontrar um idiota rico o suficiente para assumir o aluguel deste lugar. Você nem mesmo precisa se mudar.

— Ela é uma boa foda?

Se ela fosse um homem, ele estaria batendo nela até virar uma maldita polpa agora. Não. Não, ele não poderia descer a tal nível. Verbalmente, talvez, mas fisicamente? Nunca. Ele cerrou os punhos para se impedir de segurá-la pelo corpete e puxá-la para cima para jogá-la contra a parede.

— Não que seja da sua conta, mas eu não comi ela. — Não era nem mentira. Ele levou Isabelle para sua cama, mas o que aconteceu não foi nada como seus encontros com Lucy ou qualquer uma de suas amantes anteriores. Com Isabelle, ele transcendeu a fisicalidade terrena de um mero balanço.

Ela se levantou. — Eu não acredito em você.

— Estou cansado desse assunto. — Seus dardos intermináveis um contra o outro não levavam a lugar nenhum. — Por que você não me diz onde seu irmão está para que eu possa terminar com vocês?

Ele esperava mais zombarias, considerando a maneira como ele emergiu de seu último encontro. Embora aquele macaco não fosse realmente Padgett, não é?

Em vez disso, ela se virou para correr o dedo pela borda de um vaso de porcelana. Sem dúvida avaliando seu valor. — Ele saiu.

— Conveniente, isso. — George se levantou. — E quando você o espera de volta?

Ela considerou uma caixa de rapé de madrepérola. Esta casa geminada provavelmente seria apresentada ao próximo inquilino, sem todos os seus objetos de valor portáteis. — Ele não costuma me incomodar com esses detalhes.

— Não, claro que não. — Ele fez uma pausa. Como um nocaute, o sparring verbal era tudo uma questão de tempo. — Diga-me, eu realmente vi seu irmão?

— O que diabos você está falando?

— Oh, só um palpite. Aquele homem que tentou derrubar meu bloqueio. Você deve se lembrar. Você mostrou a ele uma preocupação fraternal. Ou sua preocupação era de natureza mais vil?

— Por que você… — o peito de Lucy se contraiu e seu punho cerrou-se sobre aquela maldita caixa de rapé. — Como você ousa? Você não sabe nada.

— Parece-me que a senhora protesta demais. — Ele estudou suas unhas. — Aquele macaco tentou me dar uma surra, mas não conseguiu. Então você também pode admitir. Você armou para mim.

— Tudo bem, mas não foi ideia minha. Roger não queria correr o risco de você reconhecê-lo, já que ele iria à mesma festa que você. Então ele contratou um bandido.

— Ah sim, a verdade vai sair no final. Agora só preciso esperar que ele volte para retribuir o favor. Ele terá que voltar amanhã de manhã, o mais tardar. Ele deveria trazer Jack de volta para Kent, afinal.

— Você não pode simplesmente se convidar a ficar.

Ele arrancou a caixa de rapé da mão dela e a recolocou no console. — É minha casa. Eu paguei por seu uso. Posso ficar aqui se quiser.

— Você vai ficar? Aqui? — Isabelle falou do meio da escada, com frio desprezo entrelaçando suas palavras. Em seus braços, ela erguia um Jack decididamente de aparência verde. Biggles seguia atrás dela.

— Só até eu terminar meu negócio com o irmão dela. — Ele subiu para encontrá-la e estendeu os braços para pegar o menino.

Ela o apertou mais. — Pretendo voltar para Kent o mais rápido possível. Não desejo ter mais nada a ver com este lugar.

George ficou rígido quando um arrepio gelado atingiu sua barriga. Ele não confundiu o tom dela. Era distante e imperioso, o mesmo que seu comportamento durante toda a viagem à cidade. Nada mais a ver com este lugar pode significar nada mais a ver com você.

Não. Ele não a deixaria ir tão facilmente. Ele poderia acertar suas contas com Padgett mais tarde, mas se recusava a deixar Isabelle ir para casa com questões ainda não resolvidas entre eles. — Você não pode voltar agora. É muito perigoso depois de escurecer.

— Eu não vou ficar aqui.

— Devo dizer que não. — Biggles fungou. — Não posso dizer que você tem muito gosto quando se trata de prostitutas.

— Prostituta? — Lucy gritou. — Como você ousa?

George ignorou a explosão e fixou seu olhar em Isabelle. Olhe para mim. Olhe. — Vou levá-la para a casa da minha família. — Antes que ela pudesse expressar qualquer protesto sobre decoro, ele acrescentou: — Não há ninguém na residência, exceto os criados com minha mãe e irmãs ainda em Shoreford. Você pode viajar para Kent pela manhã.

Ele se afastou da escada para dar-lhes espaço para passar. — Vamos embora agora — acrescentou ele a Lucy. — Se seu irmão decidir que gostaria de receber seu resgate, terei o maior prazer em recebê-lo.

Ele pagaria, certo. Ele pagaria com alfinetadas e direto no queixo. E se o covarde tentasse falar para se livrar da situação, George não toleraria isso. Ele iria se balançar e deixaria sua fúria por Isabelle abastecer seus golpes.

Capítulo 21



ISABELLE afastou o cabelo da testa do filho. Jack se mexeu na roupa de cama, mas seus olhos permaneceram fechados. Sua pele estava fria, mas seca, um sinal de que ele logo estaria de volta ao seu jeito travesso de sempre, uma criança saudável, e ela teria que encontrar uma maneira de mantê-lo sob sua vista.

— Ele vai ficar bem — Biggles a tranquilizou, mas Isabelle estava igualmente feliz em ver as evidências por si mesma.

Graças a Deus. Graças a Deus, seu filho estaria cheio de vida mais uma vez, quando as coisas poderiam ter sido muito piores. Ao que tudo indica, Lucy não expôs Jack a nada escandaloso. A ex-amante de George passou os últimos dias ignorando o menino tanto quanto possível, e quando Jack insistiu em fazer sua presença conhecida, ela o encheu de doces para mantê-lo quieto. Isabelle precisava se concentrar nessa realidade e não pensar no que poderia ter sido… ou no nojo que crescia em sua barriga sempre que pensava em George com aquela mulher.

Uma batida soou na porta. Ela sabia quem era antes de responder. Biggles não faria cerimônia, e Isabelle não tinha pedido nada aos criados.

Maldição, ela não queria enfrentar George. Por que ele insistiu em trazê-la para a casa de sua família quando certamente os servos falariam? Sua família ainda saberia de sua presença assim que voltassem para casa… se não antes. Ele saiu da festa em casa sem avisar ninguém. Certamente eles fariam perguntas em seu retorno a Shoreford.

E ela pode estar no meio do caminho para casa agora. Quanto mais cedo ela se livrasse de George, mais cedo ela poderia começar a esquecer… tanto o prazer que eles compartilharam quanto o que ela aprendeu hoje sobre seu verdadeiro caráter.

— Isabelle, — veio sua voz, abafada pela grossa tábua de madeira, — eu sei que você está aí.

Suspirando, ela cruzou o tapete pesado até a porta. Seis anos se passaram desde que seus passos conheceram esse tipo de amortecimento. Seis anos de madeira implacável e sapatos mal ajustados. Ela empurrou os pensamentos de lado como meras reclamações infantis. Ela se ajustou e poderia continuar assim.

Ela abriu uma fresta da porta. — Fale baixo. Jack foi dormir.

— Bom. — Ele teve a chance de tomar banho, fazer a barba e se trocar. Ele estava diante dela agora, a expressão composta e fechada, vestido com um sobretudo preto, colete verde escuro e gravata engomada de todas as coisas. Roupa de noite… veludo e brocado nada menos… como se ele estivesse planejando sair. — Podemos falar francamente então. Você não me deu uma resposta esta manhã.

Bom Deus. A proposta. Depois de tudo o que havia acontecido hoje, ele estava preocupado com uma maldita proposta feita pelo dever de acalmar uma consciência culpada. Só até esta tarde, ela não sabia o quão culpada. — Eu estava prestes a recusar você.

— Recusar? Mesmo depois de ter tido tempo para pensar?

Ela queria fechar a porta na cara dele. Não, ela queria bater, mas ele só iria bater e insistir para que ela falasse. Para evitar perturbar o filho, ela cruzou a soleira e fechou a porta atrás de si. — A resposta é não, agora mais do que nunca.

Ele abriu a boca. Céus, e ele pensava em discutir? É hora de evitá-lo. — Diga-me, você pediu a sua amante em casamento?

Ele balançou a cabeça levemente como se não tivesse ouvido direito. — Propor a Lucy? Por que em nome de Deus eu faria isso?

— Ela estava grávida, não estava? — Isabelle tamborilou os dedos na coxa. — Bem, não estava?

— Sim mas…

— Deixe-me ver se entendi bem. — Ela respondeu com cuidado, uma proposição difícil quando a cegueira dele a fazia querer gritar. Como ele poderia não ver como as circunstâncias de Lucy eram paralelas às dela? — Você me propõe a possibilidade de eu estar em um estado delicado, enquanto outra mulher está carregando seu filho?

— Não é o mesmo. Ela era uma amante. Ela sabia tomar precauções.

— Como é que isso é diferente? Ambas servíamos ao mesmo propósito.

— Não. — Ele beliscou a ponte do nariz. — Não, você não. Nem pense em se comparar com aquela harpia.

— Harpia, não é? Ela estava carregando seu filho.

— Ela nunca teve a intenção de deixar isso acontecer. — Ele estendeu a mão para ela, e ela recuou contra a porta. — Você ouviu empregada dela. Ela trouxe Biggles para se livrar dele.

Biggles, sim. Se Lucy passasse tão pouco quanto um dia na aldeia, ela teria a chance de ouvir sobre a reputação de Biggles. — E você nunca teria sabido de outra forma, se não tivesse vindo para a cidade hoje.

Ele soltou um suspiro irritado e olhou para o corredor por alguns segundos. — Porque Lucy estava tentando tirar toda a franqueza de mim.

Certo então. Se ele se recusava a ver, ela não tinha escolha a não ser soletrar para ele. — Isso não muda o fato de você saber que ela estava grávida e a abandonou. Isso não o torna melhor do que Padgett. Não posso me casar com um homem que faria isso.

* * *

O inferninho do jogo cheirava a charuto e conhaque, aqueles aromas essencialmente masculinos de acordo com sua irmã, mas cortando aquele fedor estava o fedor mais forte de corpos sujos perfumados com desespero. George teceu seu caminho entre as mesas de jogo de azar, suas tampas cobertas de baeta desbotadas e gastas pelo uso, onde dólares desgrenhados desperdiçavam suas mesadas em um lance de dados.

Através da escuridão, ele avistou sua presa bem atrás… um grupo de homens mais jovens, bem vestidos, sentados a uma mesa de faro. Pombos em potencial.

O que passava por lacaio em um lugar como este, um homem sujo vestido em um tecido caseiro esfarrapado, surgiu para lhe oferecer uma garrafa de conhaque. Ah, as vantagens de ser conhecido. George dispensou o homem. Ele queria todas as suas faculdades sobre ele esta noite.

Além disso, se ele caísse na tentação de beber, ele baixaria a guarda e pensaria em Isabelle. Ele se lembraria da maneira como ela impugnou seu caráter, e se ele fizesse isso, ele poderia ter que enfrentar a verdade do que ela disse.

Em seu lugar surgiu a memória de um retrato… Julia e Revelstoke se olhando nos olhos como se o mundo começasse e terminasse ali. Por alguma razão, o olhar de adoração no rosto de Julia fez sua garganta engrossar. Depois de sua confusão, Isabelle nunca faria uma expressão semelhante para ele.

Maldito seja se ele não desejasse exatamente isso, mesmo que isso significasse fazer de si mesmo um idiota e olhar para trás como um bezerro apaixonado. Fogo do inferno e danação se ele não fosse o maior idiota de todos eles. Ele se apaixonou e não percebeu isso até que fosse tarde demais.

Ele afastou o pensamento junto com a emoção. A única verdade que pretendia enfrentar esta noite era algumas apostas judiciosas no faro até convencer um pombo a enfrentá-lo em um jogo mais fácil de manipular. Vencer no piquete dependia mais da habilidade do jogador do que do puro acaso da mesa de faro. Se ele tomasse cuidado com o conteúdo de sua bolsa, ele poderia multiplicar a quantia várias vezes. Ele poderia ganhar o suficiente para pagar as dívidas de Summersby junto com as suas. Agora que Isabelle o havia deixado de lado, era hora de ele retomar sua missão para restaurar a dignidade de um amigo e, talvez, junto com ela, também a dele.

Alerta a qualquer movimento repentino, ele se aproximou do grupo no fundo da sala. Nunca se poderia ser muito cauteloso em um lugar onde a bebida forte e a diversão formavam uma combinação explosiva. Ele carregava uma faca na bota por precaução, tanto para os habitantes do inferno quanto para os ladrões que espreitavam lá fora. Ao que tudo indica, esses jogadores eram dândis. Seus cabelos empilhados com pomada e os acabamentos superfinos cheiravam a dinheiro. Assim como o dele.

— Boa noite, senhores. — Noite. Que piada. Eram quase duas da manhã. — Posso entrar na sua mesa?

Um dos jogadores engoliu uma bebida pela metade e olhou George de cima a baixo. Avaliando seu valor, sem dúvida. Ele se vestiu com tanto cuidado quanto o homem que o examinou. Em um sobretudo de veludo com nada menos que três

porta-chaves de relógio pendurados em seu colete de brocado, ele havia superado esses jovens. Para ter certeza de sua recepção, ele retirou a bolsa de dentro do sobretudo e a ergueu. Os soberanos lá dentro tilintaram uns contra os outros.

O homem deu uma cutucada em seu companheiro e acenou com a cabeça. Muito melhor. Deixe que pensem que George é um alvo fácil. Ele se sentou e estendeu a mão. — Meu nome é Upperton, a propósito. — Ele olhou de um rosto para o outro. Os outros três eram mais jovens do que ele, mas o homem à sua direita parecia vagamente familiar. — Você não foi a Eton?

— Mas é claro que sim. Meu nome é Matthews.

George enfiou a mão na bolsa e trocou vários guinéus por fichas. Apenas algumas por enquanto. Ele precisava guardar a maior parte de seus fundos para mais tarde, quando atraísse um deles para um jogo privado. — Pensei ter visto você em algum lugar.

Matthews estendeu a mão e moveu sua pilha de fichas para o rei de espadas. Um olhar para o encarregado do caso confirmou a suspeita de George de que a aposta era estranha. Três dos quatro reis já haviam sido jogados. Ou o homem estava perdido ou fingindo não entender o jogo.

— E os seus amigos? — George solicitou. Ele estendeu a mão em volta da mesa, coletando nomes: Andrews, Williams e Roberts… homens que querem nomes de família adequados, e não apenas nomes supérfluos vagamente disfarçados.

— Eles foram para Harrow — disse Matthews. — Padgett também.

— Padgett? — George se mexeu na cadeira e a maldita coisa quase tombou. Não era possível. Simplesmente não era possível. A sorte de George nunca era tão boa. De todos os infernos do jogo em Londres, ele simplesmente achou Padgett por acidente. Se ele tivesse decidido procurar o idiota, ele teria passado uma semana ou mais procurando. — Ele está aqui?

Roberts sorriu. — Ele subiu as escadas por um momento.

Lá em cima, onde as prostitutas executavam seu comércio, agradando aos clientes com seus ganhos. — Só um momento? Certamente ele é mais homem do que isso.

— Ele já se foi há algum tempo — disse Williams.

George assentiu, tomando cuidado para não demonstrar sua ansiedade. Sob o movimento, a cadeira estremeceu. Coisa maldita barata. Sem dúvida, ele havia visto uso como arma uma ou duas vezes, os encontros com uma cabeça dura e outra enfraquecendo-a ainda mais. — Parece uma perda de tempo valioso, quando você pode estar ganhando.

— Como conhece Padgett? — perguntou Matthews. — Ele não voltou à Inglaterra há muito tempo. Ele viveu no continente nos últimos anos.

— Ainda tivemos a chance de nos encontrar aqui e ali. — Ele manteve o olhar fixo no jogador. — Você está pensando em fazer uma aposta?

Se George conseguisse fazer algumas apostas mal planejadas da mesma maneira que Matthews, ele teria uma chance de atrair um deles. Qualquer coisa, contanto que ele não perdesse as boas-vindas antes que Padgett reaparecesse.

Na terceira vez que perdeu, ele deu uma risada autodepreciativa. — Parece que estou sem prática. Uíste sempre foi mais meu jogo.

A ideia de jogar uíste trouxe à tona memórias de inventar uma versão de duas mãos com Isabelle. Ele afugentou a imagem, mas não antes que uma pontada estranha atingiu seu estômago. Droga, ele precisava se concentrar mais do que nunca, porque assim que ganhasse o suficiente e depois de acertar as contas com Padgett, ele estaria bem e verdadeiramente desistiria de Isabelle.

Então ele poderia seguir o longo e tortuoso caminho que o levaria a esquecê-la. Eventualmente. Em mais algumas décadas.

Não surpreendentemente, nenhum dos outros entendeu a dica e sugeriu uma mudança de jogo. Afinal, eles podiam jogar uíste para apostas altas em qualquer função. Mas ele devia tomar cuidado para não perder muito mais, ou ele cavará para si um buraco do qual teria dificuldade de escalar. Na verdade, é melhor sentar na próxima curva. — Eu passo essa aposta.

— Desculpem a demora, rapazes — gritou uma voz alegre pelas costas de George. — A senhora simplesmente não estava satisfeita com apenas uma tentativa.

George ficou rígido em sua cadeira e sua cadeira balançou ameaçadoramente.

Sim, aquela voz, aquela entonação, aquele meio particular de expressão que sugeria floreios selvagens de uma mão rodeada por renda. O homem que ele conheceu em Kent como Leach, mas que na verdade era irmão de Lucy. Pai de Jack.

George girou em seu assento, quase derrubando a cadeira sitiada, para ter certeza. Ele trouxe o retrato da Srta. Abercrombie à mente… o sorriso largo do idiota, o ás saindo de sua manga. Ele entendeu o simbolismo daquela carta agora. Padgett não era um trapaceiro nas cartas, por si só, mas era um charlatão.

George ficou de pé, imitando aquele sorriso de retrato. Ele nunca foi de procurar confronto, mas oh, como ele estava ansioso por este, jogou em seus termos. Ele tinha imaginado conhecer o pai de Jack e felizmente estrangular o bastardo, mas agora ele tinha um plano muito mais satisfatório. Se ele jogasse certo, ele poderia arruinar o homem, assim como o idiota tinha arruinado Isabelle.

— Noite aí. — Ele estendeu a mão. — George Upperton. E seu nome?

Padgett recuou e olhou George de cima a baixo. Seu sorriso se estendeu até quase uma careta. — Meu Deus, o que está fazendo aqui?

— Jogando faro com meu amigo Matthews aqui. Mal, se você quer saber. Os outros têm me contado as histórias mais estranhas. Parece que eles estão aqui com um homem chamado Padgett. Mas você não o conheceria, não é?

O sorriso de Padgett desapareceu e ele baixou a voz. — Posso falar com você em particular?

George voltou a sentar-se, plantando os pés para evitar que a cadeira balançasse. — Tenho certeza de que tudo o que você tem a dizer, você pode dizer na frente dos outros.

Os outros olhavam para George e o recém-chegado como um glutão avaliaria uma bagatela que chegava ao teto.

— Qual é mesmo o seu nome? — acrescentou George.

— Padgett. — Ele cuspiu o nome como se fosse uma maldição, que na opinião de George era a forma mais adequada de pronunciá-lo.

— Quer se juntar a nós? — George espalhou suas fichas em várias cartas. É hora de começar a usar uma estratégia diferente. — Tenho que admitir que é uma

coincidência muito estranha. — Ele ignorou Padgett por enquanto e se dirigiu a Matthews. — Acabei de chegar de uma festa em uma casa em Kent. Um dos convidados parecia exatamente como Padgett aqui. Mesma altura, mesmo rosto, mesma voz. Um gêmeo idêntico, eu juro.

Williams cutucou Padgett com o cotovelo. — Roger, você nunca disse que tinha um irmão gêmeo.

— Não, apenas uma irmã — acrescentou Roberts.

E o que os outros diriam se George revelasse que a dita irmã o servira na cama nos últimos seis meses? — Oh, esse homem não poderia ser irmão de Padgett. Ele nos disse que seu nome era Reginald Leach.

— Leach? — Matthews fez uma pausa no meio de empilhar suas fichas.

— Sim — disse George — esse era o nome. Você já ouviu algo mais ridículo? De qualquer forma, esse sujeito Leach gostava de se ouvir falar. Nada como nosso amigo Padgett aqui. Você está terrivelmente quieto, sabe. Tem certeza de que se sente preparado para algumas voltas?

— Talvez ele próprio esteja exausto. — disse Matthews.

Os outros riram.

— Por que você não cala a boca e faz a próxima aposta? — Padgett rosnou. — Ou tem medo de contrair mais dívidas? Parece que ouvi uma ou duas coisas sobre você.

— Eu ficaria feliz em combinar qualquer aposta que você gostaria de fazer. Nós poderíamos ir um a um. — George casualmente tirou um maço de cartas de seu sobretudo e entregou a Matthews para inspeção. — Piquet, se quiser.

As palavras de George transbordaram de bravata, mas ele não se importou. Ele sabia detalhes desagradáveis o suficiente sobre o homem sentado à mesa. Ele poderia sacudir Padgett com uma farpa bem posicionada. Tudo depende do tempo, assim como no ringue de boxe. Ele só precisava daquele instante fugaz quando seu oponente baixava a guarda e bang… ele entraria sorrateiramente com seu gancho de esquerda exclusivo. E daí se, neste caso, esse gancho fosse verbal?

— Como posso saber se você é bom nisso? — Padgett zombou.

— Estou mais preocupado se você é bom nisso. Veja, eu joguei contra Leach na semana passada.

— Espere um pouco — interrompeu Andrews. — Quem diabos é esse Leach?

— Só Deus sabe. O nome soa inventado se você me perguntar. — George deu uma embaralhada final nas cartas. — Vamos começar a trabalhar, senhores? Por que não começamos com a quantidade dessa aposta?

GEORGE segurou sua última carta, sabendo que venceria qualquer coisa que Padgett segurasse. Essa era a beleza do piquete. Um jogador imprudente pode entregar o conteúdo de sua mão na fase de declaração, tornando-o muito mais fácil de vencer.

Padgett olhou carrancudo para uma montanha de fichas. A mão final, e o suficiente sobre a mesa para subornar Redditch e mais, do jeito que George havia planejado.

— Vá em frente — Padgett disse. — Acabe comigo.

George se permitiu um sorriso. — Talvez eu prefira saborear o momento.

— Por quê? Você sabe que ganhou.

Não apenas venceu, mas levou todas as manobras desta mão… um capot. A vitória deveria tê-lo exaltado. Em uma rodada de cartas, suas dívidas seriam pagas, junto com a de Summersby, mas ele deixaria seu oponente sair com o pote inteiro se isso significasse que ele poderia ficar com Isabelle.

Ele cutucou uma pilha de fichas no valor de pelo menos cem na direção de Padgett. — Que tal eu dar a você a chance de ganhar de volta algumas de suas perdas antes de virar a carta final?

Os olhos redondos e turvos de conhaque de Padgett. — Por que em nome de Deus você faria isso?

— Eu quero respostas. — George bateu sua última carta virada para baixo na mesa. — Por que você abandonou Isabelle?

O olhar de Padgett voou de um lado para o outro… verificando a reação de seus amigos. Os outros ficaram sentados em um silêncio extasiado, concentrados nos procedimentos. A cada salva verbal, suas cabeças balançavam para frente e para trás

como se estivessem rastreando o progresso de uma bola de críquete. Com essas testemunhas presas, pelo menos ninguém mais tarde acusaria George de trapaça.

— Eu não sabia que ela estava em uma condição delicada.

George pegou uma ficha da pilha de Padgett. — Oh, vamos agora. Você sabia que deveria contatá-la antes de fugir com seu filho.

— Eu não sabia no começo.

— Isabelle disse que você desapareceu logo depois de seduzi-la.

— Eu tive meus motivos. — Padgett olhou para suas fichas, como se temesse que George pudesse privá-lo de mais algumas. — Já foi ruim eu ter arruinado ela. Só que não corri longe o suficiente antes que os comparsas do pai dela me alcançassem e me contassem sobre o resto, que eu a deixei grávida. Ele queria restituição.

— Então você correu em vez de fazer a coisa certa.

— Meu Deus, cara. Você sabe que tipo o conde de Redditch é? — Padgett há muito abandonou seus modos joviais e os substituiu por uma espécie de desespero implacável. George tinha visto expressões semelhantes no rosto de Summersby. — Claro que corri. Achei que ele não poderia me tocar no continente. Do jeito que estava, ele demorou um pouco para me encontrar.

— Então por que voltou?

— Eu inventei um esquema para vencer o desgraçado em seu próprio jogo. — Padgett esticou os lábios em uma aparência de sorriso que estava tão longe de seu sorriso usual quanto um olhar malicioso de caveira. — Em vez de eu pagar, seria ele me pagando para ficar calado sobre sua filha.

George reprimiu um surto de raiva. — E você tinha que envolver a criança nisso?

— O garoto era um meio de chamar a atenção de Redditch. Isabelle não podia pagar, mas Redditch podia. Não que isso importe mais, não é?

Deus do céu, que risco idiota de correr. Por mais que o homem tenha demonstrado cuidado com sua filha, ele não teria dado um figo pela criança. Não, Redditch era frio o suficiente para deixá-los todos apodrecendo.

Fim de jogo. Ele virou a última carta, levantou-se e agarrou Padgett pelas lapelas. — Então você estava disposto a arruiná-la de novo?

Padgett rolou os ombros para se livrar do aperto de George. — Ela já estava arruinada. O que é isso para você?

Roberts e Matthews se levantaram, mas George ultrapassou aquela barreira insignificante. Ele contornou a mesa, ergueu o punho e bateu no rosto de Padgett. Seu nariz se apertou sob os nós dos dedos de George, sua cabeça foi jogada para trás e sua cadeira tombou. A mesa pesada acenou. Como George adoraria mudar isso também, mas não às custas de seus ganhos duramente conquistados.

— Você não passa de um covarde patético — rosnou ele sobre a forma inerte de Padgett.

Ele recolheu seus ganhos e caminhou até o postigo para trocar suas fichas. Com cada baque de seus hessianos no chão, sua raiva se esvaiu, enquanto o eco de suas últimas palavras repetia em sua mente. Covarde patético. George poderia muito bem ter dirigido essas palavras a si mesmo.

* * *

A carruagem de Upperton parou chocalhando no meio da rua empoeirada. Depois de horas sentado quieto, Jack se contorceu para se livrar do abraço de Isabelle, sem dúvida ansioso para tirar as dobras de suas pernas. Assim que os degraus foram abaixados, Jack se libertou.

— Você deve ficar perto de casa. — Isabelle repreendeu enquanto saía.

— Ah, mamãe.

— Ele passou dias preso sem nada para fazer a não ser comer — Biggles a lembrou. — Deixe-o correr.

— Ele pode correr o quanto quiser no jardim. — Ela nunca iria deixá-lo fora de vista novamente.

Biggles colocou a mão carnuda em seu ombro. — Você não vai segurá-lo para sempre.

Isabelle sabia. Deus, ela sabia. Mas nos próximos dias, ela entraria em pânico

toda vez que o menino deixasse sua linha de visão.

— Entre em casa. — Biggles deu um aperto reconfortante. — Vou acender o fogo e fazer um chá para vocês.

Isabelle parou na soleira. Biggles havia pisado em um retângulo de papel cor de creme caído no chão. Ela pegou. Um cartão de visita de qualidade, como o que ela costumava possuir. Um arrepio percorreu sua espinha e ela virou o cartão. O nome e o título de seu pai marcharam no pergaminho em tinta preta, tão grossa que as letras estavam em relevo. Uma convocação. Seu pai a estava chamando de casa, tantos anos depois que ele a expulsou. Mas por que?

— O que é tudo isso então?

Ela ergueu os olhos bruscamente, mas o olhar de Biggles não estava fixo nela, mas no canto perto da lareira.

Isabelle limpou os restos do piquenique escandaloso que ela e George compartilharam, mas a cesta ainda estava no canto próximo à lareira. A visão trouxe de volta uma onda de memórias agora dolorosas, mas ela se recusava a pensar nelas. — Recebi alguns presentes da mansão. Tem chocolate. Talvez possamos fazer um pote para Jack.

Biggles baixou as sobrancelhas em uma carranca. — Aquele menino teve mais do que sua cota de doces. Ele certamente recusaria depois de toda a dor de barriga que sofreu.

Esse pronunciamento foi quase tão doloroso quanto qualquer memória de George que seu cérebro pudesse evocar. A consideração do presente de Julia a tocou profundamente. A ideia de finalmente fornecer a seu filho uma indulgência a encantou, e agora até essa chance havia sido destruída. Lucy chegara primeiro e estragou o presente para Jack. Agora Isabelle estava privada até mesmo da pequena alegria de ver os olhos de seu filho se arregalarem de prazer na primeira vez que ele sentiu o deslizamento de veludo do chocolate em sua língua.

— Maldita mulher. — murmurou ela, cruzando os dedos sobre o cartão do pai.

Agachada diante da lareira, Biggles olhou por cima do ombro. — O que é essa

agora?

— Essa… essa… — Isabelle não conseguiu pronunciar o nome, nem conseguiu encontrar um identificador adequado para descrevê-la.

Biggles, entretanto, continuou. — Essa prostituta? Certamente, mas essa conversa está abaixo de você.

Bem, Isabelle sabia disso. Ela nem mesmo pensava em seu primo nesses termos, mas Lucy… Lucy havia roubado seu filho, e George… Não, não, ela não devia pensar nele. George nunca tinha sido dela. Ele nunca seria.

Você poderia tê-lo tido. Você poderia ter dito sim.

Talvez, mas a que preço? Melhor ela nunca ter descoberto.

— Quer falar sobre o que aconteceu enquanto estive fora?

— Eu deixei um homem me encantar novamente. — Isso era seguro. Isso ela podia admitir sem pensar no que poderia ter acontecido. — Você pensaria que eu teria aprendido melhor depois da primeira vez.

— Os homens são feitos para encantar as mulheres, e nós, como mulheres, estamos inclinadas a cair. É assim que as coisas são.

Isabelle ficou olhando enquanto Biggles cutucava seu fogo nascente. — Você nunca foi tão tola.

— Insensata? — Biggles estendeu a mão para a chaleira. — Talvez. Mas com sorte também. Eu nunca fui pega.

Claro que não, e se ela estava grávida, sabia exatamente o que fazer para restaurar seu curso.

— Você não gostaria de um poejo com o seu chá, certo?

— Não. — A resposta foi automática. Idiotice da parte dela, talvez, se ela realmente estava esperando o filho de George, mas ela não poderia eliminar a semente mais do que ela pode com Jack. Ela olhou para cima para encontrar Biggles observando-a de perto. Ela sustentou o olhar da outra mulher e repetiu a resposta. — Não.

— Você se apaixonou pelo homem, então?

Isabelle fechou os olhos contra o escrutínio contínuo de Biggles. — Isso não importa. Eu não tenho nenhuma reclamação sobre ele, aconteça o que acontecer. Se eu tiver um filho, ele nunca saberá.

Biggles abriu a boca, mas uma batida na porta interrompeu sua resposta.

— Céus, dê um tempo para o corpo chegar em casa. — ela murmurou. — Devem ter seus narizes empurrados pela janela esperando nossa chegada.

— Sim, e agora eles vieram ver o que podem desenterrar. — Isabelle respondeu sombriamente.

Biggles pressionou os lábios em uma linha de assentimento e abriu a porta. — Ora, Sra. Weston.

A esposa do vigário estava no limiar, sua expressão controlada, ou talvez um termo melhor fosse definida.

Isabelle se levantou e procurou imediatamente o bolso. Ela carregava o feixe de ervas da Sra. Cox com ela por quase três dias, embora agora possam estar com o aspecto pior depois de ensopados. — Peter está doente de novo?

— Não vim por causa do Peter.

O tom da Sra. Weston carregava um tom que enviou um dedo de advertência rastejando espinha de Isabelle. Ela já tinha ouvido esse mesmo tom de censura antes… de sua própria família. — Então por que você veio? Acabamos de recuperar meu filho.

— Eu estou ciente. — A esposa do vigário permaneceu firmemente enraizada na soleira da porta, como se o ar da casa pudesse de alguma forma estar contaminado. No entanto, ela esticou o pescoço e seu olhar disparou para os cantos distantes da sala. — É um meio de transporte sofisticado. Espero que tenha sido bem elaborado.

Tão legal ela estava em sua superioridade, tão composta. O pai de Isabelle se comportou da mesma maneira… sempre um cavalheiro, mesmo quando expulsou a própria filha de casa.

Biggles cruzou os braços sobre os seios fartos. — Você veio por um motivo ou está fofocando?

— É meu infeliz dever, em nome da paróquia, informar a Srta. Mears que ela não é mais bem-vinda como residente desta aldeia.

— O que é isso agora?

A Sra. Weston continuou como se Biggles não tivesse dito uma palavra. — Estávamos dispostos a tolerar um filho natural. Qualquer um pode cometer um erro, mas desde que o erro seja expiado, desde que seja visto com arrependimento e uma firme intenção de não repetir o erro, bem…

Ela acenou com a mão como se estivesse espantando uma mosca. — O que não vamos tolerar é o tipo de comportamento que pode levar a mais bastardos. Além do exemplo intolerável dado por tal comportamento, não vemos necessidade de dar esmolas, quando isso poderia ser evitado por meio de uma moralidade mais rígida.

Os babados na touca de Biggles tremeram quando ela se levantou. — Quanta coragem você tem, falando sobre moralidade quando Isabelle está doente de preocupação com seu filho. Não tens coração? Eu garanto que você nunca levantou um dedo para ajudá-la na busca.

— Meu filho estava doente.

— Ele não ficaria doente se você se certificasse de que ele comeu corretamente. Pirralho mimado.

Isabelle já deveria ter reagido, mas uma dormência causada pelas emoções avassaladoras dos últimos dias a envolveu. Ela poderia muito bem estar andando na altura da cintura em água gelada. Não mais. Depois de perder seu filho, depois de Lucy, depois de George, depois de todos os anos que ela lutou para ser aceita neste lugar, ela não sentia mais vontade de lutar. A sociedade a derrotou. Deixe-os vencer.

Ela fechou o punho sobre o cartão de seu pai, e suas bordas grossas cortaram sua palma. Afinal, ela tinha escolha. — Está tudo bem, Biggles. Jack e eu partiremos pela manhã.

Capítulo 22



O MORDOMO DE REDDITCH conduziu George a uma pequena sala. A sala claramente não era um lugar onde o mestre receberia seus convidados mais ilustres, mas suas madeiras polidas, móveis estofados de seda e papel de parede em relevo tornavam o espaço bem decorado. Um gosto discreto que gritava embotado.

O carpete exuberante abafou o som de seus passos enquanto ele se dirigia a uma pintura. Uma moldura ornamentada, debruada em dourado, cercava o retrato de um homem de aparência altiva em uma peruca branca, as bochechas pintadas de vermelho, a mão enfiada no peito de um casaco azul-esverdeado. Renda em cascata dos punhos e da garganta do sujeito. Sua mão livre empoleirada em uma bengala.

George se permitiu um sorriso severo. Redditch era um defensor do decoro, ou pelo menos da aparência de decoro, mas este ancestral — Nada além de um janota.

Passos ecoaram pelo vasto corredor além, e George se virou, embora sua cadência rápida indicasse pernas muito curtas para pertencer a um adulto.

Jack entrou trotando na sala. — Pensei ter visto você.

George prendeu a respiração. O que diabos Jack estava fazendo aqui? E com esse traje? O menino estava vestido com calças verdes profundas e colete do mesmo veludo que ele viu nos lacaios. Libré. Redditch transformou seu próprio neto em um servo.

George se ajoelhou para ficar no mesmo nível da criança. — Por que eles fizeram você se vestir assim?

Jack olhou para suas roupas e franziu o rosto em uma carranca. — Eastwicke diz que preciso. Eu não gosto muito disso. O casaco coça e os sapatos pinicam.

— E o que te mandaram fazer com essa roupa? — George não conseguia

imaginar uma posição adequada para um garoto de sua idade. Ele era pequeno demais para os estábulos e ainda não tinha desenvolvido a força física exigida dos empregados domésticos.

— Eles estão se preparando para me tornar o menino do corredor. Apenas Eastwicke diz que devo melhorar minhas maneiras e fala.

George se levantou e foi até a janela. Menino de salão! Nada melhor do que esvaziar os penicos dos criados e polir as botas do patrão. Quando ele fosse um pouco mais velho, ele poderia avançar para acender o fogo da cozinha. Como Isabelle poderia permitir isso? Como ela poderia pensar que esta vida era uma melhoria em relação à vida deles em Kent?

— Você gosta de ser menino de corredor? — Ele lutou para manter o tom casual.

— Está tudo bem. Não gosto das roupas, mas Cook me dá toda a carne que posso comer.

Bem, sim, pelo menos ele não estava morrendo de fome, mas garoto do corredor! — O que sua mãe tem a dizer sobre a sua situação?

Antes que Jack tivesse chance de responder, uma voz soou no corredor. — Esse menino! Para onde ele foi agora?

Os olhos daquele menino se arregalaram. — Eu tenho que correr.

Ele saiu correndo da sala antes que George pudesse dizer outra palavra. Ótimo. Ele queria quebrar alguma coisa. Ele olhou para o retrato do dândi. — Eu deveria acabar com sua miséria.

Não que mandar seu punho pela tela o fizesse se sentir melhor. Ou torná-lo querido para Redditch, por falar nisso. Ele deve pelo menos começar esta entrevista com uma nota amigável. Desfigurar o ancestral do conde dificilmente cabia no papel.

E onde estava Isabelle nessa monstruosidade de casa? Ela ao menos tinha uma palavra a dizer sobre a educação de Jack, agora que ela voltou para sua família? Eles realmente a acolheram, ou ela vivia como uma serva também?

Ele balançou a cabeça, como se isso fosse limpar seus pensamentos sobre ela. Tinha acabado. Ela não conseguia perdoá-lo. Ele deve aceitar isso e esquecer. Assim

que ele deixasse Redditch hoje, seu último vínculo com ela seria rompido. E então ele não teria mais razão para pensar nela, para deitar na cama à noite e sonhar com o doce refúgio de seu corpo.

Mais passos, desta vez mais pesados, anunciaram outra chegada iminente. George pressionou as unhas na palma da mão, a dor leve um lembrete de que ele deveria manter seu sangue frio. A ideia de Jack ser tratado como o mais baixo dos servos fazia seu sangue disparar em suas veias em torrentes ferventes.

Mas ele esfriou os calcanhares durante semanas, esperando Redditch retornar à cidade. Ele não alcançaria nada se fosse expulso por insolência ou, pior, violência.

— Sim, e o que posso fazer por você? — Redditch não possuía nada da beleza etérea e linhas delicadas de sua filha. Exceto pela falta de roupas excessivamente espalhafatosas, ele tinha uma semelhança impressionante com o almofadinha do retrato, embora seu nariz fosse mais longo e fino. O melhor para desprezar os peões.

— Fomos apresentados? — Seu tom combinava com seu ar, frio e distante. Em puro desdém, Isabelle era igual a ele. Ela proferiu suas palavras finais para George com a mesma quantidade de gelo.

— Seu homem não te deu meu cartão?

Sem resposta. Nem mesmo um piscar de olhos cinza de aço.

— Não importa, milorde. Eu vim a negócios.

Redditch ergueu o queixo. — Você tem negócios comigo?

— Em nome de Adrian Summersby, sim. — George esperava uma reação a esse nome, no mínimo.

— Devo saber quem é?

O homem era feito de gelo? Mesmo assim, o calor da raiva de George seria suficiente para derreter o conde, e logo. Seu sangue estava pronto para ferver.

— Devo supor com essa pergunta que você persegue tantos homens para tirar suas próprias vidas, você não consegue nem manter seus nomes corretos? — George enfiou a mão no bolso com a mão trêmula e retirou uma bolsa pesada. — Tem mais de onde isso veio, um pagamento inicial, se você quiser. Pensei em dar a

você para limpar o nome de um amigo.

Redditch o olhou nos olhos. — Você gosta de se inclinar em moinhos de vento?

— Do que diabos você está falando?

— Você deseja restaurar a honra de um suicida. — Redditch deu uma risada feia. — O que vem a seguir? Você vai fazer uma petição à igreja para dar a ele um enterro decente e aos tribunais para devolver seus bens aos herdeiros?

George deixou seu peito se expandir com o ar, de novo e de novo, o suficiente para que a vontade de jogar a bolsa na cabeça de Redditch diminuísse. — Você tem ideia de como é quando um velho amigo coloca uma pistola na boca e puxa o gatilho? Sim, graças a você. Não é agradável.

As bochechas pastosas de Redditch assumiram um tom rosado. — Você não pode colocar a culpa nos meus pés se o homem foi muito covarde para cumprir suas obrigações.

— Ele estava desesperado. — George sibilou. Ele não se permitiria gritar, não cederia à necessidade de agarrar este bastardo pelas lapelas e esmurrá-lo. — Seus lacaios o perseguiram até que ele não viu outra saída. E para quê? Lucro imundo. Você não parece estar em grande necessidade.

Ele jogou a mão na direção do almofadinha. — Meu Deus, você pode vender uma pintura ou duas e fazer a diferença.

— Agora veja aqui…

George levantou a bolsa. Pesava muito em sua palma, mas certamente não tão pesado quanto as preocupações de Summersby durante aqueles dias finais. Definitivamente, não tão pesada quanto as funções de Jack pesariam sobre ele ao longo dos anos.

Jack.

Apenas um deles estava vivo. Apenas um teria que suportar a noção de justiça e propriedade desse homem. E Jack era tão jovem. Anos se passariam pela frente do menino antes que ele pudesse se livrar dessa situação, se é que algum dia o conseguiria. George não poderia condenar uma criança a isso. Ele tinha bastante

experiência pessoal com um parente o segurando.

Quanto à viúva de Summersby, ele tinha o suficiente para garantir seus cuidados também.

— Sim, entendo agora. — Ele fechou os dedos sobre o saco de moedas. — Eu mudei de ideia. Não estou prestes a lhe dar tanto quanto um centavo pelas dívidas de Summersby. Você pode engasgar com elas.

Redditch abriu a boca, sem dúvida para chamar o mordomo, junto com um ou dois lacaios volumosos para convencê-lo a ir embora.

— Não importa o que aconteça. — George disse antes que Redditch pudesse gritar — Summersby não vai voltar, e há quem viva a considerar. Vou colocar esses fundos em um fideicomisso… em nome de seu neto.

O rosa nas bochechas do conde se transformou em duas manchas vermelhas feias. — Não tenho neto. — rugiu ele.

— Posso ver como você prefere negá-lo, já que atualmente você o está tratando como seu menino de salão.

— Você não sabe nada da minha família. Nada!

— Acho que sua filha também foi levada para algum lugar. Talvez eu a encontre na copa.

— Eastwicke!

— Você pode querer reconsiderar antes de convocar seus durões. Sei muito sobre os escândalos de sua família, tenho muita certeza de que você prefere ficar quieto. — George girou a bolsa na mão. — Tenho certeza de que tenho o suficiente aqui para imprimir panfletos.

O mordomo apareceu na porta. — Chamou, senhor?

— Um erro da minha parte. Eu não preciso de nada. — Redditch esperou até que Eastwicke retornasse ao seu círculo chamado de inferno antes de continuar. — Se você imprimir panfletos, processarei por difamação.

— Um problema com isso, milorde. — George se permitiu um sorriso. — Não é difamação se for verdade.

— Como ousa me ameaçar?

— Eu prefiro não fazê-lo, se pudermos chegar a um acordo. Prefiro gastar tudo isso em algo que valha a pena, como arranjar um lugar para Jack em Eton.

— Eton? — Redditch riu. — Mais moinhos de vento, não é? Eton não admite bastardos.

— Harrow então. Não tema, encontrarei uma escola pública que o aceite.

— Ele nunca será admitido na sociedade educada, não importa se ele tem educação para isso. Na verdade, quando ele chegar à escola, os outros meninos o lembrarão de suas origens diariamente.

George concordou. Como ele conhecia bem as maquinações das escolas públicas inglesas. Ele sobreviveu e Jack também sobreviveria. — Pretendo garantir que ele tenha os tutores adequados. Tanto em latim como em boxe.

* * *

Uma fungada do lado de fora da sala matinal colocou os sentidos de Isabelle em alerta. Ela pôs de lado o pano de limpeza e se voltou para o som. Jack se escondeu no corredor. O olhar em seus olhos voltados para baixo gritava culpa.

Aquele garoto, sempre vagando. — O que você está fazendo aqui? — ela perguntou. — Você sabe que Eastwicke não aprovará se você não estiver em seu posto.

— Não importa o que ele pensa. — Sua resposta foi dura e taciturna.

— Você deve ter cuidado com sua boa opinião. — Quantas vezes nas últimas semanas ela repetiu esse ditado? — É assim que você manterá sua posição para que possa ganhar seu sustento como um homem adulto.

— Eu não quero mais ganhar meu sustento aqui. — Ele avançou alguns passos para dentro da sala. — Eu quero voltar e morar com Biggles.

Isabelle cruzou os braços sobre o corpete cinza escuro e bateu os dedos no cotovelo. A insatisfação de Jack com seu atual arranjo de vida dificilmente era uma coisa nova, mas os últimos dias haviam passado sem reclamação. Ela achou que ele estava se acostumando com isso. Finalmente.

— Eastwicke conversou com você de novo?

O lábio inferior preso entre os dentes, Jack balançou a cabeça.

Uma olhada no corredor não mostrou nenhum mordomo ou lacaio se aproximando deles. Talvez ela tenha tido tempo de convencê-lo a retornar ao seu posto. Ela se ajoelhou e colocou o braço em volta do ombro dele. Ele estremeceu sob seu toque, o movimento não evasivo. Não, foi mais um estremecimento. Ele manteve a mão direita escondida atrás das costas. Que estranho.

— Você tem algo pra mim? — perguntou ela com cuidado.

Outra sacudida de cabeça.

— O que você está escondendo então? — Seu instinto disse a ela que não era nada bom.

Em sua recusa em responder, ela agarrou seu braço. Teimoso até o fim, ele se manteve rígido. Quando ela finalmente conseguiu persuadir sua mão à vista, sua respiração acelerou em um suspiro. Eram vergões vermelhos e raivosos cobriam uma palma que inchava rapidamente.

— Eastwicke fez isso? — Ela recorreu a um sussurro para manter a voz firme. Não havia sentido em perturbar mais o menino. Ela estava chateada o suficiente por ambos.

Ele assentiu e ela o puxou para um abraço completo. A parte de trás de seus olhos queimava e seus dedos tremiam contra o cabelo áspero de seu filho. Mandaria tudo para o diabo. Eastwicke, aquele idiota exagerado. Ela não iria tolerar isso. Jack pode não ter mais posição nesta casa do que os servos inferiores, mas ela não se afastaria e permitiria que ele fosse maltratado.

— Veremos sobre isso — disse ela, as palavras tanto uma promessa para si mesma quanto uma afirmação para seu filho. — Vou dar uma palavrinha com papai e veremos.

Ela soltou Jack e ficou de pé, pressionando as palmas das mãos ao longo da saia sem pensar. Ela não tinha motivos para alisar essas ervas daninhas, mas ainda mantinha orgulho suficiente para enfrentar o pai com o queixo erguido.

Ele puxou o avental dela. — Mamãe?

— O que é, querido?

— Eu não estava no meu posto.

— Sim. — Ela bagunçou o cabelo dele. — E você ainda não está.

— Mas, mamãe, George está aqui.

— George? — O que diabos? Seu pulso disparou. — Você quer dizer o Sr. Upperton.

— Sim, George. — Céus, Jack parecia tão esperançoso, como se George pudesse resgatá-lo novamente. — É por isso que eu não estava no meu posto. Eastwicke o acompanhou e eu tinha que ter certeza.

Seu coração saltou em sua garganta. Ela pressionou as pontas dos dedos no entalhe na base do pescoço, como se isso pudesse persuadi-la a acalmar seu ritmo rápido. Ela não podia esperar por um resgate desta vez. O que ele poderia querer aqui? Maldição, ela não deveria se importar. Ela não se permitiria. Ela nunca superaria a dor se não pudesse controlar sua reação ao mero pensamento de sua presença.

Ela faria isso. George ou não, ela enfrentaria seu pai e diria a ele em termos inequívocos o que ela não toleraria.

Ela mandou Jack de volta ao seu posto e caminhou pelo corredor, sem conseguir conter a enxurrada de memórias. George cambaleando das ondas com Jack nos braços. Vagando do jardim em Shoreford para pegá-lo ao piano. Esquivando-se na cabana do jogador para escapar de uma chuva repentina. George a deitando na mesa da cozinha para provar a ela o êxtase possível entre um homem e uma mulher.

O brilho de aço frio que ele dirigiu para sua amante. Sim, ela deve manter essa imagem em primeiro lugar em sua mente. O resto era apenas distração.

Distração extremamente agradável, mas distração mesmo assim.

O som de vozes elevadas emanando de um dos salões menores a interrompeu. Gracioso, sobre o que eles poderiam estar discutindo? Algo sobre panfletos e pessoas decentes e a opinião da sociedade, mas as palavras se embaralharam em sua mente. Então ela ouviu a menção do nome de seu filho.

Claro. George sabia que Jack estava aqui. Eles se viram.

A vergonha cresceu dentro dela. George tinha visto o quão baixo ela chegou para garantir um teto sobre suas cabeças e comida decente em suas barrigas. A barriga de Jack, especialmente.

Não mais. Ela se recusava a suportar a humilhação de ver seu filho engraxar as botas. De alguma forma ela encontraria uma maneira melhor, mas não aqui. Endireitando os ombros, ela deu um passo para a porta.

George estava a menos de trinta centímetros de distância da figura familiar de seu pai. Os dois homens se encaravam. A mão de George se fechou em um punho ao lado do corpo e seus ombros se ergueram com respirações rápidas. Bonito como sempre, ele parecia inchar para preencher o espaço da sala.

Distração. Ela piscou para afastar a imagem.

— O que é que você quer? — seu pai exigiu.

George virou a cabeça em direção à porta. Ele encontrou seu olhar e o segurou. Um lampejo de desejo passou pelas profundezas cinzentas de seus olhos. Como ela queria fechar as pálpebras contra aquela expressão, mas isso a obrigava a testemunhar, como se tivesse vontade própria. Esta é minha emoção nua e crua, e você verá isso. Devia.

Bom Deus, ela não conseguia imaginar um homem com uma expressão tão aberta… a menos que estivesse apaixonado. A força de seus sentimentos a espetou no peito e se cravou profundamente em seu intestino até que seus joelhos ameaçaram se dobrar.

Mas então seus olhos percorreram seu corpo. O calor inundou seu rosto. Querido Deus, ele estava olhando para seu vestido esfarrapado útil, tão fora de lugar nesta casa elegante. Ele nunca a tinha visto enfeitada com roupas elegantes, mas isso nunca importou até agora.

Ele se virou para o pai dela. — O que eu mais quero não está em seu poder de me conceder.

Seu pai girou, seguindo a direção do olhar de George. — Agora não, Isabelle.

— Pode ser agora. — A raiva fervilhando por trás das palavras de George

chamou sua atenção de volta para ele. — Eu não acho que poderia formar uma opinião inferior sobre você. Esta entrevista acabou.

Antes que Isabelle pudesse intervir, antes que seu pai pudesse reagir, George puxou o punho para trás e desferiu um golpe devastador na mandíbula do homem mais velho. A cabeça de seu pai foi para trás antes que ele desabasse no chão.

George passou por ela sem uma palavra de reconhecimento. Suas botas ecoaram pelo corredor, os baques ficando mais fracos conforme ele se aproximava do foyer. Só assim, ele mais uma vez se foi de sua vida. Só que desta vez ela não o mandou embora.

Seu pai se ergueu sobre o cotovelo e balançou a cabeça como um cachorro saindo de um lago.

Algum senso profundamente enraizado de dever filial a pressionou para frente. — Você está bem?

Seu pai sondou um nó avermelhado logo atrás do queixo. — Meus dentes parecem estar todos em seus devidos lugares. — Ele abaixou a mão e a olhou de perto. — E o que ele é para você?

— Nada. — Isabelle engoliu em seco e lançou um olhar rápido por cima do ombro, como se de alguma forma George pudesse reaparecer para desmentir sua resposta. — O que diabos te daria a ideia de que eu tinha alguma ligação com ele?

— Ele disse que quer mandar seu filho para Eton.

Ela deu um passo para trás. — O que?

— Você me ouviu. Ele quer mandar aquele menino para Eton de todos os lugares. De onde ele tiraria essa ideia se não fosse o pai verdadeiro do menino?

— Ele certamente não é o pai de Jack. — Se apenas fosse. — Eu disse há anos quem era o pai de Jack. Eu não menti sobre isso. — Ela não tinha certeza de como ela conseguiu cuspir essa resposta. Sua garganta estava estranhamente apertada.

Jack em Eton. Ela não conseguia imaginar tal ideia. Como George é generoso, mas ao mesmo tempo muito presunçoso. Como se ele pudesse entrar alegremente e levar o filho dela. Que coragem a dele!

— Jack. Um nome tão comum.

Isabelle ignorou a zombaria. Ela escolheu propositalmente o nome por ser comum. Quando seu filho nasceu, ela não queria ter nada a ver com a sociedade educada que a rejeitou… que ainda a rejeitava.

— Vim falar com você sobre o Jack, na verdade. Não vou tolerar o tratamento de Eastwicke para com ele.

Seu pai ficou de pé. — Eu sabia. Você não pode ficar parada e deixá-lo aprender seu lugar. Se você o mima…

— Eastwicke bateu em sua mão com uma vara. — Isabelle gritou por cima dele. Malditos modos. — Como você espera que ele desempenhe suas funções com a mão dolorida? Eu não vou tolerar isso. Na verdade, eu tomei uma decisão. A partir deste momento, Jack não está mais a seu serviço.

— Você não vai sair. Eu proíbo.

Certo. Ela esperava isso. Ele só a levou para sua casa para garantir que ela não causasse mais constrangimento à família. Sem dúvida, Emily disse a ele onde ele poderia encontrar sua filha rebelde. — Você não pode me impedir. Vou fazer as malas e partiremos em uma hora.

Quanto aonde eles iriam depois disso, de alguma forma ela encontraria os meios para levar Jack de volta para Kent. Se a Sra. Weston insistisse em impedi-la de ir à aldeia, ela apelaria ao senso de justiça de Julia. Mas antes de deixar Mayfair, ela tinha uma visita a fazer.

Capítulo 23



Tinha acabado. George desabou em seu escritório, mexendo na garrafa de conhaque. Ele poderia estar na metade agora… em celebração, naturalmente… mas o mero pensamento de bebida revirou seu estômago. No final, ele não conseguiu nada. Redditch não estava prestes a mudar seus hábitos, e Isabelle…

Uma tosse discreta interrompeu seus pensamentos. — George, acho melhor você vir para o foyer.

Ele olhou para cima para encontrar Henrietta parada diante dele. Como ela entrou em seu santuário tão silenciosamente? — E agora?

Seu humor não melhorou nem um pouco desde seu retorno do Redditch's. Ver Jack… ver Isabelle… tratados como criados no que deveria ser sua casa. Santo Deus! Embora ele não deva estar surpreso. Redditch era um completo bastardo.

— Venha.

Ele baixou as sobrancelhas. Henrietta parecia bastante sem fôlego, mas por que deveria estar sem fôlego por causa dele?

— Rápido, antes que Sanders os desencoraje.

— Desencoraje quem?

— Apenas venha. — repetiu sua irmã.

Ele se pôs de pé. Sua mão direita ainda latejava fracamente com o impacto na mandíbula de Redditch. A espessura do crânio do maldito idiota aparentemente se estendia até sua mandíbula.

Ele seguiu a irmã até o saguão, onde Sanders bloqueava sua visão da entrada. — Eu realmente devo insistir, senhorita…

Senhorita? Que diabo? — Bem, — George interrompeu, — qual é o problema

aqui?

Sanders se virou. — Eu tentei explicar a essa mulher que você não está em casa, mas ela se recusa… — Uma pequena figura passando por ele o interrompeu abruptamente. — Quente aqui.

— Bom dia, George. — Sim, uma figura pequena… pequena, loira e muito familiar.

Jack. Ele devia saber. Pelo menos o rapaz não estava mais vestido com libré. E se Jack estava aqui, Isabelle não poderia estar muito atrás. Deus, ele não estava com humor para enfrentar nenhum dos dois. — Isso é tudo, Sanders.

Com uma postura rígida e ofendida, o mordomo se afastou e Isabelle entrou no saguão. — Perdoe a intrusão, mas…

George varreu seu olhar sobre ela. Ela ainda usava o vestido cinza surrado e seu chapéu não estava em muito melhor estado. Não admira que Sanders se recusasse a deixá-la entrar. Ela segurava uma bolsa protuberante em uma das mãos, uma bolsa que bem podia conter todos os seus pertences mundanos. Com um menino de seis anos a reboque, ela parecia uma mendiga em cada centímetro.

Mas por que aparecer na porta dele quando ela deixou bem claro que não queria mais nada com ele?

— Por que você veio? — Ele se recusava a observar as gentilezas, não depois do confronto com o pai dela, e não com ela.

— Vamos ter uma conversa, você e eu. — Aparentemente, ela também não estava disposta a observar as sutilezas. Não se o tom dela fosse qualquer indicação. Ela podia ter se dirigido ao filho dessa maneira depois que o pegou evitando suas tarefas e escapulindo para a praia.

— Você pode entrar na sala da frente. — Pelo menos ele poderia fazer um Redditch melhor e mostrar a ela uma sala de recepção adequada. Ele liderou o caminho, ciente do ar um pouco gasto que pairava sobre a casa de sua família. Os poderosos podem habitar Mayfair, da mesma forma que os Marshalls, mas a diferença em suas fortunas transparecia no papel de parede desbotado, no carpete mais fino e nos fios soltos da mobília.

— Talvez sua irmã possa levar Jack para a cozinha? — Isabelle sugeriu.

A tal sugestão escandalosa, Henrietta pressionou os dedos contra os lábios. — O que mamãe diria se soubesse que eu a deixei sozinha?

— Dane-se a opinião da mamãe. E ela não vai dizer uma palavra, porque ela não vai descobrir sobre isso. — George olhou para a irmã. — Ela vai?

— Você sabe que eu não mencionaria nada, mas os servos… Sanders certamente dirá.

— Se ele fizer isso, eu o verei dispensado. Certifique-se de que ele saiba disso… se ele ainda não ouviu. Agora leve Jack para a cozinha e dê a ele o que ele quiser. O que quer que sua mãe tenha para discutir comigo, não demorará muito.

George esperou até que Henrietta conduzisse o menino em direção à escada que levava abaixo antes de fazer sua próxima pergunta. — Onde você vai? — Ele apontou o queixo para a bolsa.

Ela abriu a boca e fechou. — Eu não deveria te dizer.

— Por que não? Você está aqui. Claramente você sente que tem negócios comigo.

— Sim, e esse negócio é o motivo pelo qual não devo contar. — ela fez uma pausa no meio de tirar o chapéu. Uma confusão de cachos loiros caiu em cascata sobre seus ombros. — Quais são seus planos para Jack?

Ele esfregou os dedos formigantes. Como ele se lembrava bem da textura daqueles cachos. O que ele não daria para senti-los mais uma vez peneirados em suas mãos. Algo tirou o ar de seus pulmões. Seu maldito coração, pare tudo. — Quem disse que tenho algum?

Ela se aproximou e uma linha se formou acima da ponte de seu nariz. — Meu pai. Ele disse que você quer mandar Jack para Eton.

— Eu devo ter mencionado isso, sim. — Ele cruzou os braços e apoiou o quadril no encosto de uma cadeira. — Escola pública, de qualquer forma, se Eton não o admitir.

A linha acima de seu nariz se aprofundou em uma carranca completa. — Você não tem direito. Ele é meu filho. Você não tem direito a ele.

— Eu não tinha a intenção de reivindicar. Só… — Como explicar isso? — Pensei em dar uma chance ao rapaz.

— Uma chance?

— Sim, em uma vida melhor. Você não pode me dizer que aprova que ele viva como um servo na casa de seu próprio avô.

— Claro que não. É por isso que saí.

— Saiu? Você nunca deveria ter voltado em primeiro lugar. Bom Deus, seu próprio pai, tratando você como uma serva também. — Ele parou quando percebeu que estava perto de gritar aquelas palavras finais. Ele poderia passar por esta entrevista sem criar uma cena.

Para crédito de Isabelle, ela não vacilou diante de sua raiva. Na verdade, ela se endireitou ainda mais. — Recebi uma convocação.

George reprimiu uma irritante onda de admiração. Não havia mais sentido nisso. — Uma convocação? Depois que ele te expulsou? E você obedeceu?

— Sim. — Ela colocou a mão em concha sobre a boca e olhou por cima do ombro por alguns momentos. — Eu não queria voltar lá — sussurrou ela. — Eu só… não senti que tinha escolha. A Sra. Weston estava esperando por mim quando voltei para Kent. Ela me informou que Jack e eu não éramos mais bem-vindos na aldeia.

— Depois de tudo que você fez pelo filho dela quando ele estava doente? — Uma queimação em seu estômago subiu, ameaçando turvar sua visão de vermelho. — E o seu estava sumido? O… — Ele se interrompeu antes de expressar sua verdadeira opinião sobre a esposa do vigário.

— Ela sentiu que eu era uma baixa influência moral devido às minhas atividades recentes. — Isabelle olhou duramente para ele.

Sim, eles foram vistos. Sem dúvida a Sra. Weston notou George passando a noite na cabana. Outro pecado para colocar em sua porta.

— Voltar para o pai significava um teto sobre nossas cabeças e comida decente na barriga de Jack. — ela continuou. — E papai me queria de volta, mesmo que eu não pudesse entrar na sociedade.

— E por que, depois de todo o tempo que ele deixou você se virar sozinha? —

É muito mais fácil se concentrar nas deficiências do Redditch, ao invés das suas próprias.

— Ele não sabia para onde eu tinha ido. Tenho certeza de que Emily o informou sobre meu paradeiro. — Ela fez uma pausa para engolir, sem dúvida reinando em alguma emoção intensificada própria. — Ele me expulsou em um ataque de raiva quando soube que eu estava esperando Jack. Eu suspeito que se ele tivesse parado para pensar, ele gostaria de me manter mais perto. Então, eu não envergonharia a família, sabe.

— Constrangedor, sim. — Deus, a opinião dele sobre o pai dela poderia cair ainda mais? — Maneira estranha que ele tem de mostrar isso, tratando você como uma serva.

— Para que usar vestidos bonitos quando ninguém me veria e os antigos serviriam? — As palavras pareceram ficar presas em sua garganta. — E eu pensei que Jack aceitaria seu lote mais facilmente se eu desse um exemplo.

— Seu lote, seu lote. — George tamborilou os dedos no encosto da cadeira para evitar uma onda de simpatia. Como ele conhecia bem o orgulho dela. Como deve ter sido doloroso para ela voltar como a filha pródiga e testemunhar os maus tratos de seu filho. Mas ele não podia se permitir tais sentimentos no que dizia respeito a Isabelle. Ela já havia custado seu coração. — E então você aceita isso? Você não vai tentar fazer melhor por ele?

— Não, eu não vou aceitar. — ela limpou o canto do olho. — Não quando eles bateram em suas mãos por desobediência. É por isso que saí.

— Você não imaginava que as coisas poderiam chegar a esse ponto? — Frio da parte dele, esse comentário, mas se ele não mantivesse algum tipo de barreira entre eles, a represa de suas emoções estouraria, assim como quase aconteceu na frente de Redditch.

Do jeito que estava, ela testemunhou sua sensação crua quando seus olhos se encontraram. Por aquele instante, ele foi incapaz de manter sua fachada de indiferença. Se ele não fosse cuidadoso, aconteceria novamente… ele estaria aberto e vulnerável.

Mais uma vez, ela se recompôs. — Eu esperava que Eastwicke levasse em

consideração a linhagem de Jack.

— Parece que sim, apenas o pai errado.

Ela olhou para ele. — Não vim aqui para discutir este assunto com você.

— Ah, agora chegamos ao ponto. Por que você veio aqui?

— Eu já te disse. Não desejo que o mande para Eton.

— Por quê?

— Porque não ficarei em dívida com você.

Lá se foi seu maldito orgulho novamente. — Você permitiria como um pedido de desculpas?

— Desculpas? Pelo quê?

— Eu te usei mal em Kent. Eu deveria ter mostrado maior moderação e maior discrição. Não tenho desculpa. Eu simplesmente não pude evitar. — A aparência de indiferença estava começando a se desgastar. Ele agarrou as costas da cadeira, seus dedos apertando até doer.

— Você não me deve nada.

— Você diria o mesmo se eu te tivesse engravidado? — Ele respirou fundo e fez a verdadeira pergunta que o atormentava. — Engravidei você?

— Não.

Ele se sentiu como se estivesse mais uma vez nas águas do Canal, procurando por Jack. Frio, desesperado. Uma sensação inesperada surgiu em uma onda para envolvê-lo, surpreendentemente semelhante à decepção. Mas por que ele deveria estar desapontado? Ele devia se alegrar. Ele nunca quis uma conexão com uma mulher além do carnal.

Apenas Isabelle era diferente. Ele a queria em sua vida, em seu futuro, junto com quaisquer complicações que isso implicasse. Um lar. Jack. Seus filhos. Seu herdeiro.

— Bem, isso é… — Isso foi o quê? Um alívio?

Em certo sentido, sim, porque ele não queria sobrecarregá-la com outro filho

quando ela estava lutando para sobreviver com o primeiro.

Bom? Deus, isso era insensível, até mesmo para sua fachada. Também não era muito bom, e esse pensamento o assustou como o inferno.

— É o melhor, — ele forneceu.

Ela se virou para a porta.

— É só para isso que você veio? — Ele não achou que tinha conseguido manter a esperança fora de sua voz.

Ela o olhou com cautela por cima do ombro. — Vim dizer que não queria que mandasse meu filho para Eton. Já disse isso.

Deus, a arrogância de seu tom. Mais uma vez, ele reconheceu seu relacionamento com o Redditch. Sim, ela cresceu comandando servos e esperando obediência inquestionável.

— Você negaria a ele uma chance de uma vida melhor?

— Eu não quero que você o tire de mim.

— Eu nunca disse que faria isso. — Ele enfiou a mão no paletó e retirou a bolsa com a qual procurava acertar contas com o pai dela. As moedas tilintaram umas nas outras. — Eu só queria prover.

Ela olhou para a bolsa, e ele praticamente podia vê-la calculando quanta carne a soma poderia valer, quantos metros de tecido para roupas novas, quantos meses de aluguel de uma casa. Considerações práticas. Em suas circunstâncias, todas elas vinham antes da educação de Jack.

— Se você preferir, — disse ele para quebrar o silêncio — vou apenas dar isso para você gastar como achar melhor.

Ela engasgou, e o barulho parecia suspeitosamente como um soluço. Um momento depois, ela compôs suas feições em linhas rígidas. — Você não pode me comprar.

— Eu não desejo.

— Então, ora, o que você quer? — A mesma pergunta que seu pai havia feito há menos de uma hora.

Ela já sabia a resposta, ele tinha certeza, se não conscientemente, então em seu coração. Ele não foi capaz de mascarar seu desejo intenso antes, quando ele encontrou o olhar dela.

— Quer minha resposta clara? — Parte dele rezou para que ela recusasse. Pois se ele mostrasse seu coração a ela, ela ainda poderia recusá-lo.

Ele examinou sua expressão em busca de qualquer indício de seu pensamento. O lábio inferior dela desapareceu entre os dentes, e uma onda de necessidade passou por ele quando ele se lembrou de sua maciez se movendo sob sua boca.

Ao mesmo tempo, a esperança floresceu dentro dele. Se ela estivesse tão hesitante, isso poderia significar que seus sentimentos refletiam os dele. Que ela também temia a dor da rejeição.

— Tudo bem. — A resposta dela foi enganosamente casual, mas carregava um tom que proclamava que sua resposta era importante, profundamente importante.

— Eu quero que você se case comigo.

— Você já pediu antes. Eu recusei você.

Responder com uma frase inteligente… com o humor certo… sempre fora tão fácil. Então, por que, agora que era importante, ele não conseguia encontrar as palavras certas? Mas esse era todo o problema. Sua resposta a ela significava mais do que qualquer coisa já significou. Se ele estragasse tudo, estaria acabado. Última chance. Sem pressão. Nenhuma mesmo. Deus, ele preferia se sentar em um palco diante de toda a sociedade, incluindo o rei, e tocar um concerto.

— É diferente agora. — Ele se manteve rígido contra o encosto da cadeira. — Não estou pedindo por um senso de obrigação. Estou pedindo porque, desde que te conheci, não posso afastá-la dos meus pensamentos. Você… você é como a música dentro de mim. Por mais que eu deseje, não posso extirpá-la. Faz parte de mim.

— Você deseja me extirpar, então?

— Não. — Para o inferno com tudo isso. Ela ainda poderia rejeitá-lo, mas ele não poderia mais se conter. Ele caminhou pela sala e a agarrou pelos braços. — Eu preferia arrancar meu próprio coração.

Uma lágrima vazou do canto de seu olho e traçou um caminho por sua bochecha. Droga. Ele nunca foi capaz de resistir às lágrimas dela. Ele levantou a mão para colocar uma gota na ponta do dedo.

Seu rosto se enrugou e ela caiu contra ele. Ele a acomodou em um abraço, tímido de esmagar.

— Isabelle? — Ele alisou a palma da mão por sua espinha, do pescoço à cintura e nas costas. Seu perfume único de lavanda e mulher fez cócegas em suas narinas, e ele ficou maravilhado com o quão bem sua forma delicada se moldava a ele. Nenhuma outra mulher se encaixava tão bem.

Ela pressionou o rosto na frente do colete dele, tremendo, mas as mãos permaneceram ao lado do corpo.

— Isabelle. — Ele deslizou as palmas das mãos sobre os ombros dela, gentilmente, e então as deslizou mais até que embalaram seu rosto. Ele procurou seu olhar, sua expressão, sua postura por respostas e leu apenas confusão. — Você não tem uma resposta para mim?

Ela lançou seu olhar para baixo, e ele se preparou para sua rejeição. Ela nunca iria superar a maneira como ele tratou Lucy, e ele não podia culpá-la. Ele tinha sido um canalha absoluto nessa situação, não melhor do que Padgett. Nenhuma desculpa que ele pudesse dar mudaria isso.

Ele baixou os braços e recuou. Sua falta de resposta foi como um chute no estômago. Vários chutes, na verdade. Era como se toda a sexta turma da escola tivesse decidido tentar, um após o outro, enquanto o resto o segurava. — Compreendo. Por favor. Pegue o dinheiro. Enviarei o resto assim que você me instruir, mas não o entregarei pessoalmente. Você não precisa me ver novamente.

De alguma forma, ele iria superar esse momento. Talvez em um ou dois anos, ele encontraria dentro de si a capacidade de satisfazer sua mãe e se casar com alguma garota, quanto mais estúpida, melhor. Qualquer coisa, desde que ela fosse o completo oposto de Isabelle.

Ele certamente nunca a acharia igual.

Mas quem ele estava enganando? Ele nunca a esqueceria. Ela realmente

estava tão profundamente enraizada em seu coração quanto a música.

— Não pude evitar, sabe. — disse ele, tanto para preencher o vazio deixado pelo silêncio dela, quanto por qualquer coisa. — Apaixonar-me por você foi tão simples quanto respirar. Lucy e eu… — Deus, por que ele estava falando nisso? Ele estava apenas cravando o último prego em seu caixão. — Eu sei que não há nada que eu possa dizer para desculpar minhas ações diante de seus olhos. Ela é uma cortesã. Ela entendia que eram negócios. Para ela tanto quanto para mim. Não tenho orgulho de admitir isso, mas nunca teria tocado nela novamente. Eu teria ajudado.

Ajudado. Parecia tão estéril e desconectado. Vazio. De forma alguma, tal palavra se relacionava com seus sentimentos no que dizia respeito a Isabelle. Ele já havia se afundado mais de um metro e oitenta, mas com cada palavra que adicionava, ele sentia como se estivesse apenas indo mais fundo. Ele podia esclarecer isso na China antes de terminar.

— Eu sei. — Deus a ajude com essa admissão, mas ela não conseguia conter as palavras mais do que poderia ter impedido o sangue de correr em suas veias, não mais do que ela poderia impedir que sua declaração anterior ecoasse em sua mente.

Eu preferia cortar meu próprio coração. Como a verdade havia ressoado por aquelas poucas sílabas.

— O quê?

— Eu sei. Eu sei que você teria ajudado. — ela gesticulou em direção à bolsa cheia de dinheiro. Aquele saco crescente representava tudo para ela, liberdade e escolha. — Você está pronto para pressionar tudo isso sobre mim. Eu não deveria aceitar, mas não consigo parar de pensar que tipo de começo isso nos daria.

— Então pegue e vá. Não vou obscurecer mais suas vidas. — Dor e resignação ataram sua resposta.

Ela fechou os dedos em torno da bolsa de moedas e empurrou-a de volta para ele. — Eu não posso aceitar isso.

— É um presente, e eu lhe daria mais. — A expressão se fechou, ele mordeu as palavras. — Eu daria a você tudo que você merece, tudo que sua família tirou de você. Se você me quisesse, eu daria a você tudo de mim.

A parte de trás de seus olhos doeu e um nó se formou em sua garganta. Por mais que a experiência a tivesse ensinado a erguer uma barreira sobre suas emoções, nada era forte o suficiente para conter a maré que subia nela agora. Ela não podia fazer isso com ele, não aguentava mais vê-lo machucado. O homem cometeu erros, sim, mas ele a apoiou em um momento em que quase ninguém mais o fez. Ele ainda estava com ela, não importa o que ela decidisse. A escolha era dela.

E seus braços sobre ela agora… nada parecia mais certo.

— Não desejo seu dinheiro. Guarde para alguém mais merecedor. — Sua visão turvou e ela ergueu os olhos para o teto até clarear. — Eu também te usei mal. Quando você me mandou para casa depois que encontramos Jack. E agora mesmo. E eu nunca agradeci por toda a sua ajuda em trazer meu filho de volta para mim.

Ela se inclinou para frente, com a intenção de beijar sua bochecha, mas George a encontrou no meio do caminho. Ele reivindicou sua boca, conquistou-a totalmente. Seus braços a envolveram e pressionaram seu corpo contra o dele. Graças a Deus pelo apoio, porque seus joelhos se recusavam a sustentá-la por mais tempo. Ela se agarrou aos ombros dele para salvar a vida, até que finalmente ele cedeu. A essa altura, ele a deixou ofegante. A respiração dele foi lançada em uma corrida quente em sua boca, sua vida se mesclando com a dela. Como deveria.

Quando ele se afastou, uma luz de esperança brilhou em seus olhos, uma luz que fez seu coração inchar em resposta até machucar suas costelas.

— Você vai me perdoar, — ele sussurrou. — Nunca fui de poesia ou de palavras bonitas. Então, vou dizer isso claramente. Eu te amo. Nunca esperei dizer uma coisa dessas a qualquer mulher, nunca, mas você não é qualquer mulher. Sua resposta pode me dar esperança de que um dia você sinta o mesmo?

Ela pressionou os dedos trêmulos nos lábios. Nunca, desde sua queda, ela esperou ouvir essas palavras de um homem. — Nem um dia. Agora.

— Então vou perguntar pela última vez. Você quer se casar comigo?

A única resposta que ela poderia dar a ele eram seus lábios nos dele, seu corpo no dele, uma antecipação de uma rendição muito mais profunda. Depois disso, nenhuma palavra adicional foi necessária.

Epílogo



Dois meses depois

ISABELLE FLUTUOU através da queda longa e suave das alturas, de volta à terra pelo beijo de George. Ela se aconchegou em seu abraço, esfregando a bochecha por entre os pelos de seu peito. Sob sua orelha, seu batimento cardíaco desacelerou.

Muito fora de moda deles compartilhar uma cama todas as noites, mas se moda significava passar as longas e escuras horas separados, ela felizmente se consideraria rústica e seguiria em frente.

A cama era larga, o colchão grosso, os lençóis enrugados sob seus corpos nus. Sobrepondo o cheiro limpo de algodões ricos e polimento de madeira estava o almíscar de sua união.

George se mexeu embaixo dela, abaixando a cabeça para dar um beijo em sua linha do cabelo antes de se endireitar.

— Mmmm, você ainda deve sair? — ela murmurou.

O estrondo de sua risada vibrou através dela. — Nem casou há dois meses e já virou preguiçoso?

Como sua vida mudou nesses dois meses. A sociedade educada, naturalmente, nunca a aceitaria de volta como um dos seus, mas Isabelle não precisava deles. Não enquanto ela tivesse George e seu círculo de amigos. Sophia e Julia, seus maridos e parentes se reuniram em volta deles para apoiá-los no dia do casamento. Até a mãe de George estava mudando de ideia, ajudada, sem dúvida, por uma longa conversa mantida a portas fechadas entre mãe e filho. Isabelle não tinha conhecimento do conteúdo dessa discussão, mas sua sogra emergiu do estúdio de George com o rosto branco, lábios tensos e aparentemente castigada.

Isabelle se apoiou em um cotovelo, tirando um punhado de cachos de seus

olhos. — Normalmente acordo antes de você.

— Correção, minha querida. Você sai da cama antes de mim, mas nunca acorda primeiro.

Ela engasgou. Ele tinha apenas insinuado… Ele tinha.

— Patife — disse ela com um sorriso antes de se dissolver em uma risadinha feminina. Muito incomum nela, mas George nunca deixava de iluminar seu coração.

Ele se levantou da cama, o sol da manhã dourando sua pele nua, e enfiou os braços nas mangas de uma toalha de veludo verde. — É uma pena ter que dizer isso, mas você pode querer se cobrir.

Ela se espreguiçou no colchão, lânguida e satisfeita, sorrindo enquanto o olhar dele traçava sua forma. — Você não precisa se preocupar, vou chocar a empregada.

— A empregada? Dificilmente. Mas você esqueceu que dia é hoje?

— Dia? Oh! — Ela tateou em busca da camisa, descartada apressadamente na noite anterior.

Ele estava certo, é claro. Jack poderia irromper no quarto a qualquer momento, já vestido e exigindo que eles se apressassem no café da manhã. George havia prometido levar o menino de volta a Kent para visitar Revelstoke. Mas o verdadeiro motivo de George ter declarado férias de tutores e aulas, e mais especialmente de matemática, era o plano de escolher um pônei. As aulas de equitação no Hyde Park logo se tornaram uma característica da criação de Jack, tudo em preparação para o dia em que o mandariam para a escola.

Com o pensamento, Isabelle abaixou a cabeça. Depois que ele estivesse na escola, ela teria que aceitar não vê-lo por semanas a fio. Ela teria que se contentar com cartas, mas conhecendo o gosto de Jack por escrever, elas seriam tão raras quanto dentes de galinha, como Biggles diria. Ainda faltavam alguns anos, mas ela suspeitava que eles voariam tão rápido quanto os primeiros seis anos de Jack. Biggles estava constantemente comentando sobre o fenômeno.

— Aqui agora. — George ergueu o queixo dela. — Você não vai ficar feito galinha choca comigo de novo, vai?

— Um pouco. — admitiu ela. — Antes que eu perceba, meu filho terá crescido e ido embora.

— Ele tem apenas seis anos.

— Seis e sábio demais para sua idade. — Ela torceu as mãos no algodão da camisa. — Eu sinto que foi ontem que ele aprendeu a andar, e eu tive que manter uma vigilância constante para que ele não cambaleasse no fogo. Agora você quer colocá-lo em um cavalo?

— Um pônei. — ele passou as palmas das mãos na parte de trás dos braços dela. — Melhor ele aprender enquanto é jovem para não acabar como eu.

— Como assim?

— Incapaz de lidar com os Buttercups do mundo.

Ela não tinha certeza de quem Buttercup era, além de supor uma forma de equino ou outra, mas ela se recusava a deixar essa pergunta distraí-la. — Você o fará galopar, pulando cercas de um metro e meio.

— Se ele quiser, não tenho certeza de como você vai impedi-lo.

Ela deu um tapa nele. — Você não está ajudando. Você deve me dizer que vai ficar tudo bem e não me assustar até a morte.

Ele a pegou pela cintura e puxou-a para perto. — Vai ficar tudo bem, cercas de um metro e maio ou mais. Se eu não tivesse certeza de que Jack está prestes a aparecer aqui, eu a levaria de volta para a cama.

— E como isso ajudaria?

Ele sorriu, a queda de uma mulher forjada em um simples estiramento de seus lábios. Foi sua queda, certamente, sua ruína pessoal, porque ela nunca viu a expressão fora de seus aposentos privados. Era seu domínio exclusivo e nunca deixava de dobrar os joelhos vacilantes.

— Eu deveria ficar ofendido, ter que explicar isso, mas a tentação de demonstrar é muito grande. — Ele puxou-a até seu corpo e pressionou os lábios logo abaixo da orelha dela. — Preste muita atenção agora. Esses são os usos adequados das relações conjugais.

Ele beliscou o lóbulo da orelha dela. — Distração. Você não pode se preocupar se eu tirar os pensamentos de sua mente.

— Mmmm. — A tática já estava funcionando e muito bem. Céus, alguém poderia pensar que ele não tinha estado perto dela em uma semana do jeito que seu corpo respondeu.

— Sedução. — Com a língua, ele abriu uma trilha ao longo de seu pescoço. — Você fica muito mais aberta a sugestões neste estado.

— Sugestões? — ela respirou, jogando a cabeça para trás. — O que você pode pedir de mim agora?

Ele riu contra sua garganta, e as vibrações ondularam por seu corpo desperto. — Dê-me tempo para pensar sobre isso, e eu terei todo tipo de ideias. Mas agora você está me distraindo, querida, e não podemos permitir isso.

Ele deslizou a mão por sua cintura para cobrir seus seios. Seu mamilo endureceu em sua palma. O comprimento duro de sua ereção pressionou em sua barriga. Ela tinha acabado de tê-lo e queria mais.

— Último uso… gestação.

— Gestação? — Como ele adivinhou? Ela estava apenas começando a suspeitar de si mesma.

— Se eu lhe der outro filho, você ficará muito ocupada para se preocupar tanto com Jack.

— Em vez disso, terei dois com que me preocupar, mas acho que vamos descobrir por nós mesmos em alguns meses.

Ele colocou as mãos nos ombros dela e se afastou para estudá-la. — Verdade?

— Estou mais certa a cada dia que passa.

Um tipo diferente de sorriso se espalhou por seu rosto. Não tortuoso, não prometendo prazer, mas à sua maneira tão sedutor. Este era seu rosto gravado em contornos de alegria tão pura que enviou uma pontada em seu peito. Não calor, mas uma satisfação em resposta que puxou seus próprios lábios até que suas bochechas doessem.

— Se seu filho for como você, — ela disse levemente, — eu acredito que vou correr mais do que o curso normal de preocupação.

Seu sorriso não vacilou. — Você sempre pode orar por uma filha.

— Quer seja menino ou menina, quero que me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa. — Tão sem reservas, essa palavra. Ela realmente poderia pedir qualquer coisa a ele, e ele faria tudo ao seu alcance para dar.

— Se seu filho mostra talento para a música, você não vai negar.

— Essa será uma promessa muito fácil de cumprir. — ele deslizou as mãos pelo rosto dela, emoldurando seu rosto antes de roçar os lábios nos dela. — Nenhum filho meu será forçado a esconder sua verdadeira natureza.

O calor borbulhou dentro dela. Uma promessa, assim como ele havia feito quando Jack estava desaparecido, assim como ele havia feito no dia do casamento. — Então vou me preocupar um pouco menos.

— Só um pouco?

— Sempre há a chance de ele querer aulas de boxe.

O sorriso de George se tornou de lobo. — Ou lições de sedução.

Ela tentou fazer uma carranca, mas não tinha certeza de como foi bem-sucedida. Seus lábios queriam espelhar os dele. — Temo que terei que traçar um limite aí.

— Ele não vai precisar deles. Se ele se parece com o pai, essas coisas virão naturalmente.

— Canalha! — Ela deu um tapa em seu ombro e tentou se esquivar de seu abraço, mas ele a agarrou pela cintura. Ela gritou quando ele a girou de volta contra ele, seus lábios procurando os dela. O barulho de passos de jovens ecoou pelo corredor, anunciando sua interrupção iminente.

George interrompeu o beijo, mas manteve as palmas das mãos plantadas firmemente contra as costas dela. — Receio que teremos que retomar esta discussão mais tarde, se você estiver aberta.

Ela descansou a cabeça em seu ombro, saboreando os últimos segundos de

paz. — Sempre.



Agradecimentos

Sem uma grande ajuda e resmungos ocasionais, este livro ainda seria uma invenção da minha imaginação (ou, para parafrasear uma garota que conheci no colégio, posso ser uma invenção da imaginação deste livro). Tenho uma dívida de agradecimento, bem como possivelmente chocolate e vinho com minhas parceiras de crítica, Caryl, Kathleen, Wendy, Tessy, Renee, Sam, Averil e Deborah… sem vocês, este livro seria crivado de confusão, erros, palavras repetidas e espaços extras por todo o lugar.

A Marian, Matan, Lizzie, Clemence e Carina por serem as melhores líderes de torcida de todos os tempos.

A Tracy Brogan por sua ajuda e sugestões no primeiro rascunho.

Aos Lalalas, mais uma vez, por seu apoio contínuo e pontapés ocasionais.

A Anne Barton, Valerie Bowman, Erin Knightley e Sara Ramsey, obrigada por estarem presentes e aguentarem meus ocasionais faniquitos. Obrigada ainda mais pela compreensão.

Como Duquesas Arrojadas para grandiosidade geral.

Aos meus companheiros de capítulo, locais e estritamente online… a Ottawa Romance Writers Association, Hearts Through History Romance Writers e o Beau Monde… obrigada por toda a sua ajuda, quer você soubesse ou não na época.

A todos os leitores que foram a minha estreia e que continuaram a apoiar minha escrita comprando este livro. Espero que vocês tenham gostado da história de George.

A Sara Megibow por seu entusiasmo perpétuo, conselhos e apoio.

A Junessa Viloria, por me orientar sobre as revisões e me ajudar a perceber que posso consertar as coisas da maneira mais fácil.

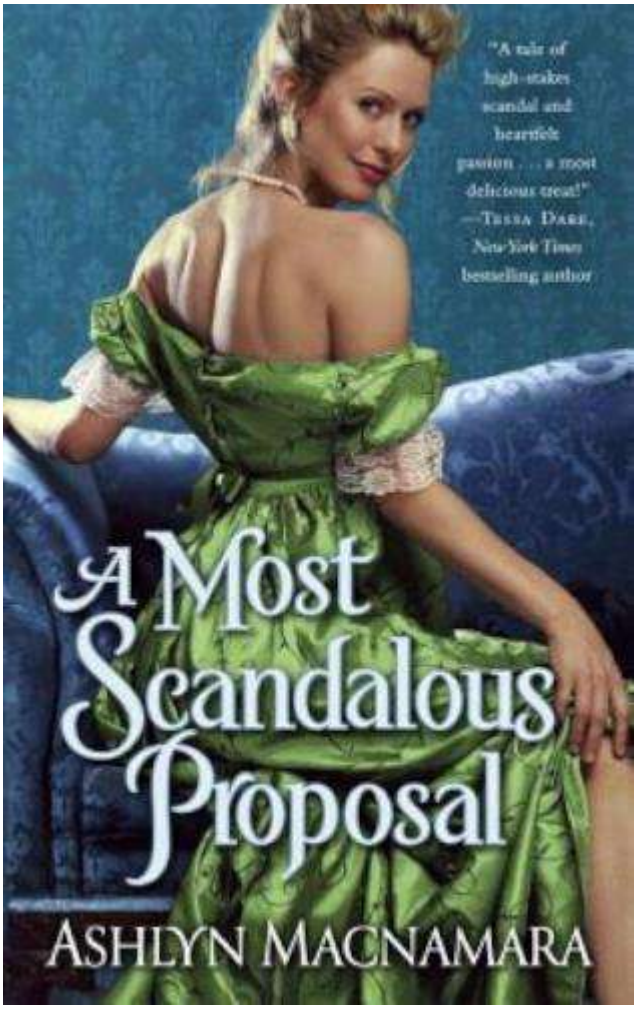
Para meu marido e minhas filhas, porque, não, a casa ainda não está limpa. Por que não posso ser como meus personagens e empregar servos?

Sobre a Autora

Ashlyn mora nos confins dos subúrbios de Montreal com o marido e duas filhas adolescentes. Quando não está escrevendo, ela procura outras desculpas para negligenciar os afazeres domésticos, entre elas tricotar, ler e perder tempo na internet a pretexto de fazer pesquisas.

Série Mais

1 – A Proposta Mais Escandalosa



Depois de assistir sua amada irmã Sophia ansiar pelo "menino de ouro" da alta sociedade por anos, a Srta. Julia St. Claire renunciou ao amor e firmemente optou por ficar encalhada. Infelizmente, sua mãe, alpinista social, e seu pai, endividado, têm outras ideias e aproveitam a chance de casar Julia com o recém-nomeado Conde de Clivesden… o homem dos sonhos de Sophia.

Desde que renunciou à comissão de cavalaria, Benedict Revelstoke passou seu tempo em Londres evitando o mercado de casamentos. Mas quando ele descobre que o conde de Clivesden colocou Julia em sua mira, Benedict tenta proteger sua melhor amiga de infância dos avanços do homem… apenas para descobrir que mais do que amizade impulsiona seu desejo de defendê-la. Ele surpreende a ambos com a força de

seus sentimentos, mas quando ela o recusa e seu pai anuncia seu noivado, ele teme que a tenha perdido para sempre... até que Julia se aproxima dele com um esquema chocante que a arruinará para toda a sociedade respeitável... e os conduzirá a um mundo requintado de prazeres proibidos.